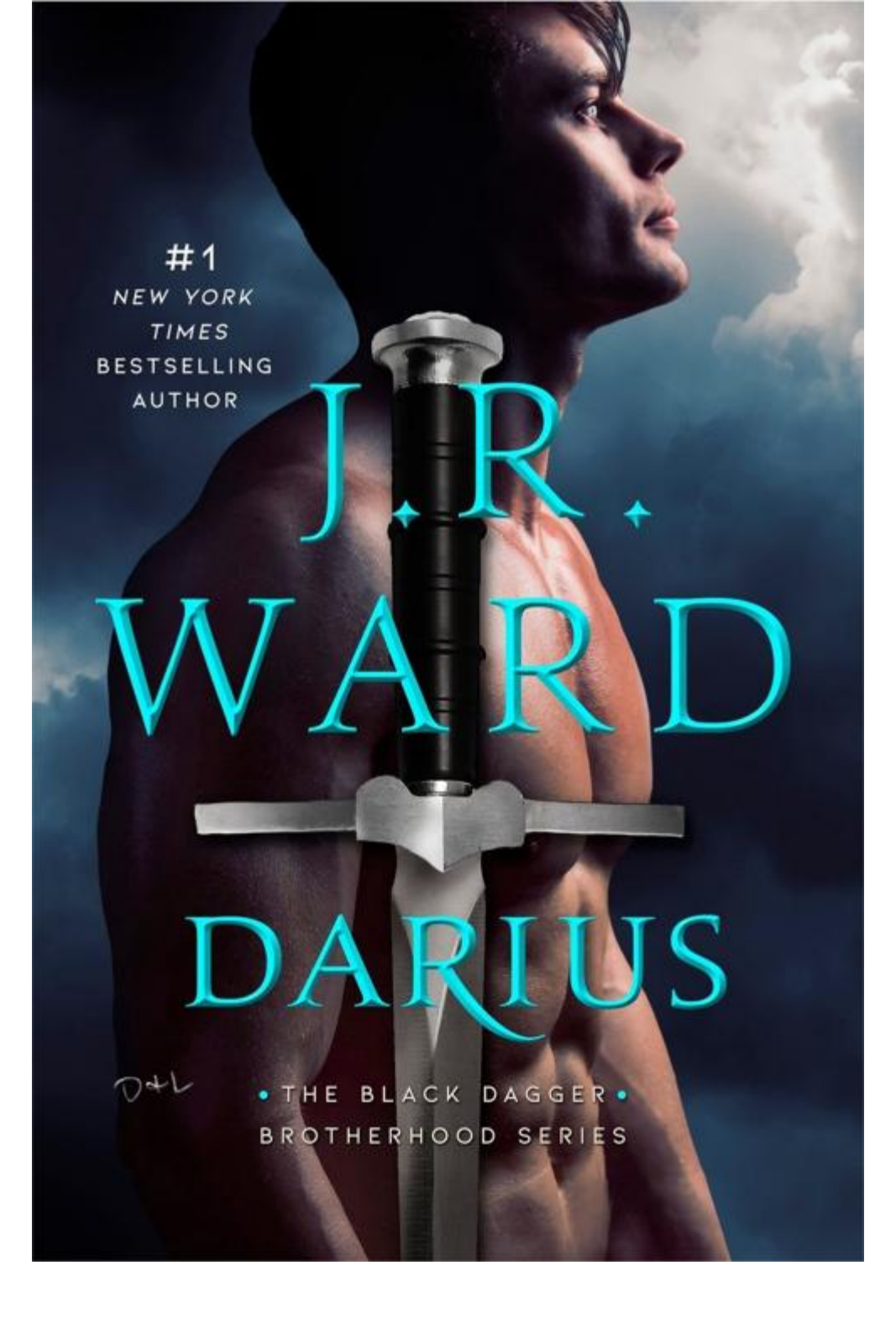




#1
NEW YORK
TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

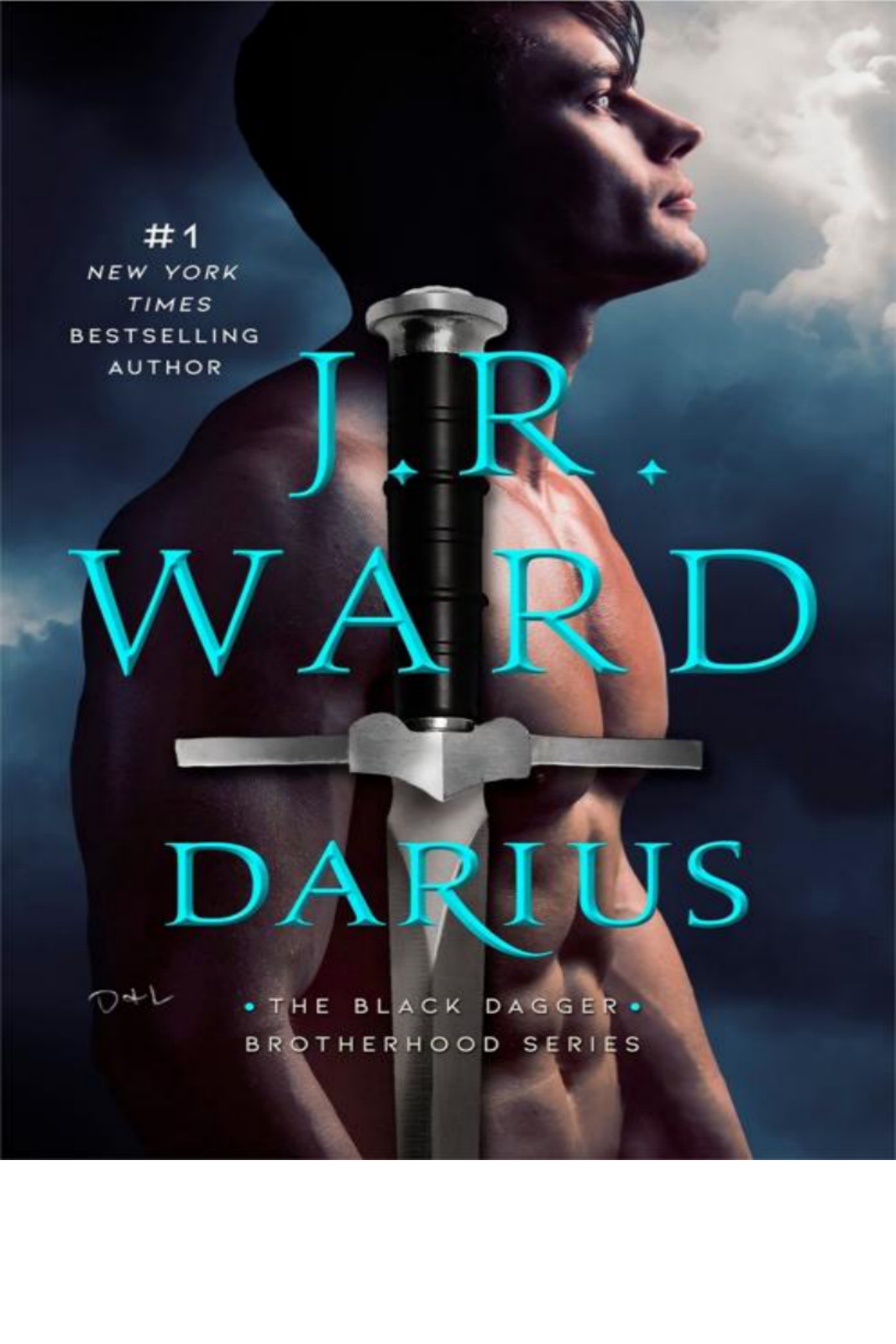
J.R.
WARD
DARIUS

D+L

• THE BLACK DAGGER •
BROTHERHOOD SERIES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



#1
NEW YORK
TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

J.R.
WARD
DARIUS

D&L

• THE BLACK DAGGER •
BROTHERHOOD SERIES

AVISO

Essa Tradução foi feita de Fã para Fã de forma a proporcionar ao leitor acesso à obra motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho no grupo, sem prévia autorização do mesmo.

NUNCA comente com o AUTOR ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em Português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a Tradução.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em GRUPOS SOCIAIS ABERTOS, SITES, WATTPAD, BLOGGERS, TWITTER, INSTAGRAM E TIK TOK.

Não caiam no 'truque' de pessoas vendendo os livros em PDF.

O NOSSO TRABALHO É VOLUNTÁRIO E GRATUITO, SEM FINS LUCRATIVOS OU QUALQUER RETORNO MONETÁRIO, E NÃO ACEITAMOS NENHUMA DOAÇÃO.

Faça a sua parte e terá sua Leitura garantida por muito tempo!

D&L
FOREVER and EVER

STAFF

Distribuição:

***D&L**

Tradução e Revisão:

***Ladyhawke**

Revisão Final:

***Sailor Moon**

Leitura Final e Formatação:

***Rosa**

Correção Final: 'Equipe D&L'

Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, de fãs para fãs. A comercialização deste produto é
estritamente proibida.

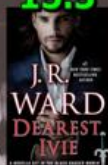
The Black Dagger Brotherhood

J. R. Ward



Séries

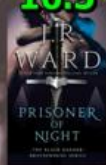
15.5



16



16.5



17



17.5



18



18.5



19



20



21



21.5



Lançamento

**Para você e sua companheira.
De muitas maneiras, você foi o que começou tudo.**



Glossário de Termos e Nomes Próprios

A Tumba [The Tomb] (Pr. N.)

Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos lessers. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

A Virgem Escriba [The Virgin Scribe] (Pr. N.)

Força mística que aconselha o rei como guardiã dos registros vampíricos e concedente de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

As Escolhidas [The Chosen] (Pr. N.)

Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Ahstrux Nohtrum (n.)

Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.)

Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Chrih (n.)

Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.)

Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (Pr. N.)

Inferno.

Doggen (n.)

Membros da classe servente do mundo

vampírico. Os Doggens têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (Pr. S.)

Uma Escolhida treinada nos assuntos das artes sexuais.

Escravo de sangue [Blood Slave] (n.)

Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

Exhile Dhoble (Pr. N.)

O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

Ghardian (n.)

Guardião de um indivíduo. Há vários níveis de ghardians, com o mais poderoso sendo o sehclused de uma fêmea.

Glymera (n.)

O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.)

Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Hyslop (n. ou v.)

Termo que se refere a um lapso de julgamento, geralmente resultando no comprometimento das operações mecânicas de

um veículo ou de alguma forma transporte motorizado. Por exemplo, deixar as chaves no carro enquanto ele fica estacionado do lado de fora da casa da família durante a noite, quando o veículo é roubado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (Pr. N.)

Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade Lesser. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são Irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Leahdyre (n.)

Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.)

Um termo carinhoso livremente traduzido como—querido(a).

Lesser (n.)

Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da Sociedade Lessening. Os Lessers devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a

pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo Ômega, eles retêm um jarro de cerâmica onde conseqüentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.)

Presente.

Lheage (n.)

Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (Pr. N.)

Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. No jargão moderno, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.)

Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.)

Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.)

O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.)

Amada (o).

Novaling (n.)

Uma virgem.

O Fade [The Fade] (n.)

Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a

eternidade.

O Ômega [The Omega] (Pr. N.)

Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Período de necessidade [Needing Period] (n.)

Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Phearsom (adj.)

Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como "*digno de penetrar uma fêmea*".

Primeira Família [First Family] (n.)

O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Princeps (n.)

O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.)

Refere-se a uma fraqueza crítica em um

indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.)

Salvador.

Rythe (n.)

Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

Sehclusion (n.)

Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu ghardian, tipicamente o macho mais velho da família. Seu ghardian tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (Pr. N.)

Ordem de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Shellan (n.)

Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.)

Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão

próximos à extinção.

Talhman (n.)

O lado mau de um indivíduo. Uma mancha escura na alma que requer expressão se não for adequadamente eliminada.

Trahyner (n.)

Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como "querido amigo".

Transição [Transition] (n.)

Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suporta a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro [Vampire] (n.)

Membro de uma espécie distinta da Homo sapiens. Vampiros devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem "converter" humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano,

contanto que tais as lembranças sejam de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.)

Um indivíduo que morreu e voltou à vida do Fade. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.)

Equivalente a padrinho ou m adrinha de um indivíduo.



Darius

Livro 21.5

J.R. Ward

Copyright ©2023

O best-seller nº 1 do New York Times, JR Ward, compartilha a poderosa história de amor do favorito dos leitores e membro original da Irmandade da Adaga Negra, Darius ...

Darius, filho de Marklon, não está em busca de amor na noite em que o destino vem reclamá-lo. Ele também não está interessado em bater seu carro novo. Mas quando uma mulher humana sai correndo para a estrada e ele precisa desviar para evitar matá-la ... tudo sai do curso.

Desiludido com a falta de liderança do seu Rei e com as perdas na guerra contra a Sociedade Lesser, Darius encontra um propósito em proteger uma mulher que não pode tornar sua. O amor encontra um caminho, entretanto—até que a verdade sobre o que ele é e revelada e a deixa horrorizada.

Sem o conhecimento de ambos, Anne está grávida de sua filha, uma mulher que está destinada a ser Rainha—e após um reencontro trágico, ele jura proteger sua filha. Resignado à tristeza perpétua, ele está determinado a servir a memória de sua amada, não importa o custo ... a menos que por algum milagre, o destino considere adequado reuni-los mais uma vez.

Introdução

MEU NOME É DARIUS, FILHO ADOTADO DE MARKLON. FUI gerado pelo Irmão da Adaga Negra, Tehrror, e nasci em 1618 pelo calendário humano. Eu morri em 2005.

Se eu tivesse uma lápide, ela seria a soma dos meus descritores de identidade e das cercas numéricas que cercavam os acontecimentos da minha vida na Terra. São ao mesmo tempo os detalhes mais essenciais da minha autobiografia, mas também as coisas menos significativas que vocês saberão sobre mim.

Deixe-me compartilhar com você as frases mais importantes:

Quando a conheci pela primeira vez, não sabia que ela seria meu único e verdadeiro amor.

Quando me apaixonei por ela, não sabia que ela me daria uma filha em seu leito de morte.

Quando morri, mais de vinte anos depois, seria enquanto tentava salvar a vida da nossa filha. Em uma noite chuvosa. Quando as lágrimas que eu não conseguia mais derramar caíram do céu desinteressado de Caldwell.

Esses são os verdadeiros detalhes de mim.

Como um guardião dos diários, escrevia os

acontecimentos da minha vida de maneira compulsiva, embora raramente os relia e estivesse bem ciente de que as Escolhidas no Templo das Escribas Sequestrados estavam fazendo um trabalho muito melhor nos relatos.

Olhando para trás, me pergunto se sempre senti meu destino e foi por isso que comecei a ser uma Escriba usando tinta e folhas. Ao marcar meu presente, é possível que eu estivesse tentando assumir algum controle sobre o futuro que sentia chegando para mim, o breve sol que foi seguido por tantos anos de sofrimento sombrio assomando logo abaixo da superfície da minha mente consciente.

Mas se esse fosse o caso—que estúpido. A caligrafia, por melhor que seja, nunca foi tão persuasiva quanto a oração. E a oração também não é garantia de felicidade ou salvação.

Dado o meu luto, você pode perguntar se eu teria escolhido um caminho diferente, se teria negado ou evitado meu destino, se pudesse. Seria mais corajoso, mais admirável, vestir-me com a armadura do *"absolutamente não"*. Mas isso é apenas um sinal fácil de virtude—bem como uma afirmação que ninguém pode refutar porque ninguém mais está na minha cabeça, no meu coração.

A verdade honesta é mais matizada, mais complexa. No momento em que meu caminho colidiu com o da minha fêmea—antes de tudo começar—sim, eu provavelmente teria tomado outro caminho: *se um segundo antes de nos conhecermos, eu soubesse o que tinha que enfrentar, teria hesitado.*

Há. Eu admito.

Mas isso é apenas o instinto de sobrevivência—em ação. Nada mais do que um reflexo para evitar a dor que surge em um nanossegundo e não é desafiada por propósitos e raciocínios superiores.

É uma verdade, mas não a verdade.

Uma noite, depois de conhecer minha fêmea, eu soube, enquanto saboreava a *sopa de tomate Campbell1* e a *torrada Wonder Bread2*, que nunca a abandonaria. E mesmo depois que ela me disse para ir ... e depois que ela morreu em meus braços ... eu nunca a deixei. Levei minha amada para todos os lugares comigo, esperando que através dos meus olhos ela pudesse ver a coisa linda que fizemos juntos e saber que nossa filha está segura.

Sou um macho que cumpre suas promessas.

Nos últimos momentos da minha fêmea, quando ela sabia que não sobreviveria, ela me pediu para cuidar de nossa filha. Ela me fez *jurar* que protegeria nossa criança. Eu teria feito isso de qualquer maneira, mas como era a única maneira de honrar minha companheira, esse voto se tornou minha conexão com ela e minha razão de viver.

Parei de escrever qualquer coisa sobre minha vida depois daquela noite. Mas havia outros registros—fotografias agora—não mais minhas palavras, que documentavam minha época. Reuni uma coleção de centenas de fotos de nossa filha e emoldurei muitas delas, para que aqueles momentos em que não pude estar pessoalmente ao lado de nossa filha fossem preservados para sempre em meu coração. À distância, pela ócular de uma lente de câmera segurada por outro, presenciei seu amadurecimento. Criada como órfã, ela nunca estava sozinha, meu leal mordomo fazia o turno diurno e eu, eu mesmo, fazia a vigília noturna. Onde quer que ela estivesse, no orfanato ou sozinha pelo mundo, nunca estivemos longe dela.

Ela não podia saber a verdade sobre quem era seu pai, entretanto. *Mestiços* são raros e, embora ser humano não seja seguro, existir como vampiro é absolutamente perigoso. Além disso, sempre tive a esperança de que os genes de sua *mahmen* prevalecessem e ela nunca passasse pela transição. Essa foi outra oração não concedida.

À medida que se aproximava o momento da mudança de nossa filha, depois de anos de mera

preocupação, fiquei apavorado. Ver qualquer vampiro em sua primeira alimentação é perigoso. Para fazer uma fêmea com sangue misto passar por isso? Só havia um macho de quem ela poderia se alimentar e ter uma melhor chance de sobreviver. Restava apenas um vampiro de raça pura no planeta.

Exceto que era como entregá-la a um agente funerário. Que manteve seu negócio funcionando com adagas negras e *estrelas ninjas*³.

Foi nesse momento crítico de sua vida que a morte veio para mim na forma de um carro-bomba, deixando nossa filha não apenas indefesa, mas à beira de uma transição perigosa que ela nem sabia que estava no seu horizonte.

Então, é claro, eu tive que encontrar uma maneira de voltar.

Quando chegou a minha hora de entrar no *Fade*, fiz um acordo com a Virgem Escriba, a *mahmen* da espécie e retornei à Terra em uma forma diferente para uma vida diferente ... com o mesmo propósito.

E assim tem sido, nos últimos anos, eu observando com novos olhos a bela prova de que conheci o amor.

Ao contrário do meu destino, a nossa filha teve muita alegria: *um Rei que a ama, um filho para chamar de seu, um lar protegido e uma família extensa*. Tudo o que eu poderia ter desejado para ela se tornou realidade, e se o custo de tal destino exigisse meus sacrifícios?

Fazemos tudo pelos nossos filhos.

No entanto, assim como o tempo a mudou, também me mudou. O papel fundamental de um pai é conduzir sua prole à idade adulta, para garantir que ela esteja estabelecida e resolvida e, preparada para levar a tocha além da vida daqueles que a criaram. Ultimamente, estou começando a pensar que meu propósito para ela foi

cumprido—e quanto mais isso parece verdade, mais a dor de quem sinto falta, de quem estou separado, de quem anseio, se torna intolerável.

Com a mesma compulsão com que antes me concentrava no presente, agora me vejo voltando ao passado e revivendo a história de origem de nossa filha. Mas não é sobre a filha.

É sobre a minha fêmea. E eu mesmo.

Ao longo de minhas lembranças, sou compelido a acertar cada detalhe de nossa história de amor. Quero que todas as palavras que compartilhamos sejam revividas com seu tom e inflexão adequados. Quero os olhares, os toques, os batimentos cardíacos catalogados. Quero até os aromas certos.

Tenho que me lembrar de *tudo*.

É a única maneira de decidir se finalmente é hora de me libertar do meu dever na Terra ... e tentar encontrar o meu amor no Outro Lado.

Se ela me aceitar, isso é.

Talvez esta minha história finalmente leve a um feliz para sempre. Ou talvez eu estivesse errado sobre tudo.

E nada me espera no *Fade*.

Capítulo 1

Maio 1981

Caldwell4, NY5

DARIUS, FILHO GERADO DE TEHROR, FILHO ABANDONADO DE Marklon, decidiu dirigir até a cidade na noite em que seu destino veio reclamá-lo. Duas semanas antes, ele instruiu seu idoso e confiável doggen, Fritz Perlmutter, a ir à concessionária *BMW6* de Caldwell e aceitar a entrega de um 735i novinho em folha. O carro havia sido encomendado cerca de seis meses antes, e embora os vampiros não comemorassem o feriado de Natal humano, à medida que a data de chegada se aproximava, Darius sabia tudo sobre doces dançando na cabeça.

A doce antecipação tinha sido um antídoto para tanto medo e dever em sua vida, e a espera tinha sido interminável. Houve até um ou dois atrasos, a produção na *Alemanha*⁷ enfrentou um obstáculo e o transporte marítimo através do *Atlântico*⁸ demorou mais do que o previsto. Mas então, finalmente, a ligação chegou, e quando Darius voltou para casa depois de um fim de semana longe em combate, coberto de sangue preto que cheirava a talco de bebê, com um ferimento de bala atravessado na parte superior do braço esquerdo, Fritz abriu a porta dos fundos e proclamou que *'ela foi relatada e está pronta para ser recolhida amanhã à tarde!'*

Darius ficou parado na varanda da cozinha como um grande boneco, seu cérebro lento e exausto não conseguindo processar qualquer notícia que tivesse feito seu mordomo se iluminar como um poste de luz. E então a ficha caiu. Fale sobre o seu segundo fôlego.

Como um *doggen*, Fritz podia sair para o sol da primavera e, como era o servo mais fiel do planeta, ficou tão entusiasmado quanto seu mestre quando saiu, doze horas depois, para pegar o carro novo. Os últimos sessenta minutos de paciência foram um trabalho árduo que durou séculos, e Darius passou pelo tempo andando de um lado para o outro em seu quarto subterrâneo, circulando sua mesa, sua cama, sua área de estar. A lareira. O banheiro. Continuamente.

Fritz desceu para informar que ela estava em segurança no local assim que ele chegou em casa, mas como a graciosa mansão federal tinha uma garagem individual, não havia como ir ver o carro até que o sol estivesse no horizonte.

O fato de ser primavera no norte do estado de Nova York significava que haveria outra espera eterna, e Darius desejou, embora o clima mais agradável fosse mais proveitoso, que o calendário estivesse mais próximo de 21 de dezembro.

Inferno, no inverno, ele poderia ter ido pessoalmente à concessionária. E aí chegou a hora.

Saindo pela porta dos fundos, ele praticamente saltou pela quadra de asfalto. Fritz havia fechado deliberadamente a garagem, e Darius se contorceu durante os últimos trinta segundos enquanto seu mordomo entrava e acionava a abertura.

Os painéis subindo e revelando o BMW, centímetro por centímetro, foram como abrir um presente, e não houve decepção. A pintura metálica bronze brilhava e aqueles quatro faróis o encaravam como se a coisa estivesse viva. Passado o choque inicial e o espanto, Darius rondava o sedã, passando a ponta dos dedos pelo aço frio, pelo

vidro liso, pelo capô, pelo teto, pelo porta-malas. E tudo correu como um sonho.

É por isso que um vampiro como ele, que podia se desmaterializar em qualquer lugar que quisesse, às vezes optava por pegar o caminho mais longo para casa ...

Ao passar por uma parte da cidade congestionada por prédios de apartamentos de médio porte recém-construídos, ele aumentou o volume do aparelho de som para que o *Supertramp*⁹ pudesse lhe contar mais sobre dias e noites solitárias. A canção adequava-se muito bem a ele. Claro, ele não tinha esposa em casa, mas sentia-se como uma peça de mobília em sua própria vida: *quando lutava contra os lessers, aqueles assassinos pálidos e sem alma que caçavam vampiros, ele ficava tão animado quanto eles, dentro de si, porém, ele havia se tornado um objeto inanimado*. Ele notou essa fossilização há cerca de um ano e, desde então, tentava descobrir exatamente qual era o seu problema. Uma releitura de seus diários, após a qual ele investigou os padrões factuais de sua vida como se fosse um terceiro desinteressado em vez do personagem principal, não produziu nada digno de nota.

E intermináveis anotações escritas na época detalhando o fato de que ele estava relendo seus diários não o levaram mais longe.

Então, novamente, talvez fosse porque ele já sabia o que o afligia e simplesmente não queria ver tudo o que não conseguia ver mudando.

Seus ciclos de dias e noites eram sempre os mesmos: *Lutar. Comer. Dormir. Alimentando-se castamente de uma Escolhida*. Fazendo isso de novo. E de novo. E de novo. À medida que o *cata-vento* do tempo continuava a girar e os humanos entravam e saíam de diferentes modas, modismos e presidentes, ele continuava o mesmo. Nem mesmo o nobre propósito de sua existência—salvar a raça dos vampiros da Sociedade Lesser—e proteger o Rei que se recusou a liderar—foi suficiente para aliviar o distanciamento mecânico que o anulava como uma anestesia.

E era por isso que ele não só precisava de um belo carro novo, mas também o dirigia.

Passando a mão por cima do volante, ele respirou fundo. Ele não precisava de um nariz de vampiro para apreciar o rico perfume do couro trabalhado à mão, aquele delicioso cheiro de carro novo ...

Ao fazer uma curva na estrada, o movimento veio em sua direção pela esquerda, o raio era o tipo de coisa que sua visão periférica

capturou e seus instintos de gatilho reagiram sem qualquer pensamento consciente de sua parte. Em rápida coordenação, ele pisou no pedal do freio e puxou o volante para a direita. Os pneus fizeram o possível para parar, cantando em seus esforços de desaceleração, mas havia muita massa, muita aceleração. Um impacto nauseante foi registrado e então o BMW saiu da estrada de quatro pistas e saltou no meio-fio.

A árvore iluminada pelos faróis era enorme.

A maior árvore arbórea que ele já tinha visto.

Então, novamente, quando você estava prestes a bater seu BMW novo, isso deu uma certa distorção às coisas ...

Boom!

Como uma bomba explodindo, o impacto foi forte e teve ondas de choque. Enquanto seus ouvidos zumbiam, ele foi jogado para frente e o volante recuou, defendendo seu território com o braço imóvel de sua coluna. Uma batida na cabeça depois e ele estava perto com o próprio nariz no para-brisa antes que um efeito *bumerangue* o jogasse de volta em seu assento.

Nesse momento ele sentiu o cheiro de gasolina, ouviu um assobio e começou a praguejar.

Com um desânimo característico das pessoas que se colocam na mira da teoria do caos, ele abriu a porta. O dano não havia se estendido o suficiente para afetar sua liberação, dobradiças ou painel, e olhando para o interior ao sair, ele fechou as pálpebras para ver como tudo permanecia imaculado no interior, o painel e os assentos ainda tão frescos e novos . Quando ele estava pronto, ele se virou para ...

O fato de que no meio do giro ele avistou o cinto de segurança não utilizado pareceu um tapinha do Destino no ombro, um pequeno lembrete de que desta vez—*desta vez*—ele havia escapado impune, mas no acidente seguinte, sua cabeça estava passando direto por aquele vidro de segurança.

Talvez devesse usar o cinto no futuro ...

Congelando, ele sentiu o cheiro de sangue fresco e, ao virar a cabeça, viu a mulher humana deitada no centro da rua de quatro pistas na linha amarela. Ela estava enrolada como uma bola, amassada como se fosse de primeira, e ele teve a impressão instantânea de uma saia azul da cor de uma ipomeia e uma blusa branca para fora da

calça. Um suéter vermelho estava amarrado na cintura. Os sapatos eram marrons e sem salto. Sem meias.

Ela não estava se movendo.

Oh, Deus, ele bateu em alguém. Esse foi o choque.

Darius disparou pelas duas pistas pelas quais estava viajando. Ao se ajoelhar, ele tocou o ombro dela. — Senhora ...

Nenhuma resposta. Por outro lado, ele sentiu o impacto mesmo dentro do carro, ouviu o som terrível.

— Senhora, vou te virar.

Com mãos gentis, ele desenrolou sua forte contração e, quando ela se deitou de costas, ele não gostou da maneira como a cabeça dela estava tão solta no topo da coluna. *O gemido foi bom, no entanto.* Isso significava que ela estava viva.

— Precisamos providenciar tratamento médico para você. — Ele olhou de volta para seu carro, que estava na linha das árvores de uma área parecida com um parque. — E não tenho transporte para oferecer ...

— Socorro, —ela sussurrou. — Ele vai me matar.

Uma onda de frio atingiu Darius no topo de sua cabeça, e ele mostrou suas presas.

— O que é que você disse?

Quando ela simplesmente murmurou, ele olhou para as outras duas pistas. Um conjunto curto e interconectado de prédios de apartamentos estava afastado da rua em uma elevação, com um trecho de grama separando-os da estrada. Havia luzes acesas dentro de quase todas as unidades, mas não havia ninguém em nenhuma das varandas, e havia persianas fechadas em todas as janelas ...

Outro lampejo de movimento.

Na passagem aberta de um dos blocos de construção, uma figura saiu correndo das sombras—e depois pulou de volta para a escuridão como se não quisesse ser vista. Dada a forma, era claramente um homem, e Darius cerrou as narinas, farejando o ar.

— Por favor, não deixe que ele me pegue, —disse a mulher com voz rouca. — *Ele vai me matar.*

Capítulo 2

PATRICIA WURSTER NÃO GOSTAVA DO SEU NOME, NUNCA GOSTOU. Nem da primeira parte, especialmente se foi abreviada para a temida Patty, e não a segunda parte, especialmente quando ela estava no ensino fundamental e foi chamada de *'The Wurst'*¹⁰. Mas o do meio não foi tão ruim assim

— Anne. Meu nome é Anne.

Enquanto falava com a voz rouca, ela respondia a uma pergunta dirigida a ela, mas não conseguia entender por que estava se apresentando ... *ou para quem?* Abrindo os olhos, ela não teve pistas porque tudo estava escuro—e ainda assim ela não estava sozinha. Alguém a estava segurando ...

— Prazer em conhecê-la, Anne.

A voz era profunda, de homem, e ela instantaneamente amou o som de quem quer que fosse. As sílabas eram tão baixas e ondulantes, e aquele sotaque era certamente europeu, embora ela não conseguisse atribuí-lo a um país específico. *Onde ela estava?* Quando o pensamento ocorreu, ela decidiu que estava em uma cama, mas não na sua. Este colchão era muito duro e muito pequeno. E enquanto ela tentava descobrir por que estava tão apertada, ela desejou que o homem lhe fizesse outra pergunta, porque ela preferia que ele falasse em vez do estranho delírio em que ela estava.

Talvez ele pudesse seguir o caminho de *'qual é o seu signo'*. Ou queira saber sua altura e peso, como se ela estivesse no médico. Que tal uma rápida equação de álgebra ...

Bump!

A cama embaixo dela bateu em alguma coisa, e o empurrão que veio com o impacto sacudiu todos os ossos de seu corpo. À medida que a dor se instalava em pequenos acampamentos que queimavam suas pernas, seus braços e um ombro em particular, ela se perguntava por que um colchão passava por uma lombada—espere, o que era aquele zumbido sutil ao fundo?

— Estou em um carro, —ela sussurrou.

— Sim. —respondeu a voz masculina. — Estou levando-a para o

hospital.

Eeeeeee ... foi quando tudo voltou. Em uma série de imagens de cartões de memória, como se sua memória estivesse mostrando o padrão de fatos daquela noite em uma mesa, ela se lembrou de tudo ...

Anne foi sentar-se às pressas, mas todos os tipos de coisas a impediram: *aquelas pequenas chamas queimando em fogueiras, um banco traseiro apertado e uma mão pesada, mas gentil, insistindo para que ela se deitasse novamente.*

— Estamos quase lá ...

— *Eu tenho que ir ...* — Suas palavras foram interrompidas quando o pânico tomou conta, e ela começou a se mexer desordenadamente, empurrando tudo o que estava ao seu alcance ...

— *Porra!* —veio um guincho estridente.

Enquanto ela se encolhia, o motorista do carro em que ela estava girou no encosto de cabeça. Fale sobre um motorista de táxi. Ele estava ao mesmo tempo ficando careca e precisando de um corte de cabelo, a faixa crespada na altura das orelhas e a ilha no topo totalmente fora de controle. E ele não estava feliz. Seu rosto era tímido e redondo como uma bola de basquete, e sua expressão era do tipo que geralmente acompanhava um ataque *raro de gota*¹¹.

— Todo mundo está bem aí atrás? —ele perguntou com um sotaque irritado de *Jersey*¹². — Não estou dirigindo rápido o suficiente para você?

*O que o cara do Taxi*¹³ *estava fazendo levando-a à qualquer lugar?*

— Não sou o maldito *Danny DeVito*¹⁴. *Jesus.*

Acho que ela tinha falado isso em voz alta.

O cara virou a cabeça para a frente e murmurou enquanto dirigia. — Porque diabos todo mundo diz isso? Sou mais bonito do que ...

Enquanto ele resolvia seus problemas de *ego* no banco da frente, Anne olhou ... *para ... o ...*

Todos os seus pensamentos pararam, e não como um trem que desacelerou gradualmente: *sua cognição bateu em uma parede de tijolos.* Fale sobre mais bonito do que. O homem sentado do outro lado do banco era *digno* de capa de um romance de *Johanna Lindsey*¹⁵. Vestido com roupas pretas, com peito e ombros largos, seu corpo parecia ocupar todo o carro, e seu rosto a fascinava. Classicamente bonito,

com cabelos escuros bem cortados, ele teria atraído a atenção de qualquer pessoa.

Mas ele não estava mais feliz que o motorista, e o motivo era *óbvio*. Ele tinha as duas palmas das mãos pressionadas na virilha e um estremecimento esculpido em suas feições marcantes—e assim como colocar as mãos na garganta significava que você estava engasgado em qualquer idioma, ele estava fazendo o sinal universal para '*santo-inferno-você-acabou-de-me-acertar-me-nas-bolas*'.

— Oh, meu Deus! —disse ela. — Sinto muito.

Ela estendeu a mão, mas não tinha certeza de onde tocá-lo. E cara, aquela sensação confusa em sua cabeça desapareceu totalmente agora. Nada como socar um estranho no *hey-nannies*¹⁶ para animar uma garota ...

— Você sente muito? —O motorista estalou. — Sinto muito, tenho dois estranhos no meu banco de trás, não tenho ideia de por que estou indo para o hospital e estou com dor de cabeça como se tivesse bebido todas em *Poconos*¹⁷.

Anne baixou a voz.

— Eu realmente sinto muito.

O homem com os proverbiais problemas de privacidade abriu os olhos. À medida que o brilho cor de pêssego de uma lâmpada de sódio da rua passava pelas janelas, suas íris eram de um azul ressonante, como um céu claro de outono. Ele também tinha cílios escuros que eram longos e sobranceiras que ela apostava que tinham um arco natural quando não estavam fazendo uma careta.

— Está tudo bem, —ele murmurou com seu sotaque. — Agora posso cantar as partes de *Leo Sayer*¹⁸. —Seu sorriso não era grande, mas a elevação de seus lábios era cativante, tomando todo aquele homem viril e dando-lhe uma sugestão do garoto que ele havia sido.

— O que aconteceu ... —Ela olhou ao redor. — Quero dizer, o que está acontecendo?

— Você não se lembra? — Ele se ajeitou no assento e girou um pouco os quadris, como se tentasse avaliar se as coisas ainda estavam presas.

— Você foi atropelada por um carro.

De repente, a enxurrada de memórias voltou e a dor em seu corpo explodiu como se sua lembrança fosse um segundo impacto.

— Estamos quase chegando ao pronto-socorro, —disse o homem ao lado dela.

— E então eu estou fora, —anunciou o Não-Danny DeVito na frente. — Não sei como diabos me envolvi ... *Jesus*, essa dor de cabeça. Qualquer um de vocês tem uma aspirina?

Anne se concentrou naqueles lindos olhos azuis.

— Você estava dirigindo o BMW. Eu vi através do para-brisa logo antes de ser atingida ... era você.

O homem assentiu.

— Eu não vi você vindo. E quando finalmente consegui, desviei, mas já era tarde demais.

Examinando seu rosto, ela se perguntou o que havia dito a ele na cena do crime. Se ela contou a ele por que estava atravessando a rua correndo.

— Não posso ir para o hospital, —disse ela calmamente.

— Ele trabalha lá?

Ela fechou os olhos e tentou algumas negações. Depois perdeu a pouca energia que tinha para mostrar coragem. — Não, mas ele está com minha bolsa, então não tenho dinheiro comigo.

Houve uma pausa.

— Eu cobrirei os custos de seus cuidados.

— Não, você não vai ...

— Você precisa ser examinada. E o acidente foi culpa minha.

— Não foi. Saí correndo para a rua no escuro. —Ela bateu no esterno com o que foi, reconhecidamente, uma primeira batida fraca.

— Além disso, estou respirando e tenho batimentos cardíacos. O resto eu posso resolver ...

— Olha, senhora ... —interrompeu o motorista enquanto olhava pelo retrovisor, — você está descendo no hospital. Não estou indo por esse caminho porque quero. O que você faz quando chegar lá, eu não dou a mínima, mas é aí que seu caminho termina.

Nessa nota, não houve mais conversa. Então, novamente, eles não tinham muito mais pela frente. O Hospital St. Francis apareceu à direita, seu prédio cercado por um estacionamento de trezentos e

sessenta graus. O pronto-socorro estava do outro lado, e o Não-Danny DeVito desviou de uma van para entrar na faixa que ia até à entrada coberta.

— Agora saiam do meu carro! —disse ele enquanto pisava no freio.

Anne abriu a boca para discutir, mas não com ele. O problema dela era com seu companheiro de banco de trás. Contudo, aquele não era o lugar adequado—não que qualquer debate fosse correr muito melhor na calçada, mas pelo menos ela podia esperar que ali houvesse uma *galeria de amendoim*¹⁹ menos hostil. Pegando no puxador da porta, abriu-a e pôs um pé descalço para fora. Com uma careta, tentou lembrar-se.

— Estou sem um sapato.

— Vamos apenas dar uma olhada em você. —O homem ao seu lado abriu a porta do lado dele. — Depois nos preocuparemos com os sapatos.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta, ele estava na frente dela e lhe estendia a mão. Quando ela apenas olhou para a palma da mão dele, o motorista entrou na conversa.

— Jesus, apenas saia do meu carro. Deixe-o ajudá-la já.

— Eu não preciso estar aqui, —ela murmurou enquanto agarrava o que estava sendo oferecido.

Anne foi puxada suavemente—e enquanto cambaleava e lutava contra outra onda de dor, ela pensou: *uau, o homem era alto*. E então, quando ele se abaixou para dar algum dinheiro ao samaritano resmungão, ela não conseguiu evitar uma rápida revisão do corpo dele.

O que provou que não houve danos cerebrais, certo? Se ela estava ocupada verificando os atributos de um perfeito estranho, ela tinha que estar ... OK. Bem. A metade inferior dele era tão boa quanto a metade superior, as coxas esticando o tecido da calça preta, a região posterior preenchendo o assento daquelas ...

Anne voltou a prestar atenção quando o carro em que ela foi resgatada decolou com um guincho de borracha ...

— Vou pegar um táxi agora, —disse ela quando o homem se virou para ela. — Um verdadeiro, quero dizer.

— Achei que você não tinha dinheiro.

— Em casa, tenho uma nota vinte de emergência enfiada no livro de receitas da *Fannie Farmer*²⁰ da minha mãe.

Ele piscou. Como se ele nunca tivesse ouvido falar de tal coisa. Ou talvez livros de receitas em geral.

Difícil imaginar que a confusão fosse sobre dinheiro.

— Vamos. —O homem apertou a mão dela e colocou o braço dela no dele. — Isso não vai demorar muito ...

— É um pronto-socorro. Ficaremos aqui a noite toda. E eu não

Ele olhou nos olhos dela tão profundamente que tudo parou para ela, incluindo qualquer argumento que ela estivesse apresentando. Assim como seus pulmões. E definitivamente seu coração.

— Vinte minutos atrás, —ele disse, — tive que pegar você no meio da estrada e colocá-la no banco de trás. Aposto que você não se lembra muito da viagem até aqui, e sim, sei que você não quer que eu pague por nada, mas não posso viver comigo mesmo se deixei você na beira da estrada para morrer.

— Você não me deixou e eu não vou morrer.

— Se eu não fizer você passar por aquelas portas giratórias e colocá-lo nas mãos de um médico, você simplesmente irá para casa. Portanto, é um abandono construtivo.

— Não irei para casa, eu prometo.

— Você não é uma boa mentirosa.

— Sim, eu sou.

Quando a sobrelha esquerda dele se arqueou, ela amaldiçoou.

— Quero dizer, não estou mentindo.

— Então, onde mais você procuraria um médico a esta hora da noite.

Enquanto um momento longo e tenso se instalou entre eles, Anne teve vaga consciência de pessoas saindo pela entrada do pronto-socorro. Entrando na entrada. Saindo. Entrando. Como se o universo estivesse do seu lado e tentando fornecer a ela uma demonstração visual de como o lugar funcionava.

— Por favor. —Seus olhos percorreram seu rosto e ela se perguntou o que ele viu. — Você precisa fazer isso para minha paz de espírito.

Okay.

— Você não me deve nada.

— Não é assim que a decência comum funciona. Não é um *Quid Pro Quo*²¹. Vamos apenas garantir que nada esteja quebrado e então seguiremos caminhos separados. Você nunca mais terá que me ver.

Agora, por que isso lhe pareceria uma perda, ela se perguntou. Ele era um perfeito estranho ...

— *Uau!* Eu peguei você, —ele deixou escapar.

— *O quê ...*

E foi então que o mundo girou em círculos, o concreto sob os pés se transformando no convés de um barco em alto mar.

Enquanto Anne se levantava, braços fortes a envolveram e ela voltou ao ponto de partida, mais uma vez apoiada na parede sólida de um peito que a fazia se sentir segura. Mesmo que ela não conhecesse esse homem de um buraco na parede.

Talvez ela tivesse ficado inconsciente, afinal.

Capítulo 3

ENQUANTO DARIUS ESPERAVA DO OUTRO LADO DE UMA TELA de privacidade, ele puxou a jaqueta para se certificar de que seus carregadores automáticos não estavam aparecendo. Então ele olhou ao redor e viu um lugar que se desenvolveu ao longo de séculos de luta. Esta parte da área de tratamento do pronto-socorro tinha cerca de uma dúzia de baias de exame, cada estação separada por cortinas verdes foscas que eram fechadas se o leito estivesse ocupado. O corredor central criado pelo layout era uma rodovia para macas, postos médicos e equipamentos, e havia todos os tipos de pacientes e familiares circulando pela periferia.

Nada ameaçador, em lugar nenhum, e ninguém prestando muita atenção nele.

Ele era apenas mais um idiota.

As coisas tinham que continuar assim ...

— Okay. Você pode voltar para dentro agora.

Abaixando-se através das cortinas, certificou-se de que a parte

que caía se fechava corretamente à sua passagem, e ele se viu indireitando os ombros enquanto olhava para cima.

Patricia Anne Wurster, ou Anne, como ela se apresentou, estava de volta à cama, mas a coisa estava inclinada para a frente num ângulo de noventa graus, então era como se ela estivesse sentada. Ela parecia ... *bem*, como se tivesse sido atropelada por um carro. Seu cabelo longo e escuro estava emaranhado. Havia hematomas em seu rosto e um arranhão feio no olho esquerdo. E um braço estava em carne viva, como se tivesse sido trabalhado com uma lixa.

Deus, ele poderia tê-la matado.

Tentando esquecer tudo o que '*poderia ter acontecido*', ele olhou para a muda de roupa dela. A camisola hospitalar azul e rosa que ela usava agora a diminuía, com a gola solta na base do pescoço e as mangas esvoaçantes. Os cobertores estavam puxados até a cintura e ela ajeitou as bainhas, com as mãos pálidas e de unhas rombas.

Ele pensou nela deitada no meio daquela estrada. Então ele se lembrou de quando ela acordou na parte de trás daquele carro. E finalmente ele concluiu ... não pela primeira vez ... que ela era cativante de uma forma que não tinha nada a ver com ser bonita, mas sim com ser ela.

O que, claro, não fazia muito sentido. Mas que parte desta noite teve alguma coisa a ver com lógica?

— Não sei como conseguimos este leito tão rápido. — Ela puxou as cobertas finas mais para cima. — Acho que *batemos* na hora certa.

Será que podemos, por favor, não usar a palavra com B?, ele pensou.

— Acho que sim. — Ele sentou-se em uma das duas cadeiras de plástico. — Talvez nossa sorte esteja mudando.

— Considerando que seu carro quebrou e eu estou em um hospital, acho que seria uma coisa boa.

Enquanto ele olhava para ela, ele queria afastar o cabelo castanho solto de seu rosto. — Espero que o médico chegue logo.

— Você não precisa ficar, — disse ela. — Quer dizer, você estava preocupado que eu fosse embora, mas estou registrada e tudo. Estou no sistema até que me deixem sair.

— Ainda há uma conta envolvida. — Ele levantou as mãos. — Se você preferir que eu fique na sala de espera ou algo assim ...

Acima, uma voz no alto-falante anunciou: — *Doutor Peters, Linha 2, Doutor Peters, Linha 2.*

— Não, está tudo bem. — Anne mexeu um pouco mais com os cobertores. — Contanto que eu, você sabe, não esteja nua nem nada.

— Oh sim. Obviamente, eu não ficaria quando eles examinassem você.

Ambos pararam. Riram sem jeito. Olharam para outro lugar.

Darius limpou a garganta. — Existe alguém para quem eu deveria ligar? Por você, quero dizer.

— *Não*, — A resposta foi rápida. — Obrigada.

— Pais? — ele solicitou.

Ela balançou a cabeça. — Não.

Quando ela não deu mais detalhes, ele ficou tentado a entrar em sua mente e acessar as informações por si mesmo. Mas uma invasão de privacidade ainda era errada, mesmo que a pessoa não soubesse que foi violada.

— Mas estou bem, — ela acrescentou. Da mesma forma que as pessoas faziam quando estavam sozinhas, com um pouco de medo e não queriam que ninguém soubesse.

Ela não estava contando com ele para resolver nada, no entanto. Então, novamente, o que ele era para ela, deixando de lado os assaltos com veículos motorizados.

Enquanto Darius continuava olhando para ela, ele se perguntou se as manchas vermelhas em seu pescoço e na lateral do rosto eram do acidente ... ou do homem que claramente a perseguia.

Para que eu possa cuidar de quem quer que esteja tentando prejudicá-la, ele pesou quando a cortina foi puxada para trás.

— Olá, sou o Dr. Robert Bluff ...

O médico que entrou na baía parou de repente. E ele tinha motivos para isso. *Bem, olá, meu amigo*, Darius pensou enquanto olhava para o cara. Ou melhor, macho.

O vampiro de jaleco branco tinha olhos castanhos e cabelos escuros, e um rosto com o tipo de simetria e feições que equivaliam a um padrão convencional de atratividade. Ele também ficou igualmente surpreso ao ver outro membro da espécie. Enquanto isso,

Darius não o reconheceu pessoalmente—e presumiu que, para o macho estar trabalhando aqui, com todos os diplomas e credenciais que ele precisava para obter aquele "*M.D.*" costurado com seu nome, ele devia ser um mestiço que podia sair à luz do sol e que havia ascendido na hierarquia humana.

O controle e a manipulação da mente eram boas ferramentas para um indivíduo, mas não podiam ser usadas para dominar uma comunidade inteira de humanos durante um longo período de tempo.

Enquanto o macho tentava esconder o alarme que claramente sentia, Darius lembrou-se de como as coisas tinham sido no Velho País, quando houve um verdadeiro rei e corte, quando havia uma divisão estrita entre humanos e vampiros. *Agora? No Novo Mundo?* Os padrões eram mais flexíveis, desde que você não fosse membro da aristocracia.

Talvez o macho estivesse impaciente porque tinha laços de sangue com a *glymera*? Como mestiço, ele não poderia estar oficialmente lá, é claro, mas certamente parecia que tinha colocado o pé em uma pilha no proverbial gramado.

O médico pigarreou. — Ah ...

Não interessado em criar problemas, Darius assentiu brevemente, reconhecendo o fato de que, sim, ambos eram quem eram, mas não, ele não faria nada a respeito.

O médico respirou fundo e virou-se para a paciente.

Depois de puxar as lapelas do jaleco branco, ele pigarreou novamente. — Como eu estava dizendo, sou o Dr. Bluff e vou cuidar de você. Você quer me contar o que aconteceu esta noite, Patricia?

— Sou chamada de Anne, na verdade. É meu nome do meio.

O vampiro mestiço sorriu para ela sem mostrar as presas, presumindo que ele as tivesse.

— Anne, por favor, me chame de Rob. Agora o que aconteceu? Eu sei que você já contou à triagem e à sua enfermeira de admissão, mas eu gostaria de ouvir por mim mesmo.

Anne olhou para baixo, para onde suas mãos haviam se torcido. — Foi um acidente. Atravessei a rua sem olhar e estava escuro. — Ela acenou com a cabeça na direção de Darius. — Ele não estava excedendo a velocidade nem nada. Foi tudo culpa minha.

Darius franziu a testa, mas ficou quieto. Ele queria trazer à tona a

outra metade da verdade, que ela havia sido perseguida, mas imaginou que os médicos iriam cuidar de todos os seus ferimentos, mesmo que não soubessem o porquê de sua entrada na estrada.

— Então você foi atropelada por um carro?

— Sim, mas como eu disse, não foi culpa dele. Não há razão para envolver a polícia ou algo assim.

Dr. Bluff assentiu. — E pelo que percebi você veio aqui por conta própria?

— De certa forma. — Seus olhos ansiosos dispararam para Darius. — Ele me carregou, eu acho.

— Okay. — O Dr. Bluff tirou um estetoscópio do bolso do jaleco branco. — Enquanto ouço seu coração e seus pulmões e verifico suas pupilas, odeio fazer uma pergunta nada original, mas onde dói?

Enquanto o macho tapava os ouvidos com o instrumento e se inclinava sobre a cama, Anne começou a repassar o resto do discurso que havia compartilhado outras duas vezes. À margem, Darius fechou os olhos e ouviu a subida e descida da voz dela. As palavras que ela pronunciava eram simples, raramente algo multissilábico e certamente nada terrivelmente complicado em termos de tradução. Eles o focaram como um laser, no entanto.

Nela. E em tudo o que ela queria, precisava. Ordenavam-lhe que fizesse.

— Você não vai desmaiar, não é?

Darius abriu as pálpebras. O outro vampiro na sala estava bem na frente dele, o rosto contorcido em pânico. Como se a última coisa que ele queria fosse todas as anomalias físicas da espécie aparecendo durante o tratamento do que deveria ser apenas mais um espectador enjoado.

— Não, não, eu estou bem.

Um olhar conhecedor surgiu nos olhos do macho. — Vou solicitar algumas radiografias do ombro direito e da perna direita. Também terei que realizar um exame físico completo. A menos que você prefira que uma médica faça isso?

— *Oh*, está tudo bem, — disse Anne da cama. — Não sou tímida.

O outro vampiro não reconheceu o consentimento de sua paciente. Em vez disso, ele esperou permissão para prosseguir ... como

acontecía quando qualquer curandor lidava com um macho vinculado e sua fêmea: ninguém queria o tipo de problema que chegava rápida e seguramente se o instinto protetor de um macho fosse acionado.

Claramente, o médico achou que parte da história era um estratagema. E, além disso, Darius não tinha um vínculo.

— *Hum, olá?* —perguntou Anne. — Vocês já acabaram de tomar decisões por mim? Ou estão aguardando que eu espere um pouco mais enquanto decidem sobre o meu consentimento?

Quando Darius olhou para a cama, não conseguiu explicar por que a deferência estava sendo prestada. E de qualquer forma, ela não era sua companheira ...

— Sim, uma médica seria melhor, —ele se ouviu dizer. E então ele mudou para a Língua Antiga. — *E estarei do outro lado dessa fina cortina durante o exame.*

— *Mas é claro, sire.* —Doutor Bluff respondeu com uma inclinação de cabeça. — *Não vamos aceitar de outra maneira. Existem outras provisões especiais que você precisa para ela?*

Darius podia sentir os olhos da mulher se estreitando nele.

— *Não, isso é tudo.*

— *Ela será tratada com a maior consideração.*

— *É melhor que seja.* —Ele rosnou.



APENAS MEIA HORA mais tarde, Anne e a sua cama foram transportadas de volta para a sua pequena baía coberta de cortinas verdes. E você sabe, o homem de olhos azuis e corpo grande estava exatamente onde ela o havia deixado, esperando naquela cadeira de plástico frágil como um cachorro na porta da frente durante um dia de trabalho.

— Dr. Bluff estará de volta muito em breve, —disse o enfermeiro. — Você está bem?

— Sim, obrigada.

O cara assentiu. — Você se cuida agora.

E então ela e seu homem misterioso ficaram sozinhos novamente.

Ao olhar para ele, ela teve a sensação de que ele estava tentando não olhar para ela, e houve a tentação de pensar que era porque ele a achava atraente de alguma forma.

Okay, certo. Porque esta bata de hospital realmente realçou o vermelho de todos os seus hematomas.

— Eles trataram você de uma maneira aceitável? —ele perguntou enquanto continuava a se concentrar no chão.

Ele tinha uma maneira muito estranha de colocar as coisas, tão formal, tão precisas.

— Eles foram ótimos, obrigado. Embora eu ache que agora brilho no escuro por causa de todos os raios X. —Ela puxou os cobertores um pouco mais para cima. — Eu realmente não posso acreditar o quão rápido isso está acontecendo.

Quando ele apenas assentiu, Anne estendeu a mão e sondou a bandagem branca que estava sobre sua sobrançelha. Uma médica entrou e ouviu seus pulmões e examinou seu estômago e torso em busca de problemas, e então, quando houve uma breve espera para a máquina de raios X ficar livre, a mulher limpou e cobriu tudo que exigia um Band-Aid de grau clínico.

— Eles foram gentis com você?

Ela virou a cabeça no travesseiro fino. O homem misterioso que parecia estar orquestrando toda a visita ao pronto-socorro cruzou as pernas joelho a joelho e tinha uma mão longa e elegante pendurada na coxa, sua postura perfeita virando aquela cadeira num trono. Não é de surpreender que seu perfil fosse tão bom quanto a frontalidade de seu rosto, seu nariz bem abaixo das sobrançelhas, sua mandíbula forte, seus ombros largos e braços pronunciados, a moldura perfeita para tudo isso. Embora seu cabelo fosse escuro, ele não tinha barba por fazer, e ela perguntou-se se o peito dele estava depilado ou ...

Corando, ela desviou o olhar. Então ela se acomodou na cama do hospital com um gemido. As coisas já estavam se acalmando nela, seus músculos se contraíam, certas articulações travavam no lugar. Da mesma forma, as contusões estavam se instalando por um período no que parecia ser a maior parte de seu corpo, os pontos focais da dor como rosas de maçã podre, cheia de espinhos.

— Quem é você? —Ela deixou escapar. — Para este hospital, quero dizer.

Houve uma pausa.

— Apenas mais um *espectador*²².

— Você conhece o médico, no entanto.

— Na verdade, não.

Ela teve que olhar para ele. — Qual foi a língua que você falou com ele? Eu não reconheci.

— É apenas um obscuro dialeto Europeu. Não importa.

— Então, como você sabia que ele falava essa língua?

Antes que ele pudesse responder, a cortina foi puxada e o Dr. Bluff entrou em cena. Ele se concentrou no homem misterioso.

— Não há nada quebrado. Eu acho que ela vai ter algum inchaço persistente e dor.

— Ei, Doc, —Anne interrompeu. Quando os dois homens olharam para ela surpresos, ela sorriu com força e deu-lhes um pequeno aceno. —Quando você estiver relatando os resultados das minhas radiografias, eu apreciaria se fosse para *mim*.

Dr. Bluff piscou. Olhou para o homem.

Quando o homem assentiu, o médico aproximou-se dos pés da cama. — Lamento ter me concentrado em seu marido. É claro que você está certa.

Anne sentou-se um pouco mais alto, ignorando a forma como seu ombro latejava de dor. — Ele não é meu marido.

— *Eu ... tudo bem, então.* —Dr. Bluff balançou a cabeça como se estivesse confuso, mas não indo insistir em assuntos que não eram de sua conta. — De qualquer forma, não vemos fraturas ou desalinhamentos. Seus sinais vitais estão ótimos, seus ferimentos foram tratados. Sinto-me confortável em liberar você com apenas um analgésico leve. Mas se você sentir visão dupla, náusea ou vômito, dor de cabeça nova ou piora ou qualquer outro sintoma que a preocupe, quero que entre em contato com seu médico ou volte aqui.

— Não tenho médico.

— Então você precisa voltar para St. Francis e perguntar por mim. —Dr. Bluff olhou para o homem. — Eu cuidarei dela. Não se preocupe.

Okaaaaay, ela estava realmente pronta para o dia em que as mulheres adultas não fossem tratadas como crianças.

— Ótimo, —ela murmurou. — Eu agradeço.

— De nada. —murmurou o Dr. Bluff para o homem com uma pequena reverência. — Vou passar uma receita e ela pode ir embora.

Depois que o médico saiu, Anne fechou os olhos de frustração, mas decidiu deixar de ser tratada como uma criança—porque ela tinha um problema maior do que o tipo de misoginia benevolente com que lidava no trabalho. Ou no bairro dela. Ou no mundo, em geral.

— Não estou com minha bolsa, —disse ela para si mesma. — Então eu não tenho minhas chaves ... minha identidade ...

— Sinto muito. Não vi nada na estrada ...

— Não, é porque eu deixei nele ... —Ela foi esfregar o rosto e cutucou o curativo, bem onde doía. Amaldiçoando, ela colocou a cabeça para trás e olhou para o teto. — Esta noite está cada vez mais longa, realmente está.

— Onde você deixou as coisas?

— Lá trás com ele.

Quando um som estranho surgiu em torno de sua cama, ela olhou para ela. As sobancelhas do homem estavam baixas e seus olhos brilhavam com algo que ela não conseguia definir—não, espere. Ela sabia o que era.

Ela não se sentiu ameaçada pela fúria, no entanto.

Em voz baixa, ele disse. — Vou recuperar suas coisas de volta de com quem quer que esteja, onde quer que seja. Basta dizer a palavra e estará feito.

As palavras foram ditas baixinho, mas de alguma forma a falta de volume tornou-as mais assustadoras do que se ele tivesse gritado. E por mais que não refletisse bem sobre seu caráter, ela entretinha uma breve mas muito vívida fantasia desse homem que ela não conhecia, aparecendo na porta de um homem que ela achava que conhecia muito bem.

— Está tudo bem, —disse ela. — Vou cuidar de mim mesma.

A cortina se abriu novamente e o Dr. Bluff voltou a entrar.

— Tudo bem, aqui está a receita. É só um pouco de Tylenol com codeína para ajudá-la a dormir. Tome conforme necessário. Ela deve se sentir bastante dolorida nos próximos dias.

Quando ele foi entregar a receita ao homem, houve outra conversa naquele idioma que ela não conseguia traduzir—e então o homem que estava sentado com ela franziu a testa e se inclinou para frente na cadeira de plástico. Com um aceno de cabeça, o médico estendeu as mãos como se estivesse insistindo—após o que o homem misterioso de Anne se levantou e ofereceu a palma da mão. Enquanto eles sacudiam, aquele receita mudou de posse.

— Tome cuidado, —disse o Dr. Bluff a ela. — Você vai ficar bem.

Rangendo os dentes, Anne não respondeu à saída do médico, embora isso fosse rude. O que isso importava, no entanto? Ele não iria receber um transplante de personalidade de *parter familias*²³ só porque ela não foi educada com ele, e ela precisava economizar energia para a parte II deste pesadelo.

— Vou esperar por você lá fora, —disse o homem. — Enquanto você se troca.

— Okay. —Deus, ela estava cansada. — Quero dizer, obrigada.

Só que em vez de ir embora, o homem foi até a cama. — Estou falando sério sobre recuperar suas coisas. Cuidarei disso.

Ela olhou para ele, medindo aqueles ombros poderosos. Esses braços fortes. Enquanto isso, os sons da sala de emergência eram uma trilha sonora incrível, os passos urgentes, as trocas sussurradas—e o choro silencioso no corredor—como um destino prenunciado. Esperando por ela como um perseguidor que foi negado esta noite, mas voltaria para buscá-la em outra.

E enquanto isso, a vingança estava bem na frente dela, à sua disposição.

Anne se concentrou nos olhos dele, que tinham uma cor meia-noite. — Deve ser bom *poder ... lidar* com as coisas.

— Basta dizer a palavra.

Seu coração pulou uma batida. Deus, ela realmente queria soltá-lo. Como se ele fosse a bala de uma arma ou um cachorro de seu dono. Mas a violência nunca resolveu nada e, mais especificamente, ela não pretendia se tornar cúmplice de assassinato.

Porque era isso que o homem estava oferecendo a ela: *algumas coisas não precisavam de palavras.*

No entanto, ela ainda não tinha medo dele.

Anne respirou fundo—ou tentou. Quando uma onda de dor tomou o lugar de sua caixa torácica, ela tossiu: — *Pensei* que assim que soubesse que eu estava bem do ponto de vista médico, teríamos terminado aqui?

— Só quero deixar tudo resolvido até o fim.

Enquanto imagens de túmulos passavam diante de seus olhos, ela voltou à realidade e balançou a cabeça. — Como eu disse antes, não sou problema seu. Além disso, você não tem um carro para cuidar? Era um bem legal, se bem me lembro. A última coisa de que tenho uma memória clara é o ornamento do capô do BMW. Bem, isso e o som dele batendo em alguma coisa.

— Posso comprar outro carro. Não haverá *outra* você.

Quando houve um momento de silêncio, ele inclinou a cabeça—e a fez pensar em um *pastor alemão*²⁴: *grande, feroz ... e cativante*.

— Porque você está olhando assim para mim?

— Você quer que eu seja sincera?

— Sempre.

— Não consigo decidir se você é um salvador. Ou um caso de sair da frigideira para cair no fogo.

Empurrando os cobertores, ela arrastou as pernas para o lado da cama do hospital e olhou para baixo. — Acho que perdi um sapato, não foi? Parece que me lembro disso de repente.

— Não tive tempo de procurá-lo. Me desculpe.

Ela olhou para os pés descalços por um momento. Então olhou para a cadeira ao lado daquela em que ele estava. Quando ela vestiu a camisola do hospital, ela dobrou as roupas e as colocou no assento de plástico laranja. O único mocassim sobrevivente da *LL Bean*²⁵ parecia um comentário não apenas sobre as últimas horas, mas sobre sua vida como um todo.

— Realmente gostava muito desses sapatos também.

— Vou encontrar para você.

Flexionando os pés, ela sentiu um aperto na panturrilha direita, bem como uma dor no quadril e alguma dormência no joelho. Foi uma coisa boa, ela decidiu, fazer aquelas radiografias, mesmo que o médico tivesse sido paternalista.

— Vou me vestir agora, —ela murmurou.

— Estarei esperando por você do lado de fora.

Anne observou enquanto a cortina voltava ao lugar atrás dele, e a forma como o tecido pesado ondulava a fez pensar em uma bandeira em um vento preguiçoso. E então, quando ela olhou para suas roupas novamente, os sons e cheiros ao seu redor retornaram, como se a maçaneta do hospital tivesse sido girada novamente: *havia vozes suaves, pés arrastados e o choro abafado do outro lado das estações de tratamento ainda continuava.*

Uma lança de medo a atravessou. As coisas poderiam ter terminado de forma muito diferente no caso dela—exceto que ninguém estaria chorando por ela. Na verdade, ela se perguntou quem teria reivindicado seu corpo. Ela tinha alguns primos em *Vermont*²⁶. Talvez eles tivessem cuidado das coisas?

Ou talvez ela tivesse acabado naquela ilha perto de Nova York, onde enterraram os que não eram reclamados. Será que eles ainda faziam isso ... ou ela estava confundindo um artigo histórico que leu no trem com a prática atual ...

— *Doutor Peters chamando Doutor Peters.* —Veio do alto-falante. — *Por favor, venha para a estação de triagem.*

O Dr. Peters teve uma noite movimentada. Alguém sempre parecia querer ele.

Deslizando para o chão de linóleo frio, ela estremeceu e mancou até a cadeira. Ao tirar a camisola, ela estremeceu e tentou ser rápida na correção. Porém, suas mãos eram desleixadas e seu ombro era mais problemático do que ela imaginava, especialmente com o sutiã. E caramba, o corpo dela era uma colcha de retalhos com todas as manchas de gaze em várias áreas de impacto.

Eventualmente, ela conseguiu se vestir, mas foi estranho. Suas roupas pareciam caber de maneira diferente, a saia e a camisa pareciam as de uma estranha, embora fossem as mesmas coisas que ela havia vestido horas atrás. Ela também estava com um pouco de frio, mas não havia nenhuma maneira de ela tentar vestir seu suéter vermelho completamente. Com a rigidez continuando a se intensificar, ela teria que tirar o suéter quando chegasse em casa e tentar ir para a cama

Quando ela foi amarrá-lo na cintura, ela congelou. Manchas de sangue marcavam tudo o que ela vestia. Havia lágrimas em suas

roupas também.

E só aquele sapato.

Tomando coragem, ela pegou a coisa e puxou a cortina. O homem misterioso estava parado na divisão e voltado para fora, como se fosse um guarda-costas. E quando ele imediatamente se virou, ele pegou o cotovelo dela. Como se ele estivesse preocupado que pudesse ter que tirá-la do chão novamente.

— Como podemos fazer o registro? —Ela perguntou.

— Já está tudo resolvido.

Pensando naquela conversa antes da partida do médico, ela teve a sensação de que “Rob” se recusou a cobrar deles ...

De repente, uma emergência explodiu no outro extremo, a cortina se agitando em torno da última área de tratamento do outro lado do corredor, as botas e panturrilhas dos médicos e as saias brancas das enfermeiras se movimentando enquanto as pessoas trocavam de lugar na cama. No chão, tufo de gaze e esponjas manchadas de sangue balançavam como pequenas bolas sombrias, um lembrete de como algumas coisas não podiam ser consertadas.

— Vamos, —disse o homem. — Vamos embora.

Apoiando-se no braço dele e movendo-se lentamente, Anne deixou-se levar por um amplo corredor que se dissolvia no balcão de registro, na área de triagem e na sala de espera. Como era pouco antes da meia-noite, as janelas de vidro que circundavam o saguão aberto pareciam a superfície de um piano, brilhante e preta, o mundo inteiro bloqueado pela noite, um segredo que parecia ameaçador.

— Eu vou ficar bem, —disse ela com voz rouca.

— Claro que você vai.

Pelo menos um deles acreditou nela, pensou Anne enquanto continuavam, as paradas e os coxos apenas do lado dela na banda marcial. Enquanto isso, as pessoas cansadas de esperar olhavam das fileiras de assentos parafusados no chão, a inveja por ela ter sido processada era tão palpável quanto a exaustão.

E assim como ela claramente ultrapassou os limites e obteve tratamento preferencial, agora não havia nenhuma papelada ou pagamento de quitação cobrado dela. Era como se ela tivesse ganhado na loteria do pronto-socorro de muitas maneiras para contar, mas ela estava cansada demais para continuar discutindo a boa sorte

fabricada.

Não que o homem ao seu lado estivesse disposto a explicar nada disso.

Na entrada, as portas automáticas zumbiam na entrada de vidro e aço como uma bate-deira, e ela ficou feliz porque o homem a colocou nelas. Ela estava lutando para se concentrar, embora não por causa de algum ferimento na cabeça. Pelo menos ela não achou que fosse uma concussão.

Não, provavelmente é uma concussão, ela pensou enquanto tocava o curativo em sua têmpora.

Ah, uau. Estava chovendo levemente e as coisas ficaram frias como a primavera às vezes acontece.

— *Jesus.* Você demorou bastante.

Anne piscou. À esquerda, um sedã marrom estava estacionado no meio-fio e funcionando, as lanternas traseiras brilhando em vermelho, um pequeno fluxo de escapamento saindo do cano de escapamento. O motorista de antes estava debruçado na janela, o pescoço grosso tenso enquanto olhava para ela como se ela fosse um bate-dor de carteiras que tivesse roubado sua carteira. Seus tufo pareciam ainda mais crespos, como se ele estivesse esfregando a cabeça com um balão estático.

— Já vai entrar? Ele me deu uma nota de \$ 100, não 10 delas.

Anne virou-se para o homem misterioso.

— O que ... é?

— Você pode confiar nele. — O homem aproximou-se e abriu a porta traseira. — Ele vai levá-la a qualquer lugar que você queira ir.

Como forma de ganhar tempo, ela fez um rápido inventário de seus bens, que incluía extravagâncias de alto nível como um sapato, roupas com sangue e absolutamente nenhum dinheiro ou identidade com ela

— Olha, — disse o Não-Danny De Vito. — Eu tenho uma filha, mais ou menos da sua idade. Não vou fazer nada além de te levar para casa. Eu juro. — O motorista fez o sinal da cruz, beijou a ponta dos dedos e acenou para o céu. — Minha mãe iria me matar. Okay? Okay.

— Vá, — o homem misterioso disse suavemente. — Você estará segura com ele.

Anne olhou para cima, para o estranho que esteve ao seu lado mais do que qualquer outra pessoa em muito tempo. — E a conta?

Suas palavras foram calmas e não tinham nada a ver com o que realmente estava em sua mente. Ela passou a maior parte das últimas duas horas tentando se livrar do cara, mas agora que chegou a hora de seguirem caminhos separados? Ela não conseguia acreditar que nem conhecia o ...

— Qual é o seu nome? —ela deixou escapar. Como ela poderia não ter perguntado isso antes?

— Ele é o maldito Papai Noel. O que você quer? Você está indo ou vindo?

— Pode me chamar de St. Nick, —o homem disse com um pequeno sorriso. — E cuide-se.

Era isso ... realmente? Ela poderia tê-lo acabado de conhecer, mas sentia como se o conhecesse há anos.

Definitivamente uma concussão, ela decidiu.

— Obrigada, —ela sussurrou.

— Por bater em você com meu carro? —Ele ergueu a mão, como se fosse tocá-la, talvez no ombro ou colocar o cabelo dela para trás. Mas então ele deixou cair o braço. — Estou feliz que você esteja bem.

Anne olhou para o motorista, que tamborilava com os dedos no topo de um volante coberto por um punho felpudo.

Então ela olhou de volta para o homem.

— Obrigada, —disse ela. — Quero dizer, okay. Quero dizer ... adeus.

Ela estendeu a palma da mão.

— Adeus, —disse o homem misterioso enquanto se afastava dela.

Como era impossível que as coisas ficassem mais estranhas, ela esfregou a mão na barra da saia e se virou. Entrando no banco de trás, ela alcançou a maçaneta para fechar a porta, mas o próprio homem a fechou.

Sua última imagem dele foi quando o Não-Danny DeVito pisou no acelerador e os atirou para longe do meio-fio.

Girando ao redor, ela olhou através do para-brisa traseiro, através do vidro manchado de chuva. O homem ficou na entrada e observou o

carro passar com os braços cruzados sobre o peito, aparentemente sem perceber, ou indiferente, que seu cabelo estava ficando molhado. Sua jaqueta também.

— Então, para onde, querida?

Anne girou e encontrou os olhos do motorista pelo retrovisor.

— Escute, eu sou um motorista licenciado. —Ele colocou um chiclete na boca. — Então não se preocupe com a tempestade. Agora, onde você mora?

Ele parecia um pouco mais relaxado ... bem, essa não era a palavra certa para isso. *Educado, talvez?* Okay, tudo bem, pelo menos ele não estava arrancando a cabeça dela.

— Você conhece aquele homem? —Ela perguntou.

— Aquele com todas as ideias brilhantes, não. Mas reconheço o rosto de *Ben Franklin*²⁷ em qualquer lugar.

Ao fazerem uma curva e chegarem ao semáforo que controlava a entrada e saída do hospital, ela forçou a cabeça a cumprir o combinado.

— Eu preciso ... —Ela limpou a garganta. — Tenho que parar em algum lugar primeiro no caminho.

— Claro que sim, —o motorista falou quando o sinal ficou verde.

— Para a esquerda, —ela interrompeu antes que ele pudesse fazer a exigência. — E eu vou direcionar você.

— *Óoooootimo*, —ele colocou um pacote de *Wrigley's*²⁸ sobre o ombro. — Chiclete?

— Vou aceitar um, —disse ela enquanto pegava um dos pedaços embrulhados em papel alumínio. — E é o meu sabor favorito.

— O meu também, —ele anunciou. — Você precisa de um pouco de aquecimento aí atrás?

— Não, eu estou bem. E eu realmente aprecio você me levar para casa. Sua filha tem sorte de ter um pai como você, disposto a ajudar um estranho.

Seus olhos se voltaram para o retrovisor e se estreitaram. Depois de um momento, ele grunhiu e encolheu os ombros. — Quer saber. Você e eu? Nós vamos nos dar bem, garota.

Suas mãos tremiam quando ela deslizou a tira de chiclete de sua

embalagem verde.

— Obrigada. —Ela só precisava pegar sua bolsa de volta. Então ... tudo acabou, todo o pesadelo acabou.

Não há mais vínculos, não há mais motivos para contato.

Olhando pela janela, ela colocou o chiclete na boca e começou a mastigar. Ela prestou pouca atenção aos postes de luz ou aos poucos carros que viajavam com eles na estrada. A imagem daquele homem misterioso parado do lado de fora da entrada da sala de emergência era como um filtro colocado entre ela e o resto do mundo.

De todas as coisas que aconteceram esta noite, ele parecia ser o mais importante.

O que não fazia o menor sentido.

Capítulo 4

— É ESTE PRIMEIRO EDIFÍCIO, —DISSE ANNE ENQUANTO SE SENTAVA para a frente no assento. — Aqui.

O motorista entrou no beco sem saída raso do empreendimento.

— Este?

— Sim, à direita.

Anne pegou seu sapato e calçou-o com um grunhido.

— Não vou demorar.

O anel de prédios de apartamentos de três andares e várias unidades orbitava uma área comum de porte cocheres. Olhando para a fila de carros e caminhões, a visão de um *Datsun branco*29 novinho em folha brilhando sob as luzes de segurança fez seu estômago revirar.

Pelo menos ele não estava estacionado em frente à casa dela.

— Isso não vai demorar muito, —disse ela distraidamente enquanto olhava para o segundo andar.

Suas luzes estavam acesas. Deus. Ela poderia fazer isso? Quando ela abriu a porta, olhou para o retrovisor.

— Você não vai embora, vai?

O motorista encontrou os olhos dela e abriu a boca como se fosse dizer algo “*inteligente*”. Então ele franziu a testa. — Você quer que eu vá com você?

— É melhor que seja só eu. Você sabe?

— Okay. Eu não vou embora. Não se preocupe. E se você precisar de mim, basta gritar.

— Obrigada.

Quando ele acenou com a cabeça como se tivessem um pacto, ela decidiu que teria que reformular a sua fraca opinião sobre a raça humana. Fechando a porta do carro, ela olhou para baixo. O pé que tinha o sapato estava bem. O pé descalço estava molhado e frio no asfalto úmido. Por uma fração de segundo, pensou se não deveria ir para a rua procurar o que perdeu, mas percebeu que o que realmente estava faltando era coragem, e não algo de uma loja LL Bean.

Olhando para o apartamento de onde havia fugido, ela avançou e tropeçou no meio-fio. A passagem para a escada exposta de uso comum era curta, e sua respiração ficou mais difícil à medida que ela se aproximava das portas dos três níveis. Ela disse a si mesma que tinha uma testemunha com uma atitude ruim e que falava alto, e que havia pessoas por perto ...

O som de um cachorro latindo a congelou na base dos degraus de concreto e aço. Olhando através das ripas da balaustrada, ela podia ver o batente superior da porta. Aquele cachorro dele pesava uns bons 30 ou 50 quilos.

Ela já tinha saído do apartamento uma vez esta noite. Porque ela estava fazendo isso?

Porque é a minha bolsa, ela sussurrou. É minha.

Para ter tempo de recuperar um pouco de coragem, ela se concentrou no outro lado da passagem aberta. As luminárias acima transformavam qualquer vista do veículo de quatro pistas em que eles haviam entrado no mesmo tipo de buraco negro que esperava do lado de fora da entrada do pronto-socorro.

Soltando o corrimão, ela contornou a base da escada. A passagem aberta levava a uma colina coberta de gramado que descia até a estrada e, quando ela saiu do concreto, as árvores do parque público eram um borrão na chuva. Ela teve que caminhar uma certa distância até que seus olhos pudessem se acostumar à penumbra, seu pé

desalço registrando o movimento elástico da grama fria e úmida.

Lá estava ele. Bem em frente a ela. Fora do acostamento, grudado em uma árvore, o BMW estava onde foi deixado, e ela pensou em esperar ali até que o caminhão de reboque chegasse e ela pegasse uma carona para qualquer oficina que fosse. Depois disso, secaria ao ar livre, beberia café amargo e releria as mesmas revistas de pesca e caça até que o problema estivesse resolvido. Finalmente, depois que os reparos fossem feitos, seu proprietário viria reclamar o veículo e ela estaria lá para perguntar-lhe qual era o seu nome.

Anne tentou empurrar o cabelo encharcado para trás e esbarrou novamente na gaze cirúrgica. A onda de dor a levou de volta ao momento em que ela saiu do apartamento. Ela desceu as escadas correndo, seu impulso selvagem e falta de coordenação batendo seu corpo entre a parede de concreto e a balaustrada. No fundo, ela simplesmente fugiu cegamente.

Poderia ter sido no estacionamento. Poderia ter saído para a rua.

Poderia ter estado no fim do mundo.

Ela nunca pensou em bater na porta de qualquer vizinho pedindo ajuda. Ela só queria ficar longe dele ... então ela começou a correr e acabou na estrada. O guincho daqueles pneus foi como o grito dela. Pelo menos ela presumiu que tinha gritado.

Quando se era atropelada por um carro, não se gritava?

Voltando-se para a passagem aberta, ela fixou os olhos na parte inferior da escada e sabia que era hora de enfrentar ... Algo ao lado, na relva, chamou-lhe a atenção. Era vários detritos, pequenos objetos que brilhavam em todos os seus lugares errados.

— Esses são os meus óculos de sol? —Ela olhou ao redor. Mas como se houvesse alguém ao lado dela que pudesse responder a isso?

Indo até lá, ela se ajoelhou com uma careta. Seus óculos *Ray-Ban*³⁰ falsificados tinham sido destroçados, os fones de ouvido baratos de drogaria torcidos e fora do lugar, um dos encaixes coloridos caindo da moldura dourada falsa quando ela pegou os óculos aviador.

Anne esfregou o polegar sobre a lente arranhada que restava. Então ela esticou o braço bom e pegou a próxima coisa dela: *sua bolsinha de maquiagem*. O perfume de flores subiu quando ela abriu o que estava bem fechado. Seu batom barato estava todo esborrachado por dentro, e ela esticou o dedo quando o vidro estilhaçado do espelho compacto do blush a atingiu.

Sua bolsa estava um metro mais adiante e ela a pegou por uma das alças. A coisa estava em frangalhos, tão rasgada que ela conseguia ver através dela em alguns lugares. Algo tinha sido usado para destruir o couro falso—uma faca ... talvez uma tesoura?—e uma sensação penetrante percorreu seu peito. Claro, a bolsa era barata para começar, outra imitação que era de couro, em vez de qualquer coisa remotamente de couro.

Mas era dela e ela o comprou há apenas um mês na JCPenney ...

Anne fez uma careta. O que era esse cheiro?

O cheiro de urina a fez afastar a coisa—e foi então que ela viu sua carteira perto dos arbustos. Assim como a bolsa, ela havia sido rasgada, o dinheiro levado, o porta-moedas esvaziado. Ela o segurou com o polegar e o indicador e sentiu o mesmo fedor que estava em sua bolsa. Seu cartão de crédito e sua identidade estavam faltando. Fazendo uma varredura na área, ela recolheu o que mais tinha sido dela: *o recipiente macio de lenços de papel que estava úmido, sua mini escova de cabelo ... alguns recibos que estavam encharcados, felizmente apenas pelo orvalho na grama.*

O som abafado de seu cachorro latindo novamente a fez levantar a cabeça.

Ela nunca se deu bem com aquele animal. Não gostou dela desde o início e claramente esse foi um dos primeiros sinais de alerta para todo o relacionamento. Ela deveria ter seguido seus instintos em vez de desperdiçar oito meses de sua vida para confirmar o que ela adivinhou no segundo encontro deles.

— Tenho essa sacola aqui!

Ela se virou. O motorista do carro, atarracado, rabugento e barbudo estava parado na passagem aberta, segurando um saco de papel com o logotipo da *Grand Union*³¹. Sob a forte iluminação, ele parecia um troll de *J. R. R. Tolkien*³² que se transformou em um protagonista inesperado.

— Coloque suas coisas aqui, —ele disse enquanto saía para o gramado. — E então vamos levá-la para um lugar seco. Você está horrível.

— Obrigada.

Encontrando-o no meio do caminho, ela enfiou a bolsa e a carteira na bolsa *Grand Union* e se encolheu quando o motorista colocou a mão em seu ombro bom.

— Vou levá-la para casa. A menos que você queira falar com ele.

— Como você sabe que é um homem? —Ela murmurou.

— Você está dizendo que *não é*?

Olhando para as escadas, ela balançou a cabeça.

— A parte da conversa não correu bem na primeira vez esta noite. Não acho que uma segunda tentativa vá melhorar as coisas.

— Vamos lá, então.

As memórias da discussão eclipsaram o mundo à sua volta e, quando deu por si, estava de volta ao sedã marrom e dando instruções para chegar a sua casa. Ela ficou impressionada por saber o caminho. Ela sentiu como se sua mente estivesse falhando, um velho calhambeque que precisava não apenas de um ajuste, mas de um motor substituto.

Ela nunca se sentiu tão sozinha.

Mas melhor do que em más companhias.



DARIUS SEGUIU O SEDÃ marrom até a casa de Anne.

Ele acompanhou sua progressão em distâncias de quatrocentos metros, desmaterializando-se e reformando-se nos telhados de minishoppings e lojas - até mesmo em uma van estacionada em uma vaga com taxímetro. Em todos os casos, ele ficou fora do caminho dos faróis, postes de luz e qualquer tipo de luz de segurança. Ele era da noite, viajando pelo ar úmido de maio, um fantasma que vivia e respirava.

Quando o carro finalmente parou em frente a uma casinha numa rua de casinhas, ele se empoleirou atrás da chaminé da *Cape Cod*³³ do outro lado da rua, com a respiração regular e lenta, mas com o corpo tenso.

Quando Anne saiu do banco de trás, ele aprovou o fato de o motorista atarracado sair do volante e acompanhá-la até a porta. Na varanda da casa, eles trocaram palavras que não chegaram até ele, mas pela forma como a cabeça dela abaixou e ela segurou aquele saco de papel com suas coisas com mãos apertadas, ela parecia ao mesmo tempo decidida e exausta.

O motorista esperou até que ela estivesse em segurança lá dentro,

a porta pintada de vermelho bem fechada e uma luz acesa, suave e amarela, lá dentro.

O homem que tinha sido uma ajuda tão relutante hesitou como se estivesse preocupado com ela. Então ele enfiou as mãos nos bolsos da frente da calça e saiu pisando forte, com a testa franzida de volta ao lugar, aquele coração nada ruim claramente pesado sob toda a aspereza.

Depois que o carro decolou, Darius ficou onde estava. Anne estava andando pela casa, outras luzes se acendendo atrás das cortinas de privacidade. O fato de ninguém poder ver o interior era uma coisa boa. Ele não gostou da ideia de ela estar indefesa e altamente visível.

Embora indefesa e pouco visível, não era muito melhor.

Foi difícil ir embora. Mas ele tinha um trabalho a fazer.

A viagem de regresso àquele empreendimento de edifícios de apartamentos foi uma tarefa demorada, pois não tinha motivos para realizar a desmaterialização por etapas. Retomando sua corporeidade no gramado onde ela havia pegado suas coisas, ele olhou para seu carro do outro lado da estrada—e imediatamente se esqueceu do BMW que ele tanto amava por tão pouco tempo.

Entrando na passagem central do prédio, ele subiu as escadas de dois em dois degraus. No patamar do segundo andar, deu uma volta nas quatro portas fechadas e nos três tapetes de boas-vindas. Ele se aproximou do apartamento que não tinha nada ao pé da entrada. Ele sabia que tinha escolhido o caminho certo porque foi para lá que ela olhou assim que saiu do carro.

Fechando o punho, ele bateu na porta.

Os latidos vindos de dentro do apartamento foram imediatos e uma voz masculina aguda respondeu em tom áspero. Um bom minuto depois, as coisas foram abertas.

O humano do outro lado tinha cerca de um metro e oitenta de altura, com algum tipo de olhos claros e uma linha do cabelo que era claramente um pouco mais antiga do que em seus anos de faculdade. Dadas as suas feições ligeiramente contraídas e o torso esbelto, ele era bonito do jeito que alguém que era quase bonito superava outro cara que era solidamente mediano—e seu terno cinza claro e gravata rosa eram todos *Miami Vice*³⁴ sem praia. Ou o *Testarossa*³⁵.

— Quem diabos é você?

Darius apertou a frente da garganta do homem e empurrou.

Enquanto o cara sapateava para trás, os braços girando, a boca aberta, a porta se fechou sozinha e um cachorro marrom em uma caixa começou a latir.

Darius olhou para o vira-lata e mostrou suas presas—o que cuidou do barulho: *o canino instantaneamente se submeteu ao animal alfa na sala, caindo de barriga e colocando a cabeça entre as patas.*

Engasgos e asfixia preencheram o vazio de áudio.

Batida. O impacto das costas de seu dono contra a parede oposta da sala de estar cortou todas as batidas e tapas defensivos. Ainda assim, Darius bateu naquela coluna novamente. E de novo ...

Algo caiu de uma prateleira. Um livro ou, não, era uma fotografia emoldurada.

O cachorro choramingou quando Darius finalmente o cortou com o *toc, toc*, batendo na porta do céu, e quando ele soltou um pouco o aperto, uma respiração profunda foi arrastada. ele estava cara a cara com sua presa. *Não fale.* Em vez disso, ele foi até o lobo frontal e examinou todos os tipos de memórias.

O que ele viu o fez voltar ao aperto total, seu aperto ficando tão forte que o rubor vermelho brilhante e a boca aberta de um peixinho dourado assumiram níveis de tropo de comédia. Ou de terror.

Saindo daquele cérebro, Darius queria expor suas presas uma segunda vez—e afundá-las na jugular do pedaço de merda.

Em vez disso, ele manteve a voz baixa e profunda.

— Você conhece a Anne?

Clicando na língua. Fungando. Engolindo em seco. E se aqueles olhos se arregalassem ainda mais, eles saltariam e se transformariam em projéteis que Darius teria que se abaixar.

Ele relaxou um pouco da pressão novamente.

— Patrícia Anne Wurster. Você a conhece?

— *O-o-o-o-que* ... sim, sim, eu a conheço.

— De agora em diante, deixe-a sozinha. Se eu pegar você em qualquer lugar perto dela, mesmo andando no mesmo lado da rua no centro da cidade, eu vou cuidar de você. Estamos entendidos? Você não chega perto dela, não liga para ela, não manda carta ou pombo-correio. Nenhum contato, não depois desta noite, se você quiser continuar vivo.

O homem respirou fundo.

— Quem é você?

— Eu sou a fada madrinha dela, é quem eu sou. E eu vou bater em você até a morte, você entendeu?

Quando aqueles olhos se arregalaram novamente, Darius se aproximou ainda mais. — Vou matar você com minhas próprias mãos e eles nunca encontrarão seu corpo. Você não tem mais negócios com ela. Acene com a cabeça se você me entendeu.

— O q-quê? O quê?

Terminada a conversa, Darius pegou o homem pela garganta e o jogou do outro lado da sala. O idiota peso-morto caiu meio no sofá, meio fora do sofá, a rachadura resultante sugerindo que alguma vértebra ou outra estava protestando contra um grave desalinhamento —e uau, parecia que a gravidade funcionava com os sacos de merda: *as consequências do deslizamento do braço acolchoado estavam tão próximas de desossadas quanto um macho adulto qualquer coisa poderia ficar, o torso rolando apático, membros superiores caindo, pernas emaranhadas, até que houve um solavanco no tapete.*

Darius foi até o cara. No curso normal das coisas, quando humanos e vampiros se misturavam, o lado com presas da equação apagava qualquer memória da interação. Ficar fora do radar sempre foi a principal diretriz. Ou quase sempre.

Amnésia não era o que aconteceria esta noite.

Agachando-se, Darius travou novamente aquela garganta.

— Vou te matar, você entende. E farei isso lentamente.

— Quem ... é você? —a voz rouca ecoando.

— Não é com isso que você precisa se preocupar. Se quiser continuar vivo, nunca mais vai mexer com Anne Wurster. Agora acene com a cabeça, ou farei você responder afirmativamente, e você não vai gostar da sensação.

A resposta foi vigorosa, como se alguém tivesse perguntado se ele queria um bilhete de loteria premiado. Férias com todas as despesas pagas no *Caribe*³⁶. Um carro novo.

— Ótimo. —Darius soltou seu aperto e se endireitou. Então ele olhou em volta. O apartamento era azul-marinho e estava terrivelmente arrumado, tudo em seu lugar, nem um jornal na

mesinha de centro, um prato perdido na cozinha, uma mancha de xixi do cachorro no tapete ...

Ele se aproximou e pegou a fotografia que havia caído da prateleira. Foi uma foto artística, em preto e branco de um campo coberto de neve.

— Você tirou essa foto? —Darius perguntou.

O cara se ergueu um pouco. Escorregou quando sua mão escorregou por baixo.

— Sim, eu tirei.

— Você gosta de fotografar, então?

— *Uh*, sim.

Darius quebrou a moldura ao meio, o vidro se estilhaçando e cortando sua palma. Deixando os fragmentos caírem no tapete, ele sacudiu a impressão frágil e brilhante.

O apartamento não era tão grande, então era uma curta viagem até os quatro queimadores de gás da cozinha. Acionando o da frente, ele olhou para Bruce Allen McDonaldson Jr.

O cara estava sentado de bunda, o paletó preso sob as axilas, a gravata rosa no ombro—os olhos piscando míopemente a meia distância à sua frente. Que era o que os valentões faziam quando implicavam com a pessoa errada e levavam uma bofetada de alguém maior e mais forte do que podiam aguentar.

— Ei, Brucey, —Darius gritou enquanto estalava os dedos.

A cabeça do cara levantou e girou como se ele tivesse sido treinado.

Mesmo com o balcão e a pia entre eles, Bruce tinha uma visão clara do fogão e, enquanto seus olhos focavam adequadamente, Darius baixou a imagem para a chama. Quando a coisa estava queimando adequadamente bem no canto, ele devolveu a vela Kodak ao amador *Helmut Newton*³⁷.

Abaixando-se, ele ajustou a fotografia entre seus rostos, de modo que pudesse olhar através dos cachos famintos de laranja e amarelo. Então ele estendeu a mão da adaga e colocou a pequena fogueira na palma da mão aberta. A dor que sua pele queimava junto com a imagem era uma picada doce que aguçava seu propósito, seu compromisso.

Não que ele precisasse de ajuda com isso.

Do outro lado da pequena fogueira, os olhos do humano estavam arregalados novamente—e então não havia nada além de cinzas cinzentas e pretas, e o cheiro de produtos químicos e carne.

Ainda mantendo contato visual, Darius colocou os dedos indicador e médio nas cinzas, espalhando a fuligem até que as pontas de ambos ficassem pretas como a noite.

Enquanto isso, Bruce parecia que ia se mijar ...

Oh espere. Ele já tinha.

Darius mudou para a língua antiga.

— *Pela minha honra e pela honra de minha linhagem, eu marco você como minha presa e de mais ninguém, exceto a vontade do Rei a quem sirvo.* —Ele desenhrou um X sobre uma das pálpebras trêmulas do homem. E então o outro. — *Se você violar seu voto para mim, você conhecerá uma agonia como a de Dhunhd e além, sob minha mão e minha adaga. Então eu juro esta noite e para sempre, em nome da grande Virgem Escriba.*

Darius também marcou um X na boca do homem e voltou ao inglês.

— Virei lhe buscar, na escuridão. Só me verá quando for tarde demais. E vou fazer você sofrer.

Essa última palavra foi prolongada até se tornar um grunhido, no fundo de seu peito.

Levantando-se, ele pairou sobre o homem. Ele teria tirado a vida do filho da puta ali mesmo, se pudesse. Ele queria ver aqueles olhos ficarem escuros como o interior de uma sepultura. Mas ele sabia que Anne não aprovaria o assassinato. Ela gostaria que o homem tivesse a chance de ir em paz. Além disso, se Bruce desaparecesse esta noite, ela saberia quem fez isso e se culparia.

E alguém precisaria cuidar do cachorro ...

— Essa é a porra do sapato dela. —Darius disse abruptamente.

O sapato estava de lado, ao lado das tigelas de água e comida do cachorro. Marcas de dentes perfuravam o couro da parte superior e também da sola, e faltava os fechos na faixa da frente.

Darius pegou os bens dela e foi até a porta. Abriu as coisas

novamente. Deu uma última olhada no aterrorizado saco de moléculas à base de carbono que tinha três Xs brutos em seu rosto branco e pastoso.

Esparramado ali em suas roupas desordenadas de *Don Johnson*³⁸, Bruce parecia ter participado de uma briga de bar. E havia perdido.

— Experimente. —Darius disse suavemente. — Por favor. Quero tanto matar você agora que posso sentir o gosto do seu sangue na minha língua.

Saindo do apartamento, ele certificou-se de que a porta fechasse silenciosamente. Porque, na verdade, depois de marcar um homem para a morte, você não precisava falar alto sobre sua partida?

Descendo as escadas, Darius fantasiou mais uma vez sobre rasgar a garganta que estava em sua palma com suas presas. A especificidade da visão e o prazer que a acompanhava desmentiam o seu temperamento fundamentalmente pacifista. Ao contrário de muitos na Irmandade da Adaga Negra, ele era um vampiro que era violento apenas quando necessário.

Mas se alguém quisesse machucar aquela mulher?

Eles estavam pedindo um cadáver muito bagunçado.

Capítulo 5

NO FINAL DA TARDE SEGUINTE, ANNE REFLETIU QUE O transporte público em qualquer cidade era sempre um *diagrama de Venn*³⁹, um conjunto de rotas predeterminadas que tinham tanto a ver com eficiência quanto um rato em um labirinto.

Sentada três fileiras atrás do motorista do ônibus, ela olhava pela janela nublada. Ela tinha cerca de oito minutos restantes para esta etapa de sua jornada. E então cerca de seis minutos de caminhada.

Para chegar à casa de Bruce.

Colocando sua segunda melhor bolsa no colo, ela balançou no banco que tinha para si mesma e estremeceu quando seu quadril ruim foi forçado a suportar mais da metade de seu peso. O buraco em seu estômago piorou à medida que o ônibus avançava e, quando chegaram ao ponto, ela pensou que fosse vomitar quando os freios rangeram. Das cerca de uma dúzia de pessoas que viajavam com ela, ela foi a única que desembarcou e puxou o casaco leve para mais perto quando saiu para a calçada. Deixada na poeira, o cheiro doce de diesel fez seu nariz coçar enquanto o restante dos passageiros era levado mais

adiante na linha.

A oeste, o sol baixo brilhava quente e lindo no horizonte, e ela disse a si mesma que era um bom presságio. Na realidade, provavelmente não significou nada.

Deus, ela não tinha certeza se tinha energia para fazer isso. Além de suas responsabilidades normais no trabalho, o dia foi repleto de pessoas pedindo que ela explicasse seus ferimentos. Ela não sabia o que dizer, e a meia verdade que ela compartilhou com quase todo mundo tinha sido uma repetição exaustiva para tirar do seu bolso de conversa uma e outra vez.

Ela só contou a história toda para duas pessoas ... uma das quais cometeu um erro. Portanto, toda a empresa provavelmente já sabia de tudo.

Bem, tudo, exceto seu homem misterioso. Ela o manteve totalmente para si.

Mas ela não podia se preocupar com fofocas no escritório. Não, ela tinha outras coisas em mente agora.

Com essa nota, ela saiu mancando e se concentrou no parque que ficava do seu lado da estrada. A linha das árvores recuava e avançava novamente, subindo e descendo como se a coleção de bordos e carvalhos estivesse inspirando e expirando e o pavimento de cimento em que ela estava fosse sua caixa torácica. Através da nova vegetação verde-clara, ela podia ver ciclistas pedalando por um caminho sinuoso dentro dos limites da cidade, e ao longe, pedestres fazendo pausas em cobertores e brincando com cachorros.

Ela invejava a vida fácil deles, embora fossem estranhos e ela não conhecesse nenhum detalhe.

Então, novamente, era assim que funcionava o destino de outras pessoas olhando as vitrines, certo?

Ela parou quando chegou às marcas de pneus que saltaram do meio-fio, atravessaram a calçada e marcaram a grama em dois sulcos profundos. A árvore que havia sido atingida não estava a mais de três ou quatro metros de distância, e as cicatrizes recentes em seu tronco pareciam cortes na carne. Virando-se para a estrada, ela localizou onde ela e o BMW haviam apertado as mãos proverbiais. Foi onde começaram as marcas de derrapagem.

Atravessando a rua, ela passou por cima das manchas pretas de borracha na linha branca pontilhada que separava as faixas de saída ...

e então fez o mesmo na faixa dupla amarela no centro. Depois disso, ela navegou pelas pistas de entrada e, finalmente, pela subida gramada até o prédio de Bruce. Ao entrar na passagem aberta, ela se sentiu agarrar a bolsa como se houvesse uma arma nela. O que, claro, não havia.

Do outro lado, no estacionamento, seu Datsun branco estava parado.

Fechando os olhos, ela colocou a mão na balaustrada da escada.

No segundo andar, uma porta se abriu e alguém com sapatos de sola dura saiu de um apartamento. Houve uma batida abafada e depois o tilintar de chaves.

Engolindo em seco, Anne recuou até a porta da primeira unidade do prédio. O sopro de perfume era tão forte que ela teve que esfregar o nariz para limpar um espirro, e então um par de botas de cano curto desceu os degraus de aço. A mulher loira com um casaco azul brilhante saiu sem perceber que Anne estava ali, seu andar confiante levando-a para o estacionamento em um ritmo estridente. O fato de ela ter entrado em um *Chevy Chevette vermelho* com listras de arco-íris em ambos os lados parecia certo e, ao partir, Anne sentiu outro lampejo de inveja.

Certamente esse tipo de autoconfiança era Teflon para um dia ruim de merda caindo na sua cabeça.

Voltando para a escada, ela subiu num movimento desajeitado, sentindo como se seu quadril fosse travar a qualquer momento. No patamar do segundo andar, ela foi até a porta de Bruce, ajeitou a jaqueta e enfiou a bolsa debaixo do braço. Como se ela estivesse em uma entrevista de emprego e prestes a ser assaltada.

Ela bateu. E recuou.

Limpando a garganta, ela se perguntou se fazer alguns aquecimentos vocais ajudaria a dizer “*Devolva minha identidade e cartão de crédito*” com mais convicção. Talvez ela só precisasse de botas e meia garrafa de Giorgio. E uma peruca loira ...

Franzindo a testa, ela deu um passo à frente e bateu novamente.

Então ela olhou em volta, como se isso fosse mudar alguma coisa.

— Bruce, —ela disse. — Eu sei que você está aí. Eu só quero minhas ...

A porta abriu uma fresta, a corrente de segurança impediu que ela

se alargasse muito.

— Aqui. Pegue-os. — Saindo da fenda, sua identidade e seu MasterCard caíram no concreto. — Não volte, —disse ele. Então ele bateu a porta.

O som da fechadura sendo acionada foi uma surpresa tão grande que Anne ficou ali parada e piscou. Ontem à noite, ele estava se gabando de que não precisava dela ou “*daquela porra de escritório de advocacia*”, de qualquer maneira, que estava fazendo grandes mudanças graças a uma oportunidade importante, e que ela não era nada mais do que uma secretária que não iria acompanhá-lo.

Ah, e ele também disse que ela estava cometendo o maior erro de sua vida.

Depois disso, ele veio até ela fisicamente.

Memórias do ódio em seus olhos a trouxeram de volta à atenção. Lutando para pegar o pedaço de plástico e a foto plastificada de si mesma, ela desceu as escadas apressadamente. A ironia de que o homem que perdeu a cabeça com ela na noite anterior simplesmente a excluiu, era rico. Por outro lado, Bruce provou ser inesperado de várias maneiras, nenhuma delas boa. Ao chegar ao nível mais baixo, ela saiu pelo outro lado da passagem aberta e mancou de volta em direção à estrada. A bolsa e a carteira arruinadas ela poderia recuperar com bastante facilidade, mas não estava ansiosa para se envolver com o MasterCard para substituí-la. Pelo menos não havia como ele ter feito compras com o dela. Ele não parecia uma Anne ...

Do outro lado da rua, um carro prateado com vidros escuros parou no acostamento do local do impacto do acidente, com o pisca alerta ligado. Perto dali, um homem de bigode e paletó esporte xadrez tirava fotos de tudo, desde as marcas no meio-fio até os sulcos na grama e aquela pobre árvore.

Anne disse a si mesma para deixar isso como está. Que a BMW e seu proprietário não eram da sua conta, mesmo que ela não tivesse pensado em mais nada durante o dia.

Claro que se aproximou.

O homem baixou a câmera. — Posso ajudar?

— Eu estava apenas ... ah ...

Ela procurou seu rosto, tentando ler sua expressão. Seus olhos escuros pouco revelavam.

— Acho que houve um acidente aqui, *hein?*

— Sim

— Você está ... na polícia? Ou alguma coisa.

— Detetive Gonzales.

Um distintivo foi retirado do bolso da camisa e exibido.

— Você mora neste bairro?

Quando o olhar do homem mudou para a entrada do beco sem saída, Anne balançou a cabeça.

— Não, acabei de passar por aqui. — Para recuperar a identidade e o cartão de crédito de um homem que a atacou. — Eu só estava visitando um amigo rapidamente.

— Oh, Okay. — Houve uma pausa. Então o detetive franziu a testa e apontou as marcas de derrapagem com sua câmera. — Você sabe alguma coisa sobre o que aconteceu aqui?

A imagem do homem que a ajudou a chegar ao pronto-socorro ficou tão clara em sua mente que ela sentiu como se ele tivesse se interposto entre ela e o policial.

— Não, eu não sei.

O detetive enfiou a mão no paletó novamente e tirou um cartão de visita.

— Bem, se você se lembrar de alguma coisa, me ligue. Apenas no caso de lembrar de algo.

— Eu disse que não sabia ...

— Pegue isso de qualquer maneira.

Ela estendeu a mão e não gostou do fato de sua mão tremer.

— Obrigada.

— Você está bem?

— Oh, sim. — Ela enfiou a mão no bolso da jaqueta. — Claro. Sim.

— Sua cabeça está bem?

— Desculpe?

Ele apontou a câmera novamente, como se a coisa fosse uma extensão dele e ele estivesse acostumado a tratá-la como uma mão.

— Você tem um curativo na têmpora.

Anne tocou levemente a testa e decidiu que realmente não seria uma criminosa muito boa.

— *Oh.* Não é nada. Eu escorreguei e caí. Em meu próprio banheiro.

O detetive sorriu com aquela boca dura, mas não com seu olhar penetrante — Isso acontece. Afinal, a maioria dos acidentes ocorre em casa.

— Verdade? Eu não sabia disso. Bem, tenho que pegar o ônibus.

— Okay, cuide-se.

— Você também.

Quando ela se virou, o detetive disse.

— Eu não peguei seu nome.

— Anne. —Ela olhou por cima do ombro. — Anne Wurster. Você quer meu endereço também?

— Não. Quando conheço alguém novo, gosto apenas de fazer apresentações. Espero que sua cabeça se cure rápido.

— Não está doendo.

— E esse seu mancar também.

Resmungando alguma coisa, qualquer coisa, Anne saiu correndo, consciente de que sim, ela realmente estava favorecendo aquele lado ruim, não estava?

O resto do caminho de volta ao ponto de ônibus foi um borrão. A única boa notícia sobre a presença do detetive no local do acidente era que ela não se preocupava tanto com a possibilidade de um Datsun branco vir atrás dela. Claro, Bruce disse a ela para ficar longe, mas ele mentiu. *Sobre tudo.*

Quando chegou ao ponto de ônibus, não havia ninguém dentro da caixa de acrílico e ela se sentou no banco de madeira, estremecendo quando seu quadril protestou. Colocando a cabeça entre as mãos, ela sentiu como se o mundo pudesse estar girando e, quando ficou enjoada, endireitou-se novamente e tentou encontrar algo para se distrair.

As pessoas não foram gentis com o banco, gravando nomes e iniciais nas ripas de madeira, as cicatrizes de corações apaixonados e “4evas” ⁴¹ estragando as horizontais desgastadas.

Da mesma forma, havia arranhões em todos os painéis de plástico transparente que margeavam a laje de concreto e, à medida que a luz do dia diminuía, os faróis dos carros que se aproximavam tornavam as coisas de um branco leitoso.

Como se ela estivesse sentada em uma nuvem.

Ela pensou no homem com lindos olhos que fez o que pôde para consertar as coisas. Parecia estranho sentir falta de alguém que ela não conhecia.

Mudando o peso para aliviar a pressão na pélvis, ela sabia que precisaria de outra rodada de aspirina esta noite e imaginou que amanhã provavelmente ficaria ainda mais dolorida. Ela sempre descobriu que dois dias depois de uma lesão era o pior—*Wurster*—para inchaço e dor.

Ela nem sabia o nome dele.

Provavelmente deveria ter tirado uma página do livro do detetive e feito uma introdução adequada, *hein*.

— *Droga*. —Ela murmurou.



NA PORTA DO QUARTO DE Darius, na suíte master, havia muita agitação acontecendo. Totalmente vestido para a guerra, com armas no coldre do peito e munições de reserva amarradas aos quadris, ele deu mais uma volta em torno de sua mesa antiga ... depois atravessou o tapete persa e passou ao lado de sua cama ... e terminou o circuito com um balanço perto da porta fechada para a escada.

Nenhum território novo. E ele fez a viagem novamente.

Ele estava voltando para atrás da mesa quando uma batida suave fez sua cabeça girar. — Sim?

Exceto que ele sabia o que era. Ele podia sentir o cheiro do ...

Os pesados painéis de madeira se abriram. Fritz, mordomo extraordinário, estava de pé no corredor raso na base dos degraus de pedra. Entre suas mãos, uma bandeja de prata esterlina polida até ficar brilhante sustentava uma tradicional Primeira Refeição coberta

de cloche, com ovos, torradas, salsichas e batatas fritas. Também havia muito café fresco e suco de laranja, porque os *doggen* nunca esqueciam as bebidas.

Como Darius, o macho idoso estava vestido para o seu trabalho, o formal terno preto e gravata, e sapatos pretos engraxados, o que ele sempre usava até a Última Refeição, quando vestia gravata preta e fraque.

Além disso, a preocupação estampada em seu rosto enrugado era uma parte perene de seu uniforme: *apesar de ser a personificação do serviço perfeito, ele estava sempre ansioso, como se consequências terríveis estivessem prestes a cair como um piano em sua cabeça.*

E atualmente, Darius sabia qual era o problema, mas não podia ajudar o macho.

— *Sire*⁴².

O mordomo curvou-se diante da comida que preparara com tanto carinho. — Na sua mesa?

— Obrigado, Fritz.

O *doggen* atravessou o quarto e colocou a bandeja ao lado do *mata-borrão*⁴³. Então ele recuou, ajustou a jaqueta formal e olhou para o chão.

— Ele não vai comer nada, — Darius disse gentilmente.

— Mas talvez, se eu perguntasse a ele?

— Você honestamente quer acordá-lo?

— Talvez você possa, senhor? — O velho tremia diante da ousadia de pedir ajuda de qualquer tipo ao seu mestre. Mas, de acordo com seu ditado tradicional e arraigado de servir quem ficasse o dia, ele estava preso entre uma verdadeira cruz e a espada. — É muito, *muito* menos provável que ele mate você, senhor.

Este último foi abordado com uma dose de otimismo esperançoso, embora fosse difícil dizer se isso estava ligado ao fato de Darius concordar com o pedido ... ou viver a interação proposta.

Darius balançou a cabeça. — Não quero dar desculpas para ele não vir aqui. Pelo menos sabemos onde ele está quando está do outro lado do corredor.

Os dois olharam para fora da suíte-master. Do outro lado do espaço raso, a porta dos aposentos de hóspedes estava bem fechada—e

considerando o que havia dentro, a câmara deveria estar trancada três vezes. Acorrentada. Barricada.

Era o que se fazia para manter os monstros longe do público em geral.

— *Abrigo* é tudo que podemos fornecer a ele. —Darius disse tristemente.

— Eu gostaria que houvesse mais, senhor. —O *doggen* curvou-se novamente e depois mudou de assunto com uma resignação palpável. — *Ah*, seu carro está na garagem. Você não me deu instruções sobre se deveria ser consertado ou enviado para o ferro-velho. Então achei melhor manter os restos mortais no local até você decidir.

Como se fosse um cadáver—e toda a questão da autópsia estivesse no ar.

— Obrigado, Fritz. —Deus, ele tinha esquecido completamente do BMW. — Lidarei com isso mais tarde.

— Como quiser. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Não, eu estou bem.

O *doggen* dirigiu-se para a porta. Parando entre os batentes, ele disse distraidamente: — Eu estava pensando que poderíamos servir cordeiro na Última Refeição?

Darius balançou a cabeça. — Ele não voltará no final da noite. Ele nunca fica dois dias seguidos.

— Mas é claro. —A expiração foi uma expressão de tristeza e arrependimento. — Por favor, me chame se houver algo que eu possa fazer.

— Eu irei ... e Fritz?

Enquanto o *doggen* olhava por cima do ombro, Darius desejou poder ter abraçado seu fiel servo. Contudo, dado o código de conduta *doggen*, tal demonstração de emoção causaria paralisia total por parte do mordomo. Talvez até uma parada cardíaca.

— Não é sua culpa, okay? E não há nada que você possa fazer. Tente não levar as coisas para o lado pessoal.

— Obrigado, senhor. Tentarei seguir seu conselho.

Com uma última reverência, Fritz saiu—embora tenha havido

outra pausa na base da escada, como se ele estivesse novamente impressionado com sua incapacidade de servir o irmão que dormia o sono sem sonhos dos vingativos por trás daquela porta pesada.

— Vá em frente, Fritz. —Darius disse suavemente.

O mordomo obedeceu às instruções, subindo os degraus de pedra iluminados por lanternas que subiam até o primeiro andar da mansão. Quando passos soaram acima de suas cabeças, silenciosos e como sempre respeitosos, Darius também sentiu alguma angústia.

Sem um comando consciente, seus próprios pés o tiraram de seus aposentos privados e atravessaram a pequena área aberta. Parado diante dos robustos painéis de carvalho, ele considerou o *truísmo* de que deixar os ursos sem cutucar era uma ótima ideia ...

Ele estendeu a mão e segurou o mecanismo de travamento.

Sem fazer barulho, levantou o pino do seu lugar e puxou o cabo. O peso da porta era tal que ele acrescentou seu ombro ao esforço, mas ao contrário de sua aparência antiga e digna de masmorra, não houve nenhum rangido digno de vampiro nas dobradiças.

A luz bruxuleante das lanternas da escada perfurava a escuridão da câmara, iluminando a figura deitada na plataforma vermelha e preta da cama com um brilho hesitante.

Como se até a chama tivesse medo do homem.

Wrath, filho de Wrath, o último vampiro de raça pura na terra, o herdeiro do que foi, sob seu mandato, o trono não reclamado da espécie, estava deitado completamente vestido e de bruços na cama king-size, seus longos cabelos negros eram uma mortalha que cobria a cara dele. Ele era tão alto que a parte inferior das pernas pendia para os lados, e tão largo que preenchia o espaço entre as pilhas de travesseiros macios e o edredom dobrado no estribo. Ele nem tinha tirado as botas com biqueira de aço, as solas mostrando a Darius seu passo pesado.

E ele estava armado, mesmo em repouso: *em sua mão esquerda, uma estrela ninja prateada estava presa com força, e embora Darius não pudesse ver o lado direito das coisas, ele estava disposto a apostar que havia um cabo de adaga na outra palma.*

A guerra com os assassinos pálidos e sem alma da Sociedade Lesser durou muito tempo, a comunidade de vampiros lutando para sobreviver contra a legião de assassinos do Ômega, a Irmandade da Adaga Negra como sua primeira e única linha de defesa. E Wrath

claramente encontrou uma luta ou duas antes de cair durante o dia. O cheiro de talco de sangue do inimigo saturava o ar da câmara, mas esse não era o único cheiro. Wrath havia sido ferido recentemente ...

— O quê é?

Darius respirou fundo. — Apenas verificando se você está vivo.

— Que horas são?

— Você quer que eu vá buscar Marissa? Você precisa se alimentar?

Embora colocadas como perguntas, na verdade eram afirmações. Claramente, o macho precisava ...

A cabeça de Wrath se levantou e lentamente se virou para olhar por cima do ombro corpulento. Com a mão que segurava a mortal arma de artes marciais, ele tirou uma mecha de cabelo preto do rosto, aquelas pontas afiadas da estrela tão próximas de áreas sensíveis. Não que ele parecesse se importar.

Olhos verdes pálidos com pupilas minúsculas olhavam míopes através da câmara.

— *Horas?*

— Você ainda tem umas boas duas horas, — mentiu Darius. Porque se ele dissesse ao irmão que faltavam apenas cerca de quinze a vinte minutos antes que fosse seguro sair, Wrath iria embora agora e para o inferno com a queimadura solar nuclear.

Essa cabeça voltou para baixo e a caixa torácica expandiu-se e contraiu-se.

— Você é sempre bem-vindo aqui, — Darius disse. Quando não obteve resposta, olhou ao redor do quarto familiar. Em uma mesa lateral, três potes com tampas incompatíveis estavam agrupados. Um deles era azul e brilhante, mas barato, o tipo de coisa que você encontraria em uma loja de bairro ou em uma prateleira de produtos domésticos da Sears. Os outros dois eram velhos, a pátina da idade embotando os contornos esmaltados que haviam sido feitos à mão, e não à máquina.

— Você quer que eu leve isso para a *Tumba*? — Darius perguntou.

— Isso vai me economizar tempo.

— Okay. Irei por você mais tarde.

Não que o Rei que não lideraria se importasse muito com a tradição. Sem dúvida, ele só capturava os potes de suas mortes quando era conveniente—e considerava uma perda de tempo colocá-los no saguão sagrado da Irmandade da Adaga Negra, junto com os milhares de outros.

— Você sabe, —Darius se esquivou, — Fritz pode fazer qualquer coisa para você se você quiser comer. Na verdade, se você não se importasse em satisfazê-lo, seria um grande avanço para ...

Avanço para quê? ele se perguntou enquanto deixava sua voz sumir.

Não houve resposta novamente, mas Wrath não estava dormindo, e era duvidoso que ele voltasse a qualquer tipo de sono. Por outro lado, na maior parte do tempo, o Irmão era alimentado pelo poderoso acelerador do ódio, exigindo um mínimo de sustento, sangue ou descanso para continuar.

Desistindo, Darius recuou e fechou a porta.

Por um momento, ele considerou jogar tudo fora e sair sozinho. Mas então ele olhou para dentro de seu quarto e viu a comida que havia sido preparada para ele.

Com um pressentimento pela espécie, foi até sua mesa, sentou-se e colocou o guardanapo de damasco no colo. Pegando um garfo de prata esterlina, ergueu o cloche e começou a comer. Apesar das terríveis realidades da guerra, ele encontrou sua motivação para caçar os lessers, matá-los e fazer com que seus potes vazassem.

Então, novamente, ele tinha outra coisa em mente.

Ou melhor, alguém.

Merda.

Capítulo 6

— SIM ... ISSO MESMO. UM BMW, PERTO DA ESTRADA EM ASHLEY Park. — Enquanto Anne falava ao telefone, ela caminhou até o fogão, o cordão de arabescos se expandindo de sua unidade montada na parede. — Oh, tudo bem. Não. É isso. Desculpe incomodá-lo. Obrigado.

Ela tirou o receptor dourado da orelha ela mexeu a sopa de tomate Campbell's. Depois voltou para a escrivania embutida, pendurou as coisas e debruçou-se sobre as páginas amarelas. Mais dois serviços de reboque para ligar e eram quase sete horas. Tirando o fone do gancho, ela discou os sete dígitos para Reboque de Salvatore. Como não houve resposta, ela passou para a última entrada, T&T Reboque 24 horas.

Nenhuma resposta.

Talvez tenha sido um sinal.

— Mas já passava das cinco quando comecei, —ela disse enquanto se aproximava e colocava dois pedaços de pão Wonder na torradeira. Muitos lugares tinham escritórios que já estavam fechados. E não foi como se o homem tivesse empurrado o carro para casa.

Amanhã. Ela ligaria para os outros que não atenderam novamente amanhã.

Quando as coisas estavam quentes o suficiente na panela, ela despejou um pouco da sopa em uma tigela, foi até a torradeira e pegou um prato do armário junto com um pouco de manteiga da geladeira. Depois que as coisas estouraram, ela sentou-se à mesa, esqueceu uma colher para a sopa e levantou-se novamente.

— Oh, meu Deus! —ela gritou enquanto pulava.

Alguém estava parado na pequena varanda dos fundos. Do outro lado da porta de correr. A forma enorme não passava de uma sombra porque ela não havia ligado o dispositivo de segurança.

Toque. Toque. Toque.

Estendendo cegamente a mão para pegar o telefone, ela tentou lembrar qual era o número da delegacia. Ela deveria saber que Bruce faria isso. Que ele não poderia deixar as coisas terminarem onde terminaram. Seria aquele o sapato que faltava?

— Anne ... sou eu.

Por um momento, as palavras abafadas não foram registradas. Ela estava muito distraída com a voz. Aquela voz profunda, baixa e lindamente acentuada.

— Não pretendo que isso seja estranho nem nada. —disse o homem do pronto-socorro através do vidro. — Mas eu bati na sua porta algumas vezes, e quando você não atendeu, eu só ... bem, eu queria trazer isso de volta e fiquei preocupado ...

Anne contornou a mesa, destrancou a porta e abriu-a.

E lá estava ele. O homem em quem ela pensou o dia todo... bem como durante a noite anterior, quando ela não dormiu.

Ele era exatamente como ela se lembrava. Bem, talvez um pouco mais alto, um pouco mais largo, um pouco mais ... surpreendente.

— Sinto muito, —ele disse suavemente com aquele seu sotaque. —Lembrei-me do seu endereço quando você deu entrada na sala de emergência e pensei que você iria querer isso de volta e ...

— Estou tão feliz que você está aqui, —ela engasgou.

Houve uma pausa.

— Você está?

Quando ela assentiu, ele a olhou nos olhos como se tivesse esquecido como falar ... ou talvez tivesse ouvido palavras que não esperava.

— Desculpe, —ele murmurou. — Eu estou apenas ...

— O quê? —Ela sussurrou.

— Aqui. Seu sapato.

Ao pegar o mocassim de volta, ela o aninhou contra o peito como se ele tivesse devolvido um animal de estimação perdido no meio de uma tempestade de gelo.

— Você quer se juntar a mim?

Ela recuou e indicou a mesa frágil com a mão dela.

— Acabei de fazer uma sopa. Não é nada sofisticado.

Bem. Se essa não fosse a oferta mais idiota que ele já recebeu. É como perguntar a um tigre se ele gostaria de comer uma salada. Ou talvez um Tic Tac.

— Eu adoraria entrar, —disse ele. — Obrigado.

Quando ele entrou na casa dela, ela mediu novamente o corpo dele com sua visão periférica—enquanto tentava não fingir que estava fazendo um inventário corpóreo do pobre rapaz. Só que então ela abandonou todo o fingimento e simplesmente olhou para ele.

— Oi. —Ele disse com um sorriso gentil.

— Achei que nunca mais veria você.

Na pausa que se seguiu, ela teve a estranha sensação de que ele queria abraçá-la. O que foi bom. Ela queria abraçá-lo também. Tudo isso parecia um reencontro de duas pessoas que estavam separadas por muito tempo e distância.

Em vez de apenas vinte e duas horas e tantos quilômetros de Caldwell.

— Você dormiu? —Ele perguntou.

— Não. —Para alguém que não falava muito sobre si mesma, era incrivelmente fácil ser honesta com ele, e não apenas por causa da dor.

— A cabeça girou?

— A noite toda. —Não havia razão para mencionar que foi porque ela estava consumida pensando nele. — Isto não foi um depoimento.

— Depoimento? —Ele perguntou.

Oh droga.

— Eu tive sonhos. Eu estava no tribunal.

— Isso é ruim. E você nem estava ao volante. —Ele encolheu os ombros. — Mesmo assim, um encontro com a morte faz-nos pensar coisas malucas.

Concentrando-se em suas roupas pela primeira vez, ela pensou que ele parecia um soldado, só que sem nenhuma insígnia militar dos EUA em sua pesada jaqueta de couro. Mas aquelas eram definitivamente botas de combate em seus pés ... e ela se perguntou o que eram as protuberâncias sob seus braços e o que havia dentro de todos os bolsos de suas calças pretas.

— Está tudo bem, Anne, —ele disse calmamente. — Eu não estou aqui para machucá-la.

— Eu sei que você não vai. — Como ela tinha tanta certeza disso, ela ... bem, ela não estava certa nessa parte. Mas, no fundo de sua alma, ela estava certa de que ele não lhe faria mal algum. — Você nunca me machucaria.

— *Nunca.*

Depois de um silêncio que parecia vibrar, ela voltou a falar de sopa e ele disse qualquer coisa como. *‘Está ótima’* ou *‘será ótimo’*.

E então ela foi até a geladeira, listando o escasso conteúdo. Como se ela os estivesse declarando na alfândega depois de férias na Europa. Por que ela não poderia ter ido às compras depois do trabalho? Ou a qualquer momento nesta maldita semana?

Este era um homem que precisava de mais do que tomates líquidos quentes para o jantar.

— Estou realmente bem. — Ele se sentou em frente ao lugar dela. — Sou grato por tudo.

Anne fechou a porta da geladeira e se perguntou que tipo de colônia ele estava usando. Foi positivamente ... delicioso—o que ela estava fazendo? *Oh, certo.*

— É maravilhoso pão com manteiga como acompanhamento, — ela disse. Anne deu-lhe a outra metade do que estava na frigideira, preparou mais torradas iguais às dela e trouxe a tigela dele. Ele não começou a comer, nem mesmo levantou a colher que ela lhe deu, até que ela se sentou e retomou a sua própria refeição Campbell's, e ela não pôde deixar de reparar que ele tinha maneiras perfeitas à mesa.

Enquanto comiam, o silêncio entre eles era quase terno. E serpenteando dentro e ao redor do silêncio havia correntes que ela não queria olhar muito de perto.

Pelo menos para ela havia correntes.

Pop! foi a torradeira.

Anne foi a única que se assustou com o som. E ao se levantar, ela deixou escapar: — Acho que meu ex teria me matado ontem à noite.

Quando os olhos do homem se estreitaram, ela não conseguia acreditar no que havia saído de sua boca. Por outro lado, ela estava tão desesperada para não pensar em coisas como o tamanho dos ombros dele ... ou se ele estava olhando para ela ... ou como sua boca parecia muito ...

Sim, todas essas coisas tinham que ser mantidas bem e escondidas. E Deus sabia que não havia parede de tijolos melhor do que Bruce.

— Diga-me o que aconteceu, —pediu seu homem misterioso enquanto ela colocava a torrada em um prato e passava manteiga. — Eu sei que sou um estranho, mas às vezes é bom apenas dizer as coisas em voz alta. Sei que gostaria de ter alguém com quem conversar a maior parte do tempo.

Como esse homem grande e lindo estava sozinho? ela se perguntou enquanto trazia os carboidratos.

— Você não tem uma ... —Ao colocar as coisas na frente dele, ela se atrapalhou com a palavra '*esposa*'. — Você mora sozinho?

— Moro com um velho amigo.

— *Oh?*

— Ele cuidou de mim e da casa em que morei desde sempre.

— *Oh?* —Ela disse com uma dose de alívio.

— Conte-me sobre seu ex.

Abaixando os olhos, ela mexeu a sopa de tomate gelada e congelada em sua tigela ... e tentou não pensar em como, sob a luz certa, parecia sangue.

— Eu, *ah*, conheci Bruce há cerca de dez meses. Faço processamento de folha de pagamento em um escritório de advocacia. Meu trabalho é tão exótico quanto esta torrada. —Ela deu uma mordida na segunda torrada. — Ele entrou para se candidatar a um emprego como assistente jurídico e se perdeu. É um lugar grande, você sabe, nossos escritórios no centro da cidade. Quatro andares, setenta advogados, pessoal de apoio de mais de cem. —Ela fez uma pausa ao se lembrar daquele primeiro encontro, Bruce em seu terno azul escuro, o cabelo penteado para trás, uma maleta na mão. Sua gravata estava tão reta, as calças tão engomadas, os sapatos bem polidos. Ele parecia focado e direcionado. Determinado e inteligente.

Um homem com horizonte, em oposição ao beco sem saída em que ela se encontrava.

— Pensando nisso, agora percebo ... —Ela encolheu os ombros. — Bem, isso não importa. Ele acabou no andar errado e parou na minha mesa para me pedir informações. Levei-o ao meu chefe, que é chefe de RH, e no caminho ele me disse que estava cursando direito na *SUNY*

Caldwell⁴⁴. Iniciando seu terceiro ano. Encarando o trabalho de assistente jurídico como um estágio remunerado. Eu não esperava vê-lo novamente, mas depois que ele terminou a entrevista, ele voltou e me disse que achava que tinha se saído bem. Uma ou duas semanas depois, ele conseguiu o emprego e nos encontramos no elevador. Ele me convidou para tomar um café. Foi assim que tudo começou. —Ela empurrou a tigela para longe. — As mulheres do grupo de secretariados ficavam me dizendo que eu tive muita sorte e eu me perguntava *por que eu*. Havia opções melhores, entende o que quero dizer? Mas ele me queria.

O homem à sua frente murmurou alguma coisa. Mas quando ela olhou para cima, ele balançou a cabeça como se quisesse que ela continuasse com a história.

— Acho que minha *torcida* foi parte do problema. —Ela limpou a boca com um guardanapo de papel e recostou-se na cadeira. — Acho que às vezes, quando você pensa que nada vai mudar... você aceita o que aparece no seu caminho, especialmente se for apoiado por um monte de gente dizendo para você seguir em frente por causa de quão bom é.

— Quando as coisas começaram a dar errado?

Anne franziu a testa e tentou encontrar as palavras certas.

O fato de ser um alívio conversar sobre as coisas, mesmo com alguém que ela não conhecia, era um pouco perturbador.

— Acabei em um labirinto de engano. E o ponto principal é que as *mentiras* eram a melhor parte do relacionamento. —Ela olhou para o outro lado da mesa. — Foi tudo uma besteira—uma merda. Ele era casado, por um lado. Ele tem dois filhos, por outro. Ele não estava na faculdade de direito, nem estava tentando entrar na faculdade de direito. E seu mecanismo de enfrentamento para lidar com o estresse de viver uma vida falsa e inventada era uma necessidade patológica de ordem e disciplina. Eu fazia parte disso. Ou deveria fazer. Eu não era tão boa em receber ordens quanto ele pensava que seria.

— Se ele a amasse. Ele teria ...

— Não era amor. Para qualquer um de nós. —Ela limpou a garganta. — A coisa toda veio à tona porque o salário dele neste mês foi penhorado por falta de pagamento de pensão alimentícia. Como eu disse, sou responsável pela folha de pagamento da empresa e não pude acreditar quando vi a decisão do tribunal. Depois de pensar sobre o que fazer, procurei um de nossos advogados para pedir conselhos, e

ele contratou um investigador particular para investigar Bruce. Em vinte e quatro horas, havia um dossiê completo sobre ele. —Ela balançou a cabeça. — Eu li tudo duas vezes e depois tive que pedir licença para vomitar no banheiro. Ainda bem que já havia passado do expediente.

Fazendo uma pausa, ela foi esfregar a dor atrás do olho e esbarrou naquele curativo pela centésima vez. Com um estremecimento, ela colocou a mão no colo.

— Depois que saí do escritório ontem à noite, fui até lá para avisá-lo que não iria mais vê-lo, mas não iria trazer mais nada à tona. O relacionamento não estava funcionando para mim, mesmo depois de tudo que aprendi e tenho certeza de que ele estava ciente disso. O que eu não sabia é que o *dossiê* também havia sido compartilhado com o RH. O advogado que procurei levou o relatório do investigador ao meu chefe e demitiu Bruce por mentir sobre suas credenciais no final do dia de trabalho. Eu não tinha ideia de que estava entrando em ... uma tempestade.

— O que exatamente aconteceu?

Anne fechou os olhos. — Ele me culpou por tudo, porque adivinhou que a penhora do salário havia me avisado e eu o denunciei. Mas seu discurso foi muito mais do que isso. Ele criticou o escritório de advocacia e falou sobre alguma nova oportunidade que iria transformá-lo. E então ele simplesmente explodiu. Ele me agarrou pela garganta. —Sua mão subiu até a clavícula. — Ele estava com o rosto vermelho e os olhos vazios, tão furioso que nem pensei que ele estivesse me vendo. E o que ele estava dizendo ... eu estava apavorada. Ele começou a gritar comigo, mas então tudo mudou ... ele estava gritando sobre como teria *poder* também. Ele seria maior e mais forte que todos. Como se ele fosse um vilão em uma história em quadrinhos de super-heróis. Foi uma ruptura total com a realidade, mas considerando todas as suas mentiras? A ilusão era totalmente dele.

O homem à sua frente franziu a testa, uma das mãos se fechando em punho.

— Como você escapou?

— Eu dei uma joelhada nas bolas dele. —Ela estremeceu. — Caramba, eu meio que fiz isso com você ontem à noite também, não foi? Não é um hobby, eu prometo.

O homem riu um pouco. Então perdeu qualquer aparência de

leviandade. — Lamento que você tenha seguido esse caminho, mas estou feliz que você tenha feito isso.

— Com ele, você quer dizer. Você não.

Apenas a sugestão de um sorriso tocou sua boca. — Isso mesmo.

Anne olhou para fora do controle deslizante, para a escuridão que não parecia tão ameaçadora no momento por causa de quem ela estava.

— Eu realmente pensei que Bruce iria me matar. — Ela franziu a testa e balançou a cabeça. — Nunca deveria ter ido lá sozinha, mas seu temperamento nunca esteve muito abaixo da superfície. Tipo, ele ficaria tão frustrado se algo em seu condomínio fosse movido. Se a lavanderia não colocasse goma suficiente em suas camisas. Se eu me atrasasse porque o ônibus atrasou. Ele caminhou na corda bamba, mas se você leva duas vidas, você está fazendo muito malabarismo, certo? Quero dizer, uma esposa abandonada e dois filhos em Buffalo? Uma faculdade de direito que você não frequenta?

Ela ficou em silêncio, pensando nos meses anteriores. — E então ele estava sempre fingindo que era um homem grande e ficando com raiva porque ninguém sabia disso. No trabalho, ele tinha muita inveja dos advogados experientes, principalmente dos sócios. Então estaríamos no carro dele, presos no trânsito, e ele verificava as marcas e modelos dos veículos ao nosso redor, recitando quanto custavam, quais eram as opções, por que o dele era melhor. Nos fins de semana, ele me arrastava para ver casas em propriedades que ele não tinha condições de pagar e invadia campos de golfe que ele não era membro. Quero dizer ... em retrospectiva, foi tão confuso, mas quando você está em alguma coisa, você não percebe aquilo que se acostumou.

Houve um momento de silêncio. Então o homem assentiu. — Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas.

Ela foi tirar uma mecha de cabelo dos olhos, mas captou o movimento antes de enfiar a bandagem novamente. — Quando fui lá hoje ...

— Espere o que? — O homem endireitou-se. — Você foi vê-lo? Você levou a polícia com você?

— Não, eu não fiz. Mas havia muitas pessoas por perto, ainda havia muita luz do dia—e ele tinha ficado com meu cartão de crédito e minha identidade. Eu precisava deles de volta.

— Você deveria ter me ligado.

Ela teria, ela percebeu. Se ela pudesse.

— Eu nem sei o seu nome, —ela disse suavemente enquanto olhava nos olhos azuis dele—e então desviou o olhar. — De qualquer forma, ele nem abriu a porta direito para mim. Era como se ... ele estivesse com medo ou algo assim. Mas devolveu meu cartão e minha identidade. Ele os jogou através de uma fresta na porta.

— Bom, —disse o homem com firmeza. — Isso é bom. Não vá lá de novo.

— Não tenho planos de fazer isso, confie em mim. —Respirando fundo, ela tentou parecer mais controlada do que se sentia por dentro.

— Você sabe o que dizem ... aquilo que não pode continuar, não continuará. Está acabado.

Enquanto ela pegava a última torrada, ela o sentiu olhando do outro lado da mesa—e foi a coisa mais estranha. Embora ele estivesse concentrado nela, ela tinha a sensação de que ele estava em algum outro lugar da sua mente.

Então ele abruptamente pareceu voltar à atenção. — Isso mesmo sobre as coisas acabarem. Isso é ... exatamente certo. E você não precisa mais se preocupar com nada.

Além disso, era fácil para um homem tão musculoso como ele dizer que ela não deveria se preocupar. Pelo menos Bruce foi impedido de entrar no prédio do escritório de advocacia no centro da cidade. E o advogado que contratou o investigador particular e depois despediu Bruce jurou que Anne podia telefonar-lhe de dia ou de noite. Mesmo assim, as pessoas faziam coisas malucas.

— Vai ficar tudo bem, —ela disse a si mesma com uma voz que deveria ser firme.



ELA NÃO ACREDITAVA *que as coisas iriam ficar bem. De jeito nenhum.*

Quando Darius voltou para a sopa em sua tigela, ele queria dizer a Anne exatamente por que ela poderia tirar aquele pedaço de merda do Bruce de seu proverbial prato. Mas ele não queria que ela pensasse que estava trocando um vulcão impetuoso por outro.

Não que Darius estivesse na fila para ser escolhido ...

Com uma maldição interior, ele olhou para a torrada que ela havia feito para ele ... e mal podia esperar para dar outra mordida só porque as mãos dela tocaram o pão.

Oh, nãoooooo, ele não queria ser o próximo na vida dela. De jeito nenhum. Ele estava sentado na cozinha dela, compartilhando a versão humana da Última Refeição, preparado para assassinar o ex dela e defendê-la até a morte.

Na verdade, apenas uma pequena visita amigável.

Depois de revirar os olhos para si mesmo, ele olhou novamente para o outro lado da mesa e ficou instantaneamente paralisado pela mulher que, para ele, era dolorosamente linda em seu suéter azul, calça de moletom cinza e chinelos de quarto. O cabelo de Anne estava puxado para trás no que parecia ser um coque profissional americano, mas algumas mechas se soltaram da torção, os cabelos escuros e sedosos enrolando-se em torno de seu rosto. Os olhos dela estavam cansados, e ele odiava aquele curativo em sua têmpera ... odiava também o modo como ela se movia com rigidez e cautela, como se muitas coisas doessem. Mas ela não estava reclamando.

Não, ela só queria encher a barriga dele e compartilhar o que tinha com ele.

— Essa sopa está deliciosa, —disse ele.

— Você tem padrões baixos.

— De modo nenhum.

Sem ofender o venerável treinamento francês de Fritz, mas essa rotina de sopa e torradas foi a melhor refeição que ele já comeu. E querida Virgem Escriba, o que ele realmente queria era alimentá-la com a mão de sua adaga, em um prato que ele colocou a comida que caçou para ela. E ele queria fazer isso numa casa segura, construída sobre uma posição defensável. Com uma arma antitanque do Exército de fácil acesso.

— Sério, obrigado, —ele murmurou. — Por isso.

Suas sobrancheiras arquearam. — De nada. Quero dizer, não é nada de especial.

Para mim, é, ele pensou.

Abruptamente, ela sorriu novamente. — Você acredita que ainda não sei seu nome? Claramente, não é St. Nick ...

— Darius. —Ele colocou a mão da adaga sobre o peito e inclinou a cabeça. — É um prazer conhecê-la, Anne, e eu devia ter-me apresentado há cerca de vinte e três horas.

Só que nessa altura, ele estava pensando que nunca mais haveria contato entre eles *Por isso, qual era o objetivo?* Agora, no entanto, ele evoluiu para pensar que não deveria haver nenhum contato.

Progresso, o indicativo de chamada era auto-engano.

— É um belo nome, —disse ela. — É antiquado. Combina com você. Tudo bem se eu perguntar o que você faz?

— Você pode fazer qualquer pergunta que desejar. —Ele sorriu, embora não gostasse de falsificar sua verdade. — E eu sou um segurança.

— Oh? Tipo para um prédio ou um shopping?

— Segurança privada, na verdade.

— Um guarda-costas?

Bem, sim, se Wrath algum dia decidisse assumir o trono, e a Irmandade retornasse como guarda pessoal do Rei.

— Pessoal e propriedade, na verdade. —Ele se inclinou sobre a mesa. — É por isso que vou lhe dar meu número. Se você se sentir ameaçada, pode me ligar. Tenho alguma formação e experiência quando se trata de proteger pessoas—e, claro, há sempre a sua polícia também. Você também nunca deve hesitar em ligar para eles.

— Aquele BMW chique era o carro do seu chefe? —Anne levou a mão à boca. — Oh, Deus, você está com problemas no trabalho? Sinto muito por ter encontrado o seu ...

— Não, não estou com problemas. —Deus, ele odiava não ser totalmente honesto com ela. — E valeu a pena. Conhecê-la, quero dizer. Bem ... não assim. —*Merda*, estou balbuciando.

Anne abriu a boca. Fechou. Baixou os olhos.

— Desculpe, —ele disse remotamente. — Não quero ser assustador com você.

— Você não é. E, para ser sincera, não sei bem como lidar com ... isso. Ela franziu a testa e enxugou as mãos no guardanapo. Mesmo que eles estivessem limpos. — Quero dizer, não que isso seja isso. Você vindo aqui esta noite, quero dizer. Tipo, qualquer coisa parecida com um encontro, ou qualquer coisa—quer saber, eu preciso calar a boca

também.

— Não, você não precisa. Eu sempre quero ouvir o que você está pensando.

Ela corou e desviou o olhar, como se não quisesse que ele soubesse o quanto isso a agradava. — Mas você acabou de trazer meu sapato de volta. É por isso que você está aqui. Esse é o propósito. Certo?

No silêncio que se seguiu, ele estudou seu rosto voltado para baixo, memorizando a curva de seus lábios, os cílios que escondiam seus olhos, o rubor em suas bochechas.

— Não se trata apenas do sapato, Anne.

Quando o olhar dela voltou para o dele, ele falou devagar para que não houvesse risco de seu sotaque atrapalhar o que ele queria dizer. — Sei que você acabou de sair de uma situação muito ruim, então não estou pedindo nada além de um pouco de tempo para conhecê-la. Mas a sorte cega nos colocou nessa estrada naquele momento. Você não acha que isso pode significar alguma coisa?

Claro, a sorte cega também lhe trouxe uma maldita psicopata com uma fixação pela mobilidade ascendente e um guarda-roupa saído de um anúncio de *Florsheim*⁴⁵.

Além disso, uma rodada de raios X.

— Eu não vou pressionar você, —ele murmurou. — Eu não sou como ele.

— *Oh*, você definitivamente não é como Bruce. —Ela balançou a cabeça. — Ele nunca disse obrigado e nunca me trouxe um sapato.

— Da próxima vez, aparecerei com algo ainda melhor.

— Não gosto muito de flores. —Ela corou novamente. — Desculpe, isso não é muito romântico da minha parte, não é? E talvez você não esteja pensando nesses termos ...

— Na verdade, eu estava pensando em meias.

Enquanto Anne ria, ele sabia que era o melhor som que ouviria.

— Talvez um *conjunto de tubos*⁴⁶. Poderia ser de *tênis*⁴⁷ com bolinhas nos calcanhares. Tricotado à mão ou lavável à máquina? Vou deixar você na esperança de que o mistério a mantenha interessada.

Ela jogou a cabeça para trás e riu abertamente—até fazer uma

careta e colocar a mão ao lado do corpo. — Nossa, estou rindo como uma idiota aqui.

Sentado em sua casa modesta, em sua cozinha modesta, em uma pequena mesa em uma pequena alcova ... Darius percebeu que de repente, e de forma mais inesperada, *tinha o mundo inteiro à sua frente. Ele realmente tinha.*

— Eu gostaria de poder ficar mais tempo, —ele sussurrou.

Houve uma pausa. Então, com uma voz triste, ela disse de uma forma igualmente suave.

— E eu gostaria de ter outro sapato para você trazer de volta.

Capítulo 7

QUANDO ANNE CHEGOU À SUA MESA NA MANHÃ SEGUINTE, SEU telefone já estava tocando. Atirando-se para a sua cadeira, ela quase derrubou o escritório para atender a ligação.

— Olá, aqui é a Anne ...

— *O Sr. Thurston quer ver você lá em cima, no escritório dele.* — Quando a voz da secretária do sócio sênior soou em seu ouvido, ela guardou o gemido para si mesma. A senhorita Nancy Martle tinha mais de cinquenta anos, era casada com o seu trabalho e tinha a constituição de um navio de guerra. Com seus ternos cinza e óculos gatinho da década de 1950, ela teria sido considerada um estereótipo se não inspirasse medo em quase todo mundo. Incluindo os advogados.

— Quando ele gostaria ...?

— *Agora.*

A ligação foi cortada e Anne desligou. Olhando ao redor, ela viu outros membros da equipe de apoio ocupando seus lugares em suas mesas, guardando as bolsas e tirando os casacos. Todos eram mulheres, exceto dois supervisores que eram homens, e as fileiras de estações de trabalho eram equipadas com acessórios idênticos: uma cadeira de rodinhas, uma cadeira de visitas, um cesto de lixo, um telefone, uma máquina de escrever e um cabide para casacos. No geral, o amplo espaço aberto brilhava com limpeza e eficiência, tudo branco e cromado. Por outro lado, **Beckett, Thurston, Rohmer & Fields** investiram adequadamente em suas instalações, mesmo para as pessoas pequenas.

— Você ainda está com muita dor?

Quando a pergunta foi feita, Anne ficou atenta.

— Oh. Penny, olá.

— Você está bem?

A vizinha do lado inclinou-se para ela.

— Você não parece bem.

Tente enfrentar o Sr. Thurston com o estômago vazio. Inferno, até a Srta. Martell.

— Estou bem, Penny. Obrigada. Eu tenho que subir.

— Ah, olhe para você. —A mulher pendurou seu agasalho ofuscante em um cabide em seu suporte. — Que chique. Você está sendo promovida ou algo assim? —A garota tinha vinte e poucos anos, mas parecia mais velha porque usava muita maquiagem como a *Tammy Faye*⁴⁸ e uma descoloração loira no cabelo curto. Com suas roupas muito brilhantes e muito justas, sempre usadas no domingo de Páscoa, ela era uma personagem de desenho animado pintada por uma mão exuberante, embora desleixada.

— Nada disso. —Anne pegou um bloco de notas, embora não lhe tivessem pedido que levasse um. — Eu volto já.

— Você vai de casaco?

— *Huh ...* —Anne corou e tirou a jaqueta. — Estou um pouco distraída.

A sobrançelha fortemente desenhada de Penny subiu até sua testa brilhante. — Você voltou com Bruce ou algo assim? Por favor, me diga que isso é um não.

De todas as pessoas com quem ela trabalhava, por que ela contou toda a história a Penny? Ela poderia muito bem ter colocado um aviso no *Caldwell Courier Journal*. — Ah, não, não foi ... Bruce. Tenho que ir, já volto.

Anne quase correu para os elevadores e, enquanto saía correndo —ou tentava, com as dores que ainda persistiam—teve a sensação de que havia olhos nela. Exceto que ela estava acostumada com isso. Desde que se espalhou a notícia de que ela estava namorando Bruce, ela era assunto de conversa. *Obrigada, Penny*. E agora, com sua própria tagarelice, ela se tornou ainda mais visível. Certamente, porém, outra pessoa na empresa poderia namorar alguém que parecia ser bom

demais para ela, apenas para ver o cara ser demitido por falsificar seu currículo? Isso poderia acontecer ... certo? Então, novamente, talvez ela e Bruce tivessem estabelecido um padrão tão alto para a fofoca que nunca mais se repetiria.

Fale sobre suas realizações profissionais.

Na fila dos elevadores, ela acertou as setas para cima em ambos os lados do pequeno corredor e teve sorte de ouvir um bing quase imediatamente. Entrando em um elevador cheio de ternos e gravatas, ela se arrastou para o lado e manteve a cabeça baixa e os olhos no chão de mármore. Muitos sapatos pontiagudos. Muita jocosidade em voz profunda sobre jogar golfe no clube, e uísque, e aquela garota do carrinho que realmente sabia como polir bolas. Naturalmente, os fortes e resistentes subiram até o vigésimo nono andar e, também sem surpresa, desceram primeiro, acotovelando-se para se posicionar como se a evacuação fosse uma corrida. Ninguém segurou as portas para ela, e ela teve que segurar os painéis de latão e mogno antes de ser trancada e enviada até o saguão.

A recepção e a área de espera do andar principal dos advogados e suas salas de reuniões ficavam logo à frente, e a mulher de cabelos castanhos responsável parecia ter sido escolhida como uma obra de arte que poderia atender um telefone. Alta e esbelta como uma modelo, ela usava um terno preto que combinava com o esquema de cores preto e dourado da decoração, e a luz do teto acima dela estava inclinada para baixo como se ela fosse uma pintura. Ainda assim, seu sorriso de lábios vermelhos parecia sincero, e seus olhos não eram nem um pouco críticos quando Anne se aproximou cautelosamente.

— O Sr. Thurston está esperando por você. — A mulher indicou o caminho à sua esquerda com a mão bem cuidada. — Você gostaria que eu levasse um café para você?

— Oh não. Não, obrigada, não.

— Vá para a direita.

— Obrigada.

A área de espera da firma Big Wig parecia o lobby de um hotel, cheio de esculturas modernas de mármore e cadeiras de couro acolchoadas, e a vista das pontes gêmeas de Caldwell era linda, especialmente em um dia ensolarado de maio. As flores frescas em vasos de cristal também deram um toque agradável, os reflexos do amarelo pastel e do rosa acrescentando discretos toques de cor.

Passando por uma série de salas de conferências sofisticadas,

Anne chegou a uma segunda zona de recepção que era menor, mas não menos formal, e lá estava a senhorita Martell sentada à sua mesa como uma sentinela diante de uma guarnição militar. A mulher estava ao telefone, falando rápido e alto, e enquanto ela erguia o dedo indicador para Anne esperar, você tinha que se perguntar se a coisa estava carregada e que tipo de alcance ela tinha.

A senhorita Martell encerrou a ligação.

— Você pode entrar. Ele está fora de linha agora.

Os olhos de Anne deslocaram-se para a porta aberta além.

— Obrigada. —Ao se aproximar do escritório de canto, seus pés não faziam barulho no carpete grosso, e ela podia sentir o cheiro de café fresco e algo de canela, como se houvesse um cozinheiro em algum lugar preparando o café da manhã para os sócios sob encomenda.

É um mundo diferente, pensou ela ao entrar no que era considerado solo sagrado.

Em silhueta contra a visão da outra metade de Caldwell, sentado atrás de uma mesa do tamanho de uma cama king-size, o Sr. Thurston tinha cabelos brancos e estava distinto em seu terno listrado, parecendo como se um juiz da Suprema Corte e um magnata de Wall Street tivessem tido um filho amoroso.

O homem ergueu os olhos de uma pilha ordenada de documentos e tirou os óculos tartaruga de leitura.

— Senhorita Wurster, sente-se.

— Obrigada, senhor.

Fechando a distância, ela se sentou em um assento de couro cor de boi em frente ao homem. O escritório azul royal e dourado era tão vasto que tinha sua própria mesa de reuniões, além de um bar e o que devia ser um banheiro privativo no canto. Prateleiras de mogno cheias de livros encadernados em couro cobriam todas as paredes, exceto por uma área de seis por seis reservada para uma pintura a óleo de corpo inteiro de um homem que se parecia tanto com o Sr. Thurston que só podia ser o pai do homem ou avô.

Eles tinham os mesmos olhos azuis gelados.

E uau ... Bruce havia pintado seu apartamento no tom exato dessa cor marinho, não foi?

Quando houve um clique suave por trás, Anne se virou e descobriu que eles estavam trancados juntos.

— Chegou ao meu conhecimento que houve algum *desconforto*, — disse Thurston. — Como você está se sentindo?

Totalmente não surpresa que o homem soubesse de tudo—porque nada lhe escapava se envolvesse sua empresa—Anne levou a mão à têmpora. Ela havia substituído o curativo do hospital por alguns band-aids e esperava ficar sem eles em breve.

— Estou bem, senhor. —Ela voltou a segurar seu bloco de estenografia. — Obrigada.

— Nunca gostei da pessoa McDonaldson. Vi diretamente através dele. Que bom que ele se foi.

— Sim, senhor.

— Há uma razão pela qual não incentivamos encontros entre funcionários do escritório. —Isso foi dito com censura, como se ela fosse Eva com uma maçã, como se tivesse cortejado problemas e não devesse se surpreender quando isso acontecesse. — Realmente não é apropriado, mas vocês, jovens, têm ideias diferentes sobre as coisas.

— Divulgamos o nosso ... fomos para os recursos humanos. De acordo com o manual do funcionário.

O *hmrrph* que voltou para ela poderia ter significado muitas coisas, nenhuma das quais foi elogiosa.

— Chega disso. —Thurston entrelaçou os dedos sobre o trabalho de caso que estava analisando. — Nós, a empresa, queremos ter certeza de que você será bem cuidada.

— Desculpe-me, senhor? —Fora do escritório, um telefone tocou suavemente. — Então, não estou demitida?

O Sr. Thurston acenou com os óculos de leitor.

— Claro que não. Você nunca causou nenhum problema fora deste negócio do McDonaldson.

Entre um piscar de olhos e outro, Anne reviveu a sensação das mãos de Bruce presas em sua garganta e viu seu rosto furioso e gritante a centímetros do seu. A tentação de apontar que ser agredida por um homem cujas mentiras foram expostas não foi algo que ela “*causou*” a dor.

— Então, gostaríamos de lhe dar mil dólares.

Anne ergueu as sobranceiras e inclinou-se para a frente na cadeira.

— Perdão?

O Sr. Thurston sorriu como um rei poupando a vida de um servo.

— Eu sei, é muito dinheiro. Mas esta empresa se preocupa com seus funcionários. Sabemos que houve uma visita ao hospital devido aos seus ferimentos muito leves e queremos ajudar com as suas contas médicas. Sabemos que estamos sendo muito generosos. *As pessoas primeiro*, porém, é o nosso lema.

Não, pensou Anne. O slogan da empresa era *Integridade, Excelência, Legado*.

— Não preciso de nenhum dinheiro, —disse ela. — Só quero manter meu emprego.

A mão do Sr. Thurston pousou em um pedaço de papel ... e no que parecia ser um cheque corporativo.

— Seu trabalho está seguro. —Aquele sorriso de satisfação voltou, aquele que era um reflexo interno de sua crença de que era superior à maioria das pessoas, mas não sem coração. — Queremos apenas *facilitar* as coisas para você.

Os olhos de Anne permaneceram no cheque. Ela não conseguia ler o que estava escrito daqui, mas não estava em branco e a mancha azul na linha da assinatura era sem dúvida do Sr. Thurston.

— Há algum problema, Srta. Wurster?

— Não preciso de dinheiro, obrigada. —Ela se levantou. — Estou muito grata, no entanto. Vou voltar ao trabalho agora.

Aqueles olhos azuis pálidos estreitaram-se sobre ela, uma máscara cobrindo as feições do homem, prendendo todo aquele aristocrata—o que lhe deu uma noção de quão bom o Sr. Thurston era em seu trabalho na mesa de negociações.

— Você deve ter muitas economias, —ele murmurou, — para recusar nossa *generosidade*.

— Obrigada por pensar em mim.

— Bem. Vou apenas manter isso aqui. —Ele bateu no cheque e no pedaço de papel, — por um dia. Não vou convencê-la a aceitar a boa vontade do seu empregador. —*Garota tola*. O tom implicava. Sua tola, garota boba.

Anne olhou para além do homem e viu a vista. Na Northway, o tráfego matinal na hora do *rush* estava congestionado em ambos os lados do rio, as filas de carros rastejando em direção às rampas de saída entupidas e às estradas superficiais lotadas.

— Senhorita Wurster.

— Obrigada, Sr. Thurston, —ela murmurou. — Tenha um bom dia. —Ela se virou sem pedir licença e sentiu uma onda fria de desaprovação acompanhá-la porta afora. Do outro lado do santuário, a Srta. Martell estava novamente ao telefone, mas os olhos da mulher se ergueram da mesa e se concentraram nas mãos de Anne. Quando uma onda de surpresa foi registrada naquele rosto desaprovador com óculos de gato, Anne quis ir para casa. E ao voltar pela recepção principal, chegar aos elevadores e apertar a seta para baixo, ela se perguntou se teria coragem de fazer bom uso do saguão e sair do prédio, jogando o bloco de notas na lixeira municipal.

— *Psiu!*

Anne olhou para a direita, para o início de um corredor traseiro que dava acesso às instalações de serviço e aos elevadores de carga.

— Olá?

— Sou eu, Charlie.

— Charlie!

— *Shhh!* —Uma mão sem corpo disparou e seu dedo indicador se curvou para ela. — Venha aqui.

Anne olhou para a recepcionista, que estava com o telefone no ouvido e olhando para o que quer que estivesse escrevendo.

— O que está acontecendo? —Anne murmurou, enquanto saía de vista.

R. Charles Byrnes III era um Sr. Thurston em treinamento, com a mesma estrutura óssea, o mesmo guarda-roupa da *Brooks Brothers*⁴⁹, provavelmente a mesma árvore genealógica, se você voltar sete gerações insossas.

A diferença era de trinta anos e talvez um pouco de verdadeira consciência, mas quem sabe se esta última duraria com o passar do tempo. O cara agora tinha, e foi por isso que ela o procurou quando descobriu sobre a penhora de salário. Além disso, Bruce tinha sido seu assistente jurídico.

— Você pegou o dinheiro? —ele exigiu enquanto penteava para trás o cabelo loiro e espesso.

Ela olhou duas vezes.

— Com licença?

— Diga-me que você *não* pegou o dinheiro e *não* assinou nada. — Enquanto ela lutava para segui-lo, ele ficou impaciente, mas manteve a voz baixa. — Foi por isso que vi você entrando no escritório de Thurston, certo? A história completa foi divulgada, não por mim, e ele quer pagar você.

— *Ah*, ele disse que a empresa gostaria de cuidar das minhas contas médicas.

— Você pegou?

— *Oh*, eu não preciso do dinheiro ...

— Não se trata de dinheiro para eles. Eles querem que você assine uma autorização. McDonaldson era funcionário e você também. Aquele idiota pode ter atacado você fora do local de trabalho, mas os sócios não vão querer problemas na imprensa ou com seus clientes importantes porque uma contratação que eles não fizeram a devida diligência agrediu uma de suas garotas dos bastidores. Eles vão gastar um pouco de dinheiro em você na esperança de que isso desapareça, mas você precisa esperar mais ...

Ele parou de falar e olhou por cima do ombro quando um funcionário da manutenção uniformizado saiu da escada.

Na pausa, Anne sentiu-se obrigada a recostar-se e verificar se *Brooke Shields* na recepção ainda estava ocupada e se não havia ninguém perto dos elevadores. *Sim. Tudo limpo.*

— Escute, agradeço sua preocupação, —disse ela. — Mas ...

— Você vai querer um múltiplo de vinte vezes de qualquer que seja a primeira oferta deles. Pelo menos. Se você fosse meu cliente, eu pagaria cinquenta vezes mais.

Enquanto seu cérebro ficava confuso, ela pensou distraidamente que a chateação de Charlie parecia muito honesta.

— Não vou aceitar o dinheiro deles. Estou bem. —Ela franziu a testa quando ele olhou por cima do ombro novamente. — Por que você está falando comigo se isso te deixa tão nervoso?

Os olhos do homem voltaram para ela e se fixaram em sua

têmpora machucada.

— Porque é errado o que aconteceu com você quando você foi para a casa de Bruce e, além disso, a empresa está tentando ferrar você para tirar vantagem disso. A meu ver, você já se machucou o suficiente e alguém precisa lhe dar um bom conselho.

Anne olhou para seu bloco de notas.

— Mas o Sr. Thurston não me pediu para assinar nada.

— Você não aceitou o dinheiro ainda. Não se engane. Ele vai voltar e vai forçar sua mão nisso.

— Então tudo bem. Farei o que eles quiserem, não me importo. Eu só preciso manter meu emprego.

Uma mão pousou levemente em seu ombro.

— Considere este conselho de um amigo, okay? Sou leal a este lugar, desde que eles joguem limpo, mas eles não estão com você. Você tem vantagem. Você precisa usá-lo. Este é um mundo frio e duro, e o dinheiro torna muitas coisas mais fáceis.

— Obrigada, —ela disse. — Eu, *ah*, eu tenho que ir ...

— E há outra coisa.

— O quê?

Ele se inclinou e olhou ao redor dela.

— Encontre-me na doca de carga, às seis da noite. Quero que você dê uma olhada em uma coisa. —Quando ela hesitou, ele revirou os olhos. — Sou um homem felizmente noivo e seria um tolo se estragasse tudo. Apenas me encontre lá atrás, okay? Seis horas. Não posso falar sobre isso aqui. —Charlie deu um pequeno aperto no ombro dela e depois saiu correndo.

Enquanto Anne o observava partir, ela sabia que não estaria em nenhum lugar do prédio ou fora dele às seis da tarde.

Ela tinha um encontro esta noite.

Capítulo 8

— ENTÃO, ESTAMOS ENTENDIDOS. VOCÊ SABE O QUE FAZER.

Enquanto Darius falava, ele estava inspecionando seu reflexo no espelho folheado a ouro acima da pia do banheiro e não estava satisfeito com o que estava olhando para ele. Seu cabelo ainda estava úmido do banho e, na opinião dele, estava um pouco comprido—mas não havia tempo para Fritz cortá-lo agora. Ele também conseguiu se cortar enquanto se barbeava e mal podia esperar para se livrar do pedaço de papel higiênico que prendeu no queixo para estancar o sangramento. E ele não tinha certeza sobre a roupa.

— Oh, sim, senhor. —O *doggen* fez uma reverência atrás dele. — Eu entendi meus deveres.

— Ótimo.

— E a refeição foi preparada conforme você pediu.

— Obrigado, Fritz. —Ele se virou. — Como estou?

Fritz apertou as mãos preocupado. Então o mordomo piscou algumas vezes como se estivesse tendo um derrame.

— Diga isso, —Darius murmurou. — Eu ordeno que você fale.

— Ah ... perdoe-me, senhor. Mas pelo que entendi, você tem uma convidada fêmea vindo esta noite?

— Esse é o plano.

— E posso extrapolar, com base nas instruções detalhadas que você me forneceu sobre os detalhes da refeição e da sobremesa—na verdade, esta casa como um todo—que você deseja impressionar esta fêmea?

— Sim. —Ele olhou para seu conjunto preto sobre preto. — Eu realmente quero que ela ... bem, tenha uma boa noite.

— Posso falar com um pouco de franqueza, então?

— Se você não fizer isso, vou colocar minha cabeça através deste espelho.

— Senhor, eu não aconselharia isso. Receio ter de envolver seu rosto em bandagens e não tenho certeza se tenho *Neosporin*⁵¹ suficiente ...

— O que há de errado com minhas roupas? —ele exigiu. —

Agora.

O velho *doggen* entrou em movimento, correndo para o guarda-roupa esculpido que ocupava a maior parte das paredes do quarto. — Talvez eu possa sugerir, —ele abriu ambas as portas, — um desses ternos. Eu acho que um trespassado cinza, combinado com uma gravata alegre e um ...

— Não, não posso fazer formal. Isso não é algo formal.

— *Oh*. —O mordomo fez uma pausa. E então pareceu cair em um luto indumentário enquanto fechava lentamente as portas. — Bem, então. —O *doggen* se virou e apresentou uma expressão forçosamente agradável. — Você conseguiu um efeito casual perfeito. E essas calças são muito lisonjeiras, assim como a gola alta.

Darius arrancou a camisa do cós.

— Eu pareço ridículo, não é? Como se alguém segurasse minha cabeça e me mergulhasse em um tanque de tinta preta.

— Não tenho certeza de que isso seria possível, senhor.

— Estou falando em sentido figurado.

— Eu estava pensando mais na questão do consentimento ...

Gong!

Os dois levantaram a cabeça para o teto.

— *Merda*, ela chegou cedo, —Darius disse enquanto verificava o relógio. — Ela deveria chegar às sete e meia. Não posso subir lá, está muito claro.

— Não pode ser ela, Senhor. É muito cedo para qualquer vampiro.

— *Ela é* Ela não é uma de nós, Fritz.

Houve uma pausa.

— Uma humana, então?

— Não, uma torradeira de salto alto.

Enquanto as sobrancelhas do mordomo se aproximavam da linha do cabelo, como se ele estivesse lutando com uma imagem mental, Darius limpou o ar com a mão da adaga.

— Apenas vá até lá e leve-a para dentro.

Ele precisava colocar algumas venezianas nesta casa, talvez algumas que pudessem ser fechadas eletronicamente, todas de uma vez.

— Mas é claro, Senhor.

O *doggen* fez uma reverência e correu para a escada, falando por cima do ombro.

— Estou ansioso para receber uma convidada em nossa casa, ou melhor, em sua casa.

Quando o mordomo pisou no primeiro degrau de pedra, Darius disse bruscamente:

— Fritz!

O servo leal parou bruscamente, girando em torno de si mesmo.

— Sim, senhor?

Darius olhou para o macho idoso, observando a imagem que o mordomo fazia em sua formal gravata preta e fraque. Seu cabelo branco perfeito como um boné, seu rosto enrugado de alguma forma não diminuído pela idade enquanto ele pensava em todos os anos que estiveram juntos. Voltando para aquela mansão no velho país, percebeu que não conseguia imaginar a vida sem o macho.

— É a *nossa* casa, Fritz. Sua e minha. Eu apreciaria se você se referisse a esta casa corretamente.

Fritz corou e parecia um pouco vacilante. Por outro lado, os *doggen* não lidavam bem com elogios ou honras e, até esse ponto, a única maneira de Darius ter escapado impune do que disse foi formulando as coisas como ele fez, como uma *ordem*.

— Sim. —Fritz disse asperamente. — Claro.

— Agora vá atender a porta.

— Devo trazê-la para cá?

— Eu acho que não. —Darius olhou ao redor. — Quero dizer, é um quarto. Não quero que ela pense ... *bem*, você sabe.

O *doggen* sorriu sabiamente.

— Mas é claro. Vou recebê-la adequadamente em nossa casa lá em cima, senhor. E esperamos por você.



BEM. ELA VERIFICOU novamente o endereço. Esta tinha que ser a casa de Darius.

A casa do chefe de Darius, melhor dizendo.

Anne deu um passo para trás. E depois outro. Sobre a porta preta brilhante, o número correto estava exibido em algarismos de latão reluzentes, e ela sabia que a rua era a certa.

E PS, *que casa*. Quando ele disse que era branca com venezianas pretas, ela esperava algo bastante sofisticado, já que o dono do lugar tinha um segurança em tempo integral—e também porque ela conhecia o bairro pelos artigos sociais na CCJ. Mas esta mansão ... era como algo que pertencia à *Dynasty*⁵². Afastada da estrada, a graciosa antiguidade tinha todas as linhas e o trabalho artesanal de uma construção autêntica com um ou dois séculos de idade, mas ela e a propriedade onde estava assentada eram mantidas com escrupuloso grau. Nenhuma pintura lascada, nenhuma janela suja, nenhuma rachadura no asfalto da calçada, nenhum arbusto ou árvore frutífera florescendo fora de ordem.

À luz do início da noite, o gramado parecia ter sido aparado ... e depois aspirado ...

A porta se abriu.

O que estava do outro lado não deveria ter sido uma surpresa.

Mesmo assim, Anne esfregou os olhos só para ver se as coisas eram fruto de sua imaginação. Não. Era como se a rainha da Inglaterra tivesse vindo fazer uma visita e deixado seu mordomo para trás: embora o homem de cabelos grisalhos e uniforme tradicional fosse claramente idoso, ele dava a impressão de ser um modelo de servidão eficiente, seu porte era o de um soldado de trinta anos, braços e mãos enluvadas ao lado do corpo, queixo erguido e olhos alertas.

Exceto ... ele estava sorrindo para ela?

— Senhorita, —ele disse com carinho. — Bem-vinda. —E então ele fez uma reverência.

Anne olhou para trás. Você sabe, no caso de algum dignitário visitante ter chegado e estar subindo as escadas.

— *Hum*, olá? —Ela voltou a se concentrar no homem. Mordomo. — Não tenho certeza se estou no ...

— Você é muito esperada, entre. —O mordomo recuou e indicou o caminho para dentro com um movimento gracioso. — Estamos muito felizes em recebê-la.

Agarrando a segunda melhor bolsa dela, ela entrou na casa. Sua primeira impressão foi que cheirava a rosas frescas—*ah*, certo, havia um vaso com cerca de cento e cinquenta de qualquer outro nome bem ali. Sua segunda impressão, ao olhar para a esquerda e ver uma sala de estar, e depois para a direita para conferir uma sala de jantar formal, foi que o lugar parecia um museu, a coleção de antiguidades, tapetes e móveis era diferente de tudo que ela já vira fora de uma revista.

— Posso pegar seu casaco, senhorita?

Ela estava usando um? Ela pensou atordoada.

— *Ah*, sim, por favor. —Ela tirou o casaco leve. — Obrigada. — Me pergunto se ele já pendurou alguma coisa que tenha sido comprada na prateleira. Em promoção. Na *Sears*⁵³.

E esse sotaque dele. Igual ao de Darius.

— Se você pudesse fazer a gentileza de me seguir.

— Okay.

O mordomo prendeu o agasalho frágil na dobra do braço e entrou na casa, passando por uma escada que claramente levava ao céu, com degraus com carpete vermelho e balaustrada esculpida implorando para que uma mulher de vestido e diamantes descesse por elas.

A sala—não, tinha que ser chamada de salão também, certo? Ou uma sala de estar? *Jesus, onde ela estava?*—na parte de trás era ainda mais impressionante, os ricos painéis de madeira e os móveis de couro sugerindo que era para os cavalheiros fumarem charutos depois da sobremesa. *E isso era ...?* Do outro lado, ocupando a maior parte de uma parede, uma pintura a óleo de um rei com um manto de arminho olhava para fora de uma moldura dourada com altivez. A representação tinha sido claramente feita por um mestre, os olhos tão realistas que ela sentiu que era melhor fazer uma reverência ou correr o risco de ser guilhotinada.

— Senhorita?

Ela se virou. — Desculpe. Eu estava ... isso é uma pintura e tanto.

— É, não é? —O mordomo deu-lhe um sorriso gentil. — Darius está cuidando de alguns negócios no momento, mas ele logo estará

com você. Você gostaria de uma *libação*⁵⁴?

Inclinando-se para frente, ela franziu a testa.

— Achei que ele estava livre para sair?

— Perdão?

— Uma *libação*?

— Nunca ouvi falar desse coquetel?

Coquetel? Enquanto os dois ficavam quietos e confusos, ela se perguntou onde Darius estava. Talvez ele pudesse ajudar a salvar essa conversa? Ou pelo menos adicione algumas respostas não formuladas como perguntas.

— Uma bebida, senhora? —O mordomo deu uma beliscada, estendeu o dedo mindinho e fingiu bebericar uma taça de vinho. — Talvez você queira uma?

Com uma maldição, ela teria batido em sua própria testa, mas ainda estava se curando.

— Ah, só água, obrigado.

O velho parecia desanimado, como se tivesse perdido a chance de mostrar suas habilidades como bartender—e algo na sinceridade da reação a fez querer aliviar o sofrimento que ela não entendia muito bem.

— Na verdade, que tal um pouco de ... suco de laranja? —Ela se esquivou.

— Oh, escolha maravilhosa. —Ele juntou as palmas das mãos enluvadas como se ela tivesse acabado de chamar seu neto de *bolsista Rhodes*⁵⁵. — Vou espremê-lo manualmente—e talvez devêssemos adicionar um pouco de *Mandarim*⁵⁶ para melhorar o perfil do sabor?

— Eu ... você sabe, vou confiar em você para tomar essa decisão.

— Imediatamente!

O mordomo saiu com passos rápidos e, de alguma forma, sua alegria inadulterada por ter um dever tão modesto fez com que ela se sentisse mais confortável na casa chique do que qualquer outra coisa poderia se sentir. Olhando ao redor, ela se perguntou que tipo de “*negócio*” Darius estava cuidando. Esperançosamente, nada perigoso.

Clique.

Uaurrrrr.

Como algo saído de um filme de James Bond, a pintura do monarca se movia em um slide ao longo de sua parede, revelando ... uma escada de pedra em espiral iluminada por ... *lâmpioes a gás*⁵⁷?

Anne olhou ao redor e se perguntou se deveria chamar o mordomo. Mas como ele era o responsável pelo lugar, havia boas chances de que ele não se surpreendesse.

Atraída pelo mistério, pela escuridão, pela luz bruxuleante, ela se inclinou e olhou para a descida. Os degraus estavam desgastados e muito antigos e, com a curva, ela não conseguia ver aonde levavam ...

— Anne! —A princípio ela pensou que estava ouvindo coisas, mas depois seu nome foi pronunciado novamente. — Anne?

— Darius?

Foi uma noite para perguntas, pensou ela. E também, não foi assim que as histórias de terror começaram? Uma mulher sem família sendo chamada por um estranho para descer uma escada assustadora até o subsolo. Onde havia ... monstros esperando para comê-la ou algo assim.

— Anne, você pode vir até aqui?

Ela olhou para o retrato em sua nova posição. Então olhou de volta para as lanternas agitadas. A sensação de que sua vida nunca mais seria a mesma se ela desse o primeiro passo era tão profunda que seu corpo oscilava para frente e para trás.

Só que então ela percebeu ... o curso das coisas já havia mudado para ela.

Irrevogavelmente.

— Sim, —ela sussurrou. — Eu posso.

Capítulo 9

NO FINAL DA ESCADARIA CURVA, DARIUS TINHA UMA MÃO NA parede áspera e a outra no ombro proverbial da insanidade. Tudo o que ele queria era correr até a mulher que estava no topo da escada, mas não era seguro. Ele e Fritz sempre deixavam as cortinas abertas ao redor da casa, para melhor se adaptarem aos humanos, e ainda havia luz suficiente no céu para cegá-lo. Talvez até fumar sua pipe.

E ele não queria que Anne visse isso.

Então aqui estava ele, preso no subsolo, morrendo de vontade de chegar até ela, mas tudo o que ele podia fazer era tentar atraí-la para baixo por uma escadaria de pedra que sem dúvida parecia algo saído de um filme de *Vincent Price*⁵⁸ ...

— Darius? —disse sua voz novamente. — Estou esperando uma bebida.

Ele fechou os olhos, em parte porque amava o som dela. E parcialmente por frustração pela forma como a Virgem Escriba escolheu amarrar as mãos de sua única criação.

— Fritz vai trazer isso para você, —ele disse asperamente. — E sinto muito por isso, estou apenas trabalhando em algo aqui.

Enquanto ele contava a mentira, tudo o que ele não estava contando a ela bateu em sua consciência. Exceto que havia regras, regras antigas, que precisavam ser respeitadas mesmo neste Novo Mundo onde ninguém estava disposto a liderar.

E talvez ... ele não quisesse ver a expressão no rosto dela quando ela descobrisse a verdade sobre quem ele era.

Merda ...

— Que lugar é esse?

O som de seus passos mal se sobrepunha ao assobio suave dos lampiões a gás, mas ele podia ouvi-la vindo até ele, lenta e firmemente — e então sentiu o cheiro dela.

Fechando os olhos novamente, ele respirou fundo, aspirando a fragrância das flores frescas do prado para seu nariz, sua alma. Mesmo que ele a tivesse visto na noite anterior, parecia ter passado uma vida inteira desde que ele ...

E lá estava ela, contornando a curva, as chamas agitadas e inclinadas brincando sobre o rosto que ele visualizara em todos os momentos em que estava acordado e durante seus sonhos. *Oh, uau*, ela tinha usado o cabelo solto para ele, o comprimento castanho naturalmente realçado fluindo livremente e brilhando no topo de sua cabeça - e suas roupas eram o que ele esperava, simples e perfeitas, uma saia de linho larga e um camisa de botão branca brilhante, combinada com um suéter coral amarrado nos ombros.

Ela parecia brilhante e ensolarada, embora fosse início da noite.

— Olá. —ele disse quando ela parou alguns passos acima dele ... para que seus rostos ficassem no mesmo nível.

O sorriso dela era tímido. — Oi.

Eeeeeee então eles apenas se entreolharam. O que o fez se sentir menos desanimado: *contanto que ela olhasse para ele da mesma maneira, consumi-la com os olhos parecia menos inapropriado.*

— Sinto muito se isso é estranho. —Espere ... foi isso que ele lhe disse ontem à noite, certo? — Jesus. Sou como um disco quebrado. Não sou?

— Que lugar é esse? —Ela indicou a escada. — Quer dizer ... aquela pintura, esses degraus, as lanternas? Sinto como se estivesse em um filme de Vincent Price.

— Era exatamente com isso que eu estava preocupado. —Ele balançou sua cabeça. — Você não tem nada a temer aqui, eu prometo.

Não era como se ela estivesse na frente do Drácula ou algo assim.

Porra.

— Tudo bem. —Ela sorriu de uma forma que alcançou seus olhos e os aqueceu. — Agora que você está aqui, quero dizer, estou aqui com você, quero dizer ...

— Agora que estamos juntos.

— Sim. —Ela murmurou. — Isso mesmo. Está tudo bem agora.

Ao sentir uma onda de calor atingir seu rosto, foi como se nunca tivesse estado sozinho com uma fêmea antes. Claro, ele não estava no nível de Rhage quando se tratava do sexo oposto, mas não estava familiarizado com essas coisas. Ele até teve dois filhos fora do acasalamento adequado que morreram tragicamente séculos atrás.

Quando se tratava de Anne, no entanto, ele ...

Seus olhos caíram para sua boca. E tudo o que ele conseguia pensar era em beijá-la.

Exceto quando ele olhou para seu próprio quarto, ele sabia que ela merecia mais respeito do que ficar sozinha com ele onde estava sua cama, especialmente considerando onde ele estava em sua cabeça. O que diabos ele pensou que eles iriam fazer aqui? Ficar na base da escada até o pôr do sol?

Bom, como ela disse, pelo menos estavam juntos.

Como se fosse uma deixa, ela se inclinou para frente e olhou para a suíte de hóspedes, onde Wrath às vezes dormia.

— Que lugar incrível, —ela murmurou. — Esta casa é incrível.

— Deixe-me mostrar-lhe o lugar.

Darius abriu caminho para a outra câmara porque era a melhor das duas opções. E embora não houvesse nenhuma marca no local onde o Rei se deitara na cama, ele passou a mão sobre o edredom mesmo assim.

— É aqui que seu chefe fica? —ela perguntou enquanto caminhava e olhava para as pinturas de paisagens que deveriam ocupar o lugar das janelas. — Certamente parece muito seguro.

— Sim, este é o quarto dele. —Ele limpou a garganta. — Bem, quando ele está aqui, o que não é tão frequente quanto eu gostaria.

— Você é próximo dele, então? Como um amigo?

— Ninguém é próximo dele. Mas eu gostaria de ganhar meu lugar.

Com um aceno de cabeça, ela passou pela mesa que estava equipada com uma pluma e um tinteiro, além de material de escritório. Não que alguém estivesse usando nada disso.

Pegando uma folha de papel, ela franziu a testa.

— O que é isso?

Atravessando a sala, não foi nenhum sacrifício chegar perto o suficiente para espiar por cima do ombro.

— Hmm?

— Isso ... é escrita, não é? —Seu polegar passou sobre o título gravado que descrevia a linhagem real de Wrath na Língua Antiga, as listagens do pai do pai do pai ... retrocedendo gerações, e ainda assim os símbolos eram todos iguais porque todos os Reis da espécie tinham foi chamado de Wrath.

A mesma sequência foi tatuada na parte interna dos antebraços do atual Wrath, com as mulheres da linhagem também incluídas—e entre um piscar de olhos e outro, Darius viu a carne, em vez do papel.

Quando era mais jovem e mais idealista, ele sabia com certeza que todos os Reis carregariam esse nome. Que a profecia do *Dhestroyer* seria cumprida e os *lessers* e seu mestre maligno seriam eliminados.

Que a sua geração da Irmandade da Adaga Negra iria finalmente inaugurar um futuro pacífico, que o seu duro enxerto na guerra seria recompensado com uma vitória conquistada com base na honra e no legado dos bravos mortos, bem como na coragem e no compromisso dos vivos.

Já fazia muito tempo que ele não acreditava em nada daquela fantasia.

Agora, ele viu não apenas um rei que não lideraria, mas nunca mais reis: não havia possibilidade de qualquer descendência surgir do atual Wrath, porque, embora ele estivesse prometido a uma fêmea de valor, ele se recusou a deitar-se com ela—e com ele terminando a linhagem mais importante de todas, não era difícil extrapolar que também não havia nenhum futuro para a raça, na verdade. E depois havia os problemas dentro da Irmandade. Não havia coesão entre os seus membros atuais, nem coordenação de esforços, nem forma de obter apoio se fosse necessário. Portanto, esta era do que outrora foi a melhor linha de defesa contra o inimigo não estava a vencer a guerra com a Sociedade Lesser. Inferno, eles nem estavam aguentando, estavam perdendo.

Para onde exatamente alguém pensava que tudo isso estava indo? Um rei que se recusou a unir as espécies, um inimigo com incontáveis membros empossados e um número cada vez menor de irmãos, já que ninguém se preocupava em desenvolver e reabastecer qualquer membro ...

— Você está bem? —ele ouviu Anne perguntar de uma grande distância.

Ela estava certa, ele pensou. Tal como ela havia salientado na noite anterior, tudo aconteceu de forma tão gradual que o agora inevitável culminar não foi algo que ele ou qualquer outra pessoa tivesse notado.

Até este exato momento.

— Acho que ... vou me sentar.

Pelo menos foi o que ele pensou ter dito. De repente, ele não conseguia sentir nada em seu corpo, muito menos ouvir o que saía de sua boca. Tudo o que sabia era que se atravessasse a câmara com rapidez suficiente, chegaria à cama de Wrath antes de desmaiar.

E esmagar a mulher que ele sentiu que o estava seguindo ...

O cochão chegou na hora certa. Quando suas pernas se soltaram,

a suavidade veio cumprimentá-lo e, no salto, ocorreu-lhe que era assim que Wrath deveria fazer, apenas cair na cama de cara. Um colapso. Como um peso morto.

Como um cadáver.

— Darius? *Darius* ... fale comigo.

Mãos pequenas e fortes o rolaram, e então o rosto de Anne apareceu diante do dele, o cabelo sedoso caindo em ondas escuras e perfumadas, os lábios se movendo, embora ele não conseguisse ouvir nada do que ela dizia.

Ele realmente queria ouvi-la. Entretanto, seus ouvidos não estavam funcionando—e ela parecia frenética com a falta de resposta dele. Para ter certeza de que ela sabia que ele estava consciente, ele estendeu a mão e passou os dedos pelos cabelos ondulados que se arrastavam para frente, uma ponte entre os dois.

— Eu sempre tocaria você dessa maneira. —Ele disse na língua antiga. — Oh. adorável Fêmea, tão cheia de beleza e graça ... Temo que você seja minha pyrocant, enviada para me aquecer com um fogo que poderia facilmente me destruir.

Por uma razão que ele não entendeu, o suspiro silencioso dela rompeu sua surdez. E então ela se retirou bruscamente.

Deslocando os olhos para a porta, ele viu Fritz parado na porta aberta do quarto de hóspedes, um copo do que parecia ser suco de laranja em uma mão ... e uma expressão como se tivesse visto um fantasma em seu rosto de cão abandonado.

Oh. Não foi Anne quem ficou boquiaberta com o que ele disse. Esse tinha sido seu mordomo.

Bem, pelo menos ela não entendia a língua materna.

Sua admissão era o tipo de coisa que sem dúvida a assustaria.



— **NÃO CONSIGO ENTENDER** nada do que ele está dizendo, — implorou Anne ao mordomo. — Você pode ... ele está bem?

Quando ela se ajoelhou em uma cama do tamanho de sua sala de estar—curvada sobre um homem que ficou branco como um lençol na sua frente e depois caiu de cara na grande cama—ela estava preparada

para chamar uma ambulância. Ou talvez o seu empregador tivesse um médico particular? Enquanto isso, na porta aberta, o velho parecia tão chocado que ficou totalmente congelado.

Felizmente, ele entrou em ação.

— Aqui, —ele disse enquanto corria com o suco. — Talvez isso o reanime.

Voltando a focar em Darius, ela ficou aliviada ao encontrar os olhos dele abertos e fixos nela. As pupilas pareciam bem, mas o que ela sabia? E ele estava balbuciando ou falando naquela outra língua?

— Acho que precisamos de um médico ...

— Levante-o, senhorita, —disse o mordomo. — Vou oferecer isso à sua boca.

Mudando de posição, ela colocou as pernas sob o corpo e apoiou a cabeça de Darius em seu colo, certificando-se de que seu queixo estivesse inclinado para que ele pudesse beber. Então o mordomo levou o copo até aqueles lábios e, quando uma mão desleixada tentou afastá-lo, ela capturou a palma da mão.

— Por favor, —ela disse, — *beba*.

Instantaneamente, Darius obedeceu, como se tivesse recebido ordens dela durante toda a vida, e enquanto engolia, seu pomo de adão ondulava sob sua gola alta e apertada. Ela rapidamente olhou para seu corpo. Suas calças eram de um material fino que lhe cobria as coxas e panturrilhas, e o cinto que usava era de couro bom, preso pelo que parecia ser uma fivela de ouro polido. De alguma forma, ela não ficou surpresa por ele estar todo vestido de preto. Parecia ser o item básico de seu guarda-roupa, e ele ficava bem nele.

Ainda assim, as coisas pareciam fúnebres dado o seu estado atual.

— Ele não tem comido o suficiente, —disse o mordomo enquanto recuava com o copo. — Ele tem estado muito tenso ultimamente.

Ela olhou para o servo idoso.

— Parece que ele tem um trabalho estressante?

— Muito, senhorita.

— Então, o chefe dele é difícil?

O mordomo colocou o copo de volta na boca de Darius e, quando nada aconteceu, Anne ordenou: — Beba!

As ordens foram seguidas novamente, seus lábios se curvaram para tomar um gole uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. Até que o copo estivesse mais da metade consumido. — Então é difícil trabalhar para o chefe dele? — Anne perguntou enquanto olhava nos profundos olhos azuis que a encaravam, os cílios escuros realçando o tom ressonante.

No entanto, ela não tinha certeza do que ele estava vendo.

O mordomo soltou um suspiro longo e lento.

— Seu ... *chefe*, como você disse ... quebrou seu coração. Não há nada mais triste do que um líder que se recusa a liderar, especialmente se for procurado pelos seus ... bem, por aqueles que estão ao seu serviço, por assim dizer.

— Sinto muito por ouvir isso, —ela murmurou.

Ela e o mordomo ficaram em silêncio—bem a tempo de o homem entre eles anunciar:

— Não estou morto, você sabe.

A voz era forte, as sílabas enérgicas e Anne teve que sorrir um pouco.

— Eu imaginei isso, já que você tomou metade do meu suco de laranja.

— Bem, você me disse para beber.

Sem pensar, ela acariciou o rosto de Darius, as pontas dos dedos correndo da bochecha até o queixo. — Sim. Eu disse.

Quando seus olhos foram para sua boca, um rubor aqueceu seu corpo. E então o mordomo estava dizendo algo sobre trazer o jantar para cá em bandejas. E Darius estava respondendo algo, tipo '*sim, por favor*'.

E então eles ficaram sozinhos.

— Acho que você precisa de um médico, não de jantar, —disse ela.

— Vamos começar com o último e depois debateremos sobre o primeiro, combinado?

— Não tenho certeza se concordo.

— Fritz pode nos colocar lá, —Darius rebateu. — Na mesa. E você pode me monitorar o tempo todo.

— Ou ... talvez eu possa alimentá-lo exatamente onde estamos.

Quando os olhos dele brilharam, ela balançou a cabeça.

— Sem ofensa, mas não quero tentar te levantar da cama. Pelo menos se estivermos aqui, você estará seguro porque a gravidade já possui você.

— Estou bem ...

— Com certeza você está.

— Não, sério ...

Quando ele foi se sentar, ela o acomodou novamente.

— Fique. — Quando ele obedeceu, ela não passou despercebida que eles haviam feito isso na noite anterior, apenas com os papéis invertidos. Também ficou muito claro que ele estava optando por ficar onde estava, porque era mais do que forte o suficiente para se levantar da cama se quisesse. — Gosto da ideia de retribuir. — Ela passou os dedos pelos cabelos dele. — Parece justo, embora eu não ...

— Não o quê?

— Eu não quero que você sofra.

— Eu não estou sofrendo.

Ela não tinha certeza se isso era verdade. *Não está comendo bem? Por causa do estresse?* Ainda assim, às vezes a coisa mais gentil que você poderia fazer por alguém era deixá-lo manter a ilusão que estava apresentando.

Espere um minuto. Ela estava acariciando seu cabelo? Ora, sim, ela estava.

— Sinto muito, —ela disse enquanto corava e retirava a mão.

— Não pare, —ele sussurrou. — Você está me curando toda vez que me toca.

Instantaneamente, os dois pareceram se encaixar, a conexão invisível, mas poderosa o suficiente para fazê-la sentir como se nada mais existisse. E dado o que estava acontecendo em sua vida ultimamente, que alívio fazer uma pausa no caos. O medo.

— Anne ...

Montando uma onda de emoção indefinida, ela teve que desviar o olhar, seus olhos viajando para aquelas pinturas de paisagens

penduradas nas paredes de pedra e o guarda-roupa antiquado que sem dúvida estava cheio de ternos, e a escrivaninha formal onde aquele papel de carta com a bela escrita.

— Isto é como outro mundo, —disse ela. — Aqui embaixo.

Quando ela sentiu sua mão ser apertada, ela percebeu que ainda estava segurando a palma dele. E talvez ela devesse ter ficado tímida ou envergonhada com o contato, mas como aconteceu quando ela alisou o cabelo dele, ela não ficou. Essa casa, o mordomo, tudo isso estava tão fora de sua vida normal ... que a fazia se sentir como se estivesse em um sonho.

E ela poderia usar uma boa fantasia agora.

— Só você e eu. —Ele apertou a mão dela novamente. — Esta noite, vamos ser apenas ... você e eu.

— Sim. —Anne começou a sorrir. — Gostaria disso. Você tem certeza de que está bem?

— Positivo. Perdi uma refeição ... ou duas. Isso é tudo. Não se preocupe com isso.

A próxima coisa que ela percebeu foi que o mordomo estava voltando para o quarto, com o que parecia ser uma bandeja de prata esterlina com uma dúzia de travessas de prata esterlina. De alguma forma, o velho manteve a carga estável.

— Aqui, —ela disse, — deixe-me ajudar.

A pressão em sua mão a manteve no lugar, e Darius disse num silvo:

— Oh, Deus, não, não faça isso. Ele não gosta de ser ajudado.

— Mas ...

Quando Darius balançou a cabeça como se estivesse tentando impedi-la de se voluntariar para uma banheira de areia movediça, tudo o que ela pôde fazer foi sentar-se enquanto o mordomo colocava a bandeja na mesa e fazia um trabalho rápido transferindo as coisas para a mesa de cabeceira mais próxima.

E por algum motivo, o homem pedia desculpas tão rápido quanto se movia: — Receio que ainda haja porções da refeição completa que ainda não estão prontas. Sinto muito, o jantar seria às oito

— Está tudo bem. —Darius sentou-se, com as narinas dilatadas. —Sinto cheiro de aperitivos?

— Sim, senhor. —As tampas foram levantadas: — *Brie*⁵⁹ assado com amêndoas. Biscoitos frescos. Patê que fiz esta tarde. E, a seu pedido, salsichas de carne em folhados. Agora, com sua permissão, irei cuidar do rosbife e das batatas?

— Sim, por favor.

Enquanto o mordomo se curvava e disparava em direção à escada, ela perguntou: — Por que ele não aceita uma ajudinha?

— Ele veria isso como um fracasso em *escala* mortal. Ele é assim mesmo. Muito antiquado e formal em relação aos seus deveres—e se você forçar o ponto, você vai conseguir o visual.

— *Ah*, então ele vai ficar com raiva?

— Não *pior*. Ele vai *chorar*. —Darius colocou a mão no coração e fechou os olhos como se alguém tivesse morrido. — Você não quer isso. Eu sentaria em cima de uma bomba nuclear antes de ter que passar outro lenço de papel para aquele *Doggen*.

— *Doggen*?

— Mordomo, quero dizer. —Darius balançou a cabeça. — Estou dizendo a você. A última vez que tentei lavar minha própria roupa foi nos anos setenta e ainda não superei. Porque ele também não.

Ela riu um pouco. — Que *intenso*. E vejo que ele também fala essa língua. O que é exatamente?

— Apenas um dialeto europeu.

Quando houve uma pausa estranha, ela olhou para os pedaços e seu estômago roncou. — Esses são realmente enroladinho de salsicha?

Ele sorriu. — Acredito que esse seja o termo *vernacular*, sim.

— Você sabe o que? —Ela avançou em direção à mesa lateral e sua exibição de guloseimas. — Esqueça a entrada. É assim que o céu se parece para mim.

Ao colocar um na boca, ela ouviu Darius dizer baixinho:

— Eu não poderia estar mais de acordo.

Quando ela olhou para ele para fazer outra piada ...

... ele estava olhando para ela, não para a comida.

Capítulo 10

— SINTO QUE NOSSOS PAPÉIS PRECISAM SER INVERTIDOS.

Quando Darius lançou a declaração além do limiar da conversa, ele foi, no entanto, impotente para mudar a dinâmica que tinha sido tão firmemente estabelecida. Anne o instalara contra os travesseiros, que ela mesma empilhara, e agora preparava um prato para ele na mesinha de cabeceira. Em seguida, ela iria alimentá-lo com a mão - o que era algo que o atormentava.

E também o frustrou pra caralho. Ele precisava esperar por ela ...

Em voz baixa, ela começou a cantarolar alguma coisa, e ele fechou os olhos para poder colocar todos os seus sentidos para ouvi-la. — Que música é essa? — Ele perguntou rudemente.

— Você vai rir.

— Diga-me.

— *Grover Washington Júnior*⁶⁰. — Ela se virou para ele com o prato. — *‘Só nós dois ... podemos conseguir se tentarmos ... só nós dois ... você e eu ...’*

— Eu adorei, — ele murmurou enquanto ela se acomodava na beira da cama ao lado dele, dobrando as pernas sob o corpo. — Estou reivindicando-a como minha nova música tema.

Ao corar, ela pareceu tentar encobrir sua reação. — O que você prefere primeiro?

— Tudo o que você escolher me dar.

— Enroladinho de salsicha, é isso. Eu recomendo-os fortemente.

Quando ela pegou um dos embrulhos com os dedos delicados, ele segurou-lhe o pulso.

— Primeiro você. — Quando ela argumentou que já teve um, ele balançou a cabeça. — É uma coisa para mim. Você vem primeiro. Eu sou o segundo, depois de você. — Ele gentilmente redirecionou o aperitivo para os lábios dela e, quando assentiu, ela abriu a boca e deu uma mordida. Ao observá-la mastigar, ele sentiu o sangue ferver e tentou manter tudo sob controle. Por enquanto.

— Termine isso, — ela disse enquanto pegava o que restava e apresentava aos lábios dele.

O pedaço foi a melhor coisa que ele já provou, fora a sopa de tomate e a torrada. E era assim que eles comeram: *primeiro uma mordida para ela, depois uma para ele*. No silêncio, na quietude silenciosa do quarto onde o Rei dormia apenas de vez em quando, Darius e sua fêmea chegaram a um acordo, prova de que as palavras não eram necessárias quando a energia fluía entre duas pessoas.

Quando tudo foi consumido, ela voltou para as entradas que Fritz colocou na mesa de cabeceira.

— Vou guardar algum espaço para o jantar. Portanto, este próximo prato é todo para você e pronto. Não quero discussões.

Seu domínio o fez vibrar em lugares que normalmente estavam adormecidos—e mesmo que ele estivesse inclinado a recuar, submeter-se a ela tinha suas próprias recompensas, não é?

Quando ficou satisfeita com suas escolhas, Anne girou novamente. —Então, há quanto tempo você trabalha para seu chefe?

Enquanto ele debatia como responder a isso, ela felizmente colocou um biscoito com queijo brie em sua boca, e ele demorou a mastigar.

— Estou sob o comando dele há ... bem, parece que desde que estou vivo.

Ela riu um pouco. — Então muito difícil de trabalhar com ele.

— *Sim*. —Darius franziu a testa. — Mas ele teve uma vida difícil. Tão difícil e desde o início também. Seus pais foram ... eles foram mortos na frente dele quando ele era jovem ... uma criança.

Enquanto Anne engasgava, ele se perguntou o que diabos estava saindo de sua boca.

— Oh ... Deus, —ela disse. — Isso é terrível.

— Foi brutal. E ele nunca esteve bem desde então, você entende.

— Como alguém poderia estar? Ele foi criado por outra família? Ou ele foi para um orfanato? Eles encontraram quem fez isso? Eles foram para a prisão? —Ela se conteve. — Estou fazendo muitas perguntas, não estou ...?

— Não. —Ele capturou a mão livre dela, aquela que o alimentava, aquela que não segurava o prato. — Nunca. Você pode me perguntar qualquer coisa.

Eram com suas respostas que ele se preocupava.

— O que aconteceu com seu chefe depois? — Os olhos dela seguraram os dele. — Eu só ... quero dizer, eu sei que ele acabou em Caldwell, a menos que tenha começado aqui?

Por um momento, o passado se apoderou dele, ultrapassando seu foco nela. — Às vezes nem tenho certeza se ele está no planeta. Ele está bravo com o mundo, consumido pela vingança, frustrado com tudo, quero dizer, ele é necessário para pessoas com quem não quer confiar, ele está sufocado por um legado que rejeitou e, além de tudo isso, ele é ...

Uma máquina de matar.

Essa parte Darius manteve para si mesmo.

— O grande problema, — ele murmurou enquanto ela o alimentava com outro *“enroladinho de salsicha”* como ela os chamava, — é que ele está levando outras pessoas com ele. Mais do que tudo, é isso que me mantém acordado à noite. Às vezes, você está em uma função que herdou, queira ou não. Não é justo. Não está certo. Mas a vida não é justa e não é certa, e sim, há momentos em que você perde na loteria e não queria participar. O problema surge quando ... — *Uma espécie inteira.* — ... quando famílias inteiras dependem de você, então seu futuro e suas escolhas passam a ser deles por padrão. Não pretendo minimizar o sofrimento dele, mas, caramba, você faz o que precisa. Cuide dos seus negócios porque é exatamente onde você foi colocado nesta vida.

Darius fechou a boca com força e rapidez. Ele não havia expressado nada disso a ninguém, e agora que estava deixando a emoção reprimida sair, ele podia sentir um impulso começando—e ele não queria falar muito.

— Posso dizer que você o ama. — Quando os olhos dele voltaram para os dela, ela assentiu. — Está no tom da sua voz.

— Bem, na verdade, esse é o outro problema ... — Darius respirou fundo e passou a palma da mão pelo rosto. — Ultimamente sinto que o odeio.

Deixando cair a mão, ele se preparou enquanto olhava para ela. Exceto que Anne não estava demonstrando julgamento diante da revelação. Ela estava apenas aceitando-o pacientemente.

Então, novamente, ela não sabia a história completa ...

— Acho que não há problema em odiar alguém que você ama. — Quando as sobancelhas dele se ergueram, ela encolheu os ombros. —

Ou melhor, você pode conter as duas emoções ao mesmo tempo. Um não invalida o outro porque não se misturam. É como ... óleo e água para o coração. Incompatível e ainda assim no mesmo recipiente.

Ele examinou o rosto dela.

— Tenho muita culpa pelo que sinto ... e não posso falar com ninguém sobre isso.

— Eu entendo. É algo difícil de admitir para si mesmo, e as pessoas nem sempre entendem, especialmente quando olham de fora. —Ela empurrou alguns biscoitos pelo prato. — Meu pai era alcoólatra, não era mau, veja bem. Ele amava minha mãe e eu, só bebia demais às vezes porque ... bem, ele era a vida de cada festa e às vezes não há como desligar isso. —Ela sorriu um pouco. — Lembro-me de observá-lo quando recebiam pessoas. Eu ficava acordada até tarde só para poder espiar pela esquina e ouvi-lo contar histórias. Ele tinha essa que todo mundo sempre pedia para ouvir de novo, mesmo que já o tivessem ouvido centenas de vezes. Sobre nosso velho cachorro Mike e o peru do Dia de Ação de Graças.

Darius esfregou o polegar na palma da mão dela.

— Algo me diz que isso não acaba bem para o pássaro.

— Ou o cachorro, —Anne riu. — O pobre Mike teve a pior diarreia. Meu pai adicionou uma porta de cachorro na cozinha depois daquela noite—e honestamente, enquanto conto os fatos da história agora, estou percebendo que não foi apenas o que aconteceu ... foi a maneira como ele contou, sabe?

Como ela revivia claramente em seu próprio passado, havia uma luz especial em seus olhos e em seu rosto, mas ele viu ambos desaparecerem, a luz do sol eclipsada pela escuridão.

— Meus pais sofreram um acidente de carro voltando para casa em uma noite de neve, depois de um jantar fora. —Sua respiração estremeceu quando a deixou agora. — Eu tinha quinze anos e pude ficar sozinha, ficar acordada até tarde. Fiquei animada por eles terem saído porque pude fazer minha própria refeição e me sentir crescida. —Houve uma longa pausa. — A polícia bateu na porta pouco antes da meia-noite. Eu estava com sono no sofá em frente à TV, mas não preocupada. Meu pai poderia mantê-los fora até tarde, você sabe. Já tinha acontecido antes.

Quando ela não continuou, Darius fechou os olhos.

— O que a polícia disse a você.

— Meu ... *ah*, meu pai ... estava bem, mas no hospital. Minha mãe foi morta instantaneamente. Estava sem o cinto de segurança. — O som que ela fez poderia significar muitas coisas, todas elas tristes. — Essa noite é o motivo pelo qual não tenho carro, na verdade. Até hoje não dirijo. Não quero ser responsável por ...

Jesus, ele pensou. E ele bateu nela com o seu próprio.

— Anne, escute, se isso for muito difícil, você não precisa ...

— Depois disso, meu pai ficou inconsolável. — Enquanto ela falava sobre ele, ele sabia que ela estava profundamente dentro de si mesma. — Eu? Fiquei arrasada. Mas também me senti sortuda por ainda ter um pai, sabe. Só que então ... cerca de duas semanas depois, ele foi acusado de homicídio veicular porque estava bêbado na época. — Outra pausa. — Ele nunca me disse que havia falhado em um teste de sobriedade no local. Ele nunca ... disse nada sobre isso. E você sabe, na noite em que o acidente aconteceu, eu disse a mim mesmo que ele não estava, que ele não estava bebendo. Eu disse a mim mesmo que era dezembro e as estradas estavam congeladas e que não era culpa dele ...

Darius balançou a cabeça e guardou a maldição para si.

— Meu pai foi condenado a dez anos de prisão. Antes do julgamento, foi-lhe oferecido um acordo judicial, mas ele se recusou a admitir a culpa – em parte por minha causa, eu acho. Ele teria pegado cinco anos se tivesse aceitado o que lhe foi apresentado, mas não queria que eu o ouvisse admitir isso. — Ela encolheu os ombros. — Acho que foi assim que aprendi que não é preciso ser um bêbado malvado para ser destrutivo. Ele matou a esposa e a minha mãe e depois arruinou a minha vida junto com a dele—e para quê? Algumas piadas? Alguns tapinhas nas costas, algumas gargalhadas? Eu teria pegado uma flor chata e ficado com minha família em qualquer dia da semana, muito obrigado.

Ele a imaginou tão jovem, abandonada à própria sorte no mundo.

— Para onde você foi?

Ela respirou fundo e exalou lentamente. — Meus avós maternos me criaram e, mesmo não querendo, tentei várias vezes ir vê-lo. Ele recusou as visitas. Ele morreu cerca de três anos depois de uma overdose. Ele simplesmente não conseguia viver consigo mesmo.

Abruptamente, ela voltou a se concentrar em Darius. — Então é por isso que eu digo ... você pode amar alguém e odiá-lo ao mesmo tempo.

Estendendo a mão, ele colocou o cabelo dela atrás da orelha. — Não sei mais o que dizer além de que sinto muito. E ... sim, você sabe exatamente como me sinto.

Anne colocou o prato na mesinha de cabeceira. Então ela pegou a mão dele entre as suas.

— Você sabe de uma coisa? —Ela disse.

— O quê?

— Eu não percebi o quão solitária estava ... —Seus olhos voltaram para os dele. — Até agora.

Darius sentou-se lentamente, impressionado pela percepção de que era como se ela estivesse lendo sua mente—enquanto pensava a mesma coisa que ele.

— Eu também. Anne ... é assim que eu também me sinto.

Não foi a quantidade de tempo gasto com alguém. Foi a ressonância dos momentos que você compartilhou.

Ao olhar para o rosto de um estranho que ela conhecia há tão pouco tempo, Anne sentiu como se eles estivessem na vida um do outro desde sempre. Ela também tinha plena consciência do quanto escondia das outras pessoas. Ao compartilhar sua história com Darius —e não apenas os fatos, mas os sentimentos—ela baixou as defesas que eram tão essenciais para ela que esqueceu que existiam.

— Anne ...

Havia muita coisa na maneira como ele disse o nome dela, e mesmo que a parte lógica de seu cérebro estivesse lhe dizendo para ir devagar, todo o resto dentro dela estava claro que ela havia encontrado naquele homem o que ela nem tinha conhecimento de procurar. A relação com Bruce, *se é que ela poderia chamar assim*, tinha sido arte performática disfarçada de romance de escritório. Estimulada por pessoas como Penny e outras mulheres da equipe de apoio, ela seguiu um caminho traçado por outros: *pela inveja equivocada daqueles ao seu redor, por Bruce, com toda a sua mobilidade ascendente ... pelas expectativas que as mulheres precisavam estar casados quando tivessem vinte e cinco anos ou a data de expiração fosse acionada.*

Mas não havia mais ninguém em seu ouvido agora.

Eram só ela e esse homem que olhava para ela como se tivesse encontrado algo que o surpreendeu também.

— Eu quero beijar você, —ela sussurrou.

— Sim, —ele ronronou.

A mão larga de Darius roçou sua bochecha e depois parou em seu queixo. E então ele não teve que atraí-la para frente. Ela se moveu até ele sozinha, inclinando-se para ele, inclinando a cabeça.

O primeiro contato foi gentil, e seus lábios pareciam estranhos de uma forma chocante e tentadora, tudo tão macio e aveludado. E apesar do tamanho dele, que parecia quadruplicar diante de seus olhos, ela não se sentiu ameaçada de forma alguma. Pelo contrário, ela queria continuar a partir deste ponto de partida elétrico. Ela o queria em cima dela, o peso dele pressionando-a contra o colchão, as pernas dela abertas ao redor dos quadris dele, os corpos deles não mais vestidos ...

Darius recuou um pouco. — Está tudo bem? Eu não quero pressionar você.

Explorando seu lábio inferior com as pontas dos dedos, ela sorriu. — Se eu for sincera. Queria beijar você desde o segundo em que te conheci.

— Mesmo na parte de trás daquele carro, a caminho do hospital?

— Okay, talvez na noite seguinte na minha cozinha, que tal.

Seus olhos encapuzados brilharam sob aqueles cílios grossos..

— Funciona para mim.

Quando ele avançou mais uma vez, ela o encontrou no meio do caminho novamente, e suas bocas se chocaram. A sensação de movimento, o calor, a carga elétrica do beijo desapareceram no mundo inteiro, e ela desejou a amnésia. Ela estava faminta por esse afastamento de tudo, de Bruce, de Thurston e seu cheque, de Charlie no corredor dos fundos, de Miss Martle e da bela recepcionista com a oferta de café. Ela não queria mais os hematomas e as dores que a perseguiam, não queria mais a sensação de que estava trabalhando cinco dias por semana, pagando a hipoteca e não realmente progredindo.

Sua vida tinha sido um beco sem saída solitário, e então tudo ficou confuso.

Mas beijar Darius parecia que algo realmente bom estava acontecendo em sua vida—e a esperança e a excitação eram o que estava ausente de tudo, inclusive desde o início com Bruce.

Enquanto eles continuavam a aprender a boca um do outro, a mão de Darius passou pela nuca dela, e as coisas se aprofundaram, sua língua lambendo-a. Deus, o que era aquela colônia que ele estava usando? Foi a melhor coisa que ela já cheirou ...

Com um puxão brusco, ele recuou e olhou para a porta. Que parecia ter se fechado magicamente.

— Fritz trará o jantar em breve, —disse ele com voz rouca.

— Oh, desculpe ...

Sem perder o ritmo, ele tomou os lábios dela como se o tempo deles estivesse acabando, e então a puxou para seu peito, exigindo algo que ela estava impaciente para lhe dar. A exploração acabou. Agora era hora da fogueira, a queimação sexual os engolfava.

E de repente, não foi só porque o mundo desapareceu.

A galáxia inteira desapareceu.

Querendo ainda mais, Anne se esticou e o empurrou para ela, a parte superior de seu corpo rolando sob comando, uma sugestão do peso dele fazendo sua respiração ficar presa, ou talvez essa fosse a necessidade crua cravando-se em seu núcleo. O ajuste dele contra ela, seus peitorais pressionando seus seios, seus ombros tão largos, sua boca insistente ... tudo parecia inevitável, como se tudo, desde o momento do impacto naquela rua até este instante incendiário agora, estivesse em uma única corda do destino, unindo-os.

Entrelaçando-os.

Agora, quando ele recuou, foi lentamente, com pesar. — Eu poderia fazer isso a noite toda.

— Eu também.

Os olhos dele eram do azul mais vívido que ela já tinha visto, e ficaram ainda mais intensos quando ele acariciou o cabelo dela para trás com um toque delicado. Aquele corpo enorme e poderoso dele estava enrolado em antecipação, mas ele se manteve sob controle, acorrentando tudo o que ela podia sentir dentro dele.

Ela o queria solto.

— Escute, —ele disse calmamente. — Eu sei que você está saindo de algo que foi, na melhor das hipóteses, complicado e, na pior, totalmente abusivo. *Eu?* Não tenho um relacionamento sério há ... bem, há mais tempo do que consigo me lembrar. Acho que o que estou

tentando dizer é que estou realmente atraído por você e espero que você me dê uma chance quando estiver pronto para pensar assim novamente. Mesmo que eu seja apenas um *estepe*⁶¹, eu aceitarei.

Como ela só conseguia olhar para ele, porque não conseguia acreditar na sorte de tudo isso, ele enrubesceu e riu sem jeito.

— Demais? Cedo demais?

Ela balançou a cabeça — Não, de jeito nenhum.

— Tem certeza?

— Eu já estava me perguntando como pedir um segundo encontro sem parecer desesperada.

Sua risada retumbou em seu peito.

— Bem, francamente, estou impressionado por ter esperado tanto tempo—fiquei tentado a abandonar esse discurso por causa da sopa na sua cozinha ontem à noite.

Anne teve uma rápida lembrança dele no pronto-socorro, sentado na cadeirinha ao lado de suas roupas dobradas e seu único sapato, a agitação arrastada do outro lado da cortina formando uma espécie de pano de fundo terrível para o que parecia, mesmo assim, como um filme com um romance de época. E então ela se lembrou dele do lado de fora da cozinha, na pequena varanda, com o mocassim desaparecido na mão, o rosto sombrio, mas cheio do que ela agora reconhecia como algo que ela mesma estava sentindo ... ou seja, a frágil esperança de que este fosse o começo de algo especial.

Em uma vida que de outra forma parecia triste.

Ela nem iria se preocupar sobre como isso estava acontecendo ou por quê. Ela não tinha feito essas perguntas sobre Bruce, quando o tempo todo ela não tinha certeza se sentia algum sentimento verdadeiro por ele.

Então, por que diabos ela perguntaria isso agora, quando isso parecia tão certo?

Colocando a mão levemente no rosto de Darius, ela se deixou perder em seu olhar faminto.

— Você não é um *estepe*. Na verdade, sinto que ... você é quem eu estava esperando.

Seu sorriso era menos uma expressão, mais um brilho da alma.

— Anne ...

A princípio, o som que interrompeu o sussurro urgente de seu nome foi tão baixo que ela não conseguiu identificar o que era. Mas quando a cabeça de Darius girou em direção à porta, ela percebeu que a batida rítmica era de alguém descendo os degraus de pedra. Rápido. E os passos eram pesados, então definitivamente não era o mordomo que estava com o jantar.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, os painéis de carvalho foram abertos sem uma batida ou um *alô*—e mesmo que ela estivesse preparada para não ver o velho mordomo em seu uniforme formal preto e branco ... ela certamente não estava preparada para o que se encontrava entre os batentes.

O homem de aparência cruel estava vestido com couro preto da cabeça aos pés, e ela sabia, sem ver o que havia sob a jaqueta, que ele estava armado. Seramente armado. Mas quaisquer que fossem as armas que ele carregava no corpo, não eram o que a assustava.

Seus olhos claros e gelados eram a matéria de pesadelos, astutos e cruéis ... totalmente implacáveis enquanto observavam Darius e ela, juntos na cama.

Eram tatuagens na têmpora dele?

— Você não sabe como bater na porta? —Darius disse em um tom de voz desagradável. Enquanto ele se movia para protegê-la com o torso, ele parecia uma pessoa totalmente diferente. Parecia um também, com as sobranceiras franzidas sobre um olhar totalmente agressivo.

Anne teve que se inclinar para o lado para olhar ao redor de seus bíceps grossos.

O outro homem pegou o que parecia ser um cigarro enrolado à mão e colocou-o entre os dentes brancos e brilhantes.

— Não sabia que precisava de um convite gravado para vir aqui. —Um isqueiro dourado cuspiu uma pequena chama e, depois de usá-lo e fechar a tampa, ele voltou a falar ao expirar. — Então, novamente, você não é do tipo de ficar ocupado, pelo menos não no passado.

Em couro preto, é claro. O cara provavelmente achava que algodão ou lã eram muito afeminados—*caramba*, talvez a cota de malha fosse feminina demais para ele.

— Eu o encontro lá em cima, —Darius disse firmemente.

— Não vai me apresentar?

— *Não*, eu não vou. Agora dê o fora daqui.

O homem de cabelos negros apontou para trás com o cigarro. — Do outro lado do corredor. Estarei te esperando.

Quando a porta do quarto foi fechada com um som estridente, Darius fechou os olhos brevemente. Então ele se sentou. Olhando para os pesados painéis de carvalho, ele parecia envelhecer diante dos olhos dela, os anos se multiplicando até se transformarem em décadas. Séculos.

Até que seus ombros caíram e suas sobranceiras se juntaram de exaustão. — Sinto muito, —disse ele remotamente.

— Quem é ele?

— *Na mesma noite*. —Ele balançou sua cabeça. — Na mesma *maldita* noite.

— Desculpe, o quê?

— V não vem aqui há quanto tempo? —Darius esfregou a nuca como se precisasse de um *quiropático*⁶². — E ele aparece na única noite em que você está aqui.

— Você trabalha com ele?

— De certa forma. —Darius olhou por cima. — Desculpe. Vou me livrar dele.

— Okay, mas posso ir embora se você tiver algo que precisa ...

— Por favor. Fique.

Anne se reposicionou contra os travesseiros, levantando um deles para apoiar a cabeça.

— Tudo bem.

A tensão em seus ombros diminuiu.

— Não tenha pressa. Estarei bem aqui. —Darius assentiu, como se tivessem feito algum tipo de acordo. E então ele saiu do quarto com tal passo que ela quase se sentiu mal pelo homem de couro preto.

Quando a porta foi fechada novamente, ela cruzou as pernas na altura dos tornozelos e olhou para a cama com seu edredom de cetim vermelho e preto. Estendendo a mão para pegar um aperitivo, ela se serviu de outro enroladinho de salsicha. Estava morno.

E agora tinha gosto de papelão.

Mas isso tinha menos a ver com a comida e sua temperatura ... e mais com o que estava acontecendo do outro lado do corredor.

Capítulo 11

DARIUS BATEU NA PORTA DO SEU QUARTO COMO SE FOSSE UM adversário, esmurrando o peso pesado antes de marchar para seus aposentos privados.

Em sua mesa, Vishous, filho do Bloodletter, sentou-se e estava recostado na cadeira esculpida, as botas apoiadas perto do mata-borrão, um cinzeiro *Cartier* equilibrado em seu abdômen.

— Surpresa, *surpresa*, —disse o irmão depois de dar uma tragada no tabaco turco. — Interrompendo você em um encontro.

— Vá se foder, —Darius disse enquanto os fechava juntos.

A sobrançelha ao lado da têmpora tatuada se ergueu, aqueles olhos de diamante brilhando com fria diversão. — Não acho que seja a mim quem você quer foder. Mas você me conhece, estou pronto para qualquer coisa.

As presas de Darius formigaram quando caíram de sua mandíbula.

— Não me provoque. Eu não estou no clima.

As narinas de Vishous se alargaram—e então de repente ele não parecia tão satisfeito consigo mesmo. Ele ficou *pasma*. — Você está ...? Você se vinculou a ela? *Sério?*

Uma onda de ansiedade percorreu a espinha de Darius e atingiu sua ereção parcial. *Certamente ele não poderia ter ...* — Não vou dignificar isso com uma resposta.

— Você não precisa.

Darius foi até o banheiro e apagou a luz. Apenas para ter algo para fazer, além de homicídio. — Por que diabos você está aqui? Em vez de roubar doces de bebês e chutar cachorrinhos.

— Virei uma nova página. —Vishous bateu em seu enrolado à mão. — Agora estou cheio de paz e amor. Um *hippie*.

— Chega de cera negra, então?

A sobrançelha arqueou-se. — Então as pessoas têm falado sobre

mim novamente.

Quando a exaustão tomou conta de Darius por trás, ele sentiu vontade de gritar de frustração, mas lhe faltou energia. — Olha, não estou interessado nos seus jogos ou nessas besteiras de leva e trás ...

— Houve outra cerimônia de indução.

Darius amaldiçoou. — De novo não. Onde.

— Casa de fazenda. Cerca de dezesseis quilômetros fora da cidade. — O outro irmão inalou e falou em meio à fumaça, como era seu costume. — Assim que entrei em campo esta noite, localizei um novo assassino. Ainda tinha cabelos e olhos escuros. Antes de apunhalá-lo de volta ao seu criador profano, fiz com que ele me contasse onde conseguiu o óleo preto em suas veias.

— Quantos foram transformados?

— Mais de uma dúzia.

— Ah, Merda! — Darius passou a mão pelo cabelo. — Houve um na semana passada também.

— O Ômega está em alta.

Vishous apagou o cigarro na pequena bacia de porcelana.

— Estou indo para o local agora.

Darius balançou a cabeça, bem ciente de onde isso estava indo. — Por que? Já está feito. O Ômega desaparecerá, e os transformados também ...

— Eu não acho. O *lesser* havia passado apenas uma ou duas horas após sua indução. Pode haver outros ainda se recuperando da cerimônia. — A voz do Irmão baixou. — E você sabe o quanto eu gosto de me exercitar ...

— Você não pode ir sozinho.

— Eu não estava pedindo sua permissão.

— Bem, eu não posso sair esta noite. Você precisa que um dos outros o apoie.

O irmão levantou uma sobrancelha. Então acenou com a cabeça em direção à porta. — A propósito, onde você encontrou sua amiguinha do outro lado do corredor ...?

Darius apontou um dedo para o macho. — Tome cuidado com o

que você vai dizer.

— Cuidado com suas distrações.

— *Distrações?* —Ele foi até sua mesa, plantou as palmas das mãos e se apoiou nelas. — Você está dizendo que não estou totalmente comprometido com o que resta desta raça?

— Não sou eu quem tem uma humana embaixo de mim ...

— Eu mantenho uma luz acesa para o *nosso* maldito Rei. Construí uma casa para todos nós onde ninguém da Irmandade vai, muito menos mora. Sou o *fio* entre o Velho País e essa existência de merda no Novo Mundo. E você tem a ousadia de sugerir que estou *relaxando* porque uma noite, uma maldita noite, me atrevo a ter uma vida pessoal? Quantas fêmeas você fodeu na última semana.

— *Fêmeas?* Eu não tenho certeza. Mas eu sei que havia sete homens. Não, oito se você contar aquele boquete que recebi há cerca de duas horas. E quanto a escolher seu acompanhante em vez daquele *dever* de que você tanto fala, não reclame comigo. Sou apenas um espelho para suas escolhas. —Vishous jogou o cinzeiro perto do mata-borrão e sentou-se, plantando as botas no chão. — Se eu morrer esta noite, sua culpa autoimposta será problema seu, de mais ninguém.

Darius fechou os olhos e tentou não perder o controle. — Você sabe quando foi a última vez que eu ... quando na última noite eu ... —Ele limpou a garganta. — Quando tive um momento de paz. Apenas um maldito momento para mim mesmo? Tudo o que penso é na porra da guerra, e na porra do nosso Rei, e na porra da nossa espécie— preciso de uma maldita noite de folga!

À medida que sua voz ficava cada vez mais alta, ele não se preocupou em conter nada—embora, de toda a Irmandade, aquele a quem você nunca quis mostrar qualquer emoção ou fraqueza fosse o lutador à sua frente. Vishous era o irmão mais inteligente, um guerreiro com um intelecto afiado como as adagas que ele afiava, um homem que não tinha misericórdia de nada nem de ninguém. Incluindo ele mesmo.

Tudo o que você mostrou a ele sobre seu ponto fraco iria para sua caixa de ferramentas e seria usado em algum momento futuro. Para seu benefício.

Mas Darius não estava nem aí para isso agora.

— Estou cansado de foder tudo esta noite. —Exceto a mulher do outro lado do corredor. — E não tenho mais nada para dar a você ou à

Irmandade.

Vishous ficou de pé. Mas em vez de ser sarcástico, ele manteve a voz calma.

— Estamos em tempo de guerra, D. Não há paz para nenhum de nós. Então, quando se trata de sair de serviço, você nunca vai receber nada de gente como eu, desculpe.

Estranhamente, a parte do pedido de desculpas pareceu sincera pela primeira vez.

— Será que isso vai acabar? —Darius se perguntou em voz alta.

— Sim.

— Por causa daquela estúpida profecia do *Dhestroyer*? Jesus Cristo, essa velha história não passa de folclore. —Ele concentrou-se na porta fechada do seu quarto. — Mas ainda não vou com você esta noite.

Quando o olhar implacável de Vishous não mudou o foco, Darius revirou os olhos.

— O que. Apenas diga. Embora seja melhor que a conversa fiada não seja sobre ela.

Depois de um momento, o irmão deu a volta na mesa. — Eu não vim aqui para fazer você segurar minha mão quando eu for dar uma olhada naquele local de indução.

Quando uma súbita sensação de pavor atingiu Darius como um tanque, ele tentou manter o rosto em uma máscara que não revelasse nada. — Porque você veio então?

Mesmo que ... ele soubesse. A reputação de Vishous o precedeu não apenas quando se tratava de sarcasmo e questões sexuais de natureza não convencional. Também se falou muito sobre sua segunda visão, suas visões do futuro.

Elas sempre foram de morte.

— Bem, vá em frente. —Darius disse em voz baixa. — Diga-me o que você viu.

— Às vezes as pessoas não querem saber.

— Então por que me dar uma escolha?

— Porque às vezes elas querem saber.

Darius teve a estranha sensação de que os pronomes haviam mudado porque o irmão estava se distanciando.

— Então, o que vai ser, D. O que você quer fazer.

No silêncio que se seguiu, o único pensamento que passou pela cabeça de Darius ... foi que ele se perguntava o que Anne escolheria para si mesma. O que ela sugeriria, ele escolheria.

— Pense nisso. — Vishous passou por ele. — Avise-me ...

— Eu quero saber.

O irmão se virou lentamente. E enquanto aqueles olhos de diamante giravam, eles pareciam brilhar com uma luz sobrenatural.

Depois do que pareceu uma eternidade, Vishous disse com voz grave:

— Eu vi você engolfado pelo sol, com chamas ao seu redor. *Click* ...

— *Click?*

— Esse foi o som antes do sol aparecer para você. *Clique*. — Vishous franziu a testa e esfregou sua têmpora tatuada. — Era como um som mecânico. E então ... *o sol*.

— Então eu abri uma janela. Uma porta? — Darius balançou a cabeça. — Impossível. Não sou suicida. Nunca faço isso durante o dia.

— Não era de dia.

— Claro que era. É quando o sol aparece. — Ao pensar mais sobre isso, ele exalou de alívio. — Jesus, você me assustou pra caralho. E serei extremamente cuidadoso do nascer ao pôr-do-sol. Obrigado.

Montando uma onda de emoção vibrante, ele puxou Vishous para um abraço forte. Então ele afastou o irmão.

— E, por favor, não vá sozinho para aquela fazenda, — ele disse. — O Ômega pode estar lá.

— Você acabou de dizer que não havia motivo para ir porque ele e seus iniciados teriam ido embora.

— Eu menti. Você sabe onde Tohrment mora. Vá e encontre-o, é melhor que você permaneça vivo para lutar do que ser morto tentando adicionar mais um ou dois assassinos ao seu cinturão sozinho. — Quando Vishous abriu a boca, Darius interrompeu. — Não, estou falando sério. Não faça nada muito arriscado, precisamos de você.

— Sempre achei que você não gostava de mim, —veio a resposta seca.

— É claro que não gosto de você. —Darius se inclinou e falou pelo canto da boca. — Notícia de última hora, ninguém gosta de você.

V lançou um olhar duro. — Pare com os elogios, você está me fazendo corar.

— Mas você é muito útil. Não tão decorativo quanto Rhage, mas muito útil. —Darius deu um tapinha no bíceps do irmão. — Agora vá encontrar Tohr. E divirta-se, mas esteja seguro—e não volte aqui sem avisar primeiro.

Quando Darius abriu a porta, Vishous disse asperamente:

— Estava chovendo. Antes do sol ... houve chuva. E estou lhe dizendo, era noite.

Darius olhou para o irmão através da distância que os separava. — Então sua visão estava errada pela primeira vez. Aquela grande bola de fogo brilhante no céu só aparece durante o dia. Mas ei, terei cuidado—e você também. Diga olá para Tohr por mim. Ele é um macho de valor.



À MEDIDA QUE O TEMPO passou, Anne teve que se forçar a sentar-se nos travesseiros e parar de morder o dedo nervosamente. Com os pés pendurados na lateral da cama, ela olhou para a cabeceira da cama. Ela não tinha certeza de que tipo de madeira antiga era feita, mas os entalhes eram tão profundos que ela conseguia colocar os dedos no padrão de relevo.

Após um momento de inspeção, ela decidiu que era a representação de um jardim de árvores frutíferas fecundas.

Ela olhou para o colchão. Este era um santuário para fazer bebês ou algo assim?

Descendo, havia uma boa distância até o chão, e ela caiu no tapete em tons de pedras preciosas com um grunhido. Para relaxar o quadril e a perna doloridos, ela foi até as pinturas a óleo penduradas em ganchos perfurados na rocha negra. As cenas do lago a lembraram dos *Adirondacks*⁶⁴, montanhas verdes erguendo-se de bacias de água cristalina, humanos, se é que existiam, tão pequenos em comparação. Colocadas em molduras douradas, as obras de arte eram claramente

obras-primas.

— *John Frederick Kensett*⁶⁵, Lake George, mil oitocentos e sessenta e nove, —ela leu em voz alta.

Não tenho ideia de quem era, mas ela estava certa sobre a localização luminosa. Enquanto ela caminhava para o próximo, a placa dourada dizia “*Thomas Cole*⁶⁶”. Havia um *Albert Bierstadt*⁶⁷. Um *Thomas Davies*⁶⁸.

Ela se sentiu como se estivesse em um museu ...

Parando, ela se concentrou em um conjunto de três vasos que estavam sobre uma mesa de pedestal. De todos os objetos da sala, pelo menos um dos três não combinava com a decoração antiga. O recipiente tampado era barato e azul piscina. E os dois com quem estava podiam ser velhos, mas havia uma feiúra igual neles. Ela pegou aquele que parecia ser encontrado em uma loja de cozinha ...

— Desculpe por isso ...

Quando Darius voltou a entrar no quarto, ela se virou e, no processo, perdeu o controle do vaso. Embora ela imediatamente tenha tentado se recuperar, a gravidade fez seu trabalho e, por sorte, a coisa pousou não no tapete persa, mas no chão de pedra nua que circundava o lindo tapete. O estilhaço foi espetacular, a porcelana se abriu, cacos voaram ...

— Não! —Darius latiu enquanto ela descia. — Não toque nisso.

— Sinto muito ... *ah*, meu Deus. —Anne recuou e tapou o nariz. — Que cheiro é esse?

Darius arrastou-a de volta e colocou seu corpo entre ela e o vaso quebrado.

— *Merda!*

Anne franziu a testa. Uma substância preta e brilhante escorria por todas as peças de cerâmica, e não era só isso. Havia algo mais ali, algo que lhe pareceu horrível ...

— Isso é um coração? —Ela respirou.

Enquanto seu estômago revirava, ela olhou para o rosto de Darius. Suas feições estavam compostas em uma máscara, mas seus olhos eram poços de arrependimento.

Puxando-a de volta, ele abriu a boca. Fechou. Então ele olhou para a bagunça no chão novamente. — Fique aqui. Não chegue perto

dessa coisa.

Ele desapareceu do quarto e gritou escada acima. Houve uma pausa—e então o som estrondoso dele subindo os degraus de pedra, dois de cada vez, diminuiu à medida que ele subia.

Anne olhou de volta para o derramamento preto.

Cada célula de seu corpo começou a vibrar em alerta e ela se afastou ainda mais. No entanto, a substância oleosa era estranhamente hipnótica, a forma como se acumulava na pedra cinzenta era quase sensual ... como se estivesse viva, como se a estivesse seduzindo para ...

Anne ofegou quando Darius a puxou de volta para o centro da sala. E pensar que ela não percebeu que tinha chegado tão perto.

— Escute, eu preciso ... —ele começou.

Houve uma pausa. E então ele a incentivou a sair da sala, até o pequeno corredor na base da escada. Enquanto isso, seus olhos permaneciam fixos nos restos do vaso azul barato e no que parecia ser um coração ... e naquele lodo parecido com sangue.

A porta se fechou, bloqueando sua visão.

— Escute, —ele começou novamente. — Odeio fazer isso, mas algo aconteceu. E eu não posso—eu tenho que ir. Só que ... eu odeio isso, mas se eu não for com meu irmão ... *amigo*, em vez disso, ele estará em perigo, e por mais que eu esteja tentando me convencer de que não é problema meu—estou preocupado que ninguém mais *pense* que é deles.

Anne tentou se concentrar nas palavras de Darius, mas cada vez que piscava, via aquele óleo preto brilhante ondulando sobre os contornos irregulares do chão de pedra. Como se estivesse tentando chegar até ela ...

— Anne!

O rosto dele tomou conta do campo de visão dela, tão próximo do dela que ele abrangia tudo.

— *Anne*.

Ela voltou a prestar atenção. — Sinto muito. Não sei o que deu em mim.

Quando sua boca se abriu em uma linha sombria, ele balançou a cabeça. — Tenho que ir ajudar meu amigo. Caso contrário, ele fará

algo realmente estúpido sozinho.

— *Oh!* —Ela assentiu. — Claro. É claro.

— Posso pedir ao Fritz que leve você para casa ...

— O mordomo?

— Sim, ele pode te dar uma carona ...

— *Ah*, não, vou pegar outro táxi. —Quando ele praguejou, ela pegou a mão dele e seguiu o programa. — Está tudo bem. E eu entendo ...

— Ou você poderia ficar aqui.

Antes que ela pudesse responder, ele interveio:

— Você está segura nesta casa. Fritz adora companhia e você poderia esperar um pouquinho até eu voltar? Eu realmente não quero que esta noite termine, mas especialmente não assim, eu saindo correndo. Então você poderia ficar aqui—na verdade, por favor, fique aqui. Não ficarei fora por mais tempo do que o absolutamente necessário.

Anne disse a si mesma para dizer não, obrigada, e não, ela simplesmente chamaria um táxi, e não, ela não iria esperar, e não ...

— Tudo bem.

A expressão de Darius suavizou, um sorriso substituiu parte do estresse. — Isso é ótimo, isso é só ... obrigado.

A ideia de que a presença dela significava tanto para ele a fazia sentir-se importante. E então os lábios dele estavam nos dela, um roçar quente. — Vou ser o mais rápido que puder. —Ele olhou de volta para o vaso quebrado. — Mas você não pode ficar neste quarto. Suba enquanto eu me troco e Fritz limpa isso?

— Tudo bem, eu vou.

Ela sorriu um pouco e se virou

Braços fortes a trouxeram de volta contra um corpo forte, e Darius a desequilibrou, sustentando seu peso facilmente.

— Estarei contando os minutos, —ele murmurou.

E depois beijou-a até à exaustão.

Quando ele finalmente a colocou de pé, ambos estavam

respirando pesadamente.

— Assim que eu chegar em casa, eu vou ... —Sua voz foi sumindo, e seus olhos a percorreram da cabeça aos pés, sua intensidade fazendo com que ela se sentisse nua. No bom sentido. — Quer saber, é melhor eu parar com essa frase aí mesmo.

Anne praticamente flutuou até o fim da escada. Olhando por cima do ombro, ela viu a silhueta dele na porta aberta—e ela nunca esqueceria a maneira como ele a olhava: *ele a fazia se sentir bonita, de uma forma mais do que superficial.*

Por um momento escaldante, ela quis dizer algo atraente, algo que pudesse ter saído da boca de, digamos, *Sophia Loren*⁶⁹ ou *Elizabeth Taylor*⁷⁰.

Em vez disso, ela apenas sorriu novamente e começou a subir para fora do porão. Talvez o mistério fosse sexy o suficiente. Então, novamente ... dada a forma como ele olhou para ela? Talvez ela fosse suficiente do jeito que era.

E enquanto Anne continuava a colocar um pé na frente do outro, e passava pelas lanternas, e se sentia extremamente estranha por ficar na casa de um relativamente estranho com o mordomo do chefe do homem ...

... nem o *vampiro* que lhe ofereceu sua hospitalidade nem ela mesma, que aceitou o convite, sabiam que sua vida havia sido salva por sua decisão de permanecer.

Capítulo 12

ENQUANTO DARIUS SE REFORMAVA EM UM GRUPO DE ARBUSTOS que tinha todo o apelo visual de uma bola de sucata, ele realmente não queria ouvir uma maldita palavra de Vishous sobre sua mudança de ideia. Ele estava atualmente com um humor que oscilava entre o desagradável e o assassino e, embora isso fosse útil no trabalho, também era um pêndulo incendiário em uma boa noite, uma verdadeira alegria quando você estava trabalhando em uma cena de indução com gente como V ...

Especialmente depois que você acabou de deixar uma mulher com quem preferiria ficar em casa enquanto seu mordomo limpava uma bagunça de um *lesser*.

Felizmente, quando o irmão se materializou ao lado dele, V não

parecia estar interessado em nenhuma conversa fora do assunto sobre inversões de marcha, e que bênção da Virgem Escriba. Sim, Anne era importante—importante demais, na verdade—mas a visão daquele do *lesser* no chão da câmara foi o que fez Darius voltar às suas *prioridades*.

E é claro que não havia nenhuma maneira de V ter ido buscar Tohr.

Ainda bem que Anne estava disposta a ficar.

— A noventa metros daqui, —disse V enquanto empunhava duas de suas armas e começava a andar por entre arbustos e árvores.

Fale sobre suas instruções desnecessárias. Darius já podia sentir o cheiro do talco de bebê na brisa, o fedor o incendiando, não que ele precisasse de muita ajuda com isso. Ele estava mais do que pronto para lutar e rezando para que encontrassem alguns retardatários—e, ao contrário de seu colega lutador, ele tinha adagas nas mãos, não armas. Ele queria chegar bem perto e pessoalmente de sua presa.

Talvez ele usasse os dentes também.

Movendo-se silenciosamente, eles estavam envoltos em sombras, a pesada cobertura de nuvens trabalhando a seu favor e bloqueando a luz da lua. Cerca de cinquenta metros adiante, a floresta diminuía e uma estrutura decrépita de dois andares se apresentava no meio de uma clareira. Com uma chaminé em ruínas, inúmeras janelas quebradas e um revestimento que parecia ter sido removido com jato de areia em seções, a estrutura inclinava-se para a esquerda.

Portanto, não estava apenas degradado esteticamente, havia problemas com sua própria base.

Tentando não pensar em paralelos com as espécies, Darius acelerou o passo, ciente de que os dois eram alvos fáceis quando se libertaram de seu disfarce. Aproximando-se, o fedor dos *lessers* ficou cada vez mais forte no nariz, até que ele teve que esfregar as coisas para não espirrar pelo lobo frontal. E então eles estavam bem nos fundos da casa da fazenda. Sem nenhuma palavra, ele e Vishous se comunicaram usando sinais manuais, um deles indo para a direita, o outro para a esquerda.

Circulando pelo flanco, Darius monitorou as molduras de vidro quebradas das janelas, sua audição sobrecarregada para captar até mesmo o menor movimento lá dentro. Em volta dele. Acima dele.

Ao chegar ao canto mais distante, ele encostou as costas no revestimento envelhecido.

Ele esperou o suficiente para ter certeza de que não havia emboscada. *Ainda*.

Então ele pulou.

A frente da casa da fazenda já teve uma varanda coberta, agora havia apenas uma pilha de gravetos sufocados por videiras no chão e uma seção de telhado desabada pendurada no beiral. A desintegração do proverbial tapete de boas-vindas não impediu as pessoas de entrar, no entanto. A estrada circular coberta de mato havia sido destruída pelos pneus, é só Deus sabe quantos veículos tinha, os sulcos profundos escavados no mato emaranhado e manchas de terra irregulares sugeriam que, pelo menos na partida, as pessoas estavam com pressa para dar o fora dali de *Dodge*⁷¹.

Por outro lado, o Ômega não *cumprimentou* exatamente seus novos recrutas com um aperto de mão e uma cesta de frutas ...

Um movimento à esquerda fez com que a cabeça de Darius girasse. Mas foi apenas Vishous que se libertou do lado oposto.

V levantou dois dedos e depois bateu na sobrançelha. Quando Darius assentiu, o macho se desmaterializou para ver o segundo andar.

Agachando-se, Darius abaixou-se sob o que restava da saliência da varanda e fez o melhor que pôde para navegar pela salada de madeiras podres, vigas de enquadramento e comprimentos de piso. Algumas vezes, suas botas estilhaçaram o que ele pisou e sua virilha quase foi espancada duas vezes.

Chega de abordagem furtiva. Mais algum barulho e ele poderia ter trazido uma banda marcial com ele—e, em retrospecto, ele deveria ter se desmaterializado por uma das janelas laterais. Quando finalmente atravessou a desordem, encontrou a porta da frente caída no chão do modesto vestibulo, como se tivesse caído ou sido arrancada das dobradiças com um chute. E, *ah*, meu Deus, o cheiro de talco de bebê, sangue fresco e morte recente era tão forte que parecia uma névoa em seus pulmões, como se ele não devesse ser capaz de ver através do ar.

Seus olhos estavam funcionando muito bem ... então ele teve uma visão clara de todos os pedaços de *drywall*⁷² e baldes espalhados nas várias salas. Eles estavam cheios de sangue humano, mas a merda também estava por toda parte, espalhada no chão, salpicada nas paredes ... havia até manchas no teto.

Ao passar pelo primeiro andar, ele se escondeu atrás dos batentes

das portas, dos cantos e das escadas, suas botas deixando marcas nas poças congeladas que se formaram—e nem tudo estava vermelho. A essência negra e oleosa do Ômega também estava espalhada por todo lado. Então, novamente, ninguém jamais acusou o mal de ser um desagradável quando ele estava transformando humanos em assassinos de vampiros sem alma.

Chegando ao que havia sido uma despensa, ele olhou para uma cozinha que ainda tinha eletrodomésticos da década de 1940 ...

Rangido!

Darius se virou e, no meio do giro, jogou sua adaga em uma forma enorme que havia se esgueirado atrás dele nas sombras.

Tapa!

No instante em que ouviu um par de palmas batendo, ele soube quem era. *Maldição*. Ele preferiria ter encontrado um esquadrão de *lessers* ...

Uma figura apareceu e, com certeza, a adaga de Darius ficou presa entre as mãos que estavam diretamente na frente da caixa torácica que a lâmina negra teria perfurado. O vampiro com cicatrizes por trás do truque de salão do tempo de guerra era mais magro do que deveria, pelo menos vinte e cinco quilos, mas seu corpo grande ainda assim era poderoso—e ele não estava vestindo casaco ou jaqueta, embora houvesse um frio no ar. Assim, um arsenal estava à mostra, as armas que estavam cintadas e presas livremente visíveis em vez de escondidas.

— Zsadist.

Mesmo que os dois fossem irmãos em virtude de pertencerem à Irmandade da Adaga Negra, não houve nenhum lampejo de reconhecimento nos olhos negros vazios e parecidos com tubarões olhando para ele.

Então, novamente, deixando de lado a verticalidade e a animação, o macho não estava de fato vivo. E não estava há anos e anos.

Darius se concentrou na cicatriz em forma de S que descia por seu rosto muito magro e distorcia sua boca. Depois olhou para a faixa de escravo tatuada que marcava o pescoço como uma coleira de ferro.

— Você deveria ter anunciado que era você. Poderia ter te matado.

Enquanto o macho avançava, Darius mudou a lâmina restante da

mão direita para a esquerda, empunhadura dominante. Apenas no caso. Mas o irmão apenas parou a cerca de um metro e meio de distância—e querida Escriba Virgem, aqueles olhos de poço sem fundo brilhavam com ameaça.: De toda a Irmandade, Zsadist era o mais perigoso, capaz de matar por provocação ou impulso de um momento, e não porque estivesse com fome ou protegendo alguma coisa ou fazendo um trabalho.

Porque gostava de fazer isso.

E ninguém tinha certeza de onde ele traçava o limite quando se tratava de amigos e inimigos ...

Passos nas escadas anunciaram a descida de Vishous e, na base dos degraus, ele parou e não colocou as armas de volta nos coldres. Ele apenas ficou ali, com o olhar fixo no que deveria ser um apoio para eles, mas poderia muito bem ser outro inimigo.

— Onde está seu gêmeo? —Perguntou Darius a Zsadist.

— Bem aqui, —veio uma resposta áspera.

Phury entrou na casa pela entrada da frente e estava como sempre parecia estar: *exausto e esgotado*. Também como sempre, seus olhos amarelos estavam focados apenas em seu irmão de sangue. Por outro lado, Zsadist era brutalmente imprevisível e algumas coisas eram responsabilidades, quer você quisesse ou não. Quer você tivesse força para eles ou não.

Depois de anos sendo usado como escravo de sangue, o homem com cicatrizes não tinha consciência ou moralidade, nada parecido com qualquer uma dessas coisas tendo sido estupro e espancado por sua Senhora e seus guardas. Seu resgate resultou na perda de parte de uma perna de Phury, e Zsadist caiu no oceano salgado e foi marcado para o resto da vida. Então os dois estavam ferrados pelo destino.

Era uma triste situação. E mortal.

Nessa nota, as palmas das mãos de Zsadist giraram da vertical para a horizontal. E então ele levantou a de cima e devolveu a adaga negra de Darius ao seu dono—que prontamente pegou a arma.

Seu olhar vazio mudou para Vishous.

E então, sem dizer uma palavra, como o *espectro* que era, ele se desmaterializou.

Darius soltou um suspiro. — *Jesus*.

— Tenho que ir, —disse Phury. — Não tenho certeza de como ele descobriu esse lugar.

— Nós cuidaremos de tudo aqui. —Darius olhou para V, que assentiu de volta. — Você apenas cuida do seu irmão gêmeo.

— Se isso fosse possível.

Enquanto o irmão também se desmaterializava, Vishous avançou, contornando um balde de lixo humano. E outro. E um terceiro.

Guardando uma de suas armas, ele acendeu um enrolado à mão.

— Não esperávamos que Z fosse aquele contra quem precisávamos de reforços.

— Ele deve ter capturado um novo assassino esta noite também. Aposto que o interrogatório foi complicado.

— Você está dizendo que o seu não era?

— *Touché.*

Darius manteve as duas adagas nas mãos enquanto se aproximava de algumas roupas descartadas. Revirando as jaquetas e as camisas, ele não encontrou nenhuma identificação, mas ainda assim permaneceu na pilha. Algo estava soando em sua cabeça, algum tipo de instinto ou lembrete. Então, novamente, talvez fosse apenas adrenalina residual saindo de seu sistema endócrino.

— Teremos que fazer algo sobre isso, —disse Vishous do arco da cozinha.

— Bem, você ainda acredita na profecia. Não é?

— Não estou falando sobre o Ômega.

Levantando-se, Darius olhou para o local de indução—e desejou que eles pudessem discutir sobre algo tão simples como a raiz de todo o mal. — Você não pode matar um membro da Irmandade. É contra as Leis Antigas.

— Este é o Novo Mundo. E quem está verificando, de qualquer maneira.

— Você simplesmente não pode. Mesmo que seja Zsadist.

Aqueles olhos de diamante se estreitaram, o aviso tatuado na têmpora do lutador se distorceu. — Você acha que é produtivo para você e eu ficarmos preocupados se um dos nossos vai ficar descontrolado e nos machucar? Não deveríamos ter que nos defender

de um irmão.

— Se você o matar, você estará matando Phury também. Perderemos dois.

— Não, nos livramos de uma ameaça que é uma distração mortal, e se esse gêmeo dele se autodestrói depois, isso é um dano colateral para um bem maior. Além disso, como se Phury não fizesse nada além de proteger aquele sociopata?

— Não existe *bem maior*. —Darius chutou um dos baldes, o sangue vermelho coagulado escorrendo pelas laterais. — Para nada disso.

E esse era o problema, não era?

— O segundo andar está limpo? —Ele perguntou enquanto se levantava.

— Sim.

Vishous exalou uma corrente de fumaça turca.

— O Ômega se divertiu e brincou com eles em um dos colchões. Parece uma cena de um filme de *snuff* ⁷³ lá em cima.

Olhando ao redor, Darius sentiu como se não estivesse chegando a lugar nenhum na vida.

— É hora de se livrar das evidências, —ele murmurou.

— Eu não tenho nenhuma bomba comigo.

— Vou conseguir o que precisamos, —disse ele enquanto se desmaterializava.



QUANDO DARIUS SE REFORMOU, foi nos fundos de sua propriedade, perto da garagem individual. E assim que ele estivesse totalmente corpóreo, ele pretendia partir para o que viera buscar. Mas então ele olhou para a porta traseira.

Atraído para frente, ele era uma mariposa diante da chama.

Pelas janelas, ele podia ver a cozinha, e foi por isso que foi apanhado na armadilha: *Fritz e Anne estavam sentados frente a frente na mesa de jantar casual, os pratos afastados, leques de cartas erguidos na frente deles.*

Franzindo a testa, seu primeiro pensamento foi ... *como diabos ela conseguiu que aquele doggen tradicional comesse com ela?* E agora parecia que ela estava ensinando *Gin Rummy*⁷⁴ ao velho macho?

Anne soltou uma risada repentina, jogando a cabeça para trás—e Fritz sorriu timidamente enquanto apontava um dedo nodoso para a pilha de sorteio. Quando ela assentiu, ele pegou uma carta e, enquanto descobria onde colocá-lo no leque, ela distraidamente tomou um gole de seu copo. Então ele disse alguma coisa e ela aplaudiu com aprovação.

Enquanto Fritz corava de felicidade, seu rosto mostrava um tipo de alegria que Darius não se lembrava de ter visto no rosto do mordomo.

Sem um sinal consciente, a mão de Darius se ergueu e pousou no velho vidro antigo ...

No momento em que fez contato, o mordomo olhou para cima, como se tivesse sentido a presença de seu mestre—e Darius balançou a cabeça bruscamente. Com um aceno sutil, Fritz voltou a se concentrar no jogo de cartas.

Eu deveria ir ... Darius disse a si mesmo. E, no entanto, enquanto olhava para Anne, ele não conseguia se mover, especialmente quando percebeu ... ela era o que estava faltando em sua vida. Ela era seu bem maior, sua vocação mais elevada. Abandonado por seu Rei e insatisfeito com seu propósito maior para a raça, ele sabia que poderia estar a serviço desta fêmea humana. Sim, ele poderia cuidar dela ...

Ele tomaria conta dela.

Ao sentir o cheiro de especiarias escuras no ar fresco da primavera, ele sabia que Vishous estava certo e que a ligação o havia prendido, mas isso realmente não era uma novidade. A diferença agora era que ele não se importava com as algemas. De jeito nenhum.

Afastando-se da janela, ele ficou maravilhado com a maneira como a Virgem Escriba trabalhava, como aquela mulher sagrada com quem ele não se importava nem pensava muito havia conseguido fornecer-lhe o que ele precisava para seguir em frente.

Este destino com Anne iria sustentá-lo.

Sim, iria.

Com essa nota, ele se apressou para poder voltar para ela.

Ao passar pela porta lateral da garagem, ele estava tão distraído

com pensamentos sobre o destino e a fêmea humana em sua mesa de cozinha que a visão de seu BMW novinho em folha mal foi registrado —só que então ele se deu conta de que o carro de aço e ... o projétil de couro o colocou no caminho atual com Anne.

Para agradecer o sacrifício feito, ele fez uma pausa e colocou a mão no capô arruinado. Depois foi até os fundos da garagem e pegou dois galões de gasolina. Isso não demoraria muito, e graças a Deus por isso.

Fechando os olhos, ele se desmaterializou de volta para o flanco lateral da casa da fazenda. Olhando para a extensão escamosa e esburacada, ele se perguntou se os humanos que apareceram aqui durante o dia tinham alguma ideia do que estavam assinando. Normalmente, o *Fore-lesser* responsável os enganava, fazendo todos os tipos de falsas promessas ... apenas para servir as massas enganadas como petiscos para o Ômega: *sempre que a Irmandade interrogava um assassino, nove em cada dez, eles choravam sobre como eles foram traídos, torturados e forçados a matar vampiros*. Só que esse tipo de diarréia verbal não poderia ser desculpa quando ele e seus irmãos tiveram que enterrar inocentes. Rastrear seus pais, arruinar vidas ao compartilhar notícias trágicas.

Não quando toda vez que você entrava naquele ciclo de morte e tristeza, um pedacinho de você morria também, porque era você quem deveria proteger a espécie—e claramente você e seus companheiros lutadores estavam fazendo um péssimo trabalho.

Voltando a se concentrar, desta vez ele não estava disposto a lutar para superar a bagunça na porta da frente. Darius desmaterializou-se através dos fragmentos de uma janela e—e o que você sabe? Vishous estava onde o havia deixado, fumando ao pé da escada, aqueles olhos de diamante circulando a profanação com uma notável falta de interesse.

Como se ele pudesse estar esperando um ônibus. Ou talvez uma pizza.

Quando Darius jogou um dos galões, o irmão pegou facilmente a alça vermelha, então ele colocou a bituca do cigarro na ponta da sua *shitkickers*⁷⁵ esmagando-a e subiu para o segundo andar. Não demorou muito para apagar ambos os níveis, o doce brilho da fumaça da gasolina misturando-se com o fedor do sangue *lesser*. O coquetel no nariz era ao mesmo tempo familiar e horrível, e Darius saiu assim que pôde.

Reformando-se no gramado rasgado e coberto de mato próximo à

varanda da frente, ele teve que esperar apenas um ou dois segundos antes que Vishous aparecesse ao lado dele. O vento predominante soprava em suas costas, levando o odor para as terras agrícolas a leste, então eles tiveram que se mover rapidamente. Os humanos eram conhecidos por serem intrometidos.

Har-har.

Sem nenhuma palavra de discussão, Vishous colocou um cigarro novo entre os lábios, acendeu-o e deu uma longa tragada no seu enrolado à mão. Então ele jogou a ponta no ar, a pequena tocha foi apanhada pela brisa, e carregada, de ponta a ponta, através de uma das janelas abertas da sala.

A combustão foi instantânea, a bola de fogo explodiu as janelas intactas restantes da sala e lambeu as laterais do nível inferior da casa, seu brilho iluminando a paisagem circundante brilhante como o meio-dia.

Uma onda fria de aviso percorreu Darius, certo como se alguém tivesse desenhado para ele um mapa que levasse ao seu próprio túmulo e perguntado qual seria o destino:

Um segundo sol, não durante o dia.

— Puta merda! —Ele gritou. — Temos que nos mover! O segundo andar vai explodir!

Agarrando a jaqueta de seu irmão, ele puxou o macho. — Corra, isso vai nos matar! Esta é a sua visão!

V começou a discutir, mas então algo claramente clicou em sua cabeça. Com uma onda poderosa, ambos se lançaram em retirada, mas o impulso para frente não durou muito. A bota de Darius ficou presa em algum tipo de buraco de esquilo e, quando seu peso foi lançado para frente, um grande som de *'woofing'* permeou a área cultivada enquanto o oxigênio era sugado para dentro da casa da fazenda ...

Assim que ele caiu com força sobre seu peito, Vishous o agarrou pela cintura e o levantou do chão—e quando a bota de Darius se soltou, o outro irmão correu como um morcego saído do inferno.

Até que de repente ele não precisou mais correr.

A segunda explosão foi tão grande que os fez voar pelo ar, o hálito quente de um dragão mais mortal do que a maldição de Rhage que os levou a fugir. Impulsionado pelo chão, Darius teve a impressão de ervas daninhas se movendo sob seu corpo e então os pneus na calçada correram para comê-lo.

Ele derrapou, sentindo o gosto de terra e levando um soco no olho com uma pedra perdida ...

Jesus, o calor do fogo era tão grande que ele podia senti-lo mesmo daquela distância ...

— Você está pegando fogo! — Vishous o empurrou. — Role! Role!

Oh. Então ele era a fonte do tostado.

Enquanto ele lutava para seguir as ordens, ele teve que confiar em Vishous durante a maior parte da rotação, sua visão indo do céu para a terra, para o céu, para a terra, para o céu, para a terra, enquanto ele era empurrado, a fogueira que ainda estava nele girando com ...

Eventualmente, ele esticou o braço e parou tudo. Fazendo um último quarto de volta, ele se acomodou de lado—e por acaso estava de frente para a casa da fazenda.

Uma fumaça preta e cinza ondulava no céu noturno sombrio, chamas laranja e amarelas fazendo cócegas na parte inferior das nuvens que se aglutinavam sobre o inferno. E, caramba, ele poderia jurar que só de olhar para tudo aquilo fazia suas costas ficarem mais quentes.

— Temos que sair daqui, —disse Vishous. — Os humanos virão, especialmente se isso se espalhar para a floresta.

— Okay.

Exceto que quando Darius foi se sentar, ele sentiu como se alguém tivesse envolvido seus ombros e coluna em uma capa de dor, os contornos da parte superior do seu tronco eram um diapasão de agonia. — *Merda!* —ele respirou enquanto desabava de lado mais uma vez. — Não acho que posso desmaterializar.

O rosto de Vishous apareceu diante do seu.

— Tem certeza?

Darius fechou os olhos e tentou se concentrar em meio às ondas de dor. Desejando desaparecer, perder sua corporalidade, tornar-se nada mais do que uma dispersão de moléculas componentes ...

— Estou ... *fodido!* —Enquanto V amaldiçoava, ele só pôde assentir. Mas então ele acrescentou: — Pelo menos estou vivo, então sua visão não se tornou realidade, certo?

— Vivo por enquanto. —Vishous se esquivou enquanto as chamas criavam sombras inquietas em seu rosto. — Minha visão tinha chuva.

Apenas a parte da explosão estava bem aqui. Isto ... não é onde você termina.

Capítulo 13

— VOCÊ GANHOU! SIM, VOCÊ GANHOU!

Quando Anne estendeu a mão sobre a mesa da cozinha e recolheu as cartas, seu aluno de *gin rummy* parecia ter o nascer do sol em seu velho rosto. E você sabe, ela teve que sorrir também. A ideia de que havia um lugar em uma casa tão grande e formal para jogar um joguinho, comer alguns petiscos e dar boas risadas com o mordomo de alguém?

Bem, ela supôs que não era mais impossível do que ser atropelada por um BMW e conhecer um homem com quem ela tinha uma conexão verdadeira e honesta.

— *Oh*, estou muito animado por ter vencido!

De repente, Fritz pareceu preocupado. — Isso não é rude, senhora?

— Por vencer e ficar feliz com isso? *Não*, não é nada rude. Esse é o objetivo! —Ela começou a embaralhar. — E se isso faz você se sentir melhor, não tenho muito orgulho de minha habilidade como professora ...

A porta dos fundos se abriu e uma figura enorme vestida de preto entrou—só que não era aquele que ela estava esperando para ver, nem o homem de olhos azuis que a beijou como se ela fosse a coisa mais preciosa que ele já teve em seus braços.

Foi o outro homem. Aquele com olhos frios e claros, tatuagens na têmpora e cabelo preto como *azeviche*.

O mordomo levantou-se imediatamente da cadeira, sem toda a leveza e alegria.

— É para pegar o carro, senhor?

— Sim.

Enquanto Fritz se dirigia para um armário nos fundos, Anne lentamente se levantou.

— O que está acontecendo? Darius está bem?

O outro guarda-costas olhou através dela, não para ela, como se

ela não fosse nada que importasse para ele—então ela ficou surpresa quando ele respondeu.

— Vamos trazê-lo para casa.

— Ele está vivo? —Ela resmungou.

— Ele vai ficar bem. Ele simplesmente não pode ... —O homem parou quando o mordomo voltou com as chaves na mão.

— Vou com você. —Ela derrubou uma cadeira ao pular para frente. — Eu tenho que ajudar ...

O homem de couro preto apontou o dedo para ela. — Você vai ficar aqui. Se você acha que vou permitir que você entre no campo de combate, você está louca. Ele me mataria e estaria certo em fazer isso ...

— Estou indo ...

Eeeeeeee foi assim que ela acabou com uma arma na cara. Enquanto ela engasgava e não conseguia acreditar que estava olhando para o buraco negro de um cano, o homem rosnou:

— Você vai ficar aqui. Não tenho tempo para mudar sua opinião de maneira civilizada. Se você quiser vê-lo vivo, você vai sentar naquela mesa e esperar. Não estou debatendo com você sobre isso.

Simples assim, ele estava fora da porta.

O mordomo fez uma pausa e pigarreou, como se quisesse dar uma desculpa educada para o ponto de exclamação da *Smith & Wesson*⁷⁶ que acabara de ser colocada no rosto dela. Mas então ele pareceu abandonar esse impulso.

— Vou trazer seu macho para casa para você, senhora, —disse ele. — Eu prometo. Mas o senhor está certo. É mais seguro para você aqui. Por favor, permaneça.

Então ele também foi embora, fechando a porta atrás de si.

Com o coração na garganta, Anne correu e olhou pela janela. Em segundos, uma das vagas da garagem começou a se abrir, e então uma van preta disparou pela calçada como se quem estivesse ao volante tivesse pisado no acelerador. Os faróis estavam apagados e, quando passou por ela, ela só conseguiu ver Fritz no brilho do painel. Talvez o outro, com a arma, estivesse atrás.

Movendo-se rapidamente, tropeçando nos pés, ela seguiu as luzes traseiras vermelhas pela casa, correndo pela cozinha, passando por

uma sala interligada e saltando para a sala de jantar. As janelas do outro lado da grande e lustrosa mesa davam para o jardim da frente, e ela correu até elas, apenas vislumbrando a van enquanto ela desaparecia colina abaixo na estrada.

Encostada no batente da janela, ela olhou para a rua. Não havia muito trânsito, apenas um outro carro passando ... agora um segundo. E então nada.

Exceto pelas batidas de seu coração. *Thump, thump, thump.*

Ela olhou de volta para a mesa formal. Dois lindos talheres haviam sido dispostos na outra extremidade, porcelana, cristal e talheres de prata esterlina, como algo saído de um livro sobre realeza. Havia até um arranjo de flores frescas, um conjunto de castiçais e saleiros e pimenteiros de prata ...

Era a promessa de uma noite linda que não seria cumprida.

Porque Darius deve ter se machucado de alguma forma. Seriamente.

À medida que a preocupação ameaçava consumi-la, o tempo passava mais devagar, mas não da mesma forma que aconteceu quando ele a beijou. Esse rastro de minutos não era algo para ser apreciado, nem um toque de eternidade que se encontrava nos momentos mágicos em que duas pessoas exploravam uma carga sexual. Isso foi uma tortura. Ela sentiu como se estivesse aqui pelo resto da vida, esperando por mais notícias.

O que diabos aconteceu?

Combate.

Do pânico, a palavra irrompeu em seu cérebro e trouxe consigo o preâmbulo “*campo de*”.

O homem de couro usou o termo. Mas por que os guarda-costas entraram no campo de combate? Isso era para militares em zonas de guerra ativas. E onde diabos estavam uma zona de guerra em Caldwell, NY?

Eles não deveriam trazê-lo de volta aqui se ele estivesse gravemente ferido. Darius precisaria ser levado a um hospital, especialmente considerando seu colapso anterior ...

Foi difícil identificar exatamente quando ela percebeu que não estava sozinha. A consciência foi tão gradual que foi como se alguém tivesse aumentado a temperatura da sala, grau por grau, o calor

aumentando suavemente, imperceptivelmente. Eventualmente, porém, aquilo que não foi notado tornou-se facilmente aparente, e Anne endireitou-se. Virou a cabeça. Vasculhou a sala de jantar bem iluminada, desde aquela mesa de mais de vinte e cinco metros de comprimento, até os aparadores com seus reluzentes acessórios prateados, até a lareira com seus contornos de mármore esculpido.

— Olá? —ela disse.

Franzindo a testa, ela verificou a rua novamente ... só que não, não era de lá que vinha a sensação de presença.

Alguém estava na casa.

— *Olá?*

Quando seu coração começou a trovejar novamente, seus ouvidos zumbiram em alarme. A mansão lhe pareceu luxuosa e elegante desde o momento em que entrou ... mas de repente, parecia um labirinto de espaços escondidos que escondiam ameaças.

Afastando-se da janela, ela passou pelo arco do hall de entrada ...

Anne ofegou e levou a mão à garganta.

Do outro lado, na sala cor de pêssego com o retrato de uma senhora sobre a lareira e os sofás de seda florais ao lado, uma figura ...

... pairava sobre o tapete persa.

Envolta em vestes negras da cabeça aos pés, com o rosto completamente coberto, quem quer que fosse não tinha pés. Pelo menos não que Anne pudesse ver. Em vez disso, parecia estar flutuando em uma fonte de energia branca e brilhante que emanava de debaixo da bainha daquelas quedas de tecido da meia-noite.

Anne deveria ter ficado aterrorizada. Mas ela não estava.

De alguma forma, era impossível ter medo. Por mais estranho que ... seja lá o que fosse ... era.

— *Olá ...* —ela sussurrou.

Como se tivesse sido convocada, seus pés se moveram por vontade própria, levando-a através do vestibulo até a adorável sala perfumada de flores, seu passeio involuntário parando logo dentro dos arcos esculpidos do salão feminino.

Saudações, uma voz feminina disse em sua cabeça.

— Meu nome é Anne, —ela murmurou sem um bom motivo.

Sim, é. A figura confirmou.

— O que você é ...?

Sem perguntas. Não aceito perguntas de qualquer tipo.

— Desculpe. —Anne limpou a garganta. — Eu estou ...?

Bem, ela não sabia o que dizer se não pudesse perguntar nada. Então ela apenas calou a boca. Claramente, isso foi um sonho—talvez a noite toda tenha sido um sonho? De qualquer forma, ela sabia no fundo de sua consciência que a figura parada—*pairando*—diante dela era um mistério fundamental, algo semelhante a um deus e poderoso, algo que desafiava a explicação a tal ponto que não havia razão para tentar colocar palavras em seu significado, definição ou existência.

Ele teve uma crise de fé, anunciou telepaticamente a figura. Em seu coração e em sua alma. E ele é importante para mim. Ele mantém todos juntos, você vê, ele é a cola que une os fragmentos do que antes era um todo.

— Darius, —Anne respirou.

Você não era o que eu tinha em mente, dificilmente seria uma solução que eu teria escolhido, especialmente para ele. Mas até eu devo, às vezes, aceitar os caprichos do Destino determinados por meu pai, o Criador. A figura avançou, flutuando em sua direção. E assim como você afetará o curso das coisas, eu afetarei o seu curso.

A manga do manto se levantou e uma mão brilhante emergiu.

Anne deu um pulo e olhou para si mesma. Enquanto uma sensação estranha se espalhava por seu abdômen, ela cobriu a parte inferior da barriga com as palmas das mãos.

Você já o ama, entoou a voz feminina. Não tente se convencer do contrário. E seu corpo está preparado para o futuro ...

— O que você está ...?

Sem perguntas, criança. Não vou lembrá-la novamente.

Houve um longo momento de silêncio ... e então Anne teve uma súbita convicção de que entendia tudo, uma espécie de consciência universal que se abriu na sua mente e no seu coração. E ainda assim ela estava totalmente confusa.

Não se desespere. Você está em seu destino, criança, e carregará em

seu ventre a futura Rainha.

— Oh, Deus, —Anne resmungou.

O destino da espécie será suportado por você, e então eu lhe darei as boas-vindas ao Fade. Assim será a minha vontade proclamada, e assim será.

Embora a figura tivesse chegado gradualmente, ela partiu num piscar de olhos, a presença desaparecendo diante de seus olhos. Enquanto Anne piscava perplexa, um *gongo* começou a soar e ela se virou. O relógio de parede marcava a hora—e ela não conseguia entender o que estava informando. *Nove horas?* Mas isso não era possível. Ela e o mordomo começaram a jogar cartas pouco depois das sete da noite. e era por volta das sete e quarenta e cinco ou oito horas quando aquele outro homem apareceu e disse que Darius estava ferido. Depois disso, ela caminhou até a frente da casa e observou a van partir e, minutos depois, descobriu que não estava sozinha.

Era como se aquela ... *coisa* ... tivesse sugado o tempo do mundo com sua presença.

— Estou ficando louca.

Uma porta se abriu nos fundos da casa e ela ouviu vozes.

— Anne? —Veio o som mais doce que ela alguma vez ouviu.

Por uma fração de segundo, a paisagem onírica e a realidade colidiram e, como no acidente, as coisas ficaram feridas—especificamente a sensação de que havia alguma lógica em qualquer parte disso. E então ela não se importou com o que era razoável ou não.

— Darius! —ela gritou enquanto se virava e começava a correr em direção a ele.



NÃO ERA EXATAMENTE o reencontro que Darius queria. Quando ele e Vishous se viraram de lado para que pudessem passar pela porta dos fundos de sua casa, ele desejou estar entrando a todo vapor, andando alto e reto.

Ao contrário de seu irmão, como se Vishous fosse uma muleta que vivia e respirava. E fumava. Ele amaldiçoou.

— Darius! —veio seu nome de algum lugar à frente.

— Anne, eu ... —Sua respiração ficou presa quando todas as suas queimaduras de terceiro grau protestaram contra ele levantando a voz. Um pouco mais fraco, ele terminou, — estou aqui.

Os passos de sua mulher eram rápidos e estrondosos, correndo até ele pela frente da casa—e então lá estava ela, derrapando e parando ao vê-lo, seu rosto pálido aterrorizado, seus olhos se arregalando ainda mais.

Tudo o que ele pôde fazer foi soltar o braço que tinha em volta dos ombros de Vishous e estender as mãos—e a próxima coisa que ele percebeu foi que ela estava em cima dele, abordando-o e perguntando se ele estava bem, e como ela poderia ajudá-lo, e se ele precisava de um médico.

Foi uma saudação diferente de todas as que ele já havia recebido, tão sincera, gentil e ... *amorosa*.

Exceto quando ela fez contato com as queimaduras nas costas dele, ele estremeceu com um silvo.

Libertando-se, Anne cobriu a boca com as mãos e falou através delas.

— Você precisa de um médico.

— Não, não é tão ruim assim ...

— O curador está chegando, —Vishous interrompeu.

Darius olhou para o Irmão. — Não, Havers *não* vem ...

Vishous fez sinais com a mão livre enquanto ia até o telefone e pegava o fone.

— Vishous, eu não preciso de um médico.

O dedo médio que fez uma pausa na discagem e voltou para ele era vulgar e desnecessário. .

— Com licença, mas eu ...

Anne entrou na frente dele.

— Vamos sentar com você.

— Estou bem. —Infelizmente, seu equilíbrio diminuiu naquele momento e, ao listar, ele agarrou-se ao que estava à sua frente. Qual era ela. Enquanto ela grunhia, ela conseguiu impedi-lo de bater no chão em seu segundo desmaio mortal da noite, seu corpo se apoiando

contra seu peso e depois o abaixando até que ele estivesse esparramado de bruços na frente da geladeira.

Não é bom. A cara virada para cima não era boa.

Ofegante de dor, ele rolou e soube o momento exato em que ela viu suas costas.

— Oh, meu Deus.

Bem, se eles não eram uma combinação perfeita? Ela estava coberta de contusões e ele apresentava queimaduras de terceiro grau.

Voilà! Amor verdadeiro.

Estendendo a mão, ele pegou a palma da mão dela e puxou-a para perto. Quando seus olhos se encontraram, ele disse: — Apenas fique comigo. Parece pior do que parece e terá desaparecido pela manhã. Eu me alimentei há uma semana.

O rosto dela registrou confusão, mas os olhos dele estavam tremulando e ele teve que se concentrar para permanecer consciente. Então ele não conseguia adivinhar o que a havia desconcertado.

— Fale com ele. — Vishous ordenou enquanto segurava a parte inferior do receptor. — Apenas ... pelo amor de Deus, apenas fale com o idiota—ei, sim. Preciso que o curador venha até a casa de Darius ... *agora mesmo.*

Anne abriu a boca. Fechou. E no silêncio, Darius estava vagamente consciente de que havia revelado algo, compartilhado algo que não deveria. Mas ele não conseguia se lembrar do que havia dito —e então deixou essa preocupação de lado: *a próxima coisa que percebeu foi que Anne se esticou com ele e apoiou a cabeça na dobra do braço.* Olhando em seus olhos, ela acariciou seu rosto.

— Oi. —ela disse.

— Oi. —Ele sorriu através da dor. — Sabe, nós realmente temos que parar de nos encontrar assim. No meio de uma catástrofe, claro.

As pontas dos dedos dela estavam leves em sua mandíbula. No cabelo dele.

— Não poderia estar mais de acordo. Mas estou feliz por estar aqui.

— Eu também estou. —Ele baixou a voz. — Não pensei que as coisas iriam acabar assim.

— Você cheira a gasolina.

— Desculpe.

— Não, não, não se desculpe ... —Ela olhou para cima e franziu a testa. Então sentou-se. — Oh. *Oh* ...

Quando Darius seguiu a direção de sua atenção, ele só conseguiu balançar a cabeça e se perguntar como as coisas poderiam ficar mais complicadas: *Havers, o curandor da espécie, havia entrado na cozinha às pressas*. Com sua maleta preta de porcarias médicas, óculos de tartaruga e gravata borboleta, sua marca registrada, ele parecia um professor universitário em busca de um púlpito, todo intrometido e competente—mas Darius nunca gostou dele. Talvez fosse a desavença com Wrath, que deveria estar acasalado com a irmã do macho, mas que se recusou a reivindicá-la.

Ou talvez fosse outra coisa. Como se o cara fosse um idiota aristocrático.

— Estou bem, —anunciou Darius enquanto se preparava para algum tipo de exame físico.

Droga, não era assim que ele queria que a noite fosse ...

Abruptamente, ele percebeu que o curandor estava olhando para Anne, não para ele ou para seus ferimentos. Antes que Darius pudesse ficar agressivo, no entanto, Vishous interveio para resolver o problema *sim-ela-é-uma-humana-mas* ...

— Não é da sua conta, —retrucou o irmão. — Agora trate-o antes que eu obrigue você.

Que confusão, pensou Darius. Essa foi a última cognição que teve quando Havers se ajoelhou atrás dele, examinou a churrasqueira que agora estava nas suas costas—e começou a limpar toda aquela carne crua. Então, sim, não havia muito tempo para meditar enquanto ele ficava ocupado tentando não vomitar de dor.

A última coisa que ele queria era parecer um maricas na frente de pessoas como Anne.

Ele deveria ser o protetor ... não o protegido.

Capítulo 14

ANNE FICOU DURANTE TODO O PROCESSO, DEITADA NO CHÃO DA cozinha com Darius, segurando suas mãos enquanto ele passava pelo processo brutal de desbridamento. O cheiro de gasolina desbotada, carne queimada e agora adstringente era algo que ela nunca esqueceria. Na verdade, a experiência foi tão singular que ela não se deteve na estranha aparição e na maneira estranha como o médico a olhara e que, no decorrer dos primeiros encontros, isso não acontecia em escala alguma, em lugar nenhum.

Ou espere, a ida dela ao pronto-socorro foi tecnicamente o primeiro encontro deles? Não, espere. *A sopa Campbell e pão wonder?*

Quem estava acompanhando, de qualquer maneira.

Rapaz, Darius era durão, no entanto. Ele recusou todos os analgésicos e apenas cerrou os dentes em meio ao que era claramente uma agonia.

E agora ... o “*curador*” estava empacotando seus suprimentos e falando com Darius, não que Anne pudesse entender o que estava sendo dito ...

Ela franziu a testa e olhou para frente e para trás entre eles. Era aquela linguagem de novo ... que Darius tinha falado com o médico no pronto-socorro, que ele murmurou quando olhou para ela na cama.

Mudando de posição e sentando-se mais uma vez, ela continuou a segurar a mão de Darius e tentou assimilar as palavras para ver se havia algo nelas que ela pudesse entender—e foi então que ela percebeu que o médico havia se recusado a reconhecer a sua presença de qualquer forma. Os médicos tinham péssimas maneiras ao lado do leito, não é? Felizmente, o homem partiu pouco depois. Na sequência, todos que restaram apenas olharam para Darius.

— Com todas essas bandagens, parece que alguém te envolveu com uma colcha branca, —anunciou o guarda-costas de olhos gelados enquanto acendia outro cigarro.

Ele havia passado por vários deles, o que sugeria que, deixando de lado a aparência rude, ele não deixara de ser afetado pelo sofrimento de Darius. A boa notícia, ela supôs, era que fumar havia dado um serviço ao mordomo, algo pelo qual o cavalheiro mais velho parecia grato. Fritz literalmente ficou ao lado do homem com um cinzeiro nas mãos, tornando-se nada mais do que um suporte para a coisa. No entanto, funcionou para os dois, o soldado e o mordomo, lado a lado, como se se conhecessem há um século.

— Obrigado, *Laura Ashley*⁷⁷, —Darius murmurou para seu amigo.

— Agora nos dê uma mão para que eu possa ajudá-la a se levantar.

A palma enluvada foi estendida e Darius ficou de pé. E foi então que Anne percebeu corretamente que ele não estava com camisa nem jaqueta.

Bom Deus. Seu corpo estava repleto do tipo de músculo que os atletas olímpicos cultivavam, desde os ombros poderosos até os peitorais e o abdômen com costelas, uma demonstração de beleza e força masculina.

— Anne? —Darius murmurou enquanto oferecia a palma da mão para ela.

Ela desviou o olhar. Olhou para trás.

Então ela pegou o que ele havia oferecido e foi gentilmente levantada do chão da cozinha. Ele perguntou algo a ela, talvez como "*Você está bem?*" e ela murmurou um *sim*, embora não tivesse entendido bem a pergunta. Então ele se voltou para o homem de couro.

Darius disse algo naquele dialeto e então houve uma pausa. Por um momento, pareceu que os dois homens iriam se abraçar, mas então eles pareceram deixar isso para trás, balançaram as mãos.

— Cuide dele, —disse o outro guarda-costas enquanto inclinava a cabeça para ela.

Então foi isso. Ele simplesmente saiu pela porta. Mas o que ela esperava? Um cruzeiro de despedida—à *la Love Boat*, onde todos ficaram na parte dos fundos e agitavam lenços na partida?

— Eu realmente gostaria de ir para a cama, —disse Darius exausto enquanto se apoiava no balcão.

— Então vamos subir, —ela ofereceu. — Antes de eu ir para casa.

Houve uma hesitação. E então ele assentiu.

— Tudo bem.

De repente, o mordomo pareceu confuso, mas Darius apenas balançou a cabeça.

— Acho que isso seria ótimo. —Ele estendeu o braço. — Venha aqui para que eu possa me apoiar em você.

Caramba.

Quando ela se encostou nele e eles começaram a andar, seus corpos de alguma forma se transformaram em um quebra-cabeça, embora ele fosse muito mais alto e mais largo. *E uau. Sua colônia.* Enquanto eles avançavam, ela não conseguia sentir o cheiro horrível de antes. Talvez a loção pós-barba fosse mais um sabonete à base de ervas que o médico havia usado?

Fosse o que fosse, ela sentia como se estivesse ficando bêbada.

— Cara, ele realmente não gostou de mim, —ela murmurou enquanto passavam pela sala de jantar.

— Quem?

— O médico.

Darius olhou para ela. — Não se preocupe com ele. Ele é um idiota.

— Presumo que isso não seja um elogio.

— Não. Nem um pouco.

Quando chegaram ao hall de entrada e se viraram para as escadas, os passos dela vacilaram e ele parou junto com ela. Virando a cabeça, ela olhou para a sala—e os cabelos de sua nuca se arrepiaram.

— Você está bem? —Ele disse. — Eu sei que isso tem sido muito.

Conte a ele o que aconteceu, ela pensou.

— Não, não é que. É que eu ...

Exceto que era tão estranho. Ao se concentrar no espaço em frente à lareira, ela não sabia exatamente o que tinha visto ali. Sua lembrança de algum tipo de figura misteriosa vestida de preto era uma destilação obscura e pouco clara, e as coisas ficavam cada vez mais nebulosas à medida que ela tentava lembrar com maior clareza.

A tal ponto que era como se suas memórias estivessem se desintegrando.

— Anne?

Ela abriu a boca, mas não sabia o que dizer. Não tinha certeza se ela tinha visto alguma coisa. Talvez tenha sido um sonho que se tornou realidade ... e ela simplesmente perdeu a noção do tempo?

— Ah ... não é nada, —disse ela enquanto tocava o curativo em sua têmpora. Provavelmente era uma boa ideia lembrar-se de que

sofrera um ferimento na cabeça recentemente. — Vamos levar você lá para cima.

Ao chegarem aos degraus acarpetados, o torso nu de Darius tornou-se uma séria distração—assim como o fato de que, por algum motivo, ele parecia ficar mais forte a cada extensão das pernas ... a ponto de, quando chegaram ao corredor do segundo andar, ele mal se apoiava nela.

— Onde vamos? —Ela perguntou.

— Não importa. Escolheremos qualquer suíte de hóspedes.

— Então o seu quarto é em outro lugar?

— Sim, mas aqui está bom.

Ele abriu a primeira porta que encontraram, e quando a luz do corredor penetrou na escuridão, ela não ficou surpresa com o vislumbre da decoração formal—e então ele apertou um interruptor logo dentro do quarto, e ela teve outra visão de antiguidades, papéis de parede de seda e enfeites de vitrine que pareciam vestidos de baile.

Onde era o quarto dele? Talvez ele não quisesse levá-la lá ... mas por quê?

— Você pode me dizer o que aconteceu esta noite? —ela perguntou enquanto eles entravam, um após o outro.

Houve uma pausa.

— É uma longa história.

— Eu entendo se você não puder. —Não, ela não entendia. — Alguém mais ficou ferido?

— Não. —Sua expressão ficou remota. — Ninguém mais estava lá.

Respirando fundo, ela se viu tensa, como se estivesse prestes a cair no chão—e não no bom sentido. — Não vou ler o que quer que tenha acontecido no jornal amanhã, vou?

— Não, você não vai.

— Eu preciso saber ... —Cruzando os braços sobre o peito, ela desviou o olhar e não viu nada do quarto. — É ilegal o que todos vocês estão envolvidos? Não me importo que você mantenha sua privacidade, mas se forem drogas ou algo assim, não posso ...

— Não é nada disso, eu juro, —ele colocou a mão sobre o

coração. — Não violamos nenhuma lei e não prejudicamos ninguém, a menos que seja uma ameaça iminente às nossas vidas ou à vida do nosso ... *chefe*. E eu sei que isso parece ... ridículo ... mas vou ter que usar uma fala de filme com você.

— Qual deles? E é melhor que não seja do *Poderoso Chefão*⁷⁸. Eu realmente não quero ouvir nada sobre armas ou *cannoli*⁷⁹ agora.

— Não somos a Máfia. —Ele balançou sua cabeça. — E a fala é ... quanto menos você souber, mais segura você estará. Sério, Anne, isso não tem nada a ver com o lado civil das coisas.

Suas sobrancelhas se levantaram. — Então você está com o governo? Exatamente quem é seu *chefe*?

— Eu não posso te dizer, sinto muito. Você só ... vai ter que confiar em mim.

Operações secretas em Caldwell? ela pensou enquanto o olhava de cima a baixo.

— Tudo o que você realmente precisa saber, —ele disse suavemente, — é que nunca vou machucar você. Nunca.

Anne pensou em como estavam suas queimaduras.

— Você está seguro?

— Não, mas estou bem armado e bem treinado e não corro riscos estúpidos.

Abruptamente superada, ela levou a mão à boca e piscou para afastar as lágrimas.

— Você sabe o que? Na próxima vida, voltarei como um objeto inanimado. Essa coisa humana é muito intensa para mim.

— Anne ...

— Não, eu não quero mais ... falar sobre algo assim. Eu sinto que minha vida tem sido iluminada por dramas por muito tempo.

Limpando a garganta, ela olhou para o intrincado tapete em tons de joias com um desespero que não conseguiu esconder - e então fez o que pôde para sair da crise. Caminhar ajudou um pouco e ela decidiu que, com base nessa teoria, precisava correr uma maratona.

Parando em frente a uma cômoda que tinha um desenho de flores incrustado em cada gaveta, ela estendeu a mão e traçou o contorno no nível superior. — Pelo menos seu *chefe* tem um ótimo gosto para

decoração? —ela disse asperamente. — Tudo por aqui parece o cenário de um filme antigo de *Katharine Hepburn*⁸⁰. —A sua voz estava áspera e ela também não conseguia disfarçar isso.

— Sim, ele tem uma bela casa.

Sem rumo, ela foi dar uma olhada no banheiro—okay, uau. A última vez que ela viu tanto mármore foi ... bem, nunca, na verdade.

Virando-se para encará-lo, o desejo em seus olhos era indisfarçável, e ela oscilou à beira de um abismo. Então ela percebeu que ele devia estar com dor, parado ali com as costas no estado em que estavam.

— Você provavelmente gostaria de tomar um banho, não é? —ela murmurou, olhando a sujeira, o suor e as manchas de fumaça que cobriam seu peito.

Ele sussurrou algo baixinho, algo que parecia: *Não é o banho que eu quero*. Mas então, mais alto, ele disse: — Sim, eu gostaria de poder ficar limpo.

— Tenho certeza que não é permitido com seus curativos, mas que tal eu lavar você na cama? Você sabe, com uma toalha de mão? Não será tão bom, mas ... —Ela perdeu a noção do que estava dizendo quando olhou para o rosto dele novamente.

A fome total—e não por água quente, comida ou bebida—desenhava traços que agora lhe eram familiares em linhas estranhas e excitantes. E isso desencadeou algo nela, algo no fundo de sua mente ... que estava fora de alcance.

Enquanto Anne franzia a testa, ele esfregou o rosto como se quisesse limpar o próprio nariz.

— Desculpe. E você não precisa fazer isso por mim se for demais.

Balançando a cabeça, ela começou a falar—e imediatamente esqueceu o que estava em sua mente. Algo aconteceu lá embaixo quando ele se foi, algo significativo e chocante ... e quando a névoa voltou para ela, ela observou do que parecia ser uma grande distância enquanto suas mãos iam para a parte inferior do abdômen—como se estivessem embalando algo precioso.

— Anne?

Abrindo a boca para responder, ela lutou contra a amnésia, sabendo que precisava contar a ele o que tinha visto, o que havia sido dito. Indo fundo em sua memória, ela tentou trazer o que quer que

fosse para o primeiro plano—e estava quase lá, quase ao seu alcance. Tinha sido na sala, quando ela estava sozinha em casa. Alguém veio e ...

— Você está bem, Anne?

Ela balançou a cabeça. Então se corrigiu. — Quer dizer, sim, estou bem. Desculpe. Não sei o que há de errado comigo.

Darius amaldiçoou.

— Se você quiser ir, eu não te culpo.

Não, ela pensou. Ela não queria ir embora. Mesmo que Bruce devesse ter lhe ensinado uma lição sobre confiar em estranhos ... ela tinha que ficar com esse homem que estava diante dela. Na verdade, estar aqui com ele agora era ... importante.

E além disso, Darius quase morreu esta noite, e ela quase morreu há duas noites. A vida era muito frágil e isso fazia com que a pessoa não quisesse perder tempo.

— Vamos levar você para a cama, —ela respondeu com voz rouca. — Eu vou cuidar de tudo.



ENGRAÇADO COMO as costas não o incomodavam mais. E não porque já estivesse completamente curado.

Acontece que tudo o que ele precisava como analgésico era a perspectiva das mãos de Anne em sua pele nua.

Quando Darius se estendeu de bruços na cama king-size, foi um maldito milagre. Ele não conseguia sentir nada da agonia que quase o deixou desmaiado no chão da cozinha—e isso aconteceu mesmo depois de permitir que todo o peso do seu torso afundasse no colchão.

Mas ela tinha certeza de que queria fazer isso?

Inclinando-se para o lado, ele olhou pela porta aberta para o banheiro. A mulher pela qual ele estava tão desesperado estava na pia, abrindo água até esquentar, pegando toalhas e sabonete, encontrando uma tigela de alguma forma. De vez em quando, o espelho captava o reflexo dela, e o que ele via no rosto dela o fazia querer chutar o próprio traseiro. Ela parecia cansada demais para fazer qualquer coisa além de se enrolar em sua própria cama e dormir doze horas seguidas. Ela estava determinada, entretanto, e talvez isso não refletisse bem em

seu caráter, mas a ideia de que ela realmente iria tocá-lo? Não quando ela estava passando uma toalha de mão quente pelo seu peito nu.

Bem, ele não estava seriamente inclinado a discutir a agenda dela.

E com essa nota—embora nada realmente sexual fosse acontecer, de jeito nenhum, não enquanto ela estava passando uma toalha quente em seu peito nu, *não, não, não*—ele fechou a porta do corredor com sua mente. Então ele apagou a luz do teto e acendeu a lâmpada na cômoda embutida do outro lado. Se a noite estivesse alguns graus mais fria, ele também teria acendido a lareira mentalmente.

Exceto que ele estava meio que cansado das chamadas esta noite, e ainda mais ... ele odiava o que estava escondendo de Anne. Ele realmente odiava.

Passando a mão pelo rosto novamente, ele pensou na visão de Vishous. O irmão estava positivamente estranho com o prognóstico, mas felizmente, pelo menos no que se referia a esta noite, ele estava errado. Darius não morreu. *Quase*, mas em última análise, não.

Ambos certamente tinham visto o sol. Aquele conjunto de fogos de artifício no segundo andar foi uma explosão e meia.

Então Vishous estava errado. Claro que não estava chovendo, mas ... talvez a visão tivesse servido ao seu propósito. Graças ao que o irmão tinha visto, V foi preparado para fazer a coisa salvadora, pegando Darius e carregando-o depois que ele prendeu a bota naquele buraco - o que era meio irônico, considerando todas as coisas, dado que Darius foi lá para se certificar de que o outro cara sairia vivo.

Então, novamente, ele supôs que essa era a natureza interconectada do destino, as escolhas individuais de cada um e se-isso-então-aquilo, colidindo de uma forma que só parecia aleatória para os participantes em suas linhas de tempo separadas. Destino, se você acreditasse no plano mestre do Criador, desde que a soma dos eventos não fosse nada caótica. Pelo contrário, as bolas de bilhar de todos foram dispostas precisamente em um triângulo, e a tacada do taco foi feita por um jogador de classe mundial que sabia quais buracos receberiam quais lançamentos.

Tudo era inevitável. Até mesmo o livre arbítrio ...

— Então encontrei uma tigela de porcelana lá dentro. —Anne saiu do banheiro. — Estava cheio de frutas de cera—espero que Fritz não se importe que eu o tenha esvaziado. E Deus, você sente o cheiro desse sabonete? É como um jardim—havia escrita em francês na embalagem. É tudo tão chique nesta casa.

Anne falava rápido enquanto se aproximava da cama, e ele não conseguia decidir se ela estava nervosa ou apenas verdadeiramente fascinada por tudo o que estava descobrindo sob seu teto.

O teto do seu chefe.

Porra.

Quando ela colocou a bacia na mesinha de cabeceira, ele respirou fundo e desejou que Fritz abastecesse a casa com sabonete sem perfume: embora estivesse feliz por ela ter gostado do perfume, para sentir seu cheiro, ele teve que separar as flores de todo o resto.

— Você está deitado de costas, —disse ela com desaprovação.

— Estou me sentindo muito melhor.

— Esse médico é um fazedor de milagres.

Quando ela se sentou no colchão, seus olhos foram para o peito nu dele e, enquanto permaneciam em seus peitorais, ele pensou ... *sim, de repente ele estava se sentindo muito, muito melhor.*

— Seu chefe tem toalhas lindas. —Ela pegou uma pequena, mergulhou-a na água quente e depois torceu-a. — São tão macias.

Quando ela colocou a toalha em seu braço, ele fechou os olhos e tentou manter o tremor erótico para si ...

— Desculpe, estou machucando você?

Ele capturou seu pulso quando ela foi remover a toalha.

— Não, por favor. Não pare.

Quando as palavras saíram de sua boca, algo lhe disse que ele as repetiria muito. Se ela deixasse.

— Okay. —Ela sussurrou.

Anne foi incrivelmente gentil enquanto ia e voltava até a tigela, a pequena toalha quente enquanto ela a acariciava sobre seus bíceps, a pele dele esfriando quando ela voltou à água com sabão para enxaguar as coisas. Quando ela subiu até a base de sua garganta, ele se viu arqueando-se para trás e oferecendo-lhe sua veia—e a falta de resposta dela ao movimento instintivo foi um lembrete da realidade que ele se recusava a insistir.

No momento em que ela começou com os peitorais, os pulmões dele estavam realmente queimando e, por falar em marshmallows, ele

havia esquecido completamente das costas. Então, novamente, ele estava obcecado com o rosto dela. Ele se concentrou nos olhos dela, nos lábios, no pescoço, em parte porque, sob a luz suave, ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto ... principalmente porque a visão da mão dela em sua carne o teria levado ao limite ... e ele já estava em um debate com seu pau idiota.

Ele não queria que ela soubesse o quão excitado ele estava, mas as coisas abaixo da cintura estavam ficando mais difíceis de esconder. *As boas notícias?* À medida que o espessamento essencial no centro dos quadris se intensificava, pelo menos ela parecia muito absorta em não pingar água nas cobertas da cama ou no chão para perceber.

Ou talvez a preocupação dela fosse deliberada. Ele não sabia dizer.

Com um movimento rápido da mão, ele puxou o edredom sobre sua pélvis, no momento em que Anne se estendia para o outro braço—e sim, ele poderia ter se movido em direção a ela para ajudá-la a alcançar aquele bíceps, aquele antebraço ... mas então ele teria perdido a sensação dela apoiada em seu peito ...

Sem qualquer pensamento consciente, ele capturou o pulso dela novamente.

Não era para impedi-la.

Pelo contrário, era para

Quando os olhos dela encontraram os dele, ele sabia que havia ultrapassado os limites, mas não pôde evitar. E ele fez a ela, sem falar, a pergunta que pairava no ar entre eles.

Em resposta, o olhar dela caiu para a boca dele ... e ela respondeu da mesma forma, silenciosamente. Intensamente.

E era um sim.

— Não quero perder tempo, —disse ela com voz rouca. — E estou farta de não ter horizonte.

— Eu me sinto da mesma forma. Quero sair do purgatório ... quero viver.

— Sim, —ela sussurrou. — Sim.

Movendo a mão para a nuca dela, Darius puxou-a para ele – e quando eles estavam próximos, ele a segurou ali. Apenas no caso de ela querer mudar de ideia. Ela não fez isso. Foi ela quem completou a

distância, e o encontro de seus lábios mais uma vez foi a coisa mais natural do mundo.

No entanto, foi ela quem encerrou a conexão.

Ele guardou sua decepção para si mesmo enquanto ela voltava para a tigela ...

Anne voltou com a toalhinha, tirou as cobertas dele e colocou o pano em seu abdômen. Enquanto seu tanquinho se apertava reflexivamente, ele olhou para baixo de seu corpo. Do outro lado da mão dela, atrás da braguilha da calça cargo que realmente precisava ser tirada porque estava suja e carregava um cheiro de gasolina, fogo doméstico e sangue de *lesser* ... sua ereção era, *ah, tão óbvia*.

E ela viu isso também, seu golpe sobre seu estômago acalmando.

Ela tinha que saber o que estava fazendo com ele, no entanto.

Abrindo a boca para dizer algo, ele imediatamente perdeu a voz quando ela passou a toalha de mão em sua cintura. E voltou. E foi de um lado para o outro. Em seus quadris, seu pênis socava seus limites.

Sem outra palavra, ela voltou para a tigela – e desta vez, deixou o pano atalhado lá. Virando-se para ele, seus olhos se fixaram nos dele.

— Acho que lavei tudo que consegui.

— *Hum-hm*, —ele disse. Porque ele não confiava em sua voz.

— Eu só vou ... cuidar das suas calças então.

Darius fechou os olhos e se recostou nos travesseiros. *Oh ... Deus ... sim*.

Ele manteve as pálpebras fechadas porque não havia nenhuma maneira de ele conseguir ver ela desfazendo aquele botão e aquele zíper - não sem gozar por todo lado. E do jeito que estava, apenas as sensações de puxar e puxar eram suficientes para que ele tivesse que lutar pelo controle: *a cada mudança, sua ereção estava ficando friccionada, e sua mente fundia e confundia a sensação até que era a mão dela sobre ele, não a parte inferior da braguilha ...*

Darius gemeu ao sentir uma onda fresca e uma deliciosa liberação da constrição.

A expiração de Anne foi a coisa mais sexy que ele já ouviu.

— Eu quero tocá-lo.

— Por favor. —Ele gemeu enquanto girava os quadris, enquanto

seus olhos se abriam e não havia como fechá-los, nunca.

Quando seus olhos se abriram, não houve como fechá-los, não com o que ele viu, não com o que ela estava fazendo: a mão dela circulou sua ereção com força, e a visão de seus dedos em seu eixo, abaixo de sua cabeça, segurando-o ...

Darius mordeu o lábio e então percebeu que suas presas haviam caído. Escondendo essa merda rapidamente, ele se concentrou em Anne. E que coisa para se concentrar. Ela começou lentamente a acariciar, e com uma onda de luxúria, ele puxou-a para ele para que ele pudesse ter sua boca. Entrando nela com a língua, ele imaginou que era o núcleo dela que estava lambendo e, depois disso, não pensou muito. Era tudo sobre o que ela estava fazendo com ele, os altos e baixos de sua excitação, o beijo escorregadio, a suavidade dos seios dela contra seus peitorais enquanto ela descansava em seu peito.

Exceto que então ele teve que impedi-la. Cobrindo aquela mão talentosa dela com a sua, ele gemeu. — Eu vou gozar.

— Ótimo.

Antes que ele soubesse o que estava fazendo, seu corpo se moveu por conta própria, rolando rapidamente e levando-a com ele, prendendo-a com seu peso. Olhando nos olhos dela, ele respirava como se estivesse correndo para salvar sua vida enquanto tirava a mão dela do meio deles. E só para que ela tivesse certeza de que não era porque ele não a queria, ele rosnou e a beijou com mais força, passando os braços ao redor dela - exceto que ele manteve os quadris para trás, e quando ele finalmente se afastou da boca dela, sua voz era nada além de um som áspero.

— Não até que eu esteja dentro de você. — Quando os olhos dela brilharam, ele balançou a cabeça, — não há pressa. Estou mais do que disposto a esperar. Mas não gozarei até estar dentro de você.

Por uma fração de segundo, ele pensou que poderia ter parecido agressivo.

Mas então ela mordeu o lábio inferior, fechou os olhos... e arqueou-se para ele como se o estivesse imaginando montando-a corretamente, entrando nela, preenchendo-a.

— Sim. —ela gemeu. — Darius. Dentro de mim ...

Capítulo 15

QUANDO ANNE ESTAVA NA COZINHA ENSINANDO AO MORDOMO a diferença entre um *flush* e *straight* no jogo de Gin Rummy, ela se perguntou como a noite terminaria.

Darius voltar para casa com aquelas queimaduras não foi isso, com certeza, mas além disso, ela não ficou totalmente surpresa ao se encontrar com ele mais do que seminu e ela estava tão faminta por ele que não estava pensando em nada além do sexo. Essa parada, porém, e seu motivo, foram inesperados ...

Você já o ama. Não tente se convencer do contrário.

A voz misteriosa veio de algum lugar dentro dela e, por um momento, ela não conseguiu entender o que era, por que a estava ouvindo. No entanto, as palavras eram familiares, como se tivessem sido ditas a ela durante toda a vida.

Elas também eram a verdade e a estimularam.

Ela estava apaixonada por ele e não queria acabar com isto aqui.

À medida que a compreensão chegava, ela instantaneamente negociou as conclusões: *muito cedo, muito logo depois de Bruce, demais* ...

Nada disso foi convincente. E se Darius não quisesse ter um orgasmo antes de estar dentro dela? Bem, havia uma solução para isso.

Consciente de que estava sendo impulsiva, mas movida por uma necessidade contra a qual não iria discutir, Anne tirou a camisa da calça e não perdeu tempo com os botões. Ela varreu-o e tirou-o da cabeça. E sim, uau. A maneira como ele olhava para os seios dela nas copas modestas do sutiã de algodão nada especial? Era como se fosse a primeira vez que ele via uma mulher nua.

— *Anne ...*

Quando ele se sentou, seus músculos abdominais eram cristas sob sua pele, e a visão de sua excitação espalhando-se por seu estômago, tão grosso e duro, a deixou desesperada de uma forma que ela nunca havia sentido sobre nada: *o sexo dele era sua obsessão em um instante, um bloqueio do qual ela não queria se livrar, uma escolha que era inevitável—e não por causa de qualquer força externa, mas por causa de uma convicção interior de que havia uma eternidade para ela neste momento, essa chance de estar com ele.*

E o tempo não era para sempre para os mortais.

— Você é linda, —Darius disse enquanto se aproximava.

Suas mãos tremiam enquanto ele a acariciava através do que a cobria, e então seus lábios estavam em sua garganta, suas clavículas... seu esterno. Colocando as mãos em seu cabelo, ela o segurou mais perto de si, e ele se aninhou nela enquanto desabotoava a frente do sutiã. Quando seus seios estavam nus para ele, ele a lambeu e chupou, as sensações aumentaram a tal ponto que ela sentiu o contato por todo o corpo, não apenas nos mamilos.

Abrindo as coxas, ela o acolheu, sua ereção era uma extensão dura que roçava seu núcleo através do emaranhado de sua saia. Desesperada para ficar totalmente nua, ela sentiu como se tudo estivesse se movendo muito rápido, mas ainda assim era muito lento. Ela o queria dentro dela agora, ela queria aquele orgasmo dele enchendo-a, ela ...

— *Daaaaaaaaaaaaaaaaarius ...*

A cabeça de Darius se levantou e olhou para a porta enquanto ela fazia o mesmo.

Em algum lugar do primeiro andar, alguém cantava: — *Daaa-aa-rrriuuusss ... Dariuss, Da-da-dariiiusss!* —Pausa. — *Da! Da-da-da-d-da-d-d-daaaariusssss ... onde está você e eu preciso de um Baaaaand-Aid!*

Era a música “Banana Boat”. E Harry Belafonte⁸¹ definitivamente cantou melhor.

— *Dariusssssssssssssssssssssssss, Da-da-dariuuuuuuu-uuuuuuusss!*

— *Oh*, meu Deus. —Darius deixou cair a cabeça entre os seios nus dela. — Não. Apenas não. Esta noite não pode estar fazendo isso conosco.

— Quem é esse?

— O *flagelo* que nunca para de comer. —Darius puxou as cobertas do outro lado da cama, envolvendo-a nelas como um burrito. — Estou surpreso que ele esteja procurando band-aids, mas acho que você pode colocar ketchup em qualquer coisa. Eu vou me livrar dele

— *Eeeeeeee também estou com fome*, —veio a voz estrondosa. — *Dariuuuuusss, Da-da-dariuuuuss ...*

Montando uma série de palavrões com F, o homem cujo nome estava sendo usado para destruir uma música que de outra forma seria muito boa, fechou o zíper com toda a força que alguém usaria para levantar um *hatchback*⁸². E quando ele foi até a porta, o fato de suas

costas fortes estarem cobertas com bandagens foi um lembrete sombrio de onde a noite havia passado.

A montanha-russa de surpresas continuava, evidentemente.

Ele olhou por cima do ombro para ela. — Eu juro, geralmente não é um hospício por aqui.

— Tudo bem.

— Só me dê um minuto. —Ele ergueu a mão. — E não, não vou sair desta casa novamente. Estou ferido, para começar. Por outro lado? Ninguém além de você e Fritz vai querer ficar perto de mim. Confie em mim.

Darius estava balançando a cabeça ao sair, aquele canto aumentando de volume enquanto ele abria as coisas, depois diminuindo novamente quando ele a fechava.

Ela durou aproximadamente um segundo e meio.

Ela precisava saber quem mais havia passado por aqui para uma visita. E um nome próprio a *cappella*.

Lutando, Anne colocou o sutiã de volta no lugar e prendeu-o. Depois de se contorcer para vestir a camisa novamente, ela pulou da cama e se dirigiu para a porta. No corredor, ela penteou o cabelo com os dedos em algum tipo de ordem no caminho para as escadas.

Anne parou assim que pôde ver por cima da balaustrada.

No hall de entrada, logo após a porta da frente aberta, Darius estava parado com um homem que ... era diferente de tudo que Anne já tinha visto antes. O cara era tão bonito que ela quase não conseguia focar nele, seu cabelo loiro grosso e penteado para trás em seu lindo rosto, seus olhos tão turquesa que eram neon, seu corpo tão esculpido que mesmo totalmente vestido, ele parecia nu e cheio de apelo sexual ...

Seus olhos se fixaram nela. E o sorriso que lhe foi enviado poderia ter iluminado o mundo.

Mas foi engraçado, Darius foi o único que ela realmente viu.

— Oi, —disse o homem enquanto acenava para ela. — O que está acontecendo? Como você está?

Ao lado dele, Darius colocou a cabeça entre as mãos. Mas o homem loiro foi tão acolhedor, tão irracionalmente feliz em vê-la, que ela não pôde deixar de gostar dele. Ele era como um grande e lindo

Anne estava no meio da escada quando percebeu que a manga direita dele estava manchada de sangue. E quando ela estava ao lado de Darius, ela percebeu que havia outro ferimento na lateral dele.

— Você está bem? —ela perguntou enquanto se perguntava se eles teriam que trazer de volta aquele professor de *Harvard*⁸⁴ com uma maleta de médico.

O homem fez um movimento de ‘*Não e nada!*’ com as mãos. — Certo como a chuva. Não é grande coisa, só preciso tapar os buracos e comer um sanduíche. —Ele olhou para Darius. — Você tem pão e alguns frios, certo—*ah*, ei! Fritz! Estou morrendo de fome, você pode ...?

— Oh sim, senhor, —disse o mordomo da sala de jantar com igual entusiasmo. — Agora mesmo! Tenho cordeiro, carne bovina e batatas assadas.

O homem loiro se inclinou e ergueu as sobrancelhas para ela. — Na verdade, eu menti sobre o sanduíche. Claro, estou procurando uma refeição completa. Grande surpresa, eu sei. —Mais alto, ele gritou, — Fritz, você também tem sobremesa?

— *Baked Alaska*⁸⁵! —Veio a resposta alegre.

— *Aaaaaaaaaaaaaaaaaa* ... rapaz! —O homem abaixou a cabeça e juntou as palmas das mãos como se estivesse orando. Então ele sorriu e piscou para ela.

— Eu sabia que poderia contar com aquele mordomo. — Com outra dose de volume, ele disse: — Já vou, Fritz—talvez façamos tanto a carne quanto o cordeiro? *Boeuf e turfa? Moo e mastigar?* Exceto que eu acho que isso é *moo-and-baaa*, mas não é engraçado o suficiente ... *ei*, alguém sabe o que rima com *cud*—espere! Eu entendi! Carne e balido!

Com um sinal de paz voador, ele saiu atrás do homem idoso, quase pulando, apesar dos ferimentos.

— Thud, —Darius disse baixinho. — Thud rima com ruminante, e é o som da minha cabeça passando por uma janela de vidro de frustração.

— Tecnicamente, isso seria um acidente.

— Excelente ponto. E antes que você pergunte ... —Darius começou a fechar a porta da frente. — Sim, ele também trabalha

comigo ...

O pesado painel foi apanhado por uma mão forte pouco antes de atingir o batente. — Ei, posso usar seu telefone?

Ao som da voz masculina, a cabeça de Darius caiu em óbvia exaustão. Então ele deu um passo para trás para deixar quem quer que fosse entrar. — Mais alguém no carro palhaço esta noite?

O homem que entrou em seguida tinha escrito soldado profissional em todo o corpo, desde a postura ereta até o cabelo curto e os cansados olhos azul-marinho. Como os outros, ele estava vestido de preto e usava uma jaqueta larga que ela sabia que tinha menos a ver com a temperatura da noite e mais com o tipo de armas que havia por baixo dela ...

Parando abruptamente, ele olhou para ela, seu olhar subindo e descendo de forma crítica, mas não hostil; era mais como se ele estivesse catalogando seus atributos caso algum dia precisasse identificar seu corpo. E o foco dele era tão intenso que ela sentiu como se ele estivesse repassando sua árvore genealógica.

Feito isso, ele tocou a testa e inclinou a cabeça, como se estivesse usando um chapéu formal. — Senhora. — Então ele olhou para Darius. — Então posso usar seu telefone? Quero ligar para Wellsie para que ela saiba que estou bem.

— Sim, —Darius murmurou. — Você sabe onde ele está.

— Meu carro está bloqueando sua entrada.

— Neste momento, essa é a última coisa que me preocupa. E só para sua informação, não vou sair desta casa esta noite.

— Vejo que você está com um belo bronzeados nas costas.

— Esqueci meu protetor solar, o que posso dizer.

O soldado caminhou em direção à cozinha enquanto Darius se inclinava para fora e verificava novamente a entrada. Como se ele estivesse se perguntando se havia outra onda chegando.

Ao fechar a porta, ele respirou fundo.

Antes que ele pudesse falar, ela estendeu a mão e pegou a dele. — Oi.

Seus olhos se voltaram para os dela e ele sorriu um pouco. — Oi.

Ela traçou o rosto dele com os olhos. Depois roçou a boca dele

com o polegar. — Escute, tenho que ir trabalhar de manhã.

— Eu sei. Gostaria de levar você para casa?

— Posso pegar um táxi ... —Ela apertou a palma da mão dele para interromper uma discussão. — Você tem muita coisa acontecendo aqui e está ferido e eu ... vou pegar um táxi.

Ele franziu a testa. — Quero que Fritz leve você então, okay? Caso contrário, não me sentirei bem.

— Okay, fechado.

Houve um longo momento enquanto eles se olhavam nos olhos. E então ela sorriu ainda mais e ele também, porque ambos sabiam que não terminaria aqui. Foi apenas uma pausa, um redutor de velocidade que desacelerou as coisas.

— Amanhã à noite, —ele disse suavemente.

— Sim, —ela sussurrou.

Quando ele olhou para a sala de jantar, para as vozes nos fundos da casa, ela sabia que ele queria beijá-la—e quando ele olhou para ela mais uma vez, ela entrou em seu corpo. Tomando cuidado para não tocar nas bandagens das costas dele, ela apoiou as mãos nos quadris dele e inclinou a cabeça.

Com uma carícia gentil, Darius embalou seu rosto, seus polegares acariciando suas bochechas.

— Não sei como vou sobreviver até amanhã.

— Eu também.

— Eu irei até você. Ao anoitecer estarei na sua casa, batendo na sua porta. E ninguém vai me encontrar lá.

— Eu estarei esperando.

O beijo começou contido, mas não durou. A próxima coisa que ela percebeu foi que ele a havia curvado e ela estava com os dedos em seu cabelo sedoso e aquela colônia incrível dele era a única coisa que ela conseguia cheirar—assim como ele era a única coisa que ela conseguia sentir.

Anne queria que durasse para sempre. Ela realmente queria.

Infelizmente, a eternidade que ela conseguiu não foi a que ela pediu em seu coração.



DARIUS CAMINHOU PELA entrada de sua garagem enquanto a van dava ré, seus olhos fixos em Anne, que estava no banco do passageiro da frente. Enfiando os punhos cerrados nos bolsos de suas calças cargo manchadas, ele usou toda a força que tinha para lutar contra o desejo de segui-los... para passar pela casa dela e verificar se era seguro ... para ficar de guarda enquanto ela dormia, independentemente da luz do dia, torrando-o até ficar crocante, só para ter a certeza de que ela estava bem.

— Puta merda, você está realmente mal.

Quando a voz feminina irônica foi registrada, ele manteve seu estremecimento para si mesmo enquanto girava. Wellsie, amada *shellan* de Tohrment, filho de Hharm, estava de pé na grama, e a ruiva estava claramente divertida—e também pronta para criticá-lo. Isto não era incomum. A fêmea sempre foi uma vampira de fala franca, sua língua não poupando ninguém de recitar sua estupidez. Ela também era tão leal quanto qualquer lutadora, tão feroz e calorosa como uma noite de verão.

Nos círculos dos Irmãos da Adaga Negra, ela estabeleceu o padrão para uma companheira, e foi provavelmente a razão pela qual ninguém mais teve o nome de uma fêmea gravado nas costas.

Num piscar de olhos, Darius se imaginou ajoelhado diante da Virgem Escriba, seus irmãos usando suas adagas negras para marcá-lo com o nome Anne, água salgada sendo derramada sobre as feridas abertas para selá-las em sua carne permanentemente ...

— Olá? —Wellsie disse, acenando com a mão na frente do rosto dele. — Você ainda está aí, ou o amor ferveu seu cérebro, Darius, filho de Marklon.

— Você sabe, —ele murmurou, — se fosse qualquer pessoa além de você, eu negaria.

— Que seu cérebro está fervido ou a parte do amor.

— Ambos.

Ela se inclinou em uma reverência.

— Agradeço sua honestidade.

— Como se você não soubesse se eu estivesse mentindo.

— Num instante. — Quando os dois se viraram e caminharam pela entrada da garagem, Wellsie passou o braço no dele de maneira amigável.

— Tohr diz que ela é humana.

— Ele a conheceu por apenas um instante.

— Não é necessária uma análise de impressão digital para saber que alguém não é um de nós. — Ela o parou e colocou a mão em seu ombro. — A propósito, não é uma crítica, de Tohr ou de mim.

— Sim, vocês não são assim.

— Só queremos que você seja tão feliz quanto nós.

— Tohr finalmente começou a ajudar na limpeza depois de todos esses anos? — A fêmea olhou pelas janelas da cozinha e encarou seu *hellren*. — Estamos trabalhando nisso. Outro dia tropecei em um aríete e bati o dedo do pé. Não foi bom para ele.

— Pelo menos ele não ronca.

— Isso é só porque coloco um travesseiro no rosto dele quando ele faz isso.

— E as pessoas dizem que não há romance após o acasalamento.

Enquanto Wellsie soltava uma risada e se dirigia para a porta dos fundos, Darius pretendia entrar com ela, mas seus pés não ouviram o comando. Ele apenas ficou ali, olhando para sua casa.

A mesa que geralmente estava vazia estava repleta de cartas de baralho e comida que Fritz havia servido, e os rolos de bandagens que Rhage estava enrolando em seu braço, e agora os cotovelos de Tohr enquanto ele se inclinava e dizia algo ao irmão.

— Há segurança nos números, — ele se ouviu dizer.

— Não, há algo ainda melhor. — Wellsie olhou para ele. — Há família nos números. Talvez isso ainda aconteça, Darius. Nunca se sabe.

Wellsie tinha ido até a mansão que ele construiu no topo daquela montanha, andado pelos cômodos para ver a disposição dos móveis, os tapetes e pinturas, as mesas de bilhar ... bem como as cozinhas e as lavanderias, o porão e a garagem.

Eles passaram por todo o layout, os dois, e não porque ele estivesse se exibindo.

Ele pensou que talvez ela entendesse o desejo que ele tinha de que a Irmandade estivesse unida sob o mesmo teto. Afinal, ela e Tohr haviam organizado tarefas domésticas um com o outro porque queriam a mesma coisa que ele: *um lar adequado*. Um lugar de consolo, refúgio e segurança. Onde aqueles que eram amados e valorizados acima de todos os outros nunca estavam longe.

Ele esperava que ela conseguisse seu *hellren* a bordo disso. Tohr era o mais estratégico dos irmãos, aquele que apreciava as virtudes e as necessidades de organização, disciplina e estrutura dentro de uma comunidade de lutadores. Ele também era o mais sensato de todos eles. Certamente, se ele visse o valor da coabitação, poderia fazer com que os outros também assinassem.

Nada aconteceu, no entanto. Provavelmente porque Tohr também reconheceu o quão desesperadora era a situação.

— Isso vai acontecer, D, —ela murmurou. — Você só precisa manter a fé.

Darius olhou para os machos ao redor da mesa e mentalmente acrescentou outros—Wrath, Vishous, Phury. Era difícil imaginar Zsadist no cenário, então ele o deixou de fora. E então ele tentou imaginá-los todos com *shellans* que amavam, e crianças aos pés e nos braços. Talvez incluir um cão ou um gato.

Talvez um gato e um cão?

— Estou começando a pensar que é apenas uma fantasia, —disse ele asperamente.

— Todos os sonhos começam assim. Sempre soube que meu casamento seria arranjado, mas fantasiei que de alguma forma teria um casamento por amor ... —Wellsie encolheu os ombros. — E agora aqui estou, vivendo a realidade que desejei, e quão doce é isso? Vou passar os próximos cinco ou seis séculos ao lado de Tohr, tendo filhos e criando-os—e então iremos para o *Fade* juntos e sentaremos em uma nuvem pela eternidade em algum momento distante no futuro. Vai ser ótimo.

Darius riu e balançou a cabeça com tristeza enquanto ia abrir a porta para ela. — Você e Tohr sempre estiveram juntos. De todos nós, vocês realmente estão fazendo isso funcionar.

— Então, como você se queimou? —Ela cheirou o ar e bateu na lateral do nariz. — Eu posso sentir o cheiro.

— Vishous e eu fizemos um pequeno churrasco.

— Divertido, divertido. Eles serviram batatas fritas e cerveja para você?

— Sim, e eu teria convidado todos os outros, —ele estendeu a mão para a maçaneta, — mas é difícil encontrá-los.

— Como eu disse, apenas mantenha a fé, —então a fêmea, ao passar por ele. — E *ei*, se as coisas derem certo com aquela humana, eu tenho um vestido de acasalamento que ela pode pegar emprestado.

No segundo em que a fêmea entrou na cozinha, a cabeça de Tohr se ergueu e seus olhos se fixaram em sua companheira. A mudança no homem foi imediata. Tohrment estava sempre sereno ... exceto quando via Wellsie—e a mudança não era sutil: *a alegria o transformava, fazendo seus olhos brilharem com calor, sua coluna se endireitar com propósito e seu rosto magro e severo ficar vermelho.*

E foi nesse momento que Darius soube com certeza quais eram seus próprios sentimentos.

Ele amava Anne.

Ele se vinculou a ela.

Ver a reação de Tohr à presença de sua companheira era como se olhar no espelho: *ele fazia a mesma coisa sempre que estava perto de sua mulher.*

Final, a felicidade era universal, mesmo que o seu quadro de características fosse diferente.

Deus, ele mal podia esperar até o anoitecer. Ele realmente não poderia.

Capítulo 16

NA MANHÃ SEGUINTE, ENQUANTO ANNE SUBIA OS AMPLOS DEGRAUS do do arranha-céu Beckett, Thurston, Rohmer & Fields, ela sentiu como se não trabalhasse há um ou dois anos. Tudo, desde os elementos art déco da fachada até as portas giratórias e o saguão cheio de homens e mulheres de terno e roupas de escritório, parecia um flashback de um filme.

No espaço de uma noite, ela reformulou sua vida. E agora era como se aquela coisa de trabalhadora fosse apenas uma lembrança e não a sua existência real.

Subindo no elevador, ela repassou cenas de estar com Darius e, enquanto corava, olhou para seus sapatos. Ao seu redor, os homens conversavam sobre resultados de beisebol, escapadelas de fim de semana com a esposa e os filhos e preços das ações. Era tudo uma língua estrangeira, e não porque ela não tivesse interesse nos Yankees e não tivesse esposa ou filhos. Além disso, não há dinheiro em ações.

Ela estava fisicamente presente, mas não mentalmente.

E ela sorriu para si mesma enquanto lutava com os de ternos para descer no andar inferior da firma.

Atordoada, ela confiou na memória muscular dos pés para chegar à sua mesa—e lá estava ela, a cadeira familiar, a planta de escritório familiar... as caixas de entrada e saída como ela as havia deixado na noite anterior. De pé sobre os elementos de sua indústria das nove às cinco, ela colocou a mão no cabide e olhou para sua placa de identificação.

ANNE WURSTER

As letras foram perfuradas em uma corrediça de madeira falsa montada em um suporte horizontal. E por alguma razão, era como se fossem um adesivo “*Olá, meu nome é*” com o nome e o sobrenome de outra pessoa escritos.

Enquanto ela estava ali, atordoada, vozes sussurrantes se infiltravam ao seu redor. E os telefones tocaram. E alguém passou por ela e voltou.

— Você ouviu?

Anne olhou para Penny. Piscou. Tentou se concentrar. Hoje, a garota estava de amarelo brilhante, um tom de marshmallow Peep que realçava os tons acobreados de seu cabelo de um jeito bastante ruim.

— Desculpa, o quê? —Ela deixou escapar.

— Sobre Charlie?

A mulher se inclinou, como se estivesse tentando ser discreta, mas não baixou o volume da voz. — Ele morreu ontem à noite!

Com um choque de descrença, Anne balançou a cabeça. — Quem morreu?

— Charlie Byrnes. O sócio minoritário. Você conhecia ele, certo?

— Ele *morreu*?

Penny assentiu de uma forma que estava apenas um grau distante da excitação, os discos de plástico amarelos que ela usava como brincos balançando.

— Ele foi assassinado. No apartamento dele. Foi terrível. Eles o encontraram porque o sangue atravessou o teto do apartamento abaixo dele e o síndico do prédio foi chamado. Ele foi esfaqueado tantas vezes.

Anne colocou a mão sobre a boca. E então adicionou a outra.

— *Oh*, Deus.

— É simplesmente terrível. —Mais acenos de cabeça, o que levou a mais golpes.

— Os sócios vão nos reunir às dez. Não sei o que eles vão dizer. Quero dizer, o que mais há para dizer?

Bem, com Penny no caso, não muito mais.

Quando uma onda de tontura tomou conta dela, Anne se atrapalhou e sentou-se na cadeira ...

No instante em que seu traseiro bateu no assento, algo pareceu errado e ela se inclinou para o lado. Alcançando o quadril, ela tirou ... um envelope de oito por onze.

Penny ainda estava falando e Anne virou a coisa para ver o que havia na frente. Não havia nome, nem rótulo. Mas a aba na parte de trás não só tinha sido presa com aquele prendedor de metal, mas também fechada com fita adesiva.

— Anne?

Ela olhou para sua colega de escritório.

— Desculpa, o quê?

— Você quer vir conosco às dez para a assembléia? Todas as meninas e eu vamos juntas. Será no auditório.

— Ok, claro. Sim.

— É um grande choque, né?

Com isso, Penny saiu correndo, concentrando-se em outro colega de trabalho que acabara de chegar—como se ela tivesse algum tipo de cota para cumprir quando se tratava de contar a história, *Walter Cronkite*⁸⁶ de peruca e aquela roupa amarela horrível.

Olhando para o envelope, Anne testou a fita. Estava tão apertado e havia tanto que não havia como enfiar uma unha na aba. Ela teve que usar uma tesoura e teve cuidado ao abrir a parte superior. Deixando a tesoura de lado, ela olhou para dentro.

Então ela tirou ... *fotografias*.

Havia quase uma dúzia de fotos coloridas, todas tiradas à distância—mas era claro quem era o sujeito. *Bruce*. Era Bruce ... e ele estava em algum lugar na parte suja do centro da cidade, encontrando-se com alguém ... cuja aparência lhe pareceu estranha. O outro homem parecia ter trinta e poucos anos, mas seu cabelo era branco como gelo. Sua pele também. Ele estava tão pálido que era como se fosse um fantasma.

A série de imagens mostrou a progressão de um encontro secreto, desde a abordagem, até a saudação, até a conversa. E ao olhar para cada um deles, ela dublou o que poderia ter sido dito. O homem pálido parecia ser quem estava persuadindo, bajulando, até que finalmente pareceu irritado.

Algum tipo de acordo foi alcançado, no entanto. Na última imagem... os dois apertaram as mãos, como se tivessem chegado a um acordo. Não é novidade que Bruce tinha um sorriso secreto no rosto, como se tivesse negociado bem e vencido.

Virando a pilha de fotografias, ela as folheou e encontrou uma nota escrita no verso de uma delas, no meio.

*Market com a 17th Street*⁸⁷.

Sujeito desconhecido

(PS) . Tim do CPD foi contactado.

Ela reconheceu a caligrafia. Era de Charlie Byrnes. Ela sabia disso por causa da papelada que ele preencheu quando contratou Bruce como seu assistente jurídico.

Obviamente, as fotos foram tiradas pelo investigador particular que Charlie contratou para examinar todas as mentiras. Mas o que exatamente onde eles estão mostrando? E devia ser sobre isso que Charlie queria conversar com ela às seis horas da noite passada. E pensar que se ela não tivesse chegado cedo para o encontro, ela poderia ter obtido mais informações.

Agora, o homem estava morto.

— *Oh, Charlie ...* —Ela sussurrou.

Examinando as fotos mais uma vez, ela se perguntou ... o que exatamente ele queria dizer a ela?

E por que ele foi à polícia?



NO FINAL DO DIA de trabalho, Anne vestiu o casaco, pegou a bolsa e colocou o envelope com as fotos debaixo do braço. Quando ela saiu do prédio, uma bela noite de primavera a envolveu suavemente, e ela respirou fundo—apenas para sentir o cheiro pungente da lama do rio.

Em vez de se dirigir ao ponto de ônibus, ela caminhou para oeste e sul, caminhando contra a maré dos demais pedestres que se dirigiam aos estacionamentos ao ar livre e às demais estações de transporte público.

A sede do Departamento de Polícia de Caldwell ficava a cerca de dez quarteirões e, ao subir as escadas, sentiu que precisava conseguir algum tipo de identificação. Entrando no prédio, ela foi até o policial uniformizado na recepção. Depois de entrar, ela seguiu as instruções que lhe foram dadas, subindo um nível no elevador e virando à esquerda.

Os escritórios da divisão de homicídios ficavam no fim do corredor e, quando ela chegou à porta, ergueu o punho para bater ...

Foi aberto por um homem à paisana e o reconhecimento instantâneo em seu rosto foi uma surpresa. — *Oh, ei. Você está aqui para ver Tim Sulley, certo?* A mulher que ligou do escritório de advocacia.

— Ah sim. Sou eu. Meu nome é ...

— Anne Wurster ...

— Sim, ele me contou. Tim! Você tem uma visita.

— Obrigado, Amigo. —Veio a resposta.

Anne entrou e examinou uma área aberta cheia de cubículos. A maioria deles estava vazia de detetives, mas todas as mesas estavam abarrotadas de papéis e telefones, e ela se sentia em casa. Num sentido superficial, é claro. A realidade de que ela estava no centro da cidade, na divisão de homicídios do departamento de polícia, não era nada

familiar e tranquilizadora.

O homem que se levantou e caminhou em sua direção tinha cerca de quarenta anos, muito mais velho que ela, mas ainda tinha um pouco de juventude no rosto. Com cabelos grisalhos e elásticos e uma queimadura de sol que o fazia parecer que tinha feito maquiagem de teatro, ele tinha um sorriso fácil e olhos diretos.

— Tim Sully, senhora, obrigado por vir.

Quando apertaram as mãos, seu aperto foi firme e breve.

— Obrigada por me receber. — *O que ... como se isto fosse uma recepção*, ela pensou. — Quero dizer, obrigado ... *ah*, aqui estão as fotos. Não sei o que estou dizendo.

— Venha por aqui. — Ele disse enquanto segurava o seu cotovelo. — E ouça, você não é uma suspeita nem nada. Só vou nos levar para uma sala de entrevista porque minha mesa está uma bagunça.

— Eu não estou preocupada.

A caixa de nove por doze em que ele os colocou tinha forro de caixa de ovo nas paredes e, como ele disse, uma mesa vazia com duas cadeiras de escritório que não combinavam. As coisas estavam meio sujas, pedaços faltando no isolamento acústico, o carpete curto manchado. Quando o detetive se sentou, ela fez o mesmo.

— Então, sim, aqui estão as fotos, — ela disse enquanto deslizava o envelope sobre a mesa lascada.

— E Charles Byrnes disse que queria se encontrar com você? — O detetive tirou as imagens e começou a examiná-las.

— Ontem à noite, às 18 horas depois do trabalho. — Ela se inclinou para frente e bateu em uma das fotos. — Esse é Bruce McDonalson. Meu ... bem, nós namoramos por alguns meses, e na noite em que Charlie o demitiu, ele tentou me estrangular quando terminei com ele.

Com o encorajamento calmo dele, ela contou toda a história da maneira mais imparcial que pôde, tentando parecer ... bem, profissional, talvez? *O que diabos ela sabia, ela nunca tinha dado uma declaração como parte de uma investigação de assassinato antes*. E enquanto ela expunha as coisas verbalmente, o detetive Sulley examinou as imagens duas vezes. Então ele os empurrou para o lado e recostou-se.

— Então você acha que Bruce foi ao apartamento de Charlie

ontem à noite.

— Sim, —disse ela. — Charlie foi quem realmente o demitiu. Quando Bruce perdeu o controle comigo, ele me disse isso. Claro, meu chefe, o chefe do RH, estava com eles, mas Charlie aparentemente foi o cara que disse a ele que o esquema havia acontecido, as mentiras foram reveladas e ele tinha que ir. Ele estava incrivelmente zangado com Charlie.

O detetive olhou para ela por um momento. Então seus olhos foram para a tampa dela e ele apontou para a sua.

— E como está sua cabeça?

Anne tocou no band-aid que ela tinha esquecido que ainda estava lá. — Muito melhor.

Ela manteve Darius e o acidente de carro fora das coisas, então ela estava preparada para Sulley trazer à tona o outro detetive que estava tirando fotos das marcas de pneus na estrada fora do empreendimento de Bruce.

Ele não fez isso.

Quando ela ficou em silêncio, o detetive sentou-se para frente. — Eu gostaria de prender Bruce McDonaldson por agredir você. Tudo o que preciso é que você assine uma declaração e enviarei um oficial até ele agora mesmo.

— Claro. Farei o que for preciso para colocá-lo atrás das grades.

O detetive reuniu as imagens e as colocou de volta no envelope.

— Você se importa se ficarmos com essas fotos?

— De jeito nenhum. Por favor fique com elas. —Ela franziu a testa enquanto o detetive colocava as imagens de volta no envelope. — Posso te perguntar uma coisa?

— Com certeza, —disse Sulley. — E vou me certificar de que você tenha meu cartão, caso haja mais alguma coisa depois que você sair daqui.

— Você acha que Bruce matou Charlie Byrnes? —Ela baixou os olhos. — Porque se ele fez isso, foi minha culpa.

— Desculpe?

Lágrimas brotaram em seus olhos e ela as enxugou. — Como eu disse, quando descobri que o contracheque de Bruce havia sido

penhorado ... procurei Charlie porque Bruce era seu assistente jurídico. Fiquei confusa, chateada. Eu provavelmente deveria ter contado primeiro ao meu chefe do RH, mas Charlie sempre pareceu tão acessível. Talvez se eu não tivesse ido até ele ...

O detetive Sulley colocou uma mão tranquilizadora em seu braço. — Não é sua culpa. Confie em mim nisso. Você não é responsável pelas ações do McDonalpson.

— Então Bruce *realmente* o matou?

— Não sei. Mas ele certamente é uma pessoa de interesse agora. — A voz do detetive tornou-se ao mesmo tempo sombria e segura. — E eu prometo a você: *se ele cometeu um assassinato, vou prendê-lo*. Confie e acredite nisso.

Ana respirou fundo. — Não posso acreditar que Charlie ... *se foi*.

— Você está segura em casa? — o detetive perguntou. — Quero dizer, você *tem* ...

Ana assentiu. Então ela olhou para baixo para se certificar de que seu rosto não mostrava nada. — Eu não estou sozinha.

Mais, era isso. E agradeço a Deus por Darius.

Capítulo 17

QUANDO ANNE FINALMENTE CHEGOU EM CASA, ELA ENTROU PELA porta da frente e, ao fechar as coisas, percebeu que estava verificando novamente se havia fechado a fechadura. Sim, ela tinha, mas caramba, ela desejava poder barricar a coisa. Movendo-se pelos cômodos escuros do primeiro andar, ela acendeu mais luzes do que o normal e, quando entrou na cozinha, foi até a porta deslizante e testou se estava trancada. Estava, é a bancada estava no lugar.

Lá fora, a luz estava desaparecendo do céu, e ela se viu temendo a noite ... e ficando excitada com sua aproximação.

O que era uma situação estranha para o humor dela. Mas Bruce ainda não estava sob custódia, e tudo o que ela podia fazer era confiar no que o detetive Sulley havia prometido a ela—ou seja, que o cara seria preso assim que fossem para sua casa. Espero que tudo tenha corrido bem com isso.

E enquanto isso, ela estava pronta para ver Darius.

No andar de cima, em seu quarto, ela rapidamente tirou a roupa de trabalho e tomou banho. Depois de hidratar as pernas e o rosto, ela secou o cabelo. Quando ela largou o Conair, as coisas pareciam descontroladas, então ela passou um pouco de spray de cabelo no cabelo crespo e passou as palmas das mãos por cima para alisar as coisas.

Roupas ... ela precisava se vestir com algo que fosse ...

Bem, facilmente removível.

Às quinze para as oito, ela estava de volta à cozinha e, à medida que a escuridão vazava pelo controle deslizante de vidro, sua ansiedade voltou ao primeiro plano. A ideia de que Bruce tinha feito algo impensável com Charlie Byrnes era ...

Toque. Toque. Toque.

Quando Anne saltou da sua mesinha, pensou que não tinha percebido que se sentara. Com o coração acelerado, ela olhou para a porta de vidro deslizante e, quando não viu nada na varanda rasa dos fundos, olhou para a sala de estar ...

— Anne, —veio a voz abafada lá de fora. — Sou eu.

Ela correu tão rápido para a porta da frente que escorregou no tapete do corredor e bateu nos painéis com um estrondo. Suas mãos foram ineficientes ao contornar a fechadura, mas logo ela abriu as coisas.

E lá estava ele na porta dela.

Parecia que tinha passado uma vida inteira desde que ela tinha visto Darius—e talvez fosse a coisa do Charlie, talvez fosse a coisa do Bruce ... talvez fosse porque ela sentiu falta dele o dia todo ... qualquer que fosse o motivo, ela pulou em cima do homem. E você sabe, ele a pegou como se estivesse no meio do mesmo tipo de reencontro que ela estava.

Levantando-a do chão, Darius passou pela soleira e fechou a porta com um chute enquanto a beijava. e a beijava, e a beijava mais um pouco.

Quando ele finalmente separou seus lábios, ambos estavam respirando com dificuldade.

— Onde é seu quarto?

— Lá em cima, —ela gemeu.

Com um impulso poderoso, ele a levantou nos braços e subiu os degraus de dois em dois, carregando-a como se ela não pesasse nada. E como ela tinha apenas dois quartos e usava o segundo como escritório e estação de costura, ele virou à esquerda e foi direto para o espaço privado dela.

Chutando a segunda porta da noite, ele a deitou no colchão.

— Anne, eu preciso de você ...

— Venha aqui ...

No instante em que suas bocas se fundiram mais uma vez, seus corpos fizeram o mesmo, os seios dela contra o peito dele, os quadris se movendo juntos, a ereção dele pressionando a parte inferior da barriga dela através das roupas.

Quando ele finalmente se sentou, ela ficou preocupada que ele estivesse freando as coisas, mas acabou que era apenas para arrancar sua jaqueta de couro. E quando ele jogou as dobras pesadas, a coisa caiu com um baque, como se houvesse pesos nela—mas então ela não se perguntou que tipo de armas havia atingido seu chão porque ele estava tirando a camisa.

Ela fez o mesmo com a sua, puxando o suéter macio pela cabeça.

— Anne ... —ele disse enquanto olhava para seus seios nus.

Sim, não havia como ela perder tempo com um sutiã estúpido.

Abaixando as pálpebras, ela olhou para ele através dos cílios. — Eu pensei porque me preocupar, sabe?

— Amém para isso.

Ele estava sobre ela uma fração de segundo depois, arrebatando-a com a boca, chupando seus mamilos, acariciando-a do ombro ao quadril. Em troca, ela se arqueou contra ele e abriu as pernas ...

Anne gritou seu nome quando sentiu uma de suas mãos subir pela parte interna de sua coxa e segurar seu sexo. Esfregando-se contra a palma da mão dele, apertando as pernas juntas, ela sentiu como se estivesse derretendo de dentro para fora, seu sangue correndo quente e desesperado. Ela disse a si mesma que a paixão era a prova de que aquele era o homem certo, finalmente—e então ela não estava pensando em nada além de ficar completamente nua.

— Isso é muito rápido? —ele grunhiu enquanto tentava fechar a calça jeans dela.

— Não. —Ela puxou seus ombros. Agarrado-o pelas costas. — Não ...

Nos recônditos de sua mente, algo foi registrado, algo que ela sabia que deveria ter prestado atenção. Mas então desapareceu quando ele começou a tirar as calças Levi's dela. A próxima coisa que Anne percebeu foi que ambos estavam nus e ele estava deitado em cima dela, com a ereção espessa e dura, de lado. Enquanto ele alisava o cabelo dela para trás, seus olhos percorreram seu rosto.

— Anne.

— Sim, —ela disse. — Eu quero você *agora*.

— Mas eu não quero machucar você mais do que você já está. Você ainda está se curando.

— Você acha que posso sentir outra coisa além de você neste momento? Realmente?

Ele fechou os olhos com reverência. E então sua mão passou entre seus corpos.

Uma escovação quente e contundente acariciou seu núcleo de cima a baixo.

Não se detenha, disse uma voz em sua cabeça, uma voz que não era a dela.

Não, ela pensou, ela não faria isso ...

Agarrando suas nádegas, ela puxou seus quadris para dentro dela, e a penetração foi tão suave, tão profunda, que ambos gritaram—e a comunhão foi tão certa, tão perfeita, que lágrimas inundaram seus olhos. E isso foi antes de ele começar a se mover.

O bombeamento foi lento no início. Estável. Entrando e saindo, o avanço e o recuo faziam com que ela se sentisse satisfeita, mas também frustrada porque queria mais e mais rápido. Ela também ficou maravilhada com a forma como tudo isso parecia tão inevitável, como se ela estivesse cumprindo um propósito que sempre teve.

Um amor que ela sempre conheceu.

Passando os braços em volta dos ombros dele, ela disse em seu ouvido: — Mais forte. Eu preciso sentir você por inteiro ...

Darius amaldiçoou e houve uma hesitação. Então ele pareceu liberar algo dentro de si, seu corpo se transformando em um pistão, sua paixão dominando os dois até que tudo o que ela pôde fazer foi

segurar sua vida. Olhando para o teto, sua cabeça balançou para frente e para trás no travesseiro enquanto a cama rangia e a cabeceira batia contra a parede. Ele era um animal, ele era selvagem ... ele a estava tomando, tornando-a sua, dominando-a ...

O orgasmo a varreu, seu corpo ficou rígido enquanto pulsações rítmicas irradiavam de seu sexo. E em resposta, ele parou abruptamente.

— Oh, porra, eu posso sentir você, —ele ofegou. — Oh, Deus ... Anne, posso sentir você gozando ...



DARIUS DISSE A SI PRÓPRIO que estava acontecendo muito rápido, muito forte, que era muito selvagem e desequilibrado. Mas Anne esteve com ele o tempo todo, suas unhas arranhando suas costas curadas, seus gemidos eram fantasias, o cheiro de sua excitação inundando o quarto e entrando em seu sangue ...

E então houve a sensação de seu sexo ordenando sua ereção, tentando extrair dele uma liberação.

Ele lutou contra o impulso de se soltar, lutou com tudo o que tinha, até cerrar os dentes e sua visão turvar e ele pensar que iria perder a consciência.

Exceto que ele precisava dar mais prazer a ela primeiro—e ele fez.

Finalmente, no último momento, pouco antes de ele próprio ir ao orgasmo, ele saiu dela, bateu-lhe com as palmas das mãos nas coxas e mergulhou pelo seu corpo.

Fundindo seus lábios em seu sexo, ele a chupou, engoliu-a, penetrou-a com sua língua ... beijou seu núcleo tão profundamente quanto beijou sua boca. Seu corpo foi instantaneamente atormentado por outro orgasmo, e outro, e ele ainda continuou, comendo-a até que ela se contorcesse de um lado para o outro, empurrando travesseiros para fora da cama, chutando suas pernas, jogando seus braços.

E então ele não pôde mais esperar.

Levantando-se dela, ele limpou a metade inferior do rosto, depois lambeu a palma da mão, não querendo poupar nem um pedaço dela.

— Anne ... —ele disse com uma voz gutural. — Olhe para mim.

Suas pálpebras se levantaram e seus olhos turvos lutaram para focar.

Movendo as pernas desossadas para cima, ele aproveitou um momento para apreciar a visão de sua carne inchada e brilhante. Então ele espalmou sua excitação e apoiou a mão livre no colchão.

Ele acariciou seu sexo com a cabeça até que brilhasse também.

Então ele olhou profundamente nos olhos dela. E mergulhou dentro dela.

Seus quadris começaram a bombear antes que ele lhes desse qualquer tipo de comando - e ele durou apenas quatro golpes antes de começar ao orgasmo.

Assim que começou a ejacular dentro dela, ele puxou novamente.

E marcou-a como sua.

Orgasmo após orgasmo, ele inundou a parte interna das coxas e o sexo dela com sua essência, e quando ela estava pingando o que ele havia deixado nela, ele deslizou de volta para seu núcleo e começou a preenchê-la. Abaixo dele, ela esticou os braços acima da cabeça e segurou-se nos postes de ferro da estrutura da cama, o cabelo escuro emaranhado, as bochechas coradas, a boca inchada da melhor maneira. Enquanto ele continuava a ir em frente, os seios dela balançavam ao ritmo de suas estocadas, as pontas rosadas que ele havia amamentado o hipnotizaram. E suas costelas bombearam. E seus lábios se abriram ainda mais.

Ela o observou o tempo todo. Enquanto ele a fazia sua de todas as maneiras que realmente importavam.

Foi a melhor experiência sexual de sua vida.

Mal sabia ele ... que seria a última.

Capítulo 18

— ESTE É O SANDUÍCHE DE MANTEIGA DE AMENDOIM E GELEIA mais incrível que já comi.

Enquanto Darius fez o pronunciamento, Ana sentiu-se inclinada a concordar com ele. Os dois estavam recostados na cama dela, nus debaixo das cobertas. Em sua cômoda, o despertador sugeria que eram nove minutos depois da meia-noite, *mas isso não podia estar certo*, ela pensou.

Eles realmente fizeram amor por quatro horas seguidas?

Anne riu e mordeu seu próprio sanduíche de manteiga e geléia.

— Sabe, dizem que o melhor caminho para chegar ao coração de um homem é através do estômago. Mas você está provando ter um limite de qualidade muito baixo.

— Pelo contrário, você subestima suas habilidades.

— Bem, então terei que enviar uma carta de agradecimento à Wonder Bread. E Julia Child precisa tomar cuidado com a forma como coloco um copo de água naquela lata de concentrado de tomate. — Quando ela pegou seu copo de leite, uma pontada dentro de si foi um delicioso lembrete de quanta exploração eles haviam feito com o corpo um do outro. — Pessoalmente, acho que o exercício fez toda a diferença.

Porque, realmente, que *exercício* que tinha sido.

— O que fizemos foi muito mais do que aeróbica, —ele murmurou enquanto olhava para ela.

Anne corou com uma sensação de bem-estar. Apesar de toda a ferocidade que ele desencadeou, a luz em seus olhos era suave. Amoroso. E por alguma razão, essa foi a melhor parte do sexo.

Certo, tudo bem. Foi o segundo melhor depois de todos os orgasmos.

— Para mim também. —Ela disse suavemente. — Mais do que um treino, quero dizer.

Eles terminaram os sanduíches em silêncio, e quando ela colocou o último pedaço na boca, ela teve quase certeza, se apagasse as luzes, que o brilho em seu coração seria iluminação suficiente para ler.

— Diga-me, —ele disse enquanto se acomodava mais

profundamente nos travesseiros, — Como foi o seu dia?

— Bem. —Ela limpou a garganta. Tomou outro gole de seu copo. —Mais leite?

— Não, eu estou bem. —Ele franziu a testa. — Então o que aconteceu hoje, Anne?

— *Ah ... eu ...*

Darius pegou a mão dela. — Fale comigo.

Ela realmente não queria estragar o momento. Mas entre seus olhos diretos e a maneira como ele segurava a palma da mão dela, era como se ele tivesse aberto um vazio que ela só precisava preencher com palavras.

Quando sua boca começou a se mover, ela não tinha certeza do que estava dizendo, pelo menos não exatamente. Mas saiu a história sobre Charlie e depois sua ida à divisão de homicídios do CPD. Ela também compartilhou seus medos sobre Bruce. E suas perguntas sobre as fotografias.

— Eu gostaria de ter ido com você, —disse ele remotamente.

— Eu também, na verdade. —Ela terminou o leite que eles estavam compartilhando. — Eu só ... Charlie era um bom homem. Quer dizer, não que eu o conhecesse fora do trabalho, mas mesmo antes da coisa do Bruce, ele nunca me tratou, nem a ninguém do RH, nem a qualquer uma das secretárias, como menos. Ele sempre foi respeitoso. E mesmo que aquele detetive tenha me dito para não me sentir mal, não posso deixar de me culpar. Se eu não tivesse ido até Charlie e contado todas as mentiras que me afetaram, ele não teria contratado o detetive particular e descoberto todo o resto. Ele não teria demitido Bruce e então talvez... mas acho que é estúpido pensar assim.

A boca de Darius ficou mais fina. — Então eles acreditam que Bruce o matou?

— Eles estão investigando isso agora, com certeza. E Tim Sulley não estava brincando.

Houve uma pausa.

— Anne, eu sei que isso é... diga-me, você está preocupada que Bruce venha atrás de você?

Ela queria ignorar a pergunta. Você sabe, então ela não parecia

paranóica. Seu silêncio enquanto ela tentava descobrir como responder parecia ser resposta suficiente, no entanto.

— Se você está preocupada com sua segurança aqui, —disse ele, —você precisa vir ficar comigo.

Por um minuto, ela imaginou aquela cozinha aconchegante, um refúgio na casa formal — e então se lembrou de Fritz, que era tão solícito ... e daquelas pessoas que, embora ferozes, não a assustavam.

— Eu gostaria de poder.

— Porque você não pode?

— Bem, por um lado, é a casa do seu chefe, certo?

— Ele não vai se importar. Confie em mim.

Ela olhou ao redor de seu modesto quarto.

— Ainda assim, esta é minha casa. Eu moro aqui. Não quero simplesmente abandoná-la.

— Não estou sugerindo que você desocupe este lugar. —Ele apertou a mão dela. — Você poderia ficar comigo por um tempo. Até que as coisas se acalmem e você tenha certeza de que aquele bastardo vai ficar preso por um longo tempo.

Sorrindo com tristeza, ela sussurrou: — Na verdade, acho que estou preocupada ... que se eu morasse com você, mesmo que por uma semana, não iria querer voltar.

— Bom. Porque tenho certeza de que também nunca iria querer que você fosse.

Quando ela olhou para ele com surpresa, ele apenas olhou para ela—e então seus olhos escureceram com algum tipo de emoção sombria.

De repente ... ela estava com medo. Mas não de Bruce. Ela ficou assustada com o significado da mudança de expressão. Algo o estava perturbando, e era um tipo de perturbação profunda.

— O que está errado?

Darius fechou as pálpebras e pareceu se preparar.

— Escute, antes que isso avance, preciso lhe contar uma coisa sobre mim. Muitas coisas, na verdade ...

O baque silencioso foi tão abafado que, se todos os seus sentidos

não estivessem aguçados com uma ansiedade repentina, ela poderia não ter ouvido o som. Mas quando Darius virou a cabeça em direção à porta fechada do quarto, ela teve certeza de que não tinha imaginado isso.

Um segundo barulho abafado fez seu coração começar a bater forte.

— Alguém está na casa, —ela sussurrou.

E foi então que ela percebeu ...

— Oh, Deus, eu não tranquei! —Ela foi sair da cama. — Eu não tranquei a porta da frente depois que você entrou ...

Darius pegou seu pulso e puxou-a de volta.

— Você fica aqui. Não saia desse quarto, entendeu? Não importa o que você ouça, você fica aqui ...

— O que você vai fazer? —Como se ela tivesse que perguntar.

Saindo da cama, Darius vestiu as calças de volta e foi até a jaqueta. Ao sacar uma arma, ele murmurou:

— Não se preocupe, estou perfeitamente dentro da lei.

— Devíamos chamar a polícia.

— Dê-me um minuto para descobrir o que é. —Ele foi até a porta. —Fique aqui.

Enquanto Anne o observava partir, todos os instintos lhe disseram para atender o telefone. Ligue para o CPD no centro da cidade. O xerife local. Inferno, ligue para o(s) detetive(s)—um ou ambos. González ou Sulley. Ela tinha os dois cartões ...

Em vez disso, ela ficou onde estava, congelada na cama, com um copo de leite vazio apertado com força nas mãos.

A oração que ela fez a Deus não fazia sentido, a súplica era uma confusão de palavras que cobriam uma infinidade de pânicos diferentes. Ela estava positivamente tonta de medo.

Bem como a sensação de que algo muito, muito ruim estava para acontecer.



NO SEGUNDO EM QUE Darius saiu do quarto de Anne, ele sentiu o

cheiro: talco de bebê e o fedor da morte combinados. Por uma fração de segundo, seu cérebro se recusou a processar a realidade de que seu inimigo estava na casa dela. De alguma forma, de alguma forma, um maldito lesser estava lá dentro, mesmo que ele não tivesse ideia de como eles poderiam tê-lo rastreado se desmaterializando ...

Lá embaixo, uma sombra passava ao pé da escada, o padrão escuro projetado por alguém que se movia pela sala, fora de vista.

Darius fechou brevemente os olhos. *Droga*, ele se desmaterializou por uma janela aberta nos fundos de sua casa. Mesmo que alguns assassinos estivessem vigiando sua localização, eles não saberiam onde ele foi parar assim ...

Rangido.

Clique.

De repente, as coisas ficaram um pouco mais sombrias.

Rangido. Clique. Rangido ...

O assassino percorria os cômodos e apagava as luzes, uma por uma — e não houve hesitação, como se soubesse onde estavam localizadas as lâmpadas e os interruptores. E então uma voz, suave, mas distante o suficiente para Darius ouvir:

— Anne, oh, Annnnne. Você deixou uma bagunça aqui na cozinha.

Um aviso subiu pela nuca de Darius. *Anne? Como diabos aquele assassino sabia o nome dela?*

Algo fervia logo abaixo de sua consciência, algo que ele sabia que deveria lembrar.

— Eu sempre te disse ... os potes abertos devem ser bem tampados e guardados. Manteiga de amendoim e geleia, um pedaço de pão sobrando? *Tsk. Tsk.*

Aproveitando cada impulso protetor de seu corpo, Darius se concentrou e desmaterializou-se até o primeiro andar. E no instante em que ele se recompôs, houve uma mudança rápida na cozinha, uma figura sombria girando para encará-lo ...

Que merda, Darius pensou ao reconhecer o homem imediatamente.

E você sabe, Bruce McDonaldson teve a mesma resposta, o homem ficou surpreso.

Exceto ... ele não era mais um homem, era?

— Você é um vampiro? —o novo *lesser* disse confuso. — E o que diabos você está fazendo nesta casa ...?

Darius apontou a arma para o *lesser*. — Você escolheu o time errado, idiota.

E foi então que tudo voltou para ele. Em um rápido flash de memória, ele se lembrou de estar no local de indução naquela casa de fazenda ... e de ter revistado algumas das roupas que haviam sido deixadas para trás. Ele pegou um paletó e algum tipo de instinto disparou imediatamente— mas ele não foi capaz de identificá-lo naquele momento. Agora as coisas faziam sentido.

Ele sentiu o cheiro de Bruce no casaco. Foi isso que registrou. Exceto que seu cérebro se recusou a processar as implicações de tudo isso porque, *ei*, quais eram as chances do ex de Anne se tornar um dos novos recrutas do Ômega?

Então, novamente, o cara disse a ela que estava destinado a coisas maiores.

Normalmente, isso significava apenas conseguir um emprego melhor, e não uma religião imortal completa por uma fonte metafísica de mal insondável.

Maldito inferno, Darius pensou enquanto o assassino entrava em outra sala e apagava a última lâmpada.

Da escuridão, uma risada percorreu o ar parado. — Você disse a ela o que você é, *vampiro*?

Enquanto o homem—*lesser*—continuava falando, Darius olhou pela janela mais próxima. Os vizinhos eram próximos. Se ele puxasse o gatilho, não demoraria muito para a polícia ser chamada. Não era o tipo de galeria de amendoim que ele procurava, especialmente quando estava prestes a haver uma bagunça fedorenta e preta para limpar.

— Eu te fiz uma pergunta, *vampiro*, —a voz desencarnada exigiu. — O que você disse sobre você, *hmm*?

Darius enfiou a arma na cintura, na parte inferior das costas. Então ele fechou os olhos e se concentrou, triangulando o assassino pelo cheiro e pela fonte da conversa ...

Fixando-se em sua localização, ele se desmaterializou em um estudo superficial. Mas o *lesser* foi rápido, desaparecendo em uma esquina, embora estivesse escuro. Mas então o maldito Bruce conhecia a casa de cor, não é?

— Você sabe que vou matá-la, não é? —veio a voz arrastada. — Tenho contas a acertar com a vadia.

O assassino estava se movendo novamente, e Darius rezou para que ele não subisse as escadas. Mas tinha que ser para lá que ele estava indo. Ele devia saber que Anne estava em seu quarto ...

— O gato comeu sua língua, *vampiro*?

Uma última chance, Darius pensou enquanto fechava os olhos novamente. Ele teve apenas mais uma oportunidade para ...

Algem sexto sentido o direcionou, seu corpo desaparecendo e viajando de volta para onde haviam começado, na cozinha ... onde ele se reformou logo atrás do agora morto-vivo. Junto ao pão que Anne tirou para fazer sanduíches depois de todo o amor.

Não há tempo a perder.

Enquanto o *lesser* se concentrava na sala de estar, Darius estendeu o braço, segurou a garganta com a dobra do cotovelo e sufocou de volta, travando o aperto em seu próprio pulso para melhor alavancagem. A resposta foi uma batalha furiosa, o ex-Bruce McDDonaldson dando tapas e chutes, o assassino muito mais forte do que o homem, mas ainda não totalmente dentro do poder que lhe foi concedido pela conversão do Ômega. Isso aconteceria dentro de alguns dias.

Supondo que ele “*viveu*” tanto tempo. O que ele não iria fazer.

Batendo nos armários, na geladeira, na mesa, coisas faziam barulho, caíam e quebravam, e então Darius sentiu cheiro de manteiga de amendoim quando o pote aberto de Jif caiu no chão. Depois disso houve um tinido, como se tivessem batido em panelas, espalhando-se também pelo chão.

Darius gritou quando uma série de dentes cravou em seu antebraço e, em resposta, girou o *lesser* e o empurrou de cara contra a parede. Uma foto caiu e quebrou.

Repetição do que aconteceu naquele apartamento. Exceto, oh, Deus, esta era a casa de Anne.

Fique aí em cima, Anne, ele rezou. *Apenas fique onde está.*

As luzes acenderam-se no alto. E quando o brilho cegou os dois, ele amaldiçoou. Anne estava parada dentro do quarto, um roupão rosa amarrado na cintura ... uma arma apontada na direção deles.

— Bruce! —ela disse com uma voz vacilante. — Pare de lutar. Vou chamar a polícia!

Aquela risada voltou. Pelo menos até Darius voltar a sufocar.

— Não o mate, Darius! Vou pegar o telefone.

— Não! —Enquanto Darius gritava a ordem, ele a viu entrando na sala. — Anne ... Volte para cima!

— Solte-o!

Enquanto isso, o assassino ainda estava rindo enquanto ofegava— e então veio uma onda de dor impressionante que tirou o fôlego de Darius. Enquanto Anne gritava e sumia de vista, ele cambaleou para trás em estado de choque. Ele tentou manter seu controle, sua posição, mas algo não estava funcionando direito e o estava desequilibrando ...

As coisas aconteceram rápido naquele momento, o assassino indo em direção à sua arma, os dois fazendo-si-fazendo enquanto ele tentava manter o controle de sua arma—ao mesmo tempo, seu estômago estava revirando e seu corpo não estava comportando-se como deveria.

— Abaixei a arma, Bruce! Ou eu atiro!

Quando Darius olhou para a voz dela, seu equilíbrio piorou e ele estendeu a mão para o balcão. Foi quando ele viu o sangue escorrendo pela parte externa da perna da calça. Exceto que um ferimento superficial como esse não deveria ter causado tal ...

Não foi um pequeno ferimento superficial e não foi sua coxa. O sangue vinha de suas entranhas: o cabo da faca que Anne usara para espalhar a manteiga de amendoim e a geleia saía direto do abdômen de Darius. Quando diabos ... isso ... aconteceu ...?

Quando seus joelhos cederam, ele caiu de bunda, suas mãos indo instintivamente para onde ele havia sido esfaqueado.

De pé sobre ele, o *lesser* riu um pouco mais e dirigiu seu olhar frio na direção de Anne enquanto ela tentava se esconder atrás do arco da sala de estar. Ele ainda estava se vestindo como Don Johnson, tudo verde-azulado, branco e fora do lugar por vários motivos, embora, graças à briga, suas roupas estivessem todas amassadas e para fora da calça. Adicionar ao desalinho aqueles olhos malucos? Você tinha um sociopata realmente perigoso e bem vestido, que estava armado com a porra da arma de Darius, aquela que ele deveria ter usado imediatamente e para o inferno com os vizinhos.

Para o inferno com o orgulho de um macho vinculado que queria proteger a sua fêmea com as suas próprias mãos.

— Ele já lhe contou? —disse o *lesser* enquanto apontava o cano para o arco.

— Bruce, estou ordenando que você abaixe a arma!

— Pergunte a ele o que ele é. Vá em frente, pergunte a ele. — Mais com aquela risada. Então ele ergueu a sobrancelha. — Não vai? Okay, tudo bem, você verificou os dentes da frente dele? Você já se perguntou por que nunca o viu durante o dia? Você se pergunta por que ele é tão reservado sobre o que faz, aonde vai, quem conhece?

— Vou atirar em você, Bruce!

— Ele é um *vampiro*. —O *lesser* anunciou. — E ei, estou aprendendo mais sobre sua espécie também. Talvez seja algo que você e eu possamos fazer juntos. Afinal, eu disse que iria melhorar—e consegui, apesar de você e do que você fez comigo. Apesar daquele idiota do Charlie Byrnes.

— Bruce, pare ...

— Eu o matei, você sabe, e Charlie não teve chance contra mim, o *maricas*. —O assassino deu um passo à frente, em direção a ela. — Adivinhe, nem o seu *vampiro*. E quando eu decidir que é a sua hora, você também não.

O braço do assassino girou para trás, a arma agora apontada para Darius.

— Você é duas vezes mais abominável da natureza que eu ...

O disparo da arma foi alto enquanto ecoava pela cozinha, e Darius levou as mãos ao centro do peito, certo de que era um ferimento mortal ...

Exceto que o *lesser* foi aquele que se agachou e levou as mãos sobre seu coração. Não que houvesse mais alguma coisa atrás do esterno. O ex-Bruce McDonaldson largou a arma, caiu no chão e caiu de lado, segurando o peito. E ele ainda ria, com sangue preto salpicando sua boca.

— A piada é com você, Anne. Você não pode mais me matar assim.

Darius olhou para si mesmo. Seu abdômen ainda estava bombeando sangue vermelho brilhante no local do esfaqueamento,

mas ele não parecia ter levado um tiro, e isso era tudo ...

Não, isso não era tudo que importava. Quando ele olhou para Anne, o horror estava surgindo em seu rosto severo, sua mente fazendo todos os tipos de conexões mentais que ele desejava como o inferno poder evitar ou desfazer. Exceto que o *lesser* tinha acertado. Darius mentiu por omissão.

Sobre o que realmente contava.

E o fato de Darius estar prestes a contar tudo a ela não iria importar. De jeito nenhum.

O *lesser* soltou uma tosse. Então ele ofegou enquanto respirava fundo. — Ele é um vampiro, Anne. Seu amante é um vampiro—posso sentir o cheiro dele em você. Sua vagabunda, você fodeu com ele. — Rindo, rindo ... risadas loucas enquanto sangue negro florescia nas lapelas do paletó azul brilhante do assassino e na frente de sua camiseta branca. — Você foi fodida por um animal e ele não te contou, não é? E você pensou que eu era um mentiroso.

A mão da adaga de Darius travou na faca. Rangendo os dentes, ele se preparou para a dor que estava por vir.

— Ele é pior do que eu, Anne. —Bruce não pareceu notar todo o óleo preto saindo de sua boca. Não parecia se importar com o fato de sua respiração estar ficando mais irregular. Por outro lado, ele não iria morrer—e claramente ainda não tinha feito as contas de que o sofrimento pelo qual estava seria perpétuo. — Ele mentiu para você sobre exatamente o que ele é. Pelo menos quando eu era humano, eu só mentia superficialmente ...

Darius arrancou a lâmina de seu estômago e, em um único ataque coordenado, jogou-se para frente, erguendo a faca por cima do ombro, cada grama de sua força treinada em um movimento de facada que ele teria que fazer no momento certo, da maneira certa.

E ele fez. Num ataque cruel, ele atingiu o peito do redutor logo à esquerda do esterno com a lâmina de aço inoxidável e, ao sentir a faca penetrar, rezou para que seu impulso fosse grande o suficiente para perfurar a cavidade vazia onde o coração estivera ...

O *pop!* foi tão alto quanto o tiroteio, e o flash foi tão ofuscante quanto a luz do teto quando foi ligada novamente.

Na sequência, Darius caiu para trás, seu crânio quicando no chão duro, uma náusea repentina o atormentando.

Curvando-se de lado, ele vomitou algumas vezes. E então ele se

concentrou em respirar.

Deus, o cheiro de queimado. O fedor de talco de bebê. O ...

— Você está sangrando.

Levantando os olhos, ele viu Anne parada perto dele. Ela parecia ter passado por uma tempestade de granizo, exceto pelo fato de que ela não estava pingando: *ela estava completamente murcha, o roupão solto nos ombros, a arma que ela havia tirado da jaqueta dele relaxada ao seu lado, seu rosto estava tão pálido que ele ficou preocupado que ela perdesse a consciência.*

Mas isso não iria acontecer, não é?

Ela não estava em choque clínico. Ela estava apenas ... mortificada.

— Sim, estou sangrando, —disse ele. E então ele respondeu à pergunta que estava no rosto dela. — Sim, ele está certo.

Anne apenas ficou onde estava, olhando para ele como se tivesse perdido o contato com a realidade. Então, novamente, ela estava com os pés descalços na mancha criada quando seu ex-namorado foi enviado de volta ao Ômega ... e seu atual namorado, um vampiro, estava sangrando na frente de sua geladeira.

Não, espere, acho que ele estava perto do forno dela.

E não que ele fosse namorado dela.

O brilho das lágrimas que cobriam seus olhos era a pior condenação dele e de suas ações que ele poderia imaginar.

— Sinto muito, Anne. —Ele engasgou. — Eu não sabia como te contar, o que dizer ...

— Para quem devo ligar? —Ela disse asperamente. — Sua casa? Devo ligar para o seu mordomo? E, por favor, não minta para mim sobre algum *chefe*. Você é quem mora lá. Para quem devo ligar para conseguir ajuda?

— Dê-me o telefone. Eu vou fazer isso ...

— Não, eu farei a ligação.

Ela se virou e tirou um receptor de um suporte montado na parede. Enquanto seu dedo trêmulo discou o número que ele lhe dera em um pedaço de papel na noite anterior, ocorreu-lhe que ela devia ter memorizado a sequência.

E querida Virgem Escriba, ele desejou poder voltar ao momento em que eles estavam parados ao lado da van pouco antes de ela partir. Ele insistiu que ela ligasse se precisasse de ajuda e ela olhou para ele como se ele fosse algum tipo de herói.

— Olá, —ela disse abruptamente. — Ah, Fritz. Aqui é Anne. Darius foi esfaqueado por ... não sei o que é, desapareceu ... agora ... eu, bem, ele precisa de ajuda. Ele foi esfaqueado e não posso levá-lo para um ... Então, o que eu ...? —Ela caiu em um *mmm-hmm*. E seguiu com outro. — Meu endereço é. Ah, você já sabe disso, não é? Tudo bem, obrigada e espero que você encontre alguém rápido. Para vir aqui. Há muito sangue.

Quando ela desligou, seus olhos voltaram para Darius, e ele percebeu que poderia ter sido ele quem havia sido esfaqueado no estômago ... mas foi ela quem morreu.

E foi tudo culpa dele.

Capítulo 19

QUANDO ANNE RECOLOCOU O FONE NO GANCHO, ELA PERCEBEU O o que estava errado. Bem, tudo bem ... havia muitas coisas erradas, mas agora ela se lembrou de uma inexplicável específica.

As costas de Darius.

Quando ele tirou a camisa lá em cima e ela o abraçou... não havia curativos. E quando ele saiu do quarto dela para ver o barulho, não havia nada estragando sua pele macia. Sem queimaduras. Sem cicatrizes. Nem mesmo uma mancha ou descoloração. Nada.

Como se ele não tivesse pegado fogo na noite anterior. Ela não tinha notado isso na época. E houve tantas outras coisas que ela descartou ou ficou distraída demais para rastrear: a deferência que o mordomo lhe prestou. Da mesma forma que Darius, na verdade, nunca sorriu largamente ou mostrou os dentes da frente. A vaga divulgação sobre o que ele fazia no trabalho. E então houve aqueles outros homens que apareceram ...

E aquele pote quebrado com aquela coisa preta que cheirava ... exatamente como Bruce. Pouco antes de ele se levantar e desaparecer, bem na frente dos olhos dela.

O que diabos estava acontecendo em Caldwell.

— Vampiro. —Ela disse fracamente.

— Não do jeito que você pensa.

— Você está certo, porque pensei que você era ... —Ao levantar as mãos, ela percebeu que ainda tinha a arma dele na palma da mão—e isso não deveria tê-la chocado? Bem, isso não aconteceu. Foi apenas um pontinho em seu radar, considerando todo o resto. — Achei que você fosse como eu.

— Eu sou.

— Você não é ... de forma alguma. —Ela riu de uma forma amarga. Então fechou os olhos. — E você mentiu para mim também. Deus, eu sou uma idiota.

— Não diga isso ...

— Como você chama uma mulher que trocou alguém como Bruce por ... seja lá o que você for? E pensar que estava preocupada com uma esposa e dois filhos? *Jesus*. Eu não tinha ideia de que o verdadeiro problema era a *porra* do Drácula.

Enquanto ele xingava baixinho e passava a mão pelos cabelos, ela abanou o ar na frente do nariz.

— Esse fedor é o mesmo que estava em volta do vaso que deixei cair na sua casa—e essa é a sua casa. Não é? Não é! —A voz dela estava ficando mais alta, mas como ela se importava com isso?

— Sinto muito, —disse ele.

— Você sente muito. Você esconde algo assim de mim? Quero dizer ... —À medida que sua raiva aumentava, ela sabia que precisava se controlar e respirou fundo. — Mesmo depois do que eu te contei ... sobre como Bruce mentiu para mim—e, *oh*, meu Deus, em que diabos ele se transformou? O que aconteceu aqui? O que ...?

No exato momento em que seus pensamentos se tornaram totalmente incoerentes, dois homens apareceram em sua cozinha. Tipo ... literalmente apareceu do nada bem na frente dela.

Não, espere, eles são dois vampiros, não homens, ela lembrou a si mesma. *Nunca homens*.

Cambaleando, atordoada além de toda compreensão, ela decidiu que certamente isso tinha que ser um sonho.

Exceto que não foi. E, caramba, ela conhecia os dois—vampiros—que estavam em sua cozinha: *um era aquele tipo médico, com gravata borboleta, jaleco branco e óculos de tartaruga*. O outro era o cara com aquelas tatuagens na têmpora.

— Enquanto você o trata, vou cuidar dos vizinhos, —disse aquele com olhos de diamante ao médico. — Suas luzes estão se acendendo, então eles ouviram algo ou viram o flash do *lessar* sendo enviado de volta ao Ômega. Vou neutralizá-los ...

— Não se atreva a matar essas pessoas! —Anne gritou histericamente.

— Desculpe-me? —o homem—maldito vampiro—atirou de volta.

— Meus vizinhos.

— Ah, relaxe. —Ele deu a ela um olhar entediado. — Estou apenas recolhendo as memórias deles para que um grupo de policiais não apareça na sua porta e faça perguntas que você não pode responder. Parece bom para você? *Ótimo*. Estou tão feliz que você aprova, agora me dê essa porra de arma antes que você atire em mim por engano.

Anne piscou. Olhou para baixo. Viu que ela apontou a arma diretamente para o vampiro.

— Isso não pode ser real.

Quando aquele de jaleco branco se ajoelhou ao lado de Darius e abriu sua bolsa, uma mão enluvada se estendeu e ela não resistiu ao desarmamento. Ela realmente atirou em Bruce? Ela realmente estava prestes a atirar ...

— O que está acontecendo? —ela perguntou ao homem. *Vampiro*. Qualquer que seja.

Quando ele soltou um suspiro exasperado, ela imaginou que ele iria ignorá-la. Mas então ele balançou a cabeça.

— Não importa. Não é permanente para você.

— Minhas memórias, —ela sussurrou, — são *minhas*.

— Basta falar com ele. —O vampiro murmurou enquanto acenava para Darius. — Ele precisa ficar consciente e fará qualquer coisa que você mandar. —E então o cara desapareceu bem na sua frente.

Após a partida, Anne foi até lá e pegou uma de suas cadeiras que havia caído no chão. Sentando-se, ela abaixou a cabeça e sentiu Darius

olhando para ela enquanto era tratado. O médico começou a falar em operar, mas Darius discutiu com ele, os dois indo e voltando, ficando exaltados.

Pelo menos a coisa toda de permanecer consciente parecia estar se resolvendo sozinha.

E finalmente, ela teve que olhar ...

O que ela viu ... não fazia sentido. Ou não deveria ter feito sentido.

Diante de seus olhos, a fachada parecia estar se recompondo. A ponto de poder observar a pele se fechando, como se fosse um filme de efeitos especiais.

Apesar de tudo o que viu, a dissonância cognitiva causada por esse fenômeno foi tão grande que sua mente se afastou do que estava diante de seus olhos. Infelizmente, o que aconteceu foi igualmente perturbador: Bruce estava certo sobre uma coisa e errado sobre outra. Sim, Darius era pior do que antes, mas por mais chocante que fosse a base deste mais novo monte de mentiras, a razão pela qual ela estava tão afetada por elas era porque ela havia se apaixonado.

Com alguém de outra espécie.

Querido Deus lá no céu, como foi essa a vida dela.



— **EU VOU FICAR BEM**, —disse Darius enquanto afastava os esforços de desinfecção de Havers. — Vou ligar se tiver algum problema.

Supondo que ele não sangrou aqui e agora. Qual foi provavelmente o maior risco médico que ele teve, certo?

Como se esse resultado “grave” fosse uma possibilidade séria, Havers hesitou, com a bolsa bem aberta, todos aqueles suprimentos de tratamento, o tipo de coisa que ele parecia compelido a usar, como se a gaze e o esparadrapo tivessem prazo de validade. E ótimo, agora houve mais discussão sobre cirurgia, embora não muito mais—o que não foi realmente uma surpresa. Por mais que Havers levasse seu trabalho a sério, ele era um membro da *glymera* e, como tal, não se sentia confortável estando na casa de um humano. Provavelmente daria uma de *Silkwood*⁸⁸ quando chegasse a casa e o desrespeito não o fazia pensar em bisturis?

— Parece que não atingiu seus órgãos vitais, —Havers se

esquivou.

— Sorte minha. —Darius murmurou, enquanto olhava para Anne.

Ela estava sentada em sua cadeira, os ombros caídos, os olhos mal piscando. De vez em quando ela olhava, mas era como se ela não suportasse vê-lo. Não que ele a culpasse.

Quando Havers finalmente saiu, Darius subiu mais alto na porta do forno e esticou as pernas. O fato de haver sangue preto e vermelho em seu linóleo era o comentário mais contundente possível sobre o relacionamento deles.

— Eu não lhe contei, —ele disse asperamente. — porque você não teria acreditado em mim. E se você tivesse, você não teria me dado uma chance.

Pareceu uma eternidade antes que ela respondesse.

— Algo disso era verdade.

Não é uma pergunta, é mais uma retórica que girava em sua cabeça. Ainda assim, ele se sentiu compelido a responder. — Eu tenho um chefe que é impossível. Isso não foi mentira.

— Bem, você não é um herói?

E claro, a maior verdade era que ele a amava. Mas ele sabia que essa era a última coisa que ela queria ouvir.

— Sinto muito por ter mentido para você.

— Eu também sinto, realmente sinto.

As palavras escaparam antes que ele pudesse impedi-las: — Eu te amo ...

— Nunca diga isso, —ela retrucou. — Não perto de mim, pelo menos.

Porra; — Eu não queria machucar você.

Ela empurrou o emaranhado de cabelo escuro para trás e puxou as lapelas do roupão rosa firmemente até a base do pescoço. — Você sabe qual é a loucura? Não que tudo isso não seja uma loucura ... mas o mais louco é que eu literalmente não consigo acreditar que estou aqui de novo, com a verdade exposta e me mordendo na bunda. A única coisa que posso dizer em seu benefício é que pelo menos suas mãos não estão em volta da minha garganta. Mas ainda sinto que não consigo respirar ...

— Sinto muito ...

— Pare com isso. E eu preciso que você vá embora. Agora mesmo. Não quero nunca mais ver você. — Ela apontou para a cabeça com a mão flácida. — Minha mente não consegue lidar com nada disso, e eu só preciso que esta noite ... tudo isso ... você ... acabe. Eu preciso que você nunca tenha existido.

Darius fechou os olhos. Os reabriu.

— Eu *posso* fazer isso acontecer. Posso levar suas memórias. — Quando as sobrancelhas dela se arregalaram, ele tocou o lado da própria cabeça. — Posso fazer tudo isso desaparecer. Você não vai pensar em mim nunca mais. Será como se eu nunca tivesse existido.

Anne abriu a boca. Fechou. Então o silêncio se estendeu até o infinito.

Com um movimento abrupto, ela balançou a cabeça. — Não, eu não quero te esquecer. Não aprendi minha lição com Bruce, então Deus me enviou você, só para ter certeza de que finalmente entendia. Chega de deixar as pessoas entrarem. Estou farta disso.

Darius esfregou o rosto novamente. Uau. Quem sabia que a única coisa pior do que ela ansiosa para apagar suas memórias dele... era ela querer consagrá-lo para o resto de sua vida como uma maldição. E Deus, ele queria dizer algo, qualquer coisa, que a ajudasse.

Então ele falou palavras que o acertaram no coração.

— Eu irei agora.

Enquanto tentava se levantar do chão, Vishous escolheu esse momento para se materializar de volta na cozinha. E quando Anne pulou na cadeira, Darius amaldiçoou.

— Ele está indo embora, —ela disse fracamente. — Ajude-o com isso, por favor.

Ela se levantou e se virou. — Faça-me um favor e tranque a porta da frente atrás de você. Mesmo que seja apenas a maçaneta, pelo menos manterá algumas coisas fora. Esperançosamente.



PATRICIA ANNE WURSTER não olhou para trás enquanto se arrastava para a escada.

E enquanto Darius a ouvia subir lentamente para o segundo

andar, ele sentiu como se estivesse sangrando a cada passo dela.

— Você está bem? —Vishous perguntou.

Darius ergueu a palma da mão.

— Não, eu não estou. Dê-me uma mão, sim?

— Você pode desmaterializar? —seu irmão perguntou.

— Não importa, apenas me tire da casa desta pobre mulher.

Vishous o arrastou do chão, e então Darius mancou até a porta da frente. O fato de estar ligeiramente aberta sugeria que Bruce, de fato, havia entrado por ali. Mas quem sabe. Quem se importava.

Sobre qualquer coisa.

Parando na base da escada, ele olhou para a porta fechada que ficava no topo, à esquerda. Ele a imaginou na cama, enrolada de lado, abraçada a si própria. Ou talvez ela estivesse tirando os lençóis.

Queimando-os?

— Você pegou as memórias dela? —V exigiu. — Agora mesmo?

— Não. —Ele olhou para seu irmão. — E você também não vai. Estamos entendidos?

— Não é assim que funciona ...

Darius agarrou a frente da jaqueta de V.

— Bem, é assim que funciona desta vez. Você a deixa em paz. Já causamos danos suficientes..

Houve uma fração de segundo enquanto ele esperava que V o corrigisse com um “*Você causou dano suficiente*”. Ou talvez apontar que, se ela não conseguia se lembrar, como ela saberia que algo havia sido tirado dela? Mas o irmão apenas deu de ombros e saiu pela soleira.

Depois de um momento, Darius os seguiu e fechou as coisas atrás deles. Seus dedos permaneceram na maçaneta—e então ele colocou a fechadura no lugar.

Mancando até a passarela, ele parou e se virou. Envolto em escuridão, ele olhou para as janelas do quarto. As venezianas estavam baixadas, mas as luzes estavam acesas. Ele não tinha ideia do que ela estava fazendo lá em cima. Bem, ele poderia adivinhar as generalidades ...

Quando ele percebeu que nunca saberia mais detalhes sobre a vida dela, foi como se ela tivesse morrido. Ou ele tinha.

— Era apenas uma questão de noites, —ele disse com voz rouca, —mas vai ter que durar a vida toda.

E então algo lhe ocorreu.

Ele olhou para seu irmão.

— Sua visão. Realmente não era sobre a casa da fazenda, era? Esse não foi o segundo sol.

— Não precisamos pensar nisso agora.

— Porque não estava chovendo ontem à noite. —Ele se inclinou para frente. — Não estava chovendo. Na sua *visão*, você disse que estava chovendo, certo?

— Sim eu disse.

Entorpecido, Darius olhou para a janela do quarto. — Isso é o que você viu, a chuva. Antes do *click*, antes do segundo sol.

— Sim.

Darius respirou fundo. — Bom. Significa que ainda há uma explosão lá fora, esperando por mim. Agora, só preciso encontrá-la.

Fechando os olhos, ele não esperava ser capaz de se desmaterializar – mas por alguma razão, talvez porque sair da propriedade de Anne fosse o mínimo que ele poderia fazer por ela, ele conseguiu fugir.

Então, novamente, talvez fosse porque, como um macho vinculado sem sua companheira, ele estava com tanta dor que nem sentiu a facada.

Pena que o suicídio o deixaria fora do *Fade*.

Então, agradeça à Virgem Escriba pela visão de Vishous.

E mais cedo ou mais tarde, a bola de fogo, por favor.

Capítulo 20

NA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, DEPOIS QUE A VIDA DE ANNE entrou no liquidificador do destino, ela emergiu no último andar da Beckett, Thurston, Rohmer & Fields às oito e meia da manhã, saindo do elevador junto com dois advogados associados. Quando os dois homens se afastaram e desceram pelo salão de serviço para o qual Charlie a havia chamado, ela teve um momento de profunda tristeza ao olhar para onde ele estava quando ela falou com ele pela última vez.

Então ela se virou na direção oposta e avançou.

A adorável modelo/recepcionista não estava em sua mesa, o que facilitou as coisas. Embora, em última análise, não tivesse importância se a sócia de Brooke Shields estivesse lá com seu sorriso sincero e outra oferta de café.

Anne teria continuado, com ou sem permissão.

Passando pela sala de espera, ela continuou pelas salas de conferência ... e chegou à mesa de Miss Martle. Quando a mulher olhou para cima com a testa franzida, Anne estendeu a palma da mão.

— Está tudo bem. Vou entrar no escritório dele.

— *Perdão?*

Anne ignorou o barulho e contornou a mesa, abrindo a porta fechada do Sr. Thurston com um rápido soco na maçaneta. O próprio homem estava saindo de seu banheiro privativo, sem paletó, as mãos trabalhando vigorosamente em uma toalha de mão com monograma, como se não estivessem apenas molhadas, mas manchadas. Ele parou quando a viu. No momento em que Miss Martle entrou correndo e começou a gritar.

— Estou aqui para falar com você, — disse Anne em voz baixa. — Em particular.

Os olhos do Sr. Thurston se estreitaram. E então ele assumiu uma expressão agradável que era tão falsa que ela teve vontade de chutá-lo nas canelas só para ver se ele conseguia segurar.

— Isso é tudo, Srta. Martell, —disse ele, interrompendo o discurso indignado da mulher.

— Mas ela forçou a entrada ...

— Isso é tudo.

Como o cão de guarda treinado que ela era, depois de receber um comando direto, a mulher mais velha recuou, embora estivesse claro que ela desaprovava o mundo inteiro naquele momento.

Quando a porta foi fechada, o Sr. Thurston jogou a toalha de volta na pia.

— Sente-se, senhorita Wurster.

— Não, obrigado, eu fico de pé. Não ficarei aqui por muito tempo.

— *Oh?* Ansiosa para voltar ao trabalho que lhe paga tão bem?

Ela esperou até que ele se sentasse atrás de sua mesa, e o fato de ele não ter pressa a fez sentir como se ele estivesse se movendo lentamente de propósito.

— Estou aqui para assinar sua liberação, —disse ela.

Instantaneamente, seu sorriso tornou-se muito mais sincero, especialmente quando ele foi abrir uma gaveta. — Bem, isso não é bom. Ainda tenho seu cheque ...

— Você vai me pagar US\$ 50 mil. E então eu assinarei.

O sócio congelou onde estava, a gaveta meio aberta. — Sinto muito, o que você disse?

— Sua empresa não conseguiu me proteger de outro funcionário.

Os olhos do Sr. Thurston brilharam com uma ameaça elegante.

— Você estava em um relacionamento com o homem. Suas más escolhas pessoais dificilmente são problema nosso.

— Eu nunca o teria conhecido se você não o tivesse contratado. E o seu departamento de recursos humanos não realizou a devida *diligência* antes de lhe oferecer o emprego.

— Devo lembrar-lhe que trabalha para os recursos humanos, Srta. Wurster.

— Não na contratação, eu não.

O sócio mais antigo juntou as mãos e assumiu um ar de absoluta superioridade.

— Não somos responsáveis pelo que ele fez.

— Quantos outros funcionários você não examinou, hmm? Talvez

haja alguns com antecedentes criminais que você não conhece, ou diplomas falsos, nomes falsos, antecedentes confusos – e como seria isso? Você sabe, se alguém como um jornal ou uma agência federal viesse aqui e fizesse alguma investigação real não apenas sobre a equipe, mas sobre os próprios advogados? Quão certo você tem sobre o que seria encontrado? —Ela inclinou-se. — Ou talvez a questão seja ... quão sortudo você se sente, Sr. Thurston?

O tom de seu rosto ficou tão escuro que mudou a cor de seus olhos de platina para nuvem de tempestade. — Não brinque comigo, garotinha.

— Oh, eu não estou brincando com você. Acabei no pronto-socorro e precisei de radiografias porque seu funcionário me atacou. Que tipo de manchete isso vai gerar? Diga-me, quanta confiança você acha que seus clientes de primeira linha terão na firma de seu pai, — ela apontou para a pintura a óleo, —depois de descobrirem que um homem violento, sem nenhuma experiência relevante em direito, estava atuando como assistente jurídico em seus casos?

— Nossos clientes estão muito satisfeitos com nossos advogados, — retrucou o homem. — E eles nem a conhecem.

— Eles não precisam me conhecer. Tudo o que terão de fazer é ler os jornais ou ver as notícias. Eu sou apenas uma garotinha, certo? Bem, ninguém gosta quando as pessoas machucam as garotas, mesmo que pensem que somos estúpidas e que não podemos cuidar de nós mesmos. —Ela balançou a cabeça. — Acredite em mim, você e sua empresa não precisam desse pesadelo de relações públicas, e será um pesadelo. Vou me certificar disso.

Houve uma longa pausa. Então o homem recostou-se na cadeira e alisou a gravata vermelha escura sobre a camisa de botão branca brilhante. Quando sua mão passou pela seda, uma abotoadura de ouro brilhou.

— Extorsão é um crime federal, Srta. Wurster.

— Isso não é extorsão. Você me fez uma oferta primeiro. Isto é uma negociação, e as implicações da imprensa negativa são a sua realidade, não uma ameaça que estou fazendo.

O sorriso que voltou para ela fez uma nevasca parecer calorosa e convidativa. — Você faria bem em não tentar me ensinar na minha área de especialização. E à luz desta conversa, não estou lhe dando um centavo. O que farei é garantir que você nunca mais consiga um emprego nesta cidade ...

— Bruce McDonaldson matou Charlie Byrnes. —Anne se recusou a deixar as lágrimas caírem. — E fui até a sede do CPD e me encontrei com um detetive de homicídios só para ter certeza de que as autoridades sabiam disso. A novidade sairá em breve. Tique-taque. É melhor praticar o que você vai dizer aos seus clientes na frente do espelho daquele seu banheiro privativo?

Certamente algum blefe era permitido, ela pensou. E você sabe, quando ela realmente precisava de um, ela tinha uma cara de pôquer.

Enquanto o homem do outro lado da mesa ficava muito, muito quieto, ela pensou em Bruce ... e no que ele havia se tornado. Como ele “*morreu*”. Ela tentou não pensar em nada disso durante o fim de semana—e com certeza, seu cérebro instantaneamente começou a ficar sobrecarregado com todo o pânico e confusão que ela havia reprimido.

Obrigando-se a se concentrar novamente, ela manteve o nível de voz.

— Cinquenta mil dólares, Sr. Thurston. Agora mesmo. E então você não terá que se preocupar com o fato de aquela coisa feia de assassinato ser agravada com o que aconteceu comigo. Isso não será um alívio, considerando o quanto você terá no prato? *Ufa*. Uau, muuuito melhor.

Houve outra longa pausa.

— Eu não tenho nenhum talão de cheques, você sabe. Não posso simplesmente pegar uma caneta e ...

— Você é o sócio *sênior* deste escritório de advocacia. Ligue para alguém e peça que traga uma ordem de pagamento para você. — Olhando para trás, ela foi até o sofá e sentou-se.

— Vou esperar.



JÁ ERAM TRÊS HORAS quando Anne voltou para casa e, ao sair do táxi que pegou no centro da cidade, tinha várias malas para carregar para dentro. O motorista a ajudou e ela lhe deu dez dólares de gorjeta.

Enquanto ele partia, ela se trancou lá dentro, trancou a fechadura e inspecionou o que havia comprado: *duas malas*. Algumas roupas e roupas íntimas limpas. Uma bolsa nova. Uma câmera.

Ela não sabia quanto tempo iria ficar fora. Para onde ela iria. Se

ela voltaria. Bem, ela supôs que teria que voltar em algum momento para cuidar da casa. Mas ela se preocuparia com isso mais tarde.

No quarto, ela reuniu seus produtos de higiene pessoal e evitou olhar para a cama. Ela tirou os lençóis e os jogou na lavanderia na noite em que Darius partiu—e como a memória dele foi facilmente trazida à mente, ela percebeu que não havia sido apagada.

Ou como quer que eles se referissem a isso.

Durante o fim de semana, ela esperava que eles voltassem e cumprissem seu dever com ela—e ainda assim não o fizeram. A única coisa que ela precisava saber era que, naquele momento, ela ainda conseguia se lembrar de tudo: *desde o acidente de carro até a visita ao pronto-socorro, até ... todas as coisas que aconteceram depois.*

Esse era o outro motivo pelo qual ela queria sair da cidade.

Embora fosse incrivelmente doloroso pensar em Darius, ela ainda estava decidida a não querer que suas lembranças dele fossem roubadas. Ela passou a ver a apresentação de slides de imagens como *punição* por confiar em outro estranho depois de um deles ter mentido para ela.

Olhando para trás, ela não conseguia acreditar que havia se deixado cair tão longe, tão rápido. O que ela estava pensando?

Então, novamente ... não era sobre pensamentos. Tinha sido sobre *sentimentos*. E nada provou melhor a relatividade do tempo do que a paixão apoiada por uma dose inebriante de luxúria. Era literalmente assim que os casos amorosos funcionavam, fazendo-o acreditar que a intensidade da emoção equivalia a você conhecer a pessoa desde sempre. E contanto que ela pudesse invocar suas memórias de Darius e manter a evidência de sua estupidez em sua mão mental ... então talvez ela não fizesse isso de novo. Nunca.

Então, sim, qualquer lugar menos Caldwell era seu destino. Ela não tinha vínculos com ninguém, ninguém que sentisse falta dela, nenhum animal de estimação, nenhuma complicação. Sem trabalho. Era hora de um novo começo. Um novo capítulo. A ...

Enquanto sua mente vagava, ela desceu as escadas e odiou não conseguir se concentrar adequadamente. Por outro lado, ela não dormia há três dias e havia um estranho benefício na exaustão. Graças a ser um zumbi, ela não tinha energia sobrando para se preocupar com o futuro, e isso era meio libertador. Sua falta de medo, independentemente de sua origem, fazia com que ela se sentisse no comando, de alguma forma.

Olhando ao redor, ela acabou olhando para a cozinha. Tinha havido uma bagunça infernal ali para limpar depois que Darius saiu, e a marca de queimadura no chão de onde Bruce estivera ... onde ele ...

Oh, Deus. Ela colocou as mãos no rosto e segurou as bochechas como se seu crânio estivesse em perigo de explodir. *Oh ... Deus.* O problema do trauma, especialmente quando é recente, é que ele toma conta de tudo no instante em que a porta é aberta. Entre um piscar de olhos e outro, ela viu as cadeiras derrubadas, as painéis espalhadas no linóleo, o pote de pasta de amendoim no chão, a geléia derramada como sangue na bancada.

O sangue real, vermelho e preto, manchado por todo lado.

Ela limpou tudo. Mas isso foi apenas superficialmente.

Assim como sua compostura estava apenas na superfície.

Ao sentir que seus pensamentos ameaçavam se fragmentar em insanidade, ela se recompôs com a lembrança de que pelo menos se estivesse sozinha, ninguém poderia machucá-la, nunca mais. E isso foi uma coisa boa e necessária. Na verdade, e embora ele nunca soubesse disso—porque ela nunca mais o veria—Darius tinha a venerável distinção de ser a pior dor que ela já havia *vivido*. O que, dada a sua história, realmente dizia alguma coisa.

Ele estava fora deste mundo desde o momento em que ela o conheceu.

Não era?

Capítulo 21

NOVE MESES, TRÊS DIAS E OITO HORAS DEPOIS.

NA NOITE EM QUE ANNE MORREU, A DATA PREVISTA DO PARTO JÁ havia passado pelo menos três semanas. E isso era tudo que ela sabia com certeza. Bem, isso e o fato de que ela estava totalmente apavorada.

Então, novamente, quantas mulheres grávidas eram todas, *entendi, não é grande coisa?*

Ainda assim, à medida que se aproximava a hora de dar à luz, ela presumiu que a maioria das gestantes se encontrava pelo menos com uma mistura de medo e alegria. Ela só tinha medo, só tinha tido medo. Não havia dúvida de quem era. Então a tensão e o horror sobre

o que estava crescendo dentro dela tinham sido seus companheiros de viagem enquanto ela estava longe de Caldwell, e sim, ela havia considerado interromper a gravidez ... praticamente durante todo o primeiro trimestre. Ela até marcou uma consulta em uma clínica ...

Mas no último momento, ela não foi capaz de continuar com as coisas.

O que ela havia *seguido* eram seus planos de viagem. Ela tinha visto a maior parte da Nova Inglaterra e do Meio-Oeste, e só havia retornado a Caldwell há duas semanas, porque mesmo sua negação resoluta não conseguia superar a realidade de que ela estava bamboleando como um pato, não conseguia amarrar os sapatos e sentia que ia estourar.

Estar de volta em casa foi ainda mais difícil do que ela esperava, provando que suas memórias não haviam desaparecido e nem seu sentimento de traição. Ela ainda não havia entrado em contato com Darius depois da noite em que lhe disse para ir embora e não estava mais perto de entender o que ele era, no que Bruce McDonaldson havia se transformado ou o que havia acontecido depois que ela viu um homem ser por uma faca de carne e desaparecer com um clarão e o som de uma vela romana.

— *Aaah*, —ela gemeu. Colocando a mão na barriga inchada, ela fez uma careta de dor. E depois consultou o relógio. Dois minutos de intervalo.

As coisas avançaram rapidamente com o trabalho de parto e ela sabia que o tempo estava acabando se quisesse obter ajuda. Mesmo assim, ela esperou no sofá da sala de estar durante mais duas contrações—e então finalmente se levantou e procurou a bolsa. Pegando as chaves, ela saiu pela porta da frente e caminhou até o *Ford Taurus*⁸⁹ que comprou depois de concluir um curso de direção em *Plattsburgh*⁹⁰ e finalmente obter sua carteira de motorista. Apertar-se ao volante era uma coisa. E ela teve que respirar duas vezes por conta das contrações. Mas então ela estava partindo, as mãos segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

O trânsito estava tranquilo porque já passava das dez da noite, e estes eram os subúrbios—e ainda assim ela estava com medo de sofrer um acidente. Então, novamente, foi assim que ela sempre se sentiu. Ela se obrigou a vencer o medo, no entanto.

Ela estava cansada de ter medo de alguém ou de alguma coisa.

Cansada de ser tratada como uma garotinha quando já era adulta.

Acabar com a misoginia casual que ela sempre aceitou como apenas parte da maneira como o mundo funcionava.

E você sabe, ela foi tratada como exigia ser tratada, e agora era com respeito. Se algo de bom resultou de tudo isso, foi encontrar essa medida de força.

A entrada e o estacionamento do pronto-socorro St. Francis estavam exatamente como ela se lembrava. O que não deveria tê-la surpreendido, mas surpreendeu. Por outro lado, ela se sentia como se tivesse estado naquela instalação pela última vez há cinquenta anos, com o Não-Danny DeVito.

É um homem que mudaria sua vida por todos os tipos de motivos ruins.

Ela olhou para seu estômago. Bem, e uma razão pela qual ela já amava com cada fibra do seu ser.

Parando no espaço mais próximo que conseguiu encontrar, ela saiu e se arrastou em direção às portas giratórias. Do outro lado, ela cambaleou até a recepção e esperou até que a mulher olhasse para ela por cima de um par de óculos de leitura.

— Oi, posso ajudar você ...?

— Doutor Robert Bluff. Estou aqui para ver o Doutor Bluff.

— Oh. *Hum*. Isto não é um consultório médico, senhora. Esta é a sala de emergência.

— Eu sei onde estou. Quero que você ligue para ele agora mesmo. E se não estiver de plantão, você vai ligar para ele em casa. E se estiver de férias, você vai trazê-lo de volta de onde estiver. Ele é o único que vai fazer o parto do meu bebê.

A resistência foi imediata, mas também imperturbável, como se muitas exigências estranhas fossem lançadas sobre sua proverbial popa.

— Senhora, não tenho certeza se fui clara o suficiente. Você não pode simplesmente ...

— Chame-o agora mesmo.

A mulher hesitou. Mas quando Anne apenas a olhou nos olhos, sua mão estendeu-se para o telefone. Depois que alguns botões foram apertados, a mulher disse.

— *Doutor Bluff, tem uma ...*

— Paciente, —disse Anne.

— ... *uma paciente na recepção. Chamando Doctor Bluff, por favor, dirija-se à recepção.*

Quando outra contração ocorreu, Anne segurou-se na beirada da mesa e balançou. Quando ela estava prestes a se sentar, a sensação aguda e de queimação diminuiu, graças a Deus ...

A súbita sensação de pressa que a atingiu em seguida não foi inesperada, ela supôs. Mas enquanto o interior de suas pernas escorria com uma queda quente de líquido, ela imaginou que era melhor a bolsa estourar aqui do que no carro ...

O Dr. Robert Bluff marchou para fora das portas duplas da área de tratamento, com o rosto irritado, como se algum protocolo tivesse sido violado. Mas no instante em que a viu, ele ficou surpreso.

Anne ergueu a mão.

— Minha bolsa estourou. Desculpe ...

— Isso não é água, —disse ele enquanto corria para frente. Por cima do ombro, ele gritou: — Preciso de uma cadeira de rodas, agora mesmo!

Com uma sensação de pavor, Anne olhou para si mesma—e o que viu foi incompreensível. A parte interna de suas coxas estava banhada de sangue, tanto que uma poça vermelha brilhante estava se formando a seus pés.

Estendendo a mão para o médico, ela agarrou sua manga. Em voz baixa e urgente, ela disse:

— Você se lembra de mim, de antes. Eu estive aqui com alguém da sua espécie. Você sabe do que eu estou falando.

Os olhos do homem—do vampiro—se arregalaram.

— É dele, —ela disse suavemente. — O homem—*homem*—com quem eu estava. Este é o bebê dele e você é o único que pode fazer isso.

O Doutor Bluff olhou ao redor. Então ele sussurrou:

— Vou cuidar de tudo.

A cadeira de rodas chegou na hora certa. Assim que seus joelhos cederam, ela caiu de volta no assento e ficou grata pelo Dr. Bluff ter insistido em empurrá-la ele mesmo para fora da área de espera—e foi

melhor ela ter ido embora. Os pacientes e familiares que estavam na fila para serem atendidos olhavam para ela horrorizados e, quando ela foi arrastada pelas portas duplas, ela estava disposta a apostar que o auxiliar de limpeza correndo com o balde rolante e o esfregão havia sido chamado por causa dela.

A próxima coisa que ela percebeu foi que estava sendo transferida para uma maca em uma sala que tinha quatro paredes sólidas e muitos equipamentos.

Sala de trauma, pensou ela. Ela estava numa sala de trauma.

Dr. Bluff trabalhou rápido com suas enfermeiras: *foram iniciadas intravenosas, perguntas sobre alergias e medicamentos foram feitas, avaliações básicas foram feitas*. E quando ele pressionou um estetoscópio contra sua barriga e escutou, ela rezou por um ...

— O bebê está vivo, —disse ele. — Tenho os batimentos cardíacos!

O alívio de Anne fazia parte do complicado emaranhado de emoções que ela vinha cultivando desde que perdeu a menstruação e descobriu que estava grávida de um filho de Darius. Ela não tinha ideia do que estava trazendo ao mundo. Mas era dela, e ela fez as pazes com isso.

Foi a única coisa com a qual ela fez as pazes.

— Enfermeiras, saiam, por favor. Eu preciso de um momento.

As mulheres uniformizadas pareceram um pouco surpresas com a ordem, mas fizeram o que o médico exigiu. E então o Dr. Bluff estava pairando sobre Anne, seu rosto desenhado em linhas tensas.

— Você está sangrando muito. Acredito que você provavelmente tenha *placenta prévia*⁹¹, algo que é muito comum em gestações que são ... que são complicadas como a sua. Aqui está o problema. Se eu te der sangue humano e a criança for *mestiça*, como você diz? Isso matará o feto imediatamente, embora a transfusão possa salvar *sua* vida.

Uma estranha frieza tomou conta. — E se você não me der sangue?

— Você vai morrer.

Ao ouvir as palavras, sua mente se recusou a processá-las.

— Eu vou ...

— É a sua vida ou a da criança—e se você escolher a última, não

posso prometer que sobreviverá de qualquer maneira. Mas prometo que você não conseguirá.

O tempo desacelerou e Anne ficou grata pela distorção, pois sua mente parecia se recusar a processar qualquer coisa. *Pense, pense, pense ...*

A imagem que lhe ocorreu, a lembrança, era tão nítida, tão clara, que era como se tivesse sido implantada em sua mente por alguma outra força: *ela estava de volta na traseira de um carro, aninhada em algo quente e vital, seu corpo esparramado contra ...*

— *Darius.* — Ela disse fracamente.

— Você gostaria que eu ligasse para ele? — perguntou o Dr. Bluff.

Anne desviou os olhos para o lustre acima dela. A luz estava forte e ela piscou por causa da claridade.

Quando uma frieza estranha e predominante começou a penetrar em seu corpo, ela começou a tremer.

— Você gostaria que eu ligasse para ele? — repetiu o Dr. Bluff. — Tem que ser agora, se você quer ele aqui ... já estamos sem tempo.

Capítulo 22

QUANDO DARIUS FINALMENTE RECEBEU A LIGAÇÃO PELA QUAL estava esperando, orando ... ela veio de uma forma que ele jamais esperava e definitivamente uma que ele não queria. Em vez da voz de Anne, chegando até ele, era a de um macho cujo rosto ele só conseguia lembrar vagamente. E em vez de sua fêmea quebrar seu silêncio legítimo e de alguma forma perdoá-lo ...

— *Você precisa vir imediatamente,* — dizia o médico de uma vida atrás em tom baixo e urgente. — *Pronto Socorro do St. Francis. Estou perdendo ela. Você não tem muito tempo.*

A audição de Darius entrava e saía. — Anne?

— *Sua companheira. Ela está em trabalho de parto e está perdendo muito sangue. Se você tem alguma coisa que queira dizer a ela, é melhor vir aqui agora mesmo.*

Clique.

A linha ficou muda.

Darius tirou o telefone do ouvido e olhou para ele.

— Senhor?

Ele olhou para Fritz através da cozinha. Seu mordomo estava polindo prataria na pia e havia feito uma pausa em todo o seu esforço.

— Senhor? O que está errado?

Perda de sangue ...?

— Eu tenho que ir.

Jogando o receptor nas proximidades do telefone, Darius saiu correndo pela porta dos fundos e mergulhou nas sombras. Quando ele fechou os olhos, ele enviou uma oração à Virgem Escriba para que ele realmente fosse capaz de se desmaterializar—e o encantamento deve ter funcionado porque, apesar de seu pânico e confusão, ele conseguiu desmaterializar ...

E voltar a se reformar no estacionamento do pronto-socorro para onde ele trouxe sua Anne pela primeira vez, há milhares de anos.

O fato de ele ter voltado à sua forma bem debaixo de um poste de luz não foi algo em que ele pensou muito: *depois de nove meses de nada, depois de nove meses solitários de desespero e autculpa, depois de nove meses de sofrimento, ele simplesmente queria ver sua Anne*. Abraçá-la. Ouvir a sua voz. Para ouvir a voz dela. O buraco negro da ausência dela, que ele mais do que merecia, começou a parecer perpétuo. Mas Deus, ele não queria um alívio assim. Outro acidente, outro ferimento grave ...

Correndo pela entrada, ele parou em frente ao balcão da recepção.

— Sr. Wurster? —a mulher perguntou.

Quando ele assentiu, ela apertou a campainha. — Passe pelas portas duplas, siga os sinais de trauma, ela está na baia um.

Darius saiu novamente, esperando que ainda pudesse ler depois de passar por aquelas portas. Felizmente, sua alfabetização ficou com ele e as placas estavam em um vermelho brilhante, mas, mais do que isso, havia cheiro de sangue fresco. Muito sangue.

Ele abriu uma porta de vidro ...

E lá estava ela.

Sua Anne.

Com um gemido de agonia impotente, ele correu até a cabeceira dela—enquanto, pelo canto dos olhos, via sangue escorrendo da mesa em que ela estava. *Jesus*, o colchão debaixo dela estava manchado de vermelho. Os lençóis também. Na verdade, havia um balde embaixo, que enchia a um ritmo alarmante.

Isso o lembrou daqueles nos locais de indução.

Dr. Bluff, aquele mestiço, estava do outro lado dela, segurando sua mão. E quando o macho começou a falar, Darius não conseguiu ouvir nada.

— Anne! —Ele disse com a voz embargada.

Suas pálpebras se abriram e ela virou a cabeça em sua direção. Havia uma máscara de oxigênio sobre sua boca e nariz, e ela bateu nela. Quando Darius foi retirar a coisa, o médico tinha coisas a dizer sobre isso, mas os dois o ignoraram.

Ela parecia ter envelhecido vinte anos. Cinquenta. E ela estava branca como papel.

— Darius, —ela disse em um sussurro. — Você tem que cuidar dela.

— Quem? Cuidar de quem?

— O bebê. —Seus olhos começaram a rolar para trás. — O bebê ...

A audição de Darius entrou e saiu por um segundo, tudo ficando em silêncio mortal antes de voltar.

Em câmera lenta ele virou a cabeça e percebeu ... a barriga dela estava inchada.

— *Filho?* —Ele disse entorpecidamente.

O Dr. Bluff interrompeu. — Ela vai ter *seu* filho. Eu te contei pelo telefone.

— Meu filho. —Por que todos estavam falando uma língua estrangeira? — *Meu ...*

Anne agarrou sua mão com força. — Você cuida dela. Jure para mim. Você cuidará dela e garantirá que ela esteja segura. Você me deve isso ... você deve isso a ela.

— *Anne* ... —Quando um de seus olhos começou a tremer tanto que estroboscópicou tudo, ele tentou se lembrar de como falar. — Como isso aconteceu?

Oh vamos lá. Como se ele não soubesse? Naquela noite final, quando ele foi até ela ...

— Eu deveria ter contado a você, —ela disse asperamente, — Mas eu não ... não consegui.

— Você não tem nada pelo que se desculpar. —Em comparação com suas transgressões? — *Shh.* Não se preocupe. Só precisamos conseguir um pouco de sangue para você. Certo?

Ao olhar para o médico, o homem balançou a cabeça.

— Nada de sangue, —disse Anne. — Isso vai matar o bebê.

Com crescente horror, Darius olhou para o balde. Que estava quase meio cheio. — Não. *Não*, não vai. Você só vai conseguir um pouco ...

— É a vida dela ou do bebê, —disse Bluff. — Isso é ...

A porta de vidro se abriu e alguém de jaleco branco e uniforme azul entrou apressado.

— Agora não, —Dr. Bluff retrucou. — Privacidade por favor.

Enquanto o outro médico olhava para Anne e imediatamente balançava a cabeça tristemente, como se tivesse reconhecido que não havia um bom resultado, Darius bateu o pé. — Então fazemos outra coisa. Tem que haver algo mais que possamos fazer ...

Enquanto a porta de vidro se fechava novamente, os olhos de Anne lacrimejaram, lágrimas escorrendo pelas têmporas e caindo em seus lindos cabelos escuros.

— Estou morrendo, Darius. Então não posso cuidar de ...

— *O quê!* Não, você não vai morrer. Você está bem aqui comigo. — Ele olhou para o médico novamente. — Ela está aqui. Ela não está ...

— Ela optou por não receber uma transfusão, —explicou o Dr. Bluff. — Ela está escolhendo o filho em detrimento de si mesma.

Darius olhou para Anne e começou a balançar a cabeça. — *Faça a transfusão.*

— Isso vai matá-la.

— Eu *preciso* de você ...

— Não posso matar o nosso bebê. Não *posso* ... não vou.

As coisas começaram a apitar rapidamente e os alarmes começaram a tocar. Desta vez, quando a equipe médica apareceu, o Dr. Bluff apenas levantou a mão para impedi-los de se aproximarem. Ele não lhes disse para irem embora.

— *Darius* ...

Algo na maneira como Anne disse o nome dele cortou o caos repentino, o cheiro de todo aquele sangue de cobre desaparecendo, os humanos em trajes de hospital tornando-se invisíveis. — Cuide dela. — Os olhos de Anne brilhavam em seu rosto acinzentado. — Se você quiser fazer as pazes comigo, é assim que você vai fazer. Cuide de nossa filha. Certifique-se de que ela esteja segura. Ame-a o suficiente ... por nós dois.

— *Não, não, não* ... Anne, eu te amo....

Seus olhos olharam para ele, luminosos, mas turvos. — Diga-me que você não quis me machucar.

— Eu não queria. Eu te amo, *ainda* amo. Só não sabia como te contar sem que você tivesse medo de mim. Ou enojada.

— Eu senti sua falta.

A dor explodiu em seu peito. — Senti sua falta todas as noites e o dia inteiro ...

Ela engasgou e então seus olhos começaram a rolar para trás.

— *Oh Deus*.

Capítulo 23

A COMPANHEIRA DE DARIUS MORREU SETE MINUTOS ANTES DE sua filha nascer, por cesariana, na enfermaria de trauma número um do pronto-socorro do Hospital St. Francis. Só 24 minutos depois do nascimento é que ele conseguiu segurar a criança, uma coisinha rosa e contorcida, toda envolta em um lindo cobertor branco, vermelho e azul. Sentado com o que restava de sua amada, a cadeira embaixo de sua bunda era dura, mas isso não importava. Nada importava.

Enquanto ele chorava, suas lágrimas caíram no rosto da criança.

Enquanto ele chorava, o corpo de sua companheira esfriava na mesa de tratamento diante dele.

A equipe médica havia partido da baía, e quando o Dr. Bluff finalmente voltou, o vampiro teve a inteligência de se mover lentamente e falar suavemente.

— Você quer cremar o corpo? —o macho perguntou.

— Sim, —respondeu Darius, embora não soubesse ao que estava respondendo.

— Coloquei a criança no sistema e consegui para ela um número de seguro social. Isso ajudará no que vem a seguir.

Alguma coisa veio a seguir? Darius se perguntou. Talvez ele tenha ficado naquela cadeira de plástico para sempre, segurando o bebê e tentando não ver todo o sangue.

— Obrigado.

— Você sabe, ela pode não ser uma vampira, —disse o médico. — Se ela for mestiça, talvez não precise ser exposta ao seu lado das coisas.

Darius ergueu os olhos. — Você não quer dizer *o nosso*.

— Não, eu não. Fiz minha escolha há muito tempo e peço que você faça o mesmo por sua filha. Se você deixá-la no mundo humano, ela não será caçada.

— Não vou deixar minha filha ser criada por ...

— Pense nisso. Você pode mantê-la segura em seu mundo? Da Sociedade Lesser? É muito mais seguro aqui. Por outro lado.

Pensou nos dois filhos distantes que já havia perdido na guerra. E mentiu para si mesmo: — Não, não é.

— É sim. E eu sei o que você é. Descobri quem você é. Se os *lessers* descobrirem que um membro da Irmandade da Adaga Negra tem um filho, eles irão encontrá-la e levá-la apenas para chegar até você. E quando você tentar recuperá-la, eles matarão vocês dois, depois de fazerem você ver sua filha morrer de uma forma horrível.

Com o som de um animal ferido, Darius fechou os olhos e embalou o ser frágil que ele e sua amada trouxeram ao mundo. A ideia de que qualquer coisa pudesse machucá-la o tornava ao mesmo tempo

fraco e poderoso.

— Vou escondê-la para mantê-la segura, —ele rebateu estupidamente.

— Do Ômega? Realmente? Na sua casa, onde quer que seja? Onde os lutadores entram e saem todas as noites e os assassinos perseguem as sombras. Ela estará segura lá?

Darius piscou. — *Sim ...* ela vai.

— Você vai mantê-la longe de tudo isso, do *mal* que criou um exército de mortos-vivos só para nos matar por causa do que somos. —Dr. Bluff caminhou através da bagunça sangrenta no chão até Anne, cujo corpo estava coberto por um cobertor branco fresco até o pescoço, cujo rosto estava congelado e ficando mais inanimado a cada momento. — Verdadeiramente, você é tão poderoso assim?

Darius olhou para a expressão de seu amor. Anne parecia tão tranquila, como se estivesse dormindo, e ele rezou para que ela estivesse no *Fade ...* rezou para que ela tivesse chegado ao Outro Lado —e desejou saber se humanos eram permitidos lá.

Caso contrário, ele a veria em seu paraíso. Algum dia de alguma forma ...

Ele pensou na visão de Vishous. Nos últimos nove meses, ele orou por aquela bola de fogo, mas ela ainda estava por vir e agora ele estava feliz. O que teria acontecido com sua filha agora se ele estivesse morto? Ela teria se perdido para o mundo humano. Ou talvez Bluff a tivesse salvado de alguma forma. Ou talvez o homem a tivesse deixado morrer.

De qualquer forma, Darius nunca saberia sobre sua própria filha ...

— Você pode vigiá-la de longe, —disse Bluff asperamente. — Mantenha-a segura dessa maneira. Você tem um *doggen*, certo? Ele poderia ficar de olho nela durante o dia.

Darius olhou para o rosto angelical de sua filha. Seus olhos estavam fechados e seu pequeno arco de boca se abriu enquanto ela respirava ofegantemente, como se já estivesse crescendo muito rápido.

— Não estou procurando seu conselho.

— Você deveria aceitar. Como eu disse, há uma razão pela qual estou do lado humano—e ainda estou vivo.

Querida Virgem Escriba. Darius pensou que a dor de perder Anne enquanto ela estava viva tinha sido terrível. Mas agora ela havia morrido e ele conheceu uma dor ainda maior. Enquanto enfrentava uma perda ainda mais avassaladora ...

Foi à medida que sua agonia se expandia exponencialmente que ele percebeu que, por mais que odiasse que o médico estivesse certo, teria que deixar a criança partir.

— Como Anne sabia que era uma filha? —Ele murmurou entorpecido.

— Não sei.

— O que acontecerá com a minha filha? —ele perguntou enquanto acariciava a bochecha macia de sua filha.

Mas nem o médico, nem ninguém sabia a resposta para isso. Foi mais uma declaração de seu terror absoluto em relação ao futuro.

Quando um suave arrulhar voltou para ele, foi como uma faca no coração, e então os olhos dela se abriram e ela pareceu se concentrar nele.

Doutor Bluff disse calmamente.

— Vou me certificar de que ela fique numa situação certa. Eu juro para você. Sua companheira era minha paciente e eu a perdi. Devo a ela independentemente de você e compartilhando uma espécie comum.

— E se a criança passar pela mudança?

— Se ela fizer isso, ela será adulta. Você pode se aproximar dela então. E ela pode não conseguir?

— Não posso perdê-la.

Quando Darius disse as palavras, ele não sabia de quem estava falando: sua companheira, que nunca foi sua, na verdade, ou a filha que nunca teria a chance de estar com o pai.

Se ela tivesse sorte.

Afinal, ele havia feito uma promessa à sua amada e não iria fugir disso ou de seu dever para com sua progênie. E às vezes, o melhor caminho da vida era o mais difícil.

— Okay. —Darius engasgou. Então ele mudou para a Língua Antiga.— *A filha do meu sangue e coração será criada*

como humana. No entanto, pela minha honra, nunca, jamais estarei longe dela. E que a Virgem Escriba salve a alma de qualquer um que possa prejudicá-la
...

Capítulo 24

UMA SEMANA DEPOIS, DARIUS LEVOU AS CINZAS DA ÚNICA FÊMEA que ele amou para o seu retiro no topo da montanha que ele construiu ao norte de Caldwell cerca de sessenta anos antes. Ao se recompor junto à fonte árida e seca do pátio, ele olhou para o grande monólito cinza.

Seguindo com os olhos as janelas escuras com painéis de losango, medindo as linhas dos telhados, contando os andares, ele não tinha energia mental para imaginar o interior, todos os móveis intocados cobertos com lençóis, as camas não dormidas igualmente cobertas, os móveis não utilizados, a porcelana, prataria e cristal nas prateleiras, prontas para serem colocadas em serviço.

E ainda assim permanecendo intocado.

Ele estava entediado de lamentar aquele antigo sonho irrealizável.

Além disso, agora ele tinha duas pessoas reais para chorar, não apenas um pedaço de imóvel que ele havia construído para uma comunidade que não acreditava em sua visão utópica.

— Esta é a minha casa, — disse ele com voz rouca. — Ou pelo menos eu esperava que fosse.

Claro que não houve resposta. Foi o que aconteceu quando você falou com uma urna.

Mesmo assim, ele pegou o recipiente que segurava como uma bola de futebol, todo enfiado nas costelas, e ergueu-o. Como se Anne pudesse ver alguma coisa.

O que foi estúpido.

Baixando-o novamente, ele esfregou o polegar no metal frio. O repositório para as cinzas de sua amada era feito de latão e tinha uma tampa de rosca, e ele o pegou—junto com o que restava de sua companheira—logo após o anoitecer do Dr. Bluff, que mais do que cumpriu suas promessas. Elizabeth, que foi o nome que Darius deu a criança, foi entregue a uma enfermeira e levada para casa, e ele e Fritz já estavam vigiando aquela propriedade.

Portanto, a criança não estava sozinha no mundo humano.

O vento soprava contra ele por trás, empurrando seu corpo, como se a própria natureza quisesse que ele continuasse com o que tinha vindo fazer. Aproveitando a deixa, ele se desmaterializou até a linha do telhado, até um dos picos bem na frente do telhado da mansão. As rajadas ficaram ainda mais fortes com a elevação adicional, e ele teve que se equilibrar segurando um pára-raios.

Quando olhou para o pátio, não teve absolutamente nenhum impulso de se atirar lá de cima. Ele tinha que permanecer vivo, ele tinha um *propósito* agora. Ele vivia para filha dele com Anne.

Ele havia cometido tantos erros com sua fêmea e, como ela havia dito, a única maneira de compensar qualquer parte disso era fazer exatamente o que ela havia pedido. O fato de que cuidar da filha era um dever sagrado que ele teria cumprido de qualquer maneira, não importava.

Ele iria fazer isso por sua Anne.

— Eu prometo a você, —disse ele para a Via Láctea acima. — Vou mantê-la segura.

Quanto às estrelas cintilantes em sua cortina de noite aveludada, ele pensou em quão frio e vasto era o espaço, e como, no esquema das coisas, seu pequeno enredo de sofrimento não era nem um pontinho no radar do universo. Mas a verdade é que, assim como cada floco de neve que caía no inverno era um milagre precioso, o mesmo acontecia com a diminuta galáxia de existência de cada mortal.

Somos nossos próprios sóis, pensou ele, *extraindo vida da escuridão na forma de emoções e significado da aleatoriedade em virtude de nossas conexões.*

E assim, quando a perda veio—e sempre aconteceu—e o centro daquele mundo perdeu a sua luz, a tragédia teve um impacto universal e insondável.

Mesmo quando impactou apenas uma pessoa.

Ou ... *vampiro*.

Ao desenroscar a tampa, o coração de Darius estava na garganta. — Eu não vou decepcionar você, Anne. Eu prometo. —Respirando fundo, ele chorou abertamente enquanto virava a urna de latão ...

O vento pegou as cinzas e as levou, para a bela vista das montanhas, para a lua... para as estrelas. Enquanto os observava

partir, ele imaginou o lindo rosto de sua companheira enquanto ela sorria para ele, os olhos brilhando, o cabelo esvoaçando.

Tão vivos que ele sentiu como se eles tivessem existido para sempre. Só porque ele a amava tanto.

Quando tudo ficou vazio, ele fechou a tampa e enfiou a urna em uma fenda atrás do pico.

— Eu te amo, —ele disse para o céu.

Porque, para ele, sua *shellan* estava em algum lugar do cosmos, testemunhando-o fazer a coisa certa. Pelo menos ele esperava que ela estivesse. Certamente a Virgem Escriba a receberia no *Fade*.

Mas quem saberia?

Ele ficou mais um momento. E depois outro. E outro. Como se ele estivesse esperando por algo ... uma resposta, ou talvez um sinal. Enquanto isso, abaixo dele, a mansão que ele construiu com tanta esperança, e que sustentou com tanta decepção, dormia como o inanimado que não foi reclamado, vazio como sempre.

Embora a vaga sempre lhe parecesse um desperdício, agora ele não conseguia imaginar ninguém morando lá, *jamais*.

Então, novamente, não era mais um lar em potencial. Era um mausoléu.

E a parte viva dele acabara de ser enterrada no telhado.

Para sempre.

Epílogo

DIAS DE HOJE

ELIZABETH, NASCIDA RANDALL—AMADA SHELLAN DE WRATH, filho de Wrath, reverenciada *mahmen* de Wrath, filho de Wrath—entrou na Casa de Audiências pela porta dos fundos com o filho no colo. Assim que entrou, sentiu o cheiro de doces frescos, e o Pequeno Wrath, ou LW, como era conhecido, claramente os aprovou também.

Normalmente composto de uma forma que às vezes poderia assustá-la, ele estendeu os braços e fez movimentos de agarrar—e naturalmente, a *doggen* uniformizada que estava assando as iguarias largou tudo o que estava fazendo e correu com um prato de porcelana.

— *Senhor?* —disse ela a criança: — É um prazer. —A fêmea fez uma reverência, apresentando os *dinamarqueses*⁹² como se fossem presentes, como se L.W., estava totalmente crescido e sentado no trono que seu pai ocupava.

— E para você também, minha Rainha. —A confeitadeira disse. — Que eles agradem ao seu paladar.

Com a fêmea se endireitou, seus olhos se fixaram no *rubi saturnino* que Beth sempre usava, embora a coisa pesasse uma tonelada e ela estivesse constantemente preocupada em bater em alguma coisa e ela nunca tivesse sido uma pessoa de jóias. Os cidadãos e os funcionários queriam ver, no entanto. *Precisava*. Foi a história que alcançou o presente, e ela e sua família foram parte intrínseca dessa continuidade.

— Obrigada. —Beth murmurou. — Você sabe que eu adoro os de cereja.

— De fato, sim, e é um prazer fazê-los com minhas próprias mãos.

Enquanto Beth levava o prato com ela para a frente da casa, L.W. agarrou um dos dois, e ela tinha que admitir, ele já era um comedor preciso, assim como seu pai.

— *Mamã?* —Ele disse enquanto lhe estendia o prato.

— *Hum.* —Ela fez uma pausa e deu uma mordida. — Obrigada.

— *Mmmmmmm.*

Dedos pegajosos. Boca pegajosa. Cara pegajosa.

Quem se importava.

O garoto era adorável e você não podia privá-lo de sua felicidade, especialmente porque ele era muito sério na maior parte do tempo. Se havia uma coisa que a preocupava, era a gravidade que o envolvia. Era como se já carregasse nos ombros o peso da espécie, como se soubesse o que o seu futuro implicaria.

Claro, o Rei foi eleito democraticamente agora, mas talvez L.W. estava vendo as décadas ou séculos à frente de alguma forma. Talvez ele estivesse destinado a ser como seu pai, reverenciado por seus súditos.

Responsável por eles também.

Ela não tinha certeza se queria isso para seu filho. Mas não dependia dela, não é?

— Depende de você, carinha grande, —disse ela enquanto voltava a caminhar para a frente da casa.

Depois de séculos se recusando a liderar, Wrath, o senhor, finalmente decidiu assumir seu legado e assumir o trono. E foi por isso que esta casa, que ficava longe da mansão na montanha onde todos viviam, foi chamada ao serviço dos civis que procuravam audiências com o seu Rei.

— Olá, Miha! —disse Beth à recepcionista do que antes era o salão feminino.

A fêmea levantou os olhos do livro de horários.

— Senhora e o Senhor!

A forma como o rosto de Miha se iluminou quando ela olhou para L.W. foi um lembrete de quanto a espécie precisava de esperança para o futuro. E o quanto eles amavam seu líder—e seu filho e shellan.

No início, foi difícil se acostumar com a reverência. Então, novamente, quando ela finalmente descobriu a verdade sobre o que ela era—e o fato de que ela não era humana—havia tanta coisa para reformular e redefinir que ela teve muita experiência com estranheza. E realmente, era tão ruim assim ser amado?

Melhor do que uma cutucada no olho com uma vara afiada, como diz o ditado.

— Estamos aqui apenas para ver o papai. —Beth subiu um pouco mais o LW, e tentou manter o prato firme. — E para a comida.

Como L. W. agitou seu tesouro pegajoso, ela tentou tirar o cabelo do alcance ...

— Você gostaria que eu ficasse com essa porcelana por um minuto?

— Você sabe, isso seria ótimo. Voltarei por isso.

— Além disso, que tal um guardanapo? —Miha tirou um de sua mesa. — Não tenho lenços umedecidos, infelizmente.

— Isso é incrível. Obrigado.

Aceitando o quadrado de damasco precisamente passado—porque

Fritz sempre fazia tudo corretamente em suas casas—e entregando os doces, Beth sorriu em despedida e enxugou o rosto do filho enquanto atravessava o saguão. Quando ela chegou ao conjunto de portas duplas fechadas, ela se perguntou se não seria melhor se ela não evitasse interromper ...

As portas se abriram.

O que havia do outro lado não era uma surpresa, mas também não era fácil de ver. Como sempre, havia vários Irmãos e lutadores por perto, todos totalmente armados, e também como sempre, olhavam para ela com respeito e amor fraternal. Mas a vibração no que antes fora a sala de jantar formal era tensa. O que também era normal e nada com o qual ela iria se acostumar.

V. Tohr. Z e Phury. Rhage e Butch, junto com John Matthew e Qhuinn e Blay.

— Beth?

Quando seu nome foi pronunciado com autoridade, ela se virou para a lareira. Duas poltronas foram dispostas uma de frente para a outra, a vaga da dupla para os civis que vinham com suas comemorações, queixas e conflitos, a outra lotada até transbordar com seu *hellren*. Sentado no que se tornava um trono sempre que estava nele, Wrath era uma presença enorme em suas roupas de couro e sua camisa regata, seu cabelo preto na altura da cintura caindo do *bico de viúva*⁹³, seus olhos cegos escondidos atrás de *óculos de sol envolvertes*⁹⁴, seu cão-guia ao seu lado no chão.

— O que está errado? —Ele deu um pulo, assustando o Golden, que seguiu confuso o exemplo de seu mestre. — O que ...?

— Não há nada de errado. —Ela fez um gesto com as mãos para ele se acalmar, embora não pudesse vê-la. — Eu estava dirigindo até a cidade para encontrar Sarah na casa dela e de Murhder e pensei em passar por aqui.

— *Papa!* —L.W. gritou.

Aquelas sobrancelhas escuras caíram.

— Quem está guardando vocês dois?

— Está tudo bem ...

— Ninguém está com você? —Ele demandou. Como se ele estivesse preparado para arrancar de Vishous, que coordenava os detalhes de segurança, do testículo restante do Irmão. Com uma ponta

de ferro enferrujado.

— Só estou indo para a casa de Sarah ...

— Mas e se você precisasse de algo ou ...?

— *Wrath!* —Instantaneamente, o Rei calou-se, de uma forma que só fazia quando ela dizia o nome dele naquele tom. — Nós já conversamos sobre isso, lembra-se? Contei a V o que estava fazendo, conforme combinamos, e então entrei no carro com nosso filho e saí como uma pessoa normal.

Quando ela olhou para Vishous, o lutador de cavanhaque assentiu e mostrou seu Samsung para frente. — Sim, ela me ligou. E eu tenho ela no meu telefone. Estou rastreando ela o tempo todo.

— Não sou uma prisioneira, e seu filho também não.

Depois de um minuto inteiro de carranca, o grande Rei Cego sentou-se novamente, e se ele fosse qualquer outra coisa viva, você poderia dizer que ele ficou um pouco *amuado*, seu lábio inferior se projetando, suas sobrelanceiras afundando ainda mais. É claro que, dado que ele continuou sendo um assassino puro, mesmo depois de se aposentar das lutas, ninguém teria feito esse tipo de observação.

— Venha aqui, *Leelan*, —Wrath murmurou.

Enquanto Beth caminhava pela longa sala, L.W. estendeu a mão com seu dinamarquês, e o rosto de Wrath se suavizou quando ele claramente se concentrou no cheiro de seu filho. Enquanto isso, a seus pés, George deitou-se e bateu o rabo, fungando e sorrindo como os goldens faziam.

— Alguém está pegajoso, —Wrath murmurou.

— Muito.

O grande Rei Cego estendeu a mão, exibindo as tatuagens que percorriam a parte interna de seus antebraços, sua linhagem exibida nos símbolos da Língua Antiga. — Minha *Leelan*. Meu filho.

Ele não se importou que as mãos de L.W. estivessem cobertas com recheio de cereja e cobertura. Ele não se importava que seus irmãos estivessem na sala. Ele não dava a mínima para nada além de sua família—e assim que Beth estava ao alcance, ele a levantou do chão e a colocou em seu colo como se ela não pesasse nada.

Ao reposicionar seu filho, ela passou um braço em volta dos enormes ombros de Wrath e se lembrou de quão poderoso ele era.

Mesmo que seu macho tenha sido proibido de entrar em campo, ele se manteve em ótima forma, treinando com Payne na academia, levantando pesos e correndo em esteiras. Ele continuou a trabalhar com suas estrelas ninja, a esfaquear alvos e a atirar com armas. E como sempre, ele estava sempre encarregado da Irmandade, da casa na mansão, da espécie em geral.

No entanto, ele tinha um lado gentil.

LW raramente ria, mas quando Wrath foi até o dinamarquês e estalou os lábios, uma gargalhada feliz pareceu encher a casa inteira.

E foi a coisa mais estranha.

Seu ponto de vista mudou, mas sua posição não mudou. De repente, ela sentiu como se estivesse olhando para os três—quatro deles, contando George—à distância, observando o que estava perto, de longe o suficiente para que fosse como se ela fosse uma espectadora.

E o que ela viu?

Uma família. Uma família forte, ancorada, *unida* ...

As emoções se infiltraram e Beth desviou o olhar para poder limpar o brilho dos olhos sem fazer algo óbvio.

E foi aí que o passado voltou ...

Em vez de estar na sala de jantar como estava agora, vazia da maior parte de seus móveis, nada restando além do par de poltronas, e a mesa de Saxton no canto, e as sentinelas que guardavam seu *hellren* ... ela via as coisas como elas eram quando ela entrou pela primeira vez na casa: a mesa longa e brilhante posta com flores frescas, cristal e porcelana. As lindas cadeiras esculpidas com capas de seda. Os aparadores com suas travessas de prata esterlina e candelabros ondulados.

E lá estavam ela e Wrath, em seu primeiro encontro, agrupados em uma extremidade da mesa, a eletricidade e a antecipação carregando o ar entre eles.

Como comer pêssegos.

— *Leelan*. —Wrath sussurrou. — Porque você está chorando?

Passando a mão pelos longos cabelos negros, ela não conseguia expressar em palavras os sentimentos complexos que giravam em seu peito. — Estou apenas ... *grata*. —Ela disse suavemente. — Pela minha

vida agora—e por tudo que começou na noite em que te conheci. Tudo o que é certo e bom ... começou com você.

Wrath envolveu sua nuca com a mão e a levou aos lábios. À medida que se beijavam, mais lembranças borbulhavam, deles em sua cama de casal no terceiro andar da mansão, das pessoas e famílias com quem viviam, dessa existência maravilhosa, tensa, engraçada e assustadora que compartilhavam.

— Bem, —seu *hellren* murmurou contra sua boca. — Para mim, tudo começou com você também.

— *Porra!*

Ao ouvir a maldição, ela e Wrath se separaram ...

... bem a tempo de ver John Matthew desabar no tapete persa em uma convulsão.



EMBAIXO DA CASA DE Audiências havia dois quartos subterrâneos, e os Irmãos acabaram carregando John Matthew até um deles porque os civis já começavam a chegar e ninguém precisava ver um da guarda pessoal do Rei com os olhos revirados, seu crânio e suas extremidades balançando como se ele estivesse ligado a uma bateria de carro.

E, naturalmente, Beth não iria embora até que o macho terminasse de ser avaliado.

Por um lado, ele era seu meio-irmão. Por outro lado, talvez houvesse algo em que ela pudesse ajudar.

— Bem, ele tem um histórico de convulsões, —Doc Jane se esquivou enquanto arrumava sua maleta de médico.

— Precisamos fazer uma ressonância magnética ou algo assim? — Xhex, companheira de John Matthew, inclinou-se sobre a cama e penteou seu cabelo para trás. — Ele não está se voltando como costuma fazer?

A fêmea chegou momentos depois de ser convocada, e o pânico em seu rosto duro foi difícil de testemunhar. Beth tinha passado por algumas emergências com Wrath, e ela conhecia o tipo especial de terror que vinha quando seu *hellren* era ferido ou estava em perigo.

E a fêmea estava certa. Normalmente John Matthew já teria melhorado agora. Em vez disso, ele ainda estava deitado nos

travessieiros, todo racional mas ainda fora, os olhos fechados, a respiração superficial. Mas ele foi capaz de responder perguntas simples como em que ano estávamos, quem era o presidente humano ... qual era a refeição favorita de Rhage.

Todas as respostas foram corretas para as perguntas.

— O que vamos fazer? —Xhex perguntou.

Enquanto Doc Jane se sentava sobre os calcanhares e cruzava os braços sobre o jaleco branco, seu olhar verde-floresta se estreitou em John Matthew como se ela estivesse examinando o interior dele com algum tipo de segunda visão especial.

— Vamos conversar no corredor, —ela finalmente respondeu.

Xhex assentiu bruscamente e contornou a cama. Ao passar por Beth, ela deu um pequeno aperto na mão gordinha de L.W.

— Sinto muito, —Beth sussurrou.

— Está tudo bem, —disse a fêmea, mesmo que não estivesse tudo bem.

Doc Jane murmurou algo para seu paciente e então saiu também, a pesada porta da câmara fechando-se atrás de ambos.

Deixada sozinha com o Irmão, Beth mais uma vez segurou L.W. levantou-o um pouco mais alto no quadril e depois olhou para John Matthew, desejando que ele ficasse bem. Ele sempre foi um mistério, nascido em uma estação de ônibus com a estrela da Irmandade de alguma forma marcando seu peito, adotado por Tohr e Wellsie pouco antes de sua transição por um golpe de pura sorte. E então, após o trágico assassinato de Wellsie e o desaparecimento de Tohr, os outros Irmãos e suas companheiras acolheram o menino e o treinaram.

Agora ele próprio era um membro genuíno da Irmandade da Adaga Negra, um lutador poderoso, um protetor cruel e um companheiro orgulhoso e vinculado a uma fêmea de valor.

Beth sempre sentiu uma afinidade especial com o macho, não apenas pela sua ligação sanguínea, mas porque ele também veio do mundo exterior e foi encontrado por pouco, bem a tempo.

Como ela tinha sido.

Sem a veia de Wrath na noite de sua transição? Ela teria morrido. Da mesma forma, se John Matthew não tivesse sido trazido aos Irmãos por Bella? Ele teria morrido.

E o Rei não teria uma companheira.

E nem Xhex.

Era como se as coisas tivessem se encaixado exatamente como deveriam acontecer o tempo todo, aquilo que parecia implausível enquanto ocorria, apresentando-se como inevitável em retrospectiva.

Beth se concentrou em seu filho. LW estava de volta ao que ela considerava seu modo totalmente profissional. Mesmo sendo jovem demais para entender tudo—entender qualquer coisa, na verdade—seus olhos claros, que haviam ficado verdes, infelizmente, estavam voltados para a cama, para o guerreiro caído, cujas pálpebras estavam bem fechadas e cuja respiração permanecia superficial.

Ao considerar os médicos e os acidentes biológicos do destino, ela sabia que seu filho provavelmente ficaria cego, assim como seu pai.

Com uma onda de ansiedade tomando conta de seu estômago, ela se levantou e foi dar uma volta.

Foi na segunda passagem pela mesa que ela parou. Franziu a testa. Sentiu seu próprio peito ficar apertado.

Ao longo dos anos, ela esteve aqui de vez em quando ... e ainda assim ela havia esquecido por que a câmara era tão importante para ela ...

Não, ela não tinha esquecido. A relevância nunca foi perdida, tinha acabado de ser eclipsada pela vida normal.

Mas ver todas as imagens dela agora era uma lembrança de quem morava aqui. Quem cuidou dela.

Que a amava de longe.

Seu pai, *Darius*.

O acervo de fotografias era extenso, os ângulos, as exposições e as épocas eram todos diferentes, assim como as molduras. Mas o assunto sempre foi *ela*. Tomado como um coletivo, era um catálogo das épocas de sua vida, desde a primeira infância e adolescência, quando ela estava em Nossa Senhora da Misericórdia, até seus anos de faculdade na SUNY Caldwell, até quando ela conseguiu seu emprego no jornal.

Ela nunca conheceu seu pai, mas não tinha dúvidas de que ele havia cuidado dela. Protegido ela. Amado ela. As fotografias eram a prova. As histórias de Fritz eram uma prova disso.

Que ele a colocou no caminho de Wrath para salvar sua vida ...

era a prova.

— *Mamã.*

Como L. W. apontou para uma das imagens em preto e branco, ela pigarreou e disse asperamente: — Sim, sou eu.

Aproximando-se da imagem, pegando a moldura de prata esterlina, ela se lembrou daquele jogo de *softball*⁹⁵ em particular na Caldwell High—ela estava arremessando e a foto havia sido tirada quando ela estava no monte. Ela tinha dezesseis anos e estava determinada a vencer, os olhos penetrantes sob a aba do boné, mechas de cabelo caindo em seu rosto corado. Ela tinha a sensação de que o quadro era um dos favoritos de seu pai, pois estava colocado exatamente no que teria sido seu cotovelo quando ele estava sentado na cadeira antiga.

Ela tinha visto uma pintura de Darius e sabia que se parecia muito com ele.

Ela tinha visto uma fotografia de sua mãe, que morreu no parto, e sabia que ela se parecia muito com ela.

Foi engraçado, mesmo que ambos tivessem partido, ela sentia como se nunca estivessem longe. E *ei*, ela era uma vampira, então por que os fantasmas não podiam ser reais?

Beth?

Ao ouvir seu nome, ela se virou para a cama, mesmo sabendo que não era John Matthew falando em voz alta. Por um lado, ele era mudo. Por outro ...

Que. Diabos?

Os olhos de John Matthew estavam abertos e ele olhava para ela, mas algo não estava certo em seu rosto. De jeito nenhum.

Embora suas feições fossem as mesmas de sempre, elas eram de alguma forma diferentes, o formato dos olhos, o ângulo da mandíbula, o arco da sobrancelha, não eram mais dele. E onde estavam suas pupilas ... Só o branco do olho aparecia?

Beth.

Aquela voz. Aquela voz profunda ... que ela nunca tinha ouvido antes, mas que parecia ... *tão familiar.*

Atraída para a cama, ela disse algo que não fazia sentido, mas era inegável: — *Pai?*

De pé sobre o não-realmente-John-Matthew, ela olhou maravilhada para o que parecia estar olhando para ela. Era realmente ... *o pai dela?* Certamente parecia que o que ela conhecia das feições de Darius se sobrepunha às do outro homem.

Talvez ela também tivesse tido uma convulsão. Ou talvez isso tenha sido um sonho?

Acho que é hora de eu ir. A voz em sua cabeça disse. *Eu acho que você está bem.*

— Pai! —Ela engasgou. — Como você está aqui?

Ele é lindo. Assim como sua mahmen.

— Oh, Deus, *Pai!*

A próxima coisa que ela percebeu foi que ela estava deitada sobre um peito poderoso, chorando, e L.W. estava alcançando o rosto que parecia parcialmente uma ilusão.

Eu te amo, Elizabeth. Sempre te amei. E sua mahmen, ela te amou tanto que deu sua vida para que você pudesse viver.

— Eu também te amo ...

Meu trabalho finalmente está concluído, meu voto foi cumprido, meu destino aqui foi cumprido. Você está segura e feliz, e é amada como merece ser. Isso é tudo que eu sempre quis para você. Fique com seu Wrath. Ame ele e seu filho de todo o coração. E saiba que não vou te abandonar, só ficarei observando de cima a partir de agora.

Beth recuou, ignorando as lágrimas.

— Eu não entendo isso?

Você não precisa. Tudo que você precisa saber é que seus pais te amam muito e sempre amarão.

A aparição ergueu a mão e roçou a bochecha de L.W. Então ele tocou o cabelo de Beth.

— Isso não é real, —disse ela com voz rouca.

É, e vou provar isso. Volte para a mansão que construí para o propósito para o qual ela finalmente está sendo usada. Vá para o pico mais alto no telhado frontal. Você encontrará uma urna de bronze lá. As cinzas de sua mahmen foram colocadas nele depois que ela foi cremada. Espalhe-as pela montanha, deixando o vento noturno atraí-las para as estrelas. É assim que você saberá que isso é real. Eu tenho que ir. Eu te amo ...

Houve um movimento no corpo de John Matthew.

E então: — Que porra é essa.

Beth olhou alarmada. Xhex voltou do corredor e estava parada na porta aberta, olhando para seu companheiro como se tivesse visto um estranho.

Porque ... bem, talvez ela também tivesse.

— Não sei o que aconteceu. — Beth disse entorpecida.

Quando ela olhou para baixo... John Matthew havia retornado, os olhos girando no lugar, as pupilas lutando para se concentrar, como se ele tivesse acordado de um coma. E quando sua companheira se aproximou e pegou sua mão, ele olhou para Xhex.

A fêmea estava pálida a ponto de ficar rígida e balançava a cabeça como se estivesse completamente pasma.

— Sua grade, —disse ela. — Sua grade ...

Como *sympath*, Xhex aparentemente podia sentir coisas que outras pessoas não podiam, e Beth tinha ouvido falar sobre a maneira como eles categorizavam as emoções e a consciência de uma pessoa. Não que ela compreendesse isso completamente.

— A sombra se foi, —a fêmea murmurou enquanto acariciava o rosto de seu companheiro. — É só ... *ele* agora.

Os olhos de Beth voltaram para as fotografias sobre a mesa e ela segurou L.W. um pouco mais apertado. Seria possível que seu pai tivesse encontrado uma maneira de ficar com ela após sua morte?

Que milagre isso seria, se fosse verdade. — Tenho que voltar para casa. —Ela se ouviu dizer com urgência. — Agora mesmo.

Quando Xhex olhou para cima, ela se dirigiu para a porta. — Preciso saber se isso é verdade. Eu tenho que saber com certeza.

Só que ela já tinha a sua resposta. Em seu coração, em sua alma, ela estava absolutamente certa de que, quando voltasse para a mansão que seu pai havia construído para que a Irmandade e seus companheiros e famílias pudessem viver juntos sob o mesmo teto, para que pudessem estar mais seguros juntos, para que pudessem apoiar-se mutuamente nos bons e maus momentos, ela iria desmaterializar-se até o telhado ...

E encontrar a urna que o pai dela colocou lá.

E saber que ele sempre esteve com ela.

A mãe dela também.

Na verdade, ela teve ... os melhores pais do mundo.



CURIOSAMENTE, NÃO foi difícil deixar a filha.

Quando Darius chegou a uma paisagem nebulosa de nada branco, ele estava em paz de uma forma que não conseguia se lembrar de ter estado antes. O problema da paternidade era que, mesmo que você nunca sentisse que tinha feito o suficiente ou feito algo muito bem, havia um momento para deixar ir... houve um momento em que você finalmente teve que liberar seus filhos para seguirem por conta própria. E se chegasse o momento em que você soubesse que o que você trouxe ao mundo estava em um bom lugar? Foi mais fácil do que você pensava.

É verdade que sua educação sempre foi destilada por meio de outra pessoa: *primeiro, seu leal mordomo e depois, depois de um milagre, John Matthew*. Mas ele não permitiu que tais barreiras atrapalhassem seu amor ou seu dever. E Beth estava realmente vivendo sua melhor vida ...

Depois de debater sobre quando tudo isso aconteceria por tanto tempo, ele não estava preparado para que esta noite fosse necessariamente *a noite* ... exceto algo sobre ver sua filha e seu neto sentados no colo do grande Rei Cego, com os braços poderosos de Wrath envolvendo as duas coisas mais preciosas do mundo de Darius, o fez perceber que, para o bem ou para o mal, não havia mais nada a fazer. Ela estava, literalmente, nas melhores mãos.

E era hora de ele deixá-la.

Assim que a confirmação atingiu seu coração, uma porta branca apareceu bem na sua frente, e ele respirou fundo e reconheceu o que estava sendo oferecido a ele.

O *Fade* aguardava do outro lado.

Sim, já era hora. No entanto, ele teve que superar a divisão para se comunicar diretamente com a filha apenas uma vez. Apenas uma vez. E graças à Virgem Escriba, Elizabeth sabia que era ele e respondeu da maneira que ele sempre esperou que ela fizesse se eles tivessem um momento juntos.

Ela o amava. Mesmo que ela nunca o tivesse conhecido.

Então agora ... ele poderia ir em paz. Tudo o que ele precisava fazer era estender a mão e abrir as portas.

Ainda assim, ele hesitou diante da porta que havia chegado para ele.

Olhando para o portal místico, memórias passaram por sua mente, imagens do passado desde há mais de vinte anos até tão recentes quanto a noite anterior. Enquanto assistia à apresentação de slides, ele se perguntou vagamente se agora estava morrendo de verdade, se toda aquela coisa de a vida passar diante de seus olhos estava se revelando o último truísmo que ele aprendeu na Terra.

Exceto que não, ele morreu na verdade alguns anos atrás. Em uma noite chuvosa. Quando um segundo sol consumiu seu corpo mortal.

A visão de Vishous de mais de duas décadas antes provou estar correta. Um carro-bomba e sua brilhante explosão de luz e calor levaram ele e seu mais novo BMW para o céu, e ele morreu. Então, novamente, V nunca estava errado, não é? Embora neste caso, o irmão também não estivesse completamente certo. Ou talvez simplesmente não lhe tivessem mostrado o que viria a seguir: *a Virgem Escriba vindo até Darius e oferecendo-lhe um acordo, um símbolo de fraternidade trocado pela chance de estar com sua filha, para ter certeza de que ela estava segura.*

Para cumprir seu papel de pai e seu voto à mulher que amava.

É claro que ele aceitou o acordo.

E então ele olhou por trás dos olhos de outra pessoa e cuidou de sua filha.

Até agora.

Concentrando-se na porta, ele disse para estender a mão. Quando seu braço não se moveu, ele repetiu o comando.

Mas ele estava com muito medo do que estava do outro lado. Se Anne não estivesse lá—ou se estivesse, e ela não o quisesse—então a eternidade seria apenas um sofrimento infinito, ainda pior por ser interminável ...

Clique.

O som parecia ao mesmo tempo totalmente estranho e prosaico, o

tipo de coisa que acontecia inúmeras vezes durante a noite, o funcionamento interno de uma porta sendo destravada.

Seu pensamento, quando o portal se abriu diante dele, foi que não era assim que deveria funcionar. Ele deveria abrir a ...

— Anne? —ele engasgou.

Do meio de um redemoinho de neblina, uma figura apareceu para ele e, por um momento, ele se preocupou que estivesse errado, que não fosse ela, que ...

— Oi.

A voz familiar era tão boa quanto o sorriso que ele vira apenas em suas lembranças e em seus sonhos: *Com certeza, sim, sim, era ela, era sua linda fêmea de cabelos escuros.*

Anne estava parada do outro lado da soleira, com um manto branco cobrindo-a, o corpo inteiro e saudável, o rosto radiante e brilhando com algo que ele havia lamentado, pois nunca pensou que veria novamente.

Amor. Puro, duradouro, profundo ... *amor.*

Quando ela estendeu os braços para ele, Darius explodiu em ação, saltando sobre a divisa, saltando sobre ela.

O abraço deles era sólido, embora ela parecesse fazer parte do éter, e enquanto ele a segurava com força, sentia seu calor e cheirava seu perfume, ele fechou os olhos para saborear a forma como os braços dela o envolveram.

Eles ficaram assim por uma eternidade, e se isso fosse tudo o que o *Fade* proporcionava? Ele era *tãããã* bom com a forma como a Virgem Escriba havia criado o mundo.

Tão bom.

Exceto que Anne recuou.

E quando ele abriu a boca para dizer algo a ela, as emoções o dominaram enquanto ele olhava nos olhos dela. Com a garganta engasgada, ele perguntou a única coisa que mais importava:

— Eu fiz um bom trabalho? —ele disse com uma voz gutural quando começou a engasgar. — Deus, eu cuidei dela bem o suficiente ...

Anne capturou o rosto dele entre as mãos.

— Ah, sim, Darius. Você fez um trabalho perfeito. Você fez exatamente o que eu pedi e mais do que eu poderia esperar. Você foi um magnífico pai e protetor. Obrigado ... *obrigado*.

Seu colapso demoraria mais de vinte anos para acontecer, e quando ele caiu em seus braços e chorou—por ela, por ele, por sua Elizabeth—seu único amor verdadeiro alisou suas costas com a mão. Era tudo o que ele queria ouvir, a confirmação de que não a decepcionara, não neste trabalho que ela lhe dera.

Não naquela que tinha sido a sua missão mais importante.

— Você fez exatamente o que eu pedi, —ela repetiu, uma e outra vez. — Você a amava como nenhum outro pai poderia ter feito melhor.

Quando ele finalmente se acalmou, levantou a cabeça e esfregou o rosto. Então ele se concentrou em sua Anne.

O amor que ela sentia por ele emanava dela, um sol de calor e cura. E quando ela disse essas palavras, o mundo dele deslizou para uma completude que parecia ter sido pré-planejada, perfeitamente projetada, criada apenas para ele, apesar de seu sofrimento solitário e triste:

— Eu te amo, Darius.

O estremecimento que passou por ele foi de gratidão e admiração misturadas em um só. — Eu te amo, *oh*, Anne ... eu sempre amei você.

— Eu sei.

Quando ela ficou na ponta dos pés, ele se inclinou e seus lábios se encontraram com reverência. E então ... não muito tempo depois, com paixão.

Quando Darius subiu para respirar, ele não conseguiu tirar o sorriso do rosto. Especialmente quando ele sentiu as preocupações e a dor do corpo mortal começarem a se dissolver, a paz preenchendo sua alma depois que seu trabalho na Terra foi concluído.

Abruptamente, ele teve que rir de sua boa sorte—rir, era melhor.

Passando o braço pelos ombros da sua amada, sentindo o calor do corpo dela, cheirando-a, ele teve que ir até lá olhando o horizonte sem fim: — Ah ... então, do que se trata esse lugar? Eles têm algo parecido com uma cama que poderíamos usar por algumas horas. Noites? Meses?

A risada de Anne era livre e fácil e como o ar que ele precisava quando estava vivo: necessário para ele.

— Sim, na verdade. E muito mais.

— *Oh?* Me fale sobre isso.

— Bem. —Ela colocou o braço em volta da cintura dele enquanto eles começavam a caminhar juntos.

— Tem *Milk Duds*⁹⁶. E fettuccini Alfredo—como naquele filme antigo com *Al Brooks*⁹⁷ e *Meryl Streep*⁹⁸? Também temos milkshakes, tortas e chocolate, tudo sem calorias. Qualquer filme ou programa de TV que você sempre quis assistir, livro que quis ler e lugar que quis ir. Temos praias e florestas e desertos e montanhas. Arte e arquitetura. Moda. Temos tudo o que você pode imaginar e coisas que nem consigo descrever.

— Você vai ter que me ensinar tudo sobre isso.

Anne parou e virou-se para ele.

— O prazer é meu, e parece justo.

Deus, ela era tão linda. — Como assim?

Ela parou e estendeu a mão para o rosto dele novamente.

— Porque você me ensinou a lição mais importante de todas.

— E qual foi? —ele perguntou tenso.

Quando uma onda de preocupação atravessou seu peito, ela dissipou qualquer medo que ele já tivesse tido.

— Que esse *amor* vence tudo.

Darius começou a sorrir novamente e ela também. E então ele fez a coisa mais natural do mundo.

Ou a vida após a morte, por assim dizer.

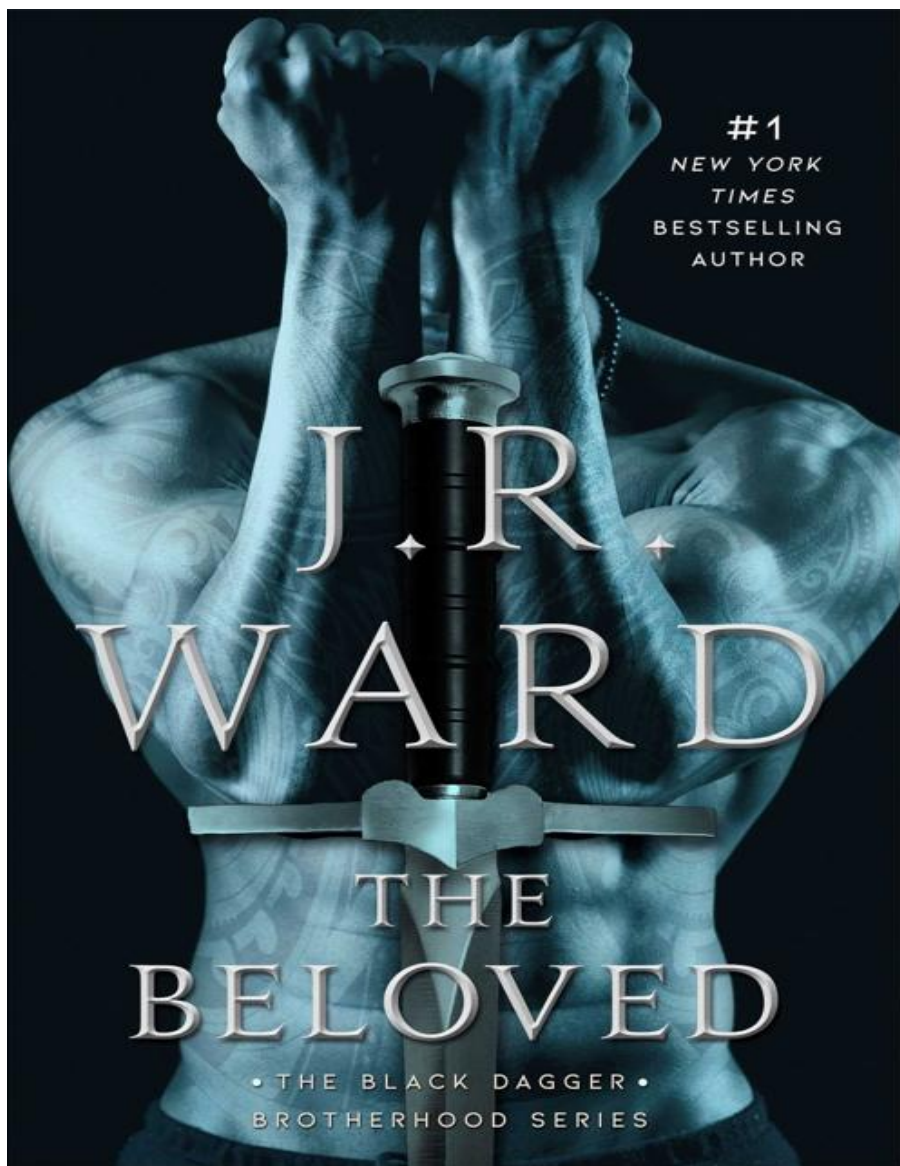
Ele beijou sua amada companheira até que nenhum deles pudesse respirar, e não era exatamente isso que a eternidade precisava ser?

— Estou tão ansioso pelo *para sempre*. —Ele murmurou contra os lábios dela.

— Eu também, Darius ... agora que você está ao meu lado novamente. Eu também.

Fim ...

Próximo Livro da IAN
Livro 22 – The Beloved (à história da Nalla)
Previsto nas Gringas para 16.04. 2024



AGUARDEM!!

Notes

[←1]



Sopa Americana Mais Famosa Do Mundo **Campbell's**



Wonder Bread é uma marca de pão fatiado que se originou nos Estados Unidos em 1921 e foi uma das primeiras a ser vendida pré-fatiada em todo o país em 1930. A marca é atualmente propriedade da Flowers Foods nos Estados Unidos.



estrelas Ninja



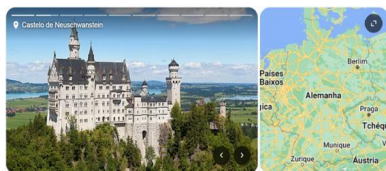
Caldwell é um distrito localizado no noroeste do Condado de Essex, no estado americano de Nova Jérsei, a cerca de 16 milhas (26 km) a oeste da cidade de Nova Iorque e 6 milhas (9,7 km) a noroeste de Newark, a cidade mais populosa do estado. A partir do censo de 2020 dos Estados Unidos, a população do distrito era de 9.027, um aumento de 1.205 (+15,4%) em relação à contagem do censo de 2010 de 7.822, que, por sua vez, refletiu um aumento de 238 (+3,1%) em relação aos 7.584 contados no censo de 2000.



A cidade de **Nova York** compreende 5 distritos situados no encontro do rio Hudson com o Oceano Atlântico. No centro da cidade fica Manhattan, um distrito com alta densidade demográfica que está entre os principais centros comerciais, financeiros e culturais do mundo. Entre seus pontos emblemáticos, destacam-se arranha-céus, como o Empire State Building, e o enorme Central Park. O teatro da Broadway fica em meio às luzes de neon da Times Square



BMW 735i de 1981 Serie 7



A **Alemanha** é um país situado na Europa Ocidental com uma paisagem de florestas, rios, cordilheiras e praias do Mar do Norte. A nação tem mais de 2 milênios de história. Berlin, a capital, abriga cenários artísticos e de vida noturna, o Portão de Brandemburgo e muitos locais relacionados à Segunda Guerra Mundial. Munique é conhecida pela Oktoberfest e pelos beer halls, entre eles o Hofbräuhaus, do século XVI. Frankfurt, com seus arranha-céus, abriga o Banco Central Europeu.



O **oceano Atlântico** é o segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106 400 000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra.



Supertramp é uma banda de rock britânica formada em 1969 por Rick Davies, que convidou Roger Hodgson e outros elementos, com o nome Daddy e posteriormente renomeada no início de 1970.

* **Supertramp - Take The Long Way Home (BEST QUALITY SOUND)** - <https://www.youtube.com/watch?v=LPRrHyXchEY>



Gota é uma doença na qual há o acúmulo de depósitos de cristais de ácido úrico nas articulações devido a concentrações elevadas de ácido úrico no sangue (hiperuricemia). O acúmulo de cristais causa crises (exacerbações) inflamatórias dolorosas nas articulações e ao seu redor.



Nova Jersey é um estado situado no nordeste dos EUA com cerca de 130 milhas de costa no Oceano Atlântico. Jersey City, que fica do outro lado do rio Hudson em relação a Lower Manhattan, abriga o Liberty State Park, de onde as balsas embarcam para ir à ilha Ellis, com seu histórico Immigration Museum e a famosa Estátua da Liberdade. Jersey Shore inclui cidades turísticas importantes como a histórica Asbury Park e Cape May, com edifícios vitorianos preservados.



Taxi foi uma premiada série de televisão norte-americana, originalmente transmitida pela ABC, entre 1978 e 1982, e depois transmitida pela NBC, entre 1982 e 1983. A atração focava na vida cotidiana de um grupo de taxistas que trabalham na cidade de Nova Iorque, para uma companhia fictícia chamada Sunshine Cab Company, dirigida por um desiludido chefe.



Daniel Michael "**Danny**" **DeVito** Jr. (Asbury Park, 17 de novembro de 1944), é um ator, humorista, cineasta, produtor, roteirista e dublador norte-americano de origem italiana. Alcançou a fama com o papel de Louie De Palma na **série Taxi**, produzida entre 1978 e 1983, pelo qual venceu um Globo de Ouro e um Emmy do Primetime. Especializado em papéis cômicos, DeVito, desde muito cedo, mostrou reais capacidades interpretativas. A partir desta série, DeVito se destacou em diversos filmes de Hollywood, entre eles *Terms of Endearment*, *Ruthless People*, *Romancing the Stone*, *Throw Momma from the Train* e *The Jewel of the Nile*, além de *Twins* e o filme *Batman Returns*, no qual interpretou o vilão Pinguim.

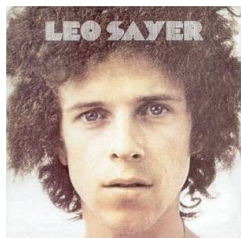


Johanna Helen Lindsey (nascida Howard, 10 de março de 1952 - 27 de outubro de 2019) foi uma escritora norte-americana especializada no gênero conhecido como romance histórico. Todos os seus livros integraram a lista dos mais vendidos do New York Times, alguns deles tendo chegado ao topo da lista.

Quer dizer , nas bolas, suas partes privadas



Pocono Pub – Na região das Montanhas Pocono - A região das Montanhas Pocono compreende aproximadamente 6200 quilômetros quadrados e é localizada no nordeste da Pensilvânia, Estados Unidos. O lugar é popular como area de lazer para a população local.



Leo Sayer é um artista performático cuja carreira conta mais de 40 anos. Nascido Gerard Hugh Sayer em Shoreham-by-Sea, Sussex, Inglaterra, ele teve grande sucesso com seus compactos e álbuns no Reino Unido e nos Estados Unidos.



Fannie Merritt Farmer (23 de março de 1857 - 16 de janeiro de 1915) era uma especialista em culinária americana cujo Boston Cooking-School Cook Book se tornou um texto culinário amplamente utilizado.

Quid pro quo é uma expressão latina que significa "tomar uma coisa por outra". Em português e demais línguas latinas, tem o sentido de confusão ou engano. A locução tem origem medieval e, originalmente, era usada para se referir a qualquer erro, no uso de termos latinos, num dado texto.

"bystander" alguém que está presente em algum evento ou incidente mas não faz parte do mesmo.

Pater familias era o mais elevado estatuto familiar na Roma Antiga, sempre uma posição masculina. O termo é latino e significa, literalmente, "pai de família". A forma é irregular e arcaica em latim, preservando a antiga terminação do genitivo em -as.



Pastor-alemão ou lobo-da-alsácia é uma raça canina proveniente da Alemanha. Em sua origem era utilizado como cão de pastoreio de rebanhos. Atualmente é mais utilizado como cão de guarda e cão policial.

Empresa americana de varejo especializada em roupas e equipamentos de recreação ao ar livre.



Vermont é um estado no nordeste dos Estados Unidos, conhecido por sua paisagem natural, composta principalmente de florestas. O estado faz parte da região da Nova Inglaterra e abriga mais de 100 pontes de madeira cobertas do século XIX, além de ser um importante produtor de xarope de bordo. Trilhas e pistas de esqui atravessam milhares de acres de relevo montanhoso.



Benjamin Franklin foi um polímata estadunidense. Foi um dos líderes da Revolução Americana, conhecido por suas citações e experiências com a eletricidade. Foi ainda o primeiro embaixador dos Estados Unidos em França. (rosto presente nas notas de 100dolares)



William **Wrigley** Jr. Company é uma multinacional americana fundada em 1891, voltada principalmente para a produção de goma de mascar. Sua sede está localizada em Chicago, Illinois.



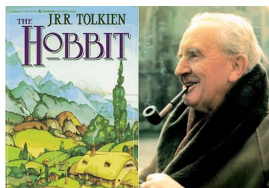
A **Datsun** foi uma tradicional fabricante japonesa de automóveis populares, a marca Datsun surgiu em 1933 a partir do modelo Datsun, lançado em 1931 e fabricado pela Tobata Casting, empresa então controladora da Nissan, teve suas atividades comerciais absorvidas pela fabricante Nissan em 1933.



Ray-Ban é uma marca de óculos de sol e óculos de grau, fundada em 1937 pela companhia norte-americana Bausch & Lomb. O nome dos óculos Ray-Ban vem de banir o sol, uma vez que bania o sol quando usados por pilotos americanos. A marca tornou-se famosa por seus modelos de óculos de sol Wayfarer e Aviator.



Grand Union, era uma rede americana de supermercados que fazia negócios principalmente no nordeste dos Estados Unidos.



John Ronald Reuel Tolkien, CBE,] FRSL, conhecido internacionalmente por **J. R. R. Tolkien** (Bloemfontein, 3 de janeiro de 1892 — Bournemouth, 2 de setembro de 1973), foi um escritor, professor universitário e filólogo britânico, nascido na atual África do Sul, que recebeu o título de doutor em Letras e Filologia pela Universidade de Liège e Dublin, em 1954, e autor das obras como O Hobbit, O Senhor dos Anéis e O Silmarillion. Em 28 de março de 1972, Tolkien foi nomeado Comendador da Ordem do Império Britânico pela Rainha Elizabeth II.

uma casa **Cape Cod** é um edifício baixo, amplo, de um ou dois andares, com telhado de duas águas moderadamente íngreme, uma chaminé central e muito pouca ornamentação.



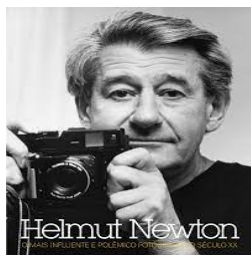
Nesta série emblemática dos anos 80, uma divisão especial da polícia chamada Miami Vice, instrumento de repressão ao tráfico de drogas, contrabando, falsificação e prostituição, entre outros delitos, é criada para combater os cartéis do submundo e a corrupção.



A Ferrari **Testarossa** é um automóvel superdesportivo com motor central-traseiro de 12 cilindros opostos construído pela Ferrari.



O **Caribe**, também chamado Caraíbas e América Caribenha, é uma região do continente americano ormada pelo Mar do Caribe, suas ilhas e Estados insulares. Também é chamado de Antilhas ou Índias Ocidentais, nome originado pela crença inicial europeia de que o continente americano fosse a Índia.



Helmut Newton, nascido Helmut Neustädter (Berlim, 31 de outubro de 1920 — Los Angeles, 23 de janeiro de 2004) foi um fotógrafo de moda alemão, naturalizado australiano, conhecido por seus estudos de nus femininos.



Don Johnson, nome artístico de Donald Wayne Johnson é um ator, produtor, diretor, cantor e compositor norte-americano, conhecido por seu papel como o detetive James "Sonny" Crockett na série de tv Miami Vice, sucesso mundial nos anos 1980 e pelo qual recebeu um Globo de Ouro de melhor ator em série dramática.

método para representarmos conjuntos numéricos de forma geométrica.



Chevy Chevette vermelho

Em inglês forever, quer dizer, para sempre, eternamente. Vou lembrar de você **4ever**.

Sire: Tratamento que se dava aos soberanos da França quando se lhes falava ou escrevia. Título de senhores feudais e de outras personagens. Que significa, Meu Senhor ou simplesmente Senhor. Sire também era usado para Pai, onde as crianças naquele tempo chamava seu pai de Senhor.



Mata-borrão era o nome dado ao suporte de madeira (berço) e ao papel específico usados para absorver o excesso de tinta das folhas de papel. Talvez a maioria só conheça esse tipo de objeto como relíquia ou peça de museu, já que saiu de uso na década de 1960.



A **Caldwell University** foi fundada como uma faculdade católica de artes liberais pelas Irmãs de São Domingos sob a liderança da Madre M. Joseph Dunn, OP, com a aprovação do Reverendíssimo Thomas Joseph Walsh, Arcebispo de Newark, que se tornou seu primeiro presidente. O Caldwell College foi constituído em 10 de agosto de 1939, como uma instituição de ensino superior para mulheres sob as leis do Estado de Nova Jersey e com poderes para conceder diplomas.

A **Florsheim** Shoes é uma marca de calçados dos Estados Unidos.

meias até ao joelho.

meias uns cm acima do tornozelo



Tamara "**Tammy**" **Faye** Bakker Messner (International Falls, Minnesota, 7 de março de 1942 — Loch Lloyd, Condado de Cass, 20 de julho de 2007) foi uma cantora, escritora, empresária, tele-evangelista e celebridade de televisão norte-americana. Foi esposa do tele-evangelista Jim Bakker, com quem liderou a série de televisão religiosa The PTL Club de 1976 a 1987.



Brooks Brothers é a fabricante de roupas masculinas mais antiga dos Estados Unidos da América, fundada em 1818, na cidade de Nova York. Entretanto, também produz roupas para mulheres e crianças. Está presente em mais de 80 países, além dos Estados Unidos.



Brooke Christa Camille Shields (Nova Iorque, 31 de maio de 1965) é uma atriz americana. Ganhou fama como atriz ainda criança e na adolescência como uma das mais fotografadas e reconhecidas modelos do mundo. Shields frequentou a Universidade de Princeton de 1983 a 1987, formando-se em Literatura Francesa.



Neosporin - Feito com bacitraci na-zinco, esta pomada antibiótica de primeiros socorros ajuda a prevenir infecções em pequenos cortes, arranhões e queimaduras e ajuda a minimizar o aparecimento de cicatrizes.



Dinastia (em inglês: **Dynasty**) é uma série de televisão americana, produzida pela emissora ABC, sendo transmitida de 1981 a 1989. Dinastia foi criada por Richard e Esther Saphiro e produzida por Aaron Spelling (mesmo produtor de *Charlie's Angels*, *Charmed* e *90210*). Contava a saga da família milionária Carrington, poderosos produtores de petróleo do estado de Denver, no Colorado. A série era estrelada por John Forsythe, Linda Evans e Joan Collins, respectivamente interpretando Blake Carrington, sua esposa Krystle Carrington, e sua ex-esposa Alexis Colby.



A **Sears**, Roebuck and Company mais conhecida como Sears é uma empresa comercial proprietária de uma rede de lojas de departamentos americana sediada na cidade de Chicago, no estado americano de Illinois.

Quer dizer uma bebida, algo para beber. Um Drink. Na antiguidade **‘Libação’** é o ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade, ou em homenagem aos mortos.

A **Bolsa Rhodes** é o programa internacional de bolsas mais antigo - concedido pela primeira vez em 1902 - permitindo que jovens excepcionais de todo o mundo estudem na Universidade de Oxford.



Coquetel que mistura gin, espumante, tangerina e limão, foi pensado para oferecer uma experiência única e especial a quem o prova, refrescante e aromático é o drink perfeito para quem gosta de bebidas com fruta.



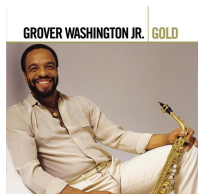
O **lâmpião a gás** foi inventado em 1792, e foi uma das circunstâncias que possibilitaram o aumento da jornada de trabalho nas fábricas, principalmente da Inglaterra. O lâmpião ainda é usado em diversas culturas, como objeto de iluminação ou de decoração para atividades noturnas.



Vincent Leonard Price Jr. (27 de maio de 1911 - 25 de outubro de 1993) foi um ator, escritor, dublador e narrador norte-americano.



Os chamados **brie** são uma importante família de queijos de pasta mole e crosta branca, originários da região de Brie, na França.



Grover Washington, Jr. (12 de dezembro de 1943 - 17 de dezembro de 1999) foi um saxofonista e músico de soul e jazz estadunidense, mais conhecido por ser um dos criadores do Smooth jazz. Faleceu aos 56 anos de ataque cardíaco.

* **Grover Washington Jr - "Just the Two of Us" | we can make it if we try | (1980) -**
<https://www.youtube.com/watch?v=FaQ3X8bPTbQ>

[Refrain: Bill Withers]

Just the two of us

We can make it if we try

Just the two of us

(Just the two of us)

Just the two of us

Building castles in the sky

Just the two of us

You and I ...

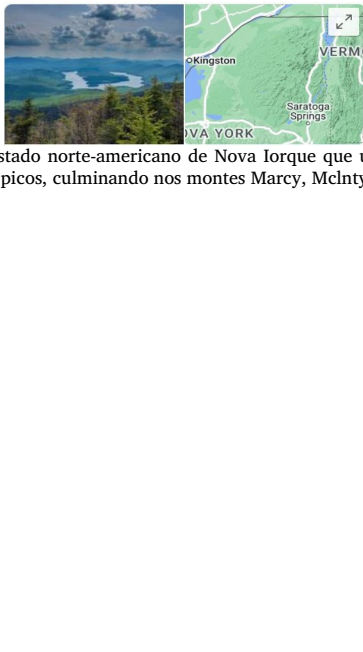
Rebound em inglês: uma forma de recuperar



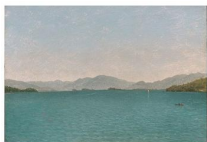
Sistema segundo o qual a cura das doenças se faz possível através da manipulação das estruturas do corpo, essencialmente, da coluna vertebral; quiropraxia. Procedimento médico que trata doenças a partir da manipulação das vértebras.



(cinzeiro vintage da Cartier) Cartier SA ou **Cartier**, é uma empresa francesa multinacional que produz objetos de luxo, como relógios e jóias. Foi criada em Paris, em 1847, por Louis-François Cartier, e tornada célebre por seu filho Louis Cartier.



As **montanhas Adirondack** são uma cordilheira do estado norte-americano de Nova Iorque que ultrapassa os 1200 metros de altitude em 40 dos seus picos, culminando nos montes Marcy, McIntyre, Skylight, Haystack e Dix.



John Frederick Kensett (Cheshire, 22 de março de 1816 - Nova Iorque, 14 de dezembro de 1872) foi um pintor dos Estados Unidos, um dos membros destacados da Escola do Rio Hudson. (Pintura do Lago George)



Thomas Cole (Bolton, 1 de Fevereiro de 1801 — Catskill, 11 de Fevereiro de 1848) foi um pintor inglês naturalizado norte-americano. É considerado o fundador da Escola do Rio Hudson, um movimento artístico norte-americano que floresceu em meados do século XIX, caracterizado pelo realístico e detalhado retrato de paisagens da natureza.



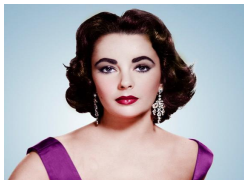
Albert Bierstadt (Solingen, 7 de janeiro de 1830 — Nova Iorque, 18 de fevereiro de 1902) foi um pintor prussiano radicado nos Estados Unidos. Sua família imigrou para os Estados Unidos quando ele era muito pequeno, e seus primeiros anos são obscuros.



Thomas Davies (c. 1737 — 16 de março de 1812) foi um artista, naturalista e oficial do exército britânico. Ele nasceu por volta de 1737 em Shooters Hill, Inglaterra, e morreu a 16 de março de 1812 em Blackheath. Foi promovido ao posto de tenente-general na Artilharia Real.



Sophia Loren OMRI (nascida Sofia Costanza Brigida Villani Scicolone [so'fi:a vil'la:ni fiko'lo:ne]; Roma, 20 de setembro de 1934) é uma atriz e cantora italiana. Começou sua carreira no cinema em 1950 aos 15 anos, tendo participado em vários papéis menores até ser contratada para cinco filmes pela Paramount Pictures em 1956. Isso lhe permitiu lançar-se com sucesso em uma carreira internacional.



Elizabeth Rosemond **Taylor** DBE (Londres, 27 de fevereiro de 1932 — Los Angeles, 23 de março de 2011) foi uma atriz anglo-americana. Começou sua carreira como atriz infantil no início dos anos 1940, tornando-se uma das estrelas mais populares do cinema clássico de Hollywood nas décadas de 1950 e 1960.



(1981) Dodge é uma marca de automóveis e veículos comerciais pertencente à Stellantis.



A chapa de **drywall** (em português, parede seca) é conhecida como placa de gesso, gesso acartonado ou somente drywall, tratando-se de um painel formado por sulfato de cálcio hidratado (gesso) com ou sem aditivos, pressionado em revestimentos de papel cartão duplex.

Filmes que mostram cenas reais de mortes ou assassinatos de uma ou mais pessoas, sem o auxílio ou o uso de quaisquer efeitos especiais.



Gin Rummy é um jogo de baralho normalmente jogado entre 2 a 4 pessoas. Muito parecido com o buraco, é o vencedor aquele que conseguir baixar todas as cartas de sua mão.



e de quem se meter a besta com eles.

Botas combate para ‘chutar traseiros’ de lessers



A **Smith & Wesson**, é a maior fabricante de armas de fogo dos Estados Unidos, com sede em Springfield. Fundada em 1852 por Horace Smith e Daniel B. Wesson, a empresa produz revõlv<#228;rs, pistolas, munição e também facas de combate.



Laura Ashley (nascida Mountney; 7 de setembro de 1925 - 17 de setembro de 1985) era uma estilista e empresária galesa. Ela originalmente fez materiais de mobiliário na década de 1950, expandindo o negócio em design e fabricação de roupas na década de 1960.



The Godfather (bra: **O Poderoso Chefão**; prt: O Padrinho) é um filme policial estadunidense de 1972 dirigido por Francis Ford Coppola e baseado no livro homônimo de Mario Puzo, tendo seu roteiro escrito por ambos. O filme é estrelado por Marlon Brando, Al Pacino, James Caan, Richard Castellano, Robert Duvall, Sterling Hayden, John Marley, Richard Conte e Diane Keaton. É a primeira parte da trilogia The Godfather, narrando a família Corleone sob o comando do patriarca Vito Corleone entre os anos de 1945 a 1955; o filme se concentra na transformação de seu filho mais novo, Michael Corleone, de relutante forasteiro da família a implacável chefe da máfia.



Cannoli é uma sobremesa proveniente da Sicília, que consiste em uma massa doce frita, em formato de tubo, recheada com um creme de ricota. Os cannoli são bem populares na cozinha italiana, Estados Unidos e entre descendentes de italianos do Sul da Itália.



Katharine Houghton Hepburn (Hartford, 12 de maio de 1907 — Fenwick, 29 de junho de 2003) foi uma atriz estadunidense. A carreira de Hepburn em Hollywood durou mais de 60 anos.



Harold George Bellanfanti Jr. (Nova Iorque, 1 de março de 1927 — Nova Iorque, 25 de abril de 2023), mais conhecido pelo nome artístico **Harry Belafonte**, foi um músico, ator, ativista político e pacifista norte-americano de ascendência jamaicana.

* **Harry Belafonte - Day-O (The Banana Boat Song 1960)** <https://www.youtube.com/watch?v=H5dpBWIRANE>

Hatch é uma palavra em inglês que significa escotilha, um tipo de porta. **Hatchback**, portanto, é abertura traseira.



O **golden retriever** é uma raça canina do tipo retriever originária da Grã-bretanha, e foi desenvolvida para a caça de aves aquáticas.



Universidade **Harvard** é uma universidade privada situada na cidade de Cambridge, estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. É um membro da Ivy League. Sua história, influência e riqueza tornam-na uma das mais prestigiadas universidades do mundo.



Baked Alaska, também conhecido como Bombe Alaska, omelete norvégienne, omelete surpresa ou omelete sibérienne dependendo do país, é uma sobremesa composta por sorvete e bolo coberto com merengue dourado.



Walter Leland Cronkite Jr. (St. Joseph—MO, 4 de novembro de 1916 — Nova Iorque—NY, 17 de julho de 2009) foi um famoso jornalista e âncora de Televisão americano, que apresentou o principal jornal da rede CBS por 19 anos, entre 1962 e 1981. Na sua adolescência, foi membro da Ordem DeMolay.

Quer dizer 'Market' Mercado com a 'Street' Rua 17

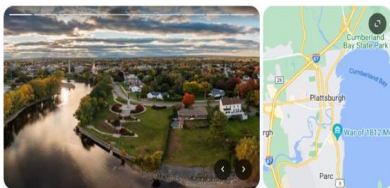


Silkwood (bra: Silkwood - O Retrato de uma Coragem; prt: Reação em Cadeia) é um filme de drama estadunidense baseado em uma história real. O roteiro escrito por Nora Ephron e Alice Arlen foi inspirado na vida de Karen Silkwood. Silkwood foi uma denunciante nuclear e uma ativista sindical que morreu em um suspeito acidente de carro enquanto investigava alegadas irregularidades na fábrica de plutônio Kerr-McGee onde ela trabalhava. Na vida real, sua morte foi justificada em uma vitoriosa ação judicial em 1979, *Silkwood v. Kerr-McGee*, liderada pelo advogado Daniel Sheehan e outros membros fundadores do Christic Institute. O júri emitiu o seu veredicto de \$10 milhões de indenização a ser pago para os herdeiros de Silkwood (seus filhos), a maior quantidade de danos já concedidos para esse tipo de caso no momento. Os Silkwood finalmente resolveram o caso e ganharam \$1,3 milhões. O filme é protagonizado por Meryl Streep junto a Kurt Russell, Cher, Craig T. Nelson, David Strathairn, Bruce McGill, Diana Scarwid, Ron Silver, Susie Bond e Fred Ward. O filme recebeu críticas muito positivas e foi nomeado para cinco prêmios Oscar.



Company nos Estados Unidos.

O *Ford Taurus* é um automóvel fabricado pela Ford Motor



Plattsburgh é uma cidade localizada no estado americano de Nova Iorque, no Condado de Clinton. A sua área é de 17 km², sua população é de 18 816 habitantes, e sua densidade populacional é de 1 438,6 hab/km². A cidade foi fundada em 1785. Está localizada dentro da Municipalidade de Plattsburgh.

Placenta prévia é quando a placenta está presa (implantada) sobre a abertura do colo do útero, na parte inferior do útero, em vez de na parte superior. É possível que a mulher tenha sangramento indolor, às vezes abundante, no final da gravidez. A ultrassonografia pode normalmente confirmar o diagnóstico.



Danishes em inglês: é um doce de pastelaria típico da culinária da Dinamarca. É comum encontrá-lo em diversos pontos do mundo industrializado, apesar da forma variar significativamente de país para país. Os seus ingredientes incluem farinha, fermento, leite, ovos e uma quantidade abundante de manteiga.



Para quem não sabe do que se trata, o **bico de viúva** é aquela linha do cabelo que algumas pessoas têm em forma de “V”, na parte superior frontal da testa.



Óculos escuros com lentes envolventes, mas a lente do que o Rei



usa e bem mais escura como essa



O **softball**, ou softbol, é um esporte praticado principalmente por mulheres. Trata-se de uma versão mais simplificada do baseball. Quem criou o esporte foi George Hancock, que teve, no início, a intenção de criar um baseball para ser jogado em ginásio coberto. O ano era 1887.



Milk Duds é uma marca de doces de caramelo com cobertura de chocolate produzidos pela The Hershey Company. O doce é um disco de caramelo coberto com uma cobertura de chocolate de confeitaria à base de cacau e óleo vegetal. Milk Duds são vendidos em uma caixa laranja-amarelada.



Albert Lawrence Einstein, mais conhecido como **Al Brooks** (Beverly Hills, 22 de julho de 1947) é um ator, dublador, escritor, comediante e diretor americano. Ele recebeu uma nomeação ao Oscar em 1987 por seu papel em *Broadcast News*. Interpretou Marlin, o peixe-palhaço em *Procurando Nemo*, e interpretou vários papéis na série de televisão *Os Simpsons*, além de Russ Cargill em *The Simpsons Movie*. Também escreveu e dirigiu vários filmes de comédia, como *Lost in America* (1985) e *Em Defesa da Vida* (1991), e é o autor da sátira *2030: A história real do que acontece para a América* (2011).



Mary Louise Streep (Summit, 22 de junho de 1949), mais conhecida como **Meryl Streep**, é uma famosa atriz norte-americana. Descrita pela mídia como a "melhor atriz de todos os tempos", é ganhadora de todos os maiores prêmios do cinema.

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

42
43
44
45
46
47
48
49
50